



ERNANI REICHMANN

A NOITE DO ABSOLUTO

Biblioteca
Paraná

Talento e solidão

Ernani Reichmann foi um dos maiores escritores paranaenses, embora seja quase desconhecido no século XXI. Existem algumas razões para esse esquecimento: literatura densa, a refletir suas convicções filosóficas; boa parte da obra publicada pelo próprio autor; edições restritas à circulação no Paraná, um deserto literário na época em que viveu — ao menos no entender da *intelligentsia* carioca e paulista, Dalton Trevisan à parte. E, a exemplo dele, Reichmann era tímido, cultor da solidão. Por fim, tinha consciência de que não cativava leitores, os quais afirmava não ter. Nascido no Rio Grande do Sul, foi professor da Universidade Federal do Paraná e integrou a primeira diretoria da Associação dos Professores da instituição, em 1960.

Ao assumir a presidência da Academia Paranaense de Letras, em março de 2017, propus a reedição de alguns autores fundamentais para o conhecimento do movimento literário paranaense no século passado. Escolhemos Reichmann. Em meus tempos de estudante universitário, ele era uma lenda: pela originalidade da obra, pela erudição, pelo respeito que despertava, pelo recolhimento pessoal. Um personagem tão rico a ponto de merecer um perfil escrito pelo brilhante João Manuel Simões, publicado em 1983.

Sempre tive enorme curiosidade em conhecê-lo, o que jamais consegui. Havia entre nós a proximidade dos respectivos nomes: ambos Ernani, com um nome português no meio (ele Corrêa, eu Lopes) e a quase homografia do sobrenome (*Reich*: reino; *Buch*: livro; *mann*, homem).

A sugestão, surgida em uma sessão da Academia que tinha entre os presentes Rogério Pereira, diretor da Biblioteca Pública do Paraná, foi acolhida de pronto por ele.

Em seus 82 anos de existência, a Academia Paranaense de Letras teve quatro Ernanis entre seus membros: Ernani Guarita Cartaxo, por coincidência meu professor de Direito Romano; Ernani Simas Alves, médico e escritor; Ernani Costa Straube, ex-presidente do IHGPR, ainda ativo às vésperas dos 90 anos, e eu. Ernani Reichmann teria engrandecido a APL, mas o temperamento arredio não permitiu.

A noite do absoluto é uma obra das mais interessantes. Ao se valer dos heterônimos que assinaram os cadernos publicados ao longo da sua carreira literária, ele cria diálogos entre as diversas *personas*, exteriorizando os diferentes aspectos da angústia kierkegaardiana. Trata-se de um universo original e deslumbrante, a ser explorado palavra a palavra.

ERNANI BUCHMANN
Presidente da Academia Paranaense de Letras

ERNANI REICHMANN

A NOITE DO ABSOLUTO

Governadora do Estado do Paraná

Cida Borghetti

Secretário de Estado da Cultura

João Luiz Fiani

Diretor Geral da Secretaria de Estado da Cultura

Jader Alves

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Rogério Pereira

Núcleo de edições da SEEC

Luiz Rebinski

Marcio Renato dos Santos

Omar Godoy

Revisão e preparação dos originais

Laís Parolim Ceccatto

Desenho da capa

Visca

Projeto gráfico e design

Thapcom.com

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira – CRB9 - 775

Reichmann, Ernani, 1920-1984.

A noite do absoluto / Ernani Reichmann. - Curitiba, PR :

Biblioteca Pública do Paraná, 2018.

456 p. ; 21 cm. - (Biblioteca Paraná).

ISBN 978-85-66382-32-7

1. Ficção brasileira. I. Biblioteca Pública do Paraná.

II. Título.

CDD (22ª ed.)

B869.3

ERNANI REICHMANN

A NOITE DO ABSOLUTO

sumário

Prefácio, por Guido Viaro	7
O pressuposto	15

1º LIVRO

A transparência	41
A cruz e a mulher	61
Jogos da solução de continuidade (1.º jogo)	81
O pecado em tempo maduro	95
O subterfúgio	111
Jogos da solução de continuidade (2.º jogo)	131
Imitação impossível	143
A descoberta	157
Jogos da solução de continuidade (3.º jogo)	175

2º LIVRO

Tango da salvação	185
Jogos da solução de continuidade (4.º jogo)	239
Na escola do impossível	287

3º LIVRO

O desventurado	319
Apontamentos sobre os personagens, à luz dos estádios kierkegaardianos	395
Jogos da solução de continuidade (5.º jogo)	413
As frestas	427
A denúncia da palavra	439

Prefácio

De tempos em tempos o mundo é presenteado com uma raridade, um livro, uma música, uma peça de teatro que, apesar de possuir grandes qualidades estéticas e conteudísticas, não se encaixa em nenhuma das gavetas da arte e do conhecimento. É estreita demais aqui, larga acolá, é comprida e não admite dobraduras.

A civilização das gavetas decide, então, que tal objeto espinhoso deve ser abandonado em um depósito em cuja porta está escrito “inclassificáveis”. A Biblioteca Pública do Paraná, em parceria com a Academia Paranaense de Letras, decidiu retirar do depósito um valioso objeto chamado *A noite do absoluto*, escrito pelo genial filósofo e escritor Ernani Reichmann (1920-1984), em 1978.

Antes de entregar os diamantes ao público, decidi dar alguns conselhos, a palavra é forte e talvez possa ser substituída por observações ou talvez apreciações: *A noite do abso-*

luto não é um romance (mas pode se transformar em um). Os livros e diálogos que compõem a obra estão relacionados e constroem um prédio (mas ao mesmo tempo são peças independentes que não necessitam de vizinhos para existir). Os pseudônimos van der Lubbe, van Neutgen e Sorte Peer são e não são Ernani Reichmann, mas um deles, van der Lubbe, mais é do que não é. Depois de tantas dúvidas, há uma certeza, o livro inteiro está embebido em um líquido denso chamado Soren Kierkegaard, filósofo dinamarquês (1813-1855), um visionário que antecipou em um século o existencialismo que se tornaria moda no pós-guerra, e uma espécie de herói intelectual de ER.

Ao contrário do existencialismo do século XX, difundido por figuras maiores da intelectualidade francesa como Sartre e Camus, o existencialismo de Kierkegaard, e o de ER, era cristão. Contrapondo-se ao grande filósofo do início do século XIX, Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), que afirmava ser o homem o fruto de um processo histórico em que o livre-arbítrio ocupava espaço irrelevante, Kierkegaard, ao contrário, jogava toda a responsabilidade da existência nos ombros do indivíduo, cada um era o inteiro responsável por seus atos e sofreria suas respectivas consequências.

Kierkegaard classificou a vida em três níveis: o Estético, em que o homem busca incessantemente o prazer e não possui pensamentos que não envolvam a busca pelo saciamento de seus desejos sensoriais. O nível Ético, no qual existem preocupações coletivas, buscas pelo bem-estar da comunidade. Neste nível estão incluídas a política e o regramento social. E o mais elevado dos modos de vida, o Religioso, onde a busca pela santidade cristã também serve como aniquilamento das personalidades que se dissolvem em um todo di-

vino, um pouco ao estilo do poema “A noite escura da alma”, do místico espanhol São João da Cruz (1542-1591).

Segundo Kierkegaard, é a angústia que move o homem do modo de vida menos para o mais elevado, e essa angústia origina-se da necessidade incessante de tomada de decisões, ou seja, de sua liberdade, que ele, e os existencialistas do século XX, classificam como o maior fardo que o homem precisa carregar ao longo de sua vida.

Mas se *A noite do absoluto* não é esse monte de coisas que já nominei, apesar de poder se tornar algumas, o que é então? Difícil responder, mas vamos tentar. O filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951) coincidentemente considerava Kierkegaard o mais profundo filósofo do século XIX. Além disso, Wittgenstein, importante pensador da filosofia da linguagem, dizia que o grande problema da humanidade era que não nos entendíamos perfeitamente, pois para cada ser humano as palavras possuem um significado ligeiramente diferente — o que fazia com que achássemos que compreendíamos o outro.

E era nesse vão compreensivo que brotavam desde pequenos mal entendidos até grandes guerras.

Reichmann, admirador de Wittgenstein, construiu cenas em que o pensamento do austríaco demonstra a impossibilidade de realização da união humana utilizando-se somente da palavra. Para ascender ao nível mais alto, o divino, as palavras não são suficientes — por mais bem-intencionados que estejam os personagens, nada de maior acontecerá se ele restar apenas no plano linguístico e mental, é preciso abandonar o intelecto, e qualquer outro apego físico, e aceitar a fé.

O caminho da fé é o da aniquilação de tudo o que veio antes, é um mergulho no quarto escuro do absoluto. Mas nesse escuro estão contidas todas as pequenas realidades que

nos encantavam enquanto ainda possuíamos olhos, todas elas e muito mais. A figura de Cristo é antes de tudo a daquele que concede um sentido à eternidade, permitindo com que a compreendamos e dela possamos usufruir. A cruz é como as palavras para Wittgenstein, um símbolo imperfeito de algo que não pode ser contido ou representado. Mas, assim como Wittgenstein não nega a importância das palavras, imperfeitas como o homem, ER percebe que a cruz é antes de tudo um caminho evolutivo, a escada que o homem necessita para subir do nível estéril para o religioso.

O existencialismo kierkegaardiano é antes de tudo uma filosofia que, assim como o pensamento oriental, considera a mudança a força motriz da vida, e é essa energia que faz com que a forma de *A noite do absoluto* seja tão estranha e difícil de classificar, o que era para ser romance torna-se diálogos, as opiniões se contradizem, os pontos de vista divergem. A única constante é a mudança.

Isso espalha questões pelo ar: essas mudanças prosseguirão dentro do nível religioso? Existirão subdivisões dentro desse nível, de maneira que sempre haverá um degrau para ser galgado? Ou então, depois de muito esforço, dúvidas e principalmente angústia, atingiremos um patamar evolutivo onde não haverá mais evolução e a mudança deixará de existir. Essa última hipótese é menos lógica e provável, pois contradiz suas origens. Talvez a resposta para essas dúvidas esteja na origem de nosso universo, ou na famosa sentença do filósofo egípcio Hermes Trismegisto (aproximadamente 1.500 anos antes de Cristo): “Aquilo que está em cima é como aquilo que está embaixo”. Ou seja, grandezas e diferentes aparências não alterarão a essência das coisas.

Aqui vai uma tentativa de analogia entre Kierkegaard, Hermes Trismegisto e a ciência da cosmologia: no princípio

era o caos, (encaixei um pouco de Bíblia também), esse caos se manifestava sob a estranha forma do nada, mas esse nada possuía muitas vontades que precisavam ser saciadas (alguma espécie de antimatéria que contradizia o nada, buscando existência), ou seja, criando a angústia necessária para a evolução. E essa pode ser o equivalente cósmico da fase estética, onde as vontades existem por elas mesmas, sem obrigação de construção do que quer que seja. Depois veio o Big Bang, a monumental explosão que criou todas as coisas, a partir desse instante, ocorrido há cerca de 13.8 bilhões de anos, o universo entrou na fase ética, organizar, construir, evoluir expandindo-se por bilhões de anos, espalhando espaço e tempo por regiões inimaginavelmente distantes. Apesar de espaço-tempo viajem como uma realidade única, subsistiu no universo apenas um lugar onde permanecem separados: a cabeça do homem, que por razões físicas (se os conceber de maneira única, contradiz a dimensão em que é obrigado a viver), permanece separando tempo de espaço.

E a expansão continuará, por dezenas de bilhões de anos (se tempo e espaço são quase eternos, então um acaba anulando o outro, e podemos ler essas mesmas grandezas nas veias de uma folha seca), até que um dia o universo começará a perder velocidade e, por um instante, se tornará estático para depois começar a contrair-se. Perderá o calor, a vida desaparecerá e tudo será aniquilado, é aquilo que os cientistas chamam de Big Crunch, ou então o que Kierkegaard chamou de fase religiosa, ou o que São João da Cruz chamou de “A noite escura da alma”, ou o que ER nominou como *A noite do absoluto*. E pronto, Trismegisto confirma: o que está embaixo é como o que está em cima. Mas tudo depende da amplitude do ponto de vista, depois da aniquilação pode haver outro ciclo. Cansado de não ser nada, a eternidade decide novamen-

te existir, agrupa átomos angustiados em uma região infinitamente pequena até que BUUUUUUUUMMMMMMM, vida nova, novas dores.

Se podemos extrair algo desses raciocínios é que também a plenitude é transitória, por isso Cristo em algum momento odiou sua cruz, e se o ódio não estivesse presente também não haveria o amor. Assim como não haveria existência se não existisse (mais um contradição ou bifurcação para explorarmos) o nada. Se não fosse a fase estética, não haveria a ética ou a religiosa, os pontos de crochê estão todos entrelaçados e, portanto, nada pode ser destruído. Se algo desaparecer, desaparecerá todo o universo, a destruição que ocorre aos nossos olhos é tão ilusória quanto a existência em separado de espaço e tempo. Nada desaparece, tudo se transforma.

Mas, consideremos a hipótese de um leitor ateu, terá ele de se curvar às crenças kierkegaardianas e reichmannianas? Não necessariamente. A arte é rica e profunda justamente por rejeitar dogmas e oferecer múltiplas possibilidades de leitura. Então vejamos como as coisas podem se encaixar: os dois modos de vida iniciais, estético e ético permanecem iguais, no modo religioso, os eventuais leitores ateus substituem Cristo, Deus e a aniquilação da consciência individual por aquilo que considerem o que há de maior no universo. Para alguns poderá ser a arte ideal, a maior e mais rica manifestação artística possível, para outros, talvez, uma sociedade plenamente justa onde todos os valores, inclusive as diferenças entre indivíduos, sejam respeitados. Outros descobrirão o imenso na nulidade total, a escuridão sem memória, o poço sem fundo onde se aniquilam as consciências que, ao contrário daqueles que acreditam, jamais voltarão a existir. Assim como o crente, o ateu descobrirá um esqueleto coerente com ossos sólidos onde poderá apoiar suas crenças,

pois todos acreditam em alguma coisa, mesmo que apenas alguns admitam.

As confissões dos heterônimos de ER não discriminam ninguém, assim como Cristo respeitava aqueles que não criam nele. Portanto, *A noite do absoluto* é um livro radicalmente cristão, até mesmo quando em um de seus diálogos um personagem menospreza a cruz, não estaria ele se comportando mais ou menos como Jesus, quando com um chicote em mãos expulsou os vendilhões do templo?

Reichmann nos mostra que o verdadeiro e profundo cristianismo não é evidente, requer muito estudo, fé e pensamento religioso. Deve suportar dúvidas e buscar amparo naqueles que já percorreram mais caminhos dentro da senda espiritual. Em alguns trechos, *A noite do absoluto* parece propositalmente nos interpor obstáculos, pequenos trechos de estrada sem continuidade que acabam recaindo sobre a rota principal.

Um leitor inexperiente ou sem conhecimento prévio da filosofia kierkegaardiana pode julgar que esses atalhos são meras falhas do autor, considerar que essas páginas poderiam ser suprimidas sem prejuízo para o resto da obra. Mas são nesses caminhos falhos, nesse tempo perdido e nesse suor derramado, que se constrói a perseverança necessária à elevação espiritual. As picadas vazias são tão importantes quanto luas ou cometas para o universo. E é por isso, por esses detalhes de um refinamento ímpar, que *A noite do absoluto* é antes de tudo o que Adorno pediu que um romance fosse: “uma peça com coerência interna”. E é por essas razões, pela coerência absoluta, pela honestidade de propósitos e pela profundidade temática, que devemos louvar a atitude da Biblioteca Pública do Paraná e da Academia Paranaense de Letras em reeditar *A noite do absoluto*, 40 anos após a primeira edição

e às vésperas da celebração do centenário de nascimento de Ernani Reichmann.

Por vezes, a proximidade temporal e geográfica impede que enxerguemos que grandes homens estão ao nosso lado. A grandeza parece que só existe em continentes distantes, em tempos longínquos, ou solidificada pelo bronze.

Na verdade somos todos grandes, mas apenas alguns conseguem perceber isso. Munidos de autoconfiança, desacreditam o que prega o lugar comum e marcham na direção oposta à da multidão. Sofrem penas e durante os percursos emagrecem suas certezas. Perseveram porque seguir adiante é o único caminho que faz sentido. Não são melhores ou piores que os outros, são apenas mais lógicos. Se a verdade absoluta é parte da metafísica, a lógica é uma maneira de solidificá-la para que dela possamos usufruir. Convido a todos para mergulharmos na maravilhosa noite do absoluto. Para iluminarmos as paredes escuras dessa caverna subterrânea, seremos guiados pela lanterna mística de Ernani Reichmann, intelectual, filósofo, um grande homem que cultivava um hábito comum aos grandes homens: muito depois de falecidos, eles costumam renascer para assistir às novas gerações colherem os frutos das árvores que plantaram.

Guido Viaro

Integrante da Academia Paranaense de Letras

O pressuposto

POR

VAN DER LUBBE
VAN NEUTGEN E
SORTE PEER

*“Procuramos o absoluto por toda parte
e não encontramos senão coisas.”*
(Novalis)

Van Neutgen veio pelo caminho do sul. Van der Lubbe, pelo caminho do oeste. Sorte Peer, pelo caminho do leste. Ninguém veio pelo caminho do norte. Os três portavam lanternas. Não queriam tropeçar, nem dentro deles, nem nos calhaus do caminho.

O primeiro chegou como um homem marcado. Como alguém que tivesse se encontrado e não soubesse o que fazer dele mesmo. O segundo chegou um pouco confuso. Percorreu um longo caminho inteiramente só. Teve todo o tempo para refletir, mas continua resistindo ainda — não sabe por quê — às próprias descobertas. O terceiro chegou quase confiante. Talvez nunca tenha esperado demasiado dele mesmo. Ou, se esperou, sabia que poderia realizar o que sempre esperou.

Foi diante de um canteiro triangular que se encontraram. Triângulo de pedra a cercar a terra onde medram flores agrestes. Depositaram suas lanternas nas pedras. Ficaram de pé, um diante do outro, van der Lubbe e Sorte Peer. Na face sul, van Neutgen. A ponta do triângulo aponta para o norte.

Van Neutgen foi o primeiro a falar:

— *Ele* não poderia partir sem que primeiro nos encontrássemos. Meu caminho termina aqui. O caminho de vocês terá prosseguimento. *Dele*, porém, será o caminho do norte.

Van der Lubbe ergueu a cabeça. Parecia emergir de um longo cansaço, quando falou:

— Eu estava certo de que *ele* ainda viria a precisar de nós, apesar de tudo. Apesar de ter exultado ao paroxismo quando pensou estar liberto de nós. Mas ninguém se liberta

de ninguém, a não ser quando leva às últimas consequências as relações que estabeleceu com esse alguém.

Sorte Peer, que não tirava os olhos de van der Lubbe, era o menos preocupado de todos:

— Bem, eu mal tinha começado. Talvez por isso o carinho que me dedicava — eu quase poderia dizer que era um carinho paternal. Foi como se dissesse: “Meu filho, gosto muito de você, você sabe, mas devo matá-lo. Você não vai reparar, vai?” Comecei como leitor de van der Lubbe. Em seguida, publiquei os seus cadernos. E, finalmente, cheguei a ensaiar no campo literário.

Van Neutgen abaixou o braço direito que mantivera erguido enquanto falavam van der Lubbe e Sorte Peer. Concentrou-se para ordenar seu pensamento. Nuvens longinquamente iluminadas pela Via Láctea começaram a deslocar-se do sul. Quando alcançaram o canteiro, van Neutgen retomou a palavra:

— Sorte Peer precipitou um pouco as coisas que deveriam surgir naturalmente desse diálogo. Foi bom que tivesse precipitado. O que disse sugere-me um problema de método. Na condição de promotor deste encontro, cabe-me orientar o cerimonial. Acho que poderemos partir de uma pergunta: qual foi o procedimento *dele* em relação a cada um de nós em particular e a nós três em conjunto? Da resposta a esse problema surgirão outras perguntas, como estas: Quais foram as consequências desse procedimento? Era verdadeiramente isso o que pretendia? Procedeu com método ao proceder assim? Finalmente, disso tudo, surgirá a grande e decisiva pergunta final: de que maneira poderá partir? Que van der Lubbe me perdoe se adotei aqui um procedimento que é caracteristicamente dele!

Van der Lubbe pareceu reanimar-se. Pela primeira vez,

é possível, o pensamento de van Neutgen coincidia com o seu. Era este um gesto de grande humildade. Van Neutgen, pelo que tudo parecia indicar, seria o grande sacrificado, mas não temia o próprio sacrifício. Pelo contrário, mantinha integral e inamovível serenidade. Van der Lubbe não quis ser menos generoso:

— O longo caminho percorrido por van Neutgen deu-lhe uma grande formação e uma não menor humildade. Expresso todo o meu reconhecimento por essa atitude. Mas, como a proposição de van Neutgen surgiu das palavras de Sorte Peer, proponho que este faça a exposição inicial. Reservome apenas o direito de intervir, quando for o caso.

Van Neutgen ergueu o braço mais uma vez e disse:

— O direito que van der Lubbe reservou para ele, também reservo para mim. Mas isso não deve constituir-se num obstáculo à exposição de Sorte Peer.

Sorte Peer, que desde a sugestão de van der Lubbe mantivera a cabeça inclinada, mergulhado num estado crepuscular — de formas ordenando-se, de tempo se concentrando, o presente orientando — alçou o peito, respirou fundo, arrumou-se no próprio corpo, deslocou os pés na terra e observou:

— Não me recuso a fazer o que vocês pretendem de mim. Mas não posso deixar de estabelecer uma condição: não gostaria de ser interrompido, pois isso dificultaria a retomada da exposição. No entanto, como sei que alguns detalhes podem vir a necessitar de esclarecimentos, eu mesmo os solicitarei. Assim, o assunto principal não ficará marginalizado, como em todos os diálogos desse tipo, e poderei reiniciar a partir do ponto em que tiver interrompido. Por outro lado, vocês têm o resto da noite, ou toda a madrugada, que nem sequer começou, para esclarecer o que precisar de esclareci-

mentos. Aceitam esta condição? Podem não aceitar, é claro, mas se não aceitarem...

Van der Lubbe e van Neutgen limitaram-se a movimentar a cabeça em sinal de concordância. Sorte Peer, que compreendera, e muito bem, a enorme responsabilidade que fora lançada em seus ombros, respirou fundo mais uma vez, refez a posição de seus pés na terra, e começou:

— Honestamente, não sei dizer quem foi o primeiro — se van der Lubbe ou van Neutgen. Quanto a mim, é claro que sou o terceiro. Mas é possível que tenha sido o segundo. Será esta a colocação da qual pretendo partir. O nome de van Neutgen surgiu pela primeira vez numa carta a Clementino Schiavon Puppi (*Folhas Azuis*). Também em *Hic Fuit*, numa página tratando do mesmo tema, sob o título de *Prólogo*, o nome de van Neutgen foi mencionado: “Van Neutgen me pergunta tristemente com os olhos se já publiquei o seu *Caderno de Poesias*”. Não sei se esse *Caderno* se extraviou ou se verdadeiramente nunca existiu. Talvez van Neutgen possa esclarecer.

Sem levantar a cabeça, van Neutgen limitou-se a acrescentar:

— Não, esse *Caderno* nunca existiu. Entusiasmo prematuro, excessivo, talvez.

Sorte Peer retomou a palavra:

— Acredito que *ele* se apaixonou e de tal maneira pela sua descoberta — a descoberta de van Neutgen — que não pôde deixar de anunciar obras que nunca existiram. Refiro-me, é claro, apenas a esse *Caderno de Poesias*. Assim, como autor sem obra, como autor de nada, van Neutgen surgiu verdadeiramente em primeiro lugar. Com van der Lubbe aconteceu exatamente o contrário. Já estavam escritos pelo menos dois dos *Cadernos de van der Lubbe*, quando este debutou. Não posso precisar a data em que isso aconteceu. Mas como

pouco significa no tocante a todo esse processo, não pretendo solicitar esclarecimentos. Assim, no que concerne à criação propriamente dita, van der Lubbe foi o primeiro e eu o segundo, pois surgiu como aquele que deveria publicar os seus cadernos. Porém, no sentido de potencialidade, van Neutgen foi o primeiro, só surgindo como criador em 1954, data esta mencionada em *Hic Fuit*. Finalmente, não poderia deixar de sublinhar que *ele* — vocês sabem a quem me refiro — foi o primeiro, fato este que parece óbvio, mas que assume uma grande importância, pois, a partir de 1956, *ele* nos afastou de seu caminho, para que pudesse prosseguir sem compromissos, com quem quer que fosse, até o final de sua *Experiência de Personagem*.

Utilizando o procedimento de van der Lubbe, reiterado por van Neutgen, formulo, ao passar ao segundo item de minha exposição, a seguinte pergunta: quais eram os nossos traços característicos? Valho-me ainda uma vez aqui de *Hic Fuit*. Neste, encontro uma frase reveladora. É a seguinte: “Não consegui realizar os meus personagens porque estes se revoltaram contra mim”. Entre parênteses, em data de 29/5/55, *ele* acrescentou estas palavras: “Daí a existência de van der Lubbe”. Isso nos revela que van der Lubbe só chegou a ser porque *ele* tinha problemas de ordem individual a resolver. Ou os personagens não podiam ou não queriam submeter-se à presença opressiva *dele* e, por isso, revoltaram-se, ou não se conformavam em permanecer semielaborados, entregues a uma glória de cantor de boleros enquanto o autor ocupava-se consigo mesmo. Van der Lubbe teve, assim, de assumir responsabilidades de verdadeiro autor, pois *ele* se negava a criar, ou não podia criar, o que evidentemente não é a mesma coisa, embora seja idêntica a consequência: o aparecimento de van der Lubbe. O traço principal de van der Lubbe é o de autor,

com todas as implicações e consequências dessa atitude. Esses traços se tornarão mais precisos, mais definidos, se formos buscar, *nele* mesmo, informações sobre sua posição diante de van der Lubbe, nas quais o histórico reaparece numa forma de tratamento bastante curiosa.

Numa das últimas páginas de *Hic Fuit*, dirigindo-se a Clementino Schiavon Puppi, escreveu: “Tenho certeza de que te lembras da origem de *Padre Miguel*. No entanto, do velho caderno no qual tem origem a sua história (...) só tive coragem de transcrever duas páginas. 1.^a — Nesse momento, van der Lubbe se confunde com P. Miguel, o que não sucederá mais tarde, quando iniciarei a publicação dos *Cadernos*. Van der Lubbe poderia ter sido P. Miguel. Jamais, porém, a recíproca seria verdadeira”. Caberia aqui, talvez, examinar o comportamento *dele* no tocante a seus personagens e a nós três, mas isso nos levaria muito longe. Só o farei se van der Lubbe achar conveniente e oportuno.

Van der Lubbe — que não precisou sequer voltar-se para encarar Sorte Peer, pois este continuava em sua frente, como desde o início — respondeu sem titubear:

— Não, não acho nem conveniente, nem oportuno. Esse fenômeno só aconteceu comigo. Foi só a mim que *ele* andou misturando com os seus personagens. Nem van Neutgen, nem vocês passaram pelo mesmo processo.

Sorte Peer continuou:

— A revolta dos personagens *dele*, que motivou a necessidade de van der Lubbe como alguém que assumiria toda a responsabilidade, levou-o inclusive a atribuir a van der Lubbe coisas que eram especificamente *dele*. “Desde os seus primeiros anos, van der Lubbe conheceu uma tonalidade afetiva, que ‘corre mundo’ hoje com o nome de angústia”. No mesmo trecho em que encontramos essa frase, coloca o pro-

blema das relações *dele* com Kierkegaard, como se fossem relações de van der Lubbe.

Para concluir esta parte de minha exposição, é necessário que acrescente o seguinte: a irregularidade que se observa nos *Cadernos de van der Lubbe* — refiro-me à queda do 4.º caderno — deve-se a mim e não a ele. Van Neutgen, em carta que publiquei ao fim de *Pierino* (7.º caderno da coleção), denunciou o fato com muito acerto. Estranhou não ter publicado *ŷules* antes dos outros, de *ŷules* não ser o número um da coleção, pois esse caderno mal pode ser cometido a van der Lubbe. Reconheço a culpa. Mesmo assim, em *Pierino*, no que deve ser considerado como o último, pois *O Cantor de Pedro* não passa de uma retomada do tema de *Firmino e Elvira*, são visíveis os sinais de desinteresse *dele* por van der Lubbe. Já não se trata de um caderno com uma linha única de desenvolvimento, mas de uma reunião de material, que precisaria ser trabalhado num sentido de conjunto.

Sorte Peer fez uma pausa, talvez para tomar fôlego, talvez para arrumar-se no próprio corpo, talvez para destacar os assuntos de sua exposição, e depois prosseguiu:

— Não sei onde foi que *ele* apelidou van Neutgen de “o originariamente informe”. Essa expressão mostra claramente a impossibilidade daquele *Caderno de Poesias*, pois todos sabemos que poesia é criação propriamente dita. Assim, as lembranças despidas de qualquer tratamento poético, com toda a sua carga de sensibilidade originária e agreste, constituíram o traço característico de van Neutgen. Acredito que nesse caso também lhe faltou coragem para expressá-las em seu nome próprio, sendo, como era, um material excessivamente cru, não elaborado em qualquer sentido. Numa carta de 14/8/54, não remetida (ver *Hic Fuit*), *ele* escreveu: “A carta que escrevi a meu pai (que deu origem ao 1.º caderno de van Neutgen)

ainda está aqui em cima da mesa”. Não encontro qualquer dificuldade para fixar o traço concernente a van Neutgen. Tudo ficou bastante claro, fácil de descobrir-se, de se ver. Van Neutgen, preso como ficou às lembranças, não deixou de estar presente mais tarde, em 1959, quando *ele* escreveu uma *Fantasia à maneira de van Neutgen*. Não deixou, contudo, de procurar libertar-se de van Neutgen (numa atitude da qual o humor não está ausente) no *Tratado do presente exclusivo, sem passado e sem futuro*.

Agora devo falar de mim, de meu traço característico. Vou resumi-lo em poucas palavras. Fui o seu elemento anárquico, o gozador que não sabia como expressar-se. As notas que fiz aos *Cadernos de van der Lubbe*, ou os comentários às cartas que van Neutgen me dirigiu, puseram à mostra toda a minha irreverência. Meu procedimento, ao cortar na publicação das cartas de van Neutgen, trechos e frases dessas mesmas cartas (ver *Cadernos de van der Lubbe*), só pode ser explicado por esse traço de minha natureza. Considero desnecessário repetir o que fiz ou o que deixei de fazer. Um traço tão saliente como o meu dispensa qualquer comentário, não acham?

Van Neutgen respondeu por si mesmo e por van der Lubbe:

— Claro que achamos. Nem você está tão mudado assim que nos faria esquecer o “velho” Sorte Peer.

Sorte Peer sorriu do bom humor de van Neutgen e retomou sua exposição:

— Bem... Julgo, no entanto, imprescindível reproduzir o seu comportamento em relação a nós três, como lá está na *Carta de um artista*, de 1956. Isso diz respeito ao nosso próprio destino. “Já não escreverei os outros cadernos de van Neutgen (*Cadernos Dissonanz*), que me propus a escrever. (...) Que será desses cadernos, cujo conteúdo foi, muitas

vezes, duramente lembrado? Sinto, no entanto, (é uma força que me impele para a frente), que é preciso renunciar a esses cadernos.” Em seguida, *ele* diria: “E os cadernos de van der Lubbe, Thomaz? Aqueles cadernos que devem ser repetidos uma oitava mais alto, do 2.º ao 7.º, que o 1.º (*Firmino e Elvira*) saiu novamente sob o título de *O Cantar de Pedro*, com uma capa maravilhosa que tu mesmo fizeste?” Sobre mim, *ele* escreveria: “E os trabalhos de Sorte Peer (pobre Sorte Peer!) que iniciava e com que sofreguidão, no plano literário?” Foi, assim, em nome de uma força cuja origem desconhecia inteiramente, que renunciou a nós, seguindo sozinho até o fim de sua *Experiência de Personagem*. Sua experiência, a partir de 1956, traz um ensinamento curioso. *Ele* já não era van der Lubbe, já não era van Neutgen, já não era eu. Era nós três. Ao pensar libertar-se de nós, ficou preso a nós.

Quando Sorte Peer acabou de falar, um vento de força suave meteu-se por entre as árvores. Só as gotas de orvalho a estalar nas folhas secas perturbavam o silêncio. Van der Lubbe olhou ao redor como a pedir às coisas mergulhadas na noite que testemunhassem o que pretendia dizer, mas sem saber precisamente por onde começar:

— Gostaria, agora, e muito, de ouvir van Neutgen. Ele não disse ainda nem sequer por que nos convocou para este encontro. Talvez nem queira dizer, embora por baixo de tudo deva esconder-se algo de extrema importância, algo que diz respeito a suas relações com *ele*. Julguei compreender o sentido dessas relações quando van Neutgen disse que “*ele* não poderia partir sem que primeiro nos encontrássemos.” E que o caminho dele, van Neutgen, termina aqui. É sobre isso que gostaria de ouvi-lo discorrer após a exposição de Sorte Peer, feita com o objetivo evidente de nos refrescar a memória, cansada depois de tudo o que aconteceu.

Van Neutgen não deixou de sorrir à proposição de van der Lubbe. Era o sorriso superior do homem que encontrou o humor em sua vida. Sentindo-se, de certa maneira, acutilado por van der Lubbe, quis ganhar algum tempo antes de entrar no essencial:

— Pareceu-me ter percebido a refugiar-se nas palavras de van der Lubbe um prenúncio de longínqua insatisfação, toda ela voltada contra mim. Estranho esse fato, se chega verdadeiramente a ser um fato, pois posso ter-me enganado, talvez... Que diz van der Lubbe?

Van der Lubbe respondeu, sem demora:

— Na verdade, van Neutgen não se enganou. Mas não consigo atinar com a causa verdadeira desta longínqua insatisfação, desta quase imperceptível insatisfação, que só ouvimos sensíveis como os de van Neutgen poderiam perceber. Peço que van Neutgen prossiga.

Van Neutgen voltou a insistir. Era certo que procurava ganhar tempo:

— Se fosse Sorte Peer o insatisfeito, eu compreenderia. Sorte Peer foi duramente criticado por mim na defesa de van der Lubbe que pretendi esboçar, fato a que Sorte Peer já fez uma referência.

Van der Lubbe resolveu insistir:

— Mas isso tudo é episódico e não deve ser transformado em problema. Não entendo por que van Neutgen continua a insistir.

Van Neutgen demorou um pouco a responder:

— Por certo que minhas relações com Sorte Peer apresentam um aspecto meramente episódico. O que pretendi dizer, porém, é que Sorte Peer e não van der Lubbe teria motivos de insatisfação, pois me intrometi (não passei mesmo de um intrometido) em suas relações com van der Lubbe. Con-

fesso que apreciei bastante a exposição de Sorte Peer. Peço, agora, a Sorte Peer que continue, pois não acredito que tivesse apenas isso para nos dizer.

Sorte Peer não se conteve e resolveu falar claro:

— É, vocês começam a brigar e quem se preocupa sou eu. Não sei por que deva ser eu a prosseguir, se já nada tenho a dizer, se disse tudo o que tinha a dizer. Acho que tendo levado a cabo, bem ou mal, uma reconstituição do crime (entre aspas), cabe a outro prosseguir, analisar tudo isso, formar o processo. Este outro não poderia ser senão van Neutgen. Somos dois, van der Lubbe e eu contra um. Democraticamente, não resta a van Neutgen senão falar.

Se o objetivo de van Neutgen era o de ganhar tempo, ele o conseguiu. Foi direto ao assunto:

— Deixemos isso tudo de lado e passemos ao essencial. Em sua exposição, Sorte Peer disse algo que considero muito significativo. Sim, *ele* foi o primeiro. Nada de mais, assim, que fosse o último. A meu ver, isso fatalmente viria a ocorrer. Não digo tal coisa porque *ele* teria tocado numa direção, que era a minha direção, e que estaria como germe em mim quando debutei e que resultou de mim — não. Simplesmente acho que foi o primeiro e, por ter sido o primeiro, também deveria ser o último. O fato de termos ficado espremidos, ou de termos participado apenas de um segmento de sua experiência, não diminuiu em nada a nossa importância. Por que estamos reunidos aqui neste canteiro, senão para que *ele* possa partir, cada qual o auxiliando como puder? Em minha fala, procurarei apenas mostrar que não poderia ter procedido de maneira diversa da que procedeu. Procurarei mostrar, também, que não se libertou de nós e, sinceramente, só aceitou essa condição, imposta por sua experiência, por se tratar de uma necessidade essencial de seu próprio caminho. Para isso, devo

fazer um retrospecto. Mas devo fazê-lo cronologicamente, já que pretendo extrair algo desse exame. Não pensem, contudo, que vou me demorar nesse exame. Limitar-me-ei apenas ao essencial.

A experiência *dele*, a que denominou de *Experiência de Personagem*, abrange o período que vai de 1939 a 1967, isto é, de seus dezenove aos seus quarenta e sete anos. É a experiência de uma vida, sem dúvida alguma. Mas também não é a experiência de uma vida, coisa que van der Lubbe deve entender muitíssimo melhor do que eu. Sem fazer caso das exceções e dos detalhes, posso, de uma maneira bastante ampla, dividir os seus escritos em três categorias: antes de nós, durante o nosso tempo e posteriores a nós. O tempo antes de nós foi o predomínio da imagem *dele* mesmo, tempo em que não passou de notas, apontamentos, contos episódicos etc. O nosso período caracteriza-se pelo seccionamento da imagem em três pessoas: van der Lubbe, Sorte Peer e eu. O tempo posterior a nós é a retomada da imagem para uma dialética entre a imagem e o seu real, até a dissolução final da imagem e o encontro último de sua maneira de ser. Não nos cabe, assim, a menor parcela de responsabilidade pela classificação de seus escritos nas três séries em que os classificou. O ponto de vista para a classificação tem origem *nele* mesmo e não em nós. Com isso, pretendo deixar bem claro que estávamos presentes naquela imagem *dele* mesmo desde sua origem e que nos afastou para que pudesse fazer o processo da imagem. Assim, como o seu real só alcançou o absoluto de sua maneira de ser ao fim da imagem, só passamos a ser verdadeiramente no mundo do possível, ao fim da imagem *dele* mesmo. Agora, somos nós e não mais uma simples dissociação da imagem. Nosso afastamento, para que pudesse prosseguir, ou fazer o processo da imagem — o que significa a mesma coisa — foi

a nossa salvação. Mas, logo que alcançou o seu real, eu fiquei sem caminho, com uma vida plena no mundo do possível, mas sem caminho. Parece estranho tudo isso, mas verdadeiramente não o é. Em mim, van der Lubbe deve ter percebido isso muitíssimo bem — talvez esse o motivo de sua longínqua e quase imperceptível insatisfação, gratuita se se admitir que *ele* deveria, de qualquer modo, encontrar a sua maneira de ser —, residia o sentido ontopsíquico *dele* mesmo. Em Sorte Peer, a circunstância exterior, ou o ambiente de sua experiência. Em van der Lubbe, o sentido da necessidade de um novo ser e de uma nova categoria. Daí porque van der Lubbe deve ter se sentido traído. Daí porque não posso prosseguir, porque *ele* chegou ao extremo limite de sua autorreflexão no sentido ontopsíquico, cuja origem encontra-se em sua necessidade de perdurar nas tardes mornas, nas sombras dos caminhos etc. Daí porque Sorte Peer não me parece nem insatisfeito, nem sem caminho para prosseguir. Pode parecer absurdo que eu insista em permanecer no mundo do possível, quando deveria integrar-me *nele*, constituir o seu real. Não só a mim, porém, cabe decidir num sentido ou noutro. Por enquanto, aqui estou. Daí, finalmente, a importância deste diálogo tanto para mim quando para *ele*.

Um morcego passou roçando a lanterna de van der Lubbe e perdeu-se outra vez na noite. A madrugada devia estar próxima. Van Neutgen concluiu:

— Se me permitem, gostaria de interromper este exame para refletir um pouco. Sinceramente não sei como prosseguir. Peço que venham em meu socorro.

Sorte Peer, que fora tocado profundamente pelas palavras de van Neutgen, não se conteve e disse:

— Lamento ter-me negado a continuar a exposição que tinha iniciado. Mas não saberia como fazê-lo. Agora, po-

rém, que van Neutgen fixou as linhas gerais, acho que posso continuar desde que van der Lubbe concorde.

Van der Lubbe, que se interessara vivamente pela exposição de van Neutgen, parecia um tanto decepcionado quando respondeu:

— Sem dúvida que concordo. Há, porém, uma condição. Quero que Sorte Peer retome sua exposição no ponto em que a deixou e que tenha em mente, apenas como critério, a análise feita por van Neutgen.

Sorte Peer, ainda tocado pelas palavras de van Neutgen, recomeçou:

— Minha exposição concluiu com as seguintes palavras: “Ao se libertar de nós, ficou preso a nós.” Van Neutgen colocou melhor o problema ao dizer: “Nosso afastamento para que *ele* pudesse prosseguir, ou fazer o processo da imagem — o que significa a mesma coisa — foi a nossa salvação.” Gostaria, no entanto, de acrescentar que *ele* sabia que era devedor de muitas coisas a nós três e, por ser nosso devedor, além de outros motivos, foi que se entregou a nós — se é que estou entendendo corretamente esse processo todo. Há trechos da *Carta a um artista* que revela bastante bem seu débito para conosco. Após dizer que morremos, ou que voltamos ao não ser — e que maneira encantadora de dizer! — escreveu: “Na verdade, Thomaz, às vezes, fico pensando se meu anarco-espiritualismo não admitirá, também, a existência de van der Lubbe, van Neutgen, Sorte Peer e todos os outros (esses outros, só podem ser as suas personagens). Matá-los, como fiz, só em vista de alguma coisa — talvez uma liberdade total, absoluta. Matá-los significa admitir a existência de um sistema, no qual não poderiam viver. Não creio, agora, que deveria tê-los liquidado tão cedo. Foi excessiva a ação. A reação era esperada. Eu temia essa reação e ela veio da forma

a mais convincente possível.” É que não estávamos mortos. E tanto isso é verdade que *ele* disse no *Tratado do presente exclusivo, sem passado e sem futuro*: “Noutro tempo, senti uma necessidade invencível de van der Lubbe, van Neutgen e Sorte Peer. Depois, como era natural, cansei-me deles (não que estivessem exauridos).” Mas foi neste momento, e só neste, que descobriu que estivera a fazer uma experiência que partira de uma imagem *dele* mesmo. A expressão: “não que estivessem exauridos”, entre parênteses, quer significar que havia verdadeiros possíveis em nós, que não éramos meramente dependentes de uma imagem *dele* mesmo. Assim, encerro esta exposição no ponto exato em que van Neutgen a deixou.

Os batedores da madrugada passaram céleres e imperceptíveis pelo canteiro triangular, em sua busca fantástica do oeste.

Van Neutgen levantou sua lanterna (para ver, quem sabe? os batedores da madrugada), voltou a depositá-la nas pedras do canteiro e perguntou:

— Será que van der Lubbe não quer mesmo falar? Saberá, porventura, que sua atitude nos põe num exame porque justifiquei, ao fim, a insatisfação de van der Lubbe contra mim, ao lançar aquelas três linhas — como se *ele* tivesse tocado na direção que partira de mim — compreendo-o... Mas, van der Lubbe, por que não fala?

Van der Lubbe olhou mais uma vez as coisas mergulhadas na madrugada, quem sabe lá por quê? e respondeu:

— É estranho. Sim, muito estranho... Minha insatisfação localizava-se exatamente no motivo apontado por van Neutgen. Mas percebo, agora, que não tinha razão de ser. Entretanto, vou procurar apontar possíveis atitudes dele para, depois, mostrar que nada disso realmente teve lugar. Van Neutgen compreenderá, assim, porque não falei antes. É que

eu estava muito confuso. Vou fazer um esforço para chegar aonde van Neutgen chegou, procurando os fundamentos desta conclusão, para lamentavelmente acentuar que tudo era falso.

1.º — *Ele* deveria ter procurado o seu autoconhecimento, só este lhe sendo essencial, todo o resto não lhe interessando em absoluto;

2.º — *Ele* deveria ter compreendido a impossibilidade de um conhecimento objetivo, pelas limitações da razão para captar o real. Deveria ser mais ou menos crítico à maneira kantiana, saltando de uma crítica da razão pura à necessidade de uma razão prática;

3.º — *Ele* deveria concluir daí que só seria possível conhecer o próprio eu nos limites e no âmbito de seu real, todo o resto situando-se no campo do possível (possível enquanto categoria, não o possível referido por Sorte Peer — os dois são possíveis, mas de diversa maneira).

Examinemos o primeiro ponto. Teria procurado o seu autoconhecimento? É claro que não. Foi *ele* mesmo quem o disse e não eu. No último volume de sua *Experiência de personagem*, repetiu-o de muitas maneiras. Lembro apenas para não deixar qualquer dúvida, as seguintes frases: “É preciso deixar claro que não comecei a escrever para chegar a um melhor conhecimento de mim mesmo. Escrevi, isso sim, levado por uma imperiosa necessidade de eternidade aqui na terra...”. “Meramente receptivo, não exercitava sequer a introspecção, que considerava indiscreta e grosseira.” Essas frases são suficientes para mostrar que não procurava conhecer-se, durante todo o tempo em que a imagem teve o predomínio absoluto. Daí porque não poderia, em hipótese alguma, ser um tipo ético. Nisso, *ele* foi de uma coerência extrema. Não conheço mesmo ninguém mais coerente do que *ele*, coerente porque

foi leal a si mesmo, coerente mesmo não sendo uma máquina nem de pensar, nem de querer, nem de sentir, como *ele* mesmo escreveu.

Examinemos o segundo ponto. Não considerou a impossibilidade de um verdadeiro conhecimento, nem à maneira de Kant, nem à dos céticos gregos, nem em qualquer outra forma de ceticismo. Pergunto: como poderia um homem, ainda em luta com uma imagem *dele* mesmo, preocupar-se com qualquer forma de conhecimento objetivo? Em *O método*, *ele* disse: “Sou, em toda sinceridade, um homem que não procura refletir ‘sobre’, para não destruir alguma coisa. Uma reflexão ‘sobre’ destruiria o estranho, algo que não pretendo fazer, em qualquer hipótese. É preciso uma força quase sobre-humana para reduzir-me, ou melhor, para ficar limitado ao simplesmente humano, para não ensaiar nenhum passo além do estranho.” O estranho apontava, salvo melhor juízo, na aceitação de uma impossibilidade de todo e qualquer conhecimento objetivo.

Examinemos o terceiro ponto. Mas, talvez nem seja necessário examiná-lo, pois não passa de uma consequência dos dois primeiros. O eu real está nos domínios da ética. E *ele* não tinha um verdadeiro conhecimento de Kierkegaard para chegar a compreendê-lo. Compreendeu-o, é verdade, mas só quando descobriu que andara fazendo uma experiência de personagem. Anteriormente, só procurava no mestre dinamarquês aquilo que coincidia com a imagem *dele* mesmo. E assim com todos os outros.

Diante disso, parece-me que van Neutgen não tem razão, nas três formas de conhecimento que colocou. Minha insatisfação provinha disso — assim eu pensava em minha confusão —, da linha de van Neutgen, como se *ele* realmente tivesse querido esse tipo de conhecimento ontopsíquico.

Van Neutgen pareceu não entender a exposição de van der Lubbe. Sorte Peer estava dominado pela surpresa. Van Neutgen não esperou que van der Lubbe continuasse:

— Não entendo. Que significam essas palavras de seu *Ensaio de Existência*: “Foi o que sucedeu com o meu herói. Depois de percorrer todo o caminho do mais completo conhecimento de si, acabou sentindo-se vazio, completamente vazio. A uma consciência do eu, seguiu-se um conhecimento do eu. Nesse conhecimento do eu, ele foi exaustivo à morte. Mas encontra-se agora diante do nada, do vazio.”? Não, não se tratou de um verdadeiro conhecimento onto-psíquico porque, neste caso, não se sentiria vazio, sem nada.

Sorte Peer falou em voz alta, mas falava consigo mesmo:

— Sim, só agora entendo porque disse estar fazendo uma experiência na terra de ninguém. Nosso possível, o possível que éramos nós três, o possível de cada um de nós, não era um possível literário. Na terra de ninguém não poderia haver lugar para um verdadeiro possível. Mas, se a terra de ninguém passou a ser o outro polo, perdendo com isso significação e importância, nós passamos a ser verdadeiros possíveis no plano literário ou filosófico. Não é isso? Sim, é isso — descobri!

Van Neutgen, que pareceu não ouvir as palavras de Sorte Peer, continuou:

— E sua preocupação com o ser? “Na paisagem, o ser. O ser nas tardes de melancólico passado. Nas sombras, o ser. O ser nos caminhos que levam à parte alguma (se não há caminhos, excluído o caminho que leva à bica onde os homens tomam banho). Na umidade das macegas, no corpo desintegrando-se de incontida eternidade, na tristeza nascida com ele, no ruído dos insetos...” *Ele* não teria partido

de seu autoconhecimento para chegar ao ser. Não, era pura sensibilidade, pura tonalidade afetiva quando buscava o ser.

Sorte Peer retomou o seu monólogo, esquecido do que van Neutgen dizia e de que van der Lubbe ali estava à sua frente:

— E o problema do estranho, que era senão a descoberta do mundo do possível? Um possível verdadeiro porque era para ser realizado? Sim, por que não reconhecer que a experiência *dele* cortou toda a possibilidade de uma queda no niilismo? Que dela parte e, com ela, começa uma experiência toda ela positiva?

Van der Lubbe mal tinha tempo de levar seus olhos de um a outro, de van Neutgen a Sorte Peer. Van Neutgen continuou:

— E aquela integração, a que se referiu tantas vezes, não seria uma necessidade de seu autoconhecimento? Integração *dele* mesmo *nele* mesmo, com todo o passado presente em sua maneira de ser? Como procurar uma integração sem se conhecer, sem saber quem era e o que buscava? Não, não... se *ele* se conhecesse, se tivesse alcançado o seu autoconhecimento, não escreveria essas coisas. Simplesmente partiria de si mesmo para a sua nova experiência.

Sorte Peer retomou o seu monólogo:

— E aquelas tentativas no campo de criação? Serão meras projeções no mundo da imagem? Ou serão verdadeiros possíveis, esboçados, mas não perfeitamente delineados, dada a urgência de uma solução de seu próprio problema? Mas se o mundo do possível existiu é porque, mesmo sem uma intenção autenticamente criadora, *ele* criou. Isto é maravilhoso. Escapa à minha possibilidade de entendimento. Sim, experiência como esta não existe. Ela é única!

Van Neutgen voltou a perguntar. Mas perguntava a si

mesmo, porque ele mesmo encontrava respostas para as suas perguntas:

— E o problema da intuição? Não é a intuição uma forma de conhecimento? Não sei. Se, ao menos, não colocasse sua intuição na dependência direta e imediata de sua experiência. “Já temos aqui uma primeira colocação: minhas intuições, excluía a inicial, resultavam sempre e em qualquer caso, da experiência.” Não, não tenho por que aceitar. Van der Lubbe tem razão... Sim, compreendo agora, e muito bem — para que meu humor adquirisse sentido, para que não se fundamentasse no vazio, era preciso que isso acontecesse.

As nuvens suspensas sobre o canteiro começaram a deslocar-se lentamente na direção do norte. Já os batedores da madrugada estavam distantes quando van der Lubbe retomou a palavra:

— Só o humor pode ser a atitude daquele que se tornou possível porque foi realizado sem que houvesse intenção de realizá-lo. A grande tensão surgirá assim de um possível e de um real, mantidos separadamente. A grande tensão, repito, surgirá do homem novo que deve ser e do homem antigo, que só chegou a ser porque o possível permaneceu. Falta entre o possível — se tivesse se tratado de um verdadeiro possível, o que não aconteceu — e o real a decisão que origina o movimento do possível para o real. Van Neutgen continuará, exatamente porque na época devida *ele* não decidiu. Daí a necessidade que terá de voltar sempre e sempre a van Neutgen. Van Neutgen ficará aqui, neste mesmo canteiro de pedra, a mostrar-*lhe* o caminho de onde partiu...

Van Neutgen ergueu a lanterna, sorriu, e disse:

— Como em toda parte, é noite no passado dele. Ficarei aqui. Não terei caminho, é verdade, mas serei a própria segurança de seu caminho futuro. Sei, agora, que chegou a

seu conhecimento ontopsíquico não intencionalmente, mas a verdade é que chegou. Isso constitui um verdadeiro ponto de partida.

Van der Lubbe concentrou-se e, à maneira de Sorte Peer, arrumou-se no próprio corpo, deslocou os pés na terra e encerrou o diálogo:

— Lamento muito, mas é chegado o momento de partir. No entanto, para que *ele* possa partir, este diálogo deve ser encerrado. Peço que me permitam dizer as últimas palavras. Serei breve e conclusivo. A imagem *dele* mesmo não era uma imagem para ser realizada. Correspondia a um eu romântico, que procurava uma eternidade aqui na terra, nada mais do que isso, coisa que *ele* viu muito bem. Essa eternidade não passava de uma impossibilidade — não preciso explicar. Quando debutamos, já *ele* se preocupava, queira ou não, com o problema da criação. Aconteceu, porém, que descobriu que seus problemas continuavam todos de pé, que era *dele* que precisava ocupar-se. Nossa presença, nesse momento, não passava de uma permanência da imagem — dissociada, mas mesmo assim, imagem. Só chegou ao fim de sua experiência de personagem quando descobriu sua maneira de ser, quando encontrou o seu “si mesmo”, o seu absoluto. Absoluto no sentido de van Neutgen porque, para mim, o absoluto humano só é qualificado pela fé no verdadeiro Absoluto. *Ele* tem agora as condições para realizar uma experiência de indivíduo no sentido kierkegaardiano do termo. Em sua experiência anterior ficou aquém do indivíduo. Compreendeu muito bem todo o processo ao dizer que começa agora uma experiência de autor. Verdadeiramente é isso: uma experiência de indivíduo é sempre e em qualquer caso uma experiência de autor — autor de sua própria vida.

O caminho de van Neutgen chegou ao fim aqui, ao pé

deste canteiro. É um pressuposto contraditório porque verdadeiro e falso ao mesmo tempo. Verdadeiro enquanto ponto de partida, falso porque não houve uma intenção de chegar. É uma reminiscência, uma incorporação do passado, que passará a ser verdadeiro no momento em que *ele* partir. Meu caminho é um caminho para a frente, para o futuro, para a realização *dele* mesmo no sentido do Absoluto. Sorte Peer lhe dará a linha da criação na direção desse mesmo futuro.

Com fundamento numa atitude socrática — máximo a que se pode chegar em sentido meramente humano — *ele* deverá alcançar o cristianismo. O resto todo passará a não ter significação. Seu caminho inspirou-se em Sócrates, embora não procurasse conhecer-se. É claro que se inspirou indiretamente. Foi a lealdade *dele* a *ele* mesmo que concorreu decisivamente para isso. Foi de toda a lealdade, não distorceu a sua experiência. Não se deixou enganar por falsas promessas de uma vida sedutora e brilhante. Foi de uma lealdade comovente. Mas ao encontrar a sua maneira de ser, ficou sem caminho; somente a colocação do verdadeiro Absoluto lhe dará condições para partir.

Mas, como é homem e tem horror às trevas, iremos com *ele* portando as nossas lanternas, Sorte Peer e eu. Deverá libertar a angústia que subjugou, a verdadeira angústia e não a outra resultante de condições meramente psicossomáticas. Não a angústia que o perdia, mas a angústia que o há de salvar. Sei também que poderá se desesperar, que deverá mesmo assumir o desespero a caminhar nas trevas — pois somente o desespero o levará a Deus.

1.^o LIVRO

A transparência

POR
VAN DER LUBBE

“O homem tem um horror natural de andar nas trevas — nada de espantoso assim que tenha um horror natural do Absoluto, do qual se pode dizer que ‘nenhuma treva atinge a metade da treva’, desta treva e desta noite, na qual todos os fins relativos (os marcos quilométricos usuais e os postes indicadores), na qual todas as considerações (as lanternas das quais habitualmente nos socorremos), na qual até os mais ternos e mais profundos sentimentos de afeto — se extinguem, pois de outra maneira não seria absolutamente o Absoluto.”

(Kierkegaard) — Diário XII A 95

Em páginas de *Diário*, escritas antes que tivesse lugar o diálogo que mantivemos van Neutgen, Sorte Peer e eu, páginas que fez com que chegassem às minhas mãos, talvez para me proporcionar um dado importantíssimo de sua problemática, *ele* colocou o traço principal desse momento de sua vida: a tranquilidade. Transcrevo-as aqui, pois devem servir como ponto de partida para os comentários que sou obrigado a fazer (não só por causa dela, mas também por causa de van Neutgen). O caderno vermelho onde as escreveu ficará comigo. Acho que foi de uma grande sinceridade ao me passar o caderno, sem pedir mesmo que eu o devolvesse. Sou inclinado a acreditar que, quando fez os apontamentos, já pensava em mim e no que eu poderia representar para *ele* num futuro bastante próximo. E, como esse futuro chegou... Explico melhor: as notas do caderno vermelho compreendem o período que vai desde o momento em que concluiu a seleção de textos de Kierkegaard até uma semana antes do diálogo que precede esses comentários. É um período bastante longo, no qual se limitou a fazer umas trinta ou quarenta notas, não mais do que isso. A verdade é que *ele* se preparava em segredo para o que viria logo após o diálogo, considerado este como uma neces-

sidade essencial de seu próprio desenvolvimento. Se alguém tiver alguma dúvida a respeito desse *Diário*, poderá consultá-lo aqui em meu gabinete de trabalho. Esquecia-me: essas páginas devem ter provocado uma grande impressão em van Neutgen, tanto assim que vieram dobradas no meio do caderno das folhas escritas por este. Vejamos primeiro as páginas (algumas) do caderno vermelho, em seguida as duas páginas de van Neutgen e, em anexo, as notas do *Diário*, inteiramente desvinculadas de sua nova direção.

As notas do *Diário*

“Não, não terei jamais uma experiência verdadeiramente ética em minha vida. Devo agora — sei lá por quanto tempo! — ‘suicidar-me’, no mesmo sentido em que se ‘suicidavam’ os pensadores gregos, para poderem pensar. Como não estou nas pegadas de Cristo — e, em toda sinceridade, não consigo preocupar-me com Cristo —, não me resta outra alternativa (já que adquiri uma enorme tranquilidade) do que estudar, pensar, inteiramente despreocupado de mim (‘suicidado’)... Até quando viverei sem problemas de qualquer ordem — é o que não sei, e ninguém sabe. Alguém me disse (sei lá quem foi!) que os nascidos sob o signo de ‘Virgo’ terão agora sete anos de tranquilidade. Não sei se terei ou não sete anos de tranquilidade. Talvez a ironia, talvez o humor tenham contribuído para isso. A ironia, ao ter experiência de personagem. O humor, ao alçar-me sobre as pequenas coisas da vida, que até há pouco consumiam minhas escassas forças. Mesmo não me encontrando no caminho de um ‘tornar-me cristão’, meu humor não está eivado de imoralismo.”

“Curioso: os sonhos parece que se foram. Não haverá lugar para os sonhos dentro desta minha tranquilidade? Será

que terei — se os astros (ora, os astros!) é que comandam — de viver afastado do mundo dos sonhos por sete longos (ou breves) anos? É o que tudo indica, pelo menos até que remodele inteiramente o mecanismo de meus sonhos.”

“Uma coisa é certa: preciso estudar. As descobertas para a frente devem estar na razão direta do estudo. É claro que isto não significará muita coisa no tocante ao meu próprio desenvolvimento, que depende mais de decisão do que de reflexão e estudo. É tempo de tranquilidade, nenhum problema a me preocupar — por que não estudar, então? Mas estudar o quê? Ou, melhor, que pretendo com esse estudo? Se soubesse o que pretendo, seria fácil saber o que devo estudar — desde que a cultura não significa o essencial, pelo menos para mim. O que poderia fazer seria estudar os filósofos da existência, para confrontá-los com a minha *Experiência de Personagem* e, assim, tocar para a frente. Agora que passaram de moda e que eu também passei (sem nunca ter chegado sequer a ser moda), poderei ler esta gente com a maior tranquilidade possível, isto é, sem ser atropelado por ninguém.”

“O que quero — e preciso — é de ampla liberdade para tudo (ler, estudar). Fui escravo de minha *Experiência de Personagem*. Agora, chega. Basta o trabalho estafante de ter de rever os escritos para publicação. Não quero mais saber de compromissos comigo mesmo — o pior de todos os compromissos, o mais escravizante de todos. Quero liberdade, liberdade! Liberdade plena, total. Quero todo o tempo para a minha Liberdade, antes de começar qualquer coisa nova. Quero apenas liberdade! Só esta poderá me compensar desses anos todos de uma total escravidão...”

“Há poucos dias, encontrei o prof. Wouck (sei lá como se escreve esse nome!), tendo a seu lado a Sra. Wouck, que eu não conhecia. Cumprimentei-os, disse-lhes algumas pa-

lavras — e me retirei. Agora, a Sra. Wouck que, na opinião de Ocyron Cunha, é uma grande psicóloga (parece-me que é professora de Psicologia), disse a este meu amigo que sou um homem de uma enorme paz interior, o que — por incrível que pareça — ela não se enganou.”

Nota: é evidente que foi essa tranquilidade que se refletiu profundamente em van Neutgen. Daí as páginas (duas apenas) que este pensou transcrever em anexo ao diálogo anterior, nas quais não pôde deixar de fazer algumas referências aos meus pontos de vista (o que eu disse no diálogo à margem do canteiro de pedras, naquela noite, deve ter repercutido bastante em suas colocações — apesar de toda a sua rebelião).

as duas páginas de van Neutgen

“Agora, ao repensar este diálogo, percebi que não devia ter deixado van der Lubbe dizer as últimas palavras. Admiro-me de que nenhum de nós três não tenha compreendido que *ele*, apesar de tudo, percorreu um longo caminho dentro do desespero e que, ao alcançar a maneira de ser, alcançou a sua própria transparência. Mesmo que não tivesse chegado à fé, a transparência não está ausente do que tem como a sua maneira de ser, ou o seu absoluto. É claro que, para os ‘verdadeiros cristãos’, o absoluto humano é a fé. Neste caso, não teria alcançado o seu absoluto humano, o que não quer significar que não alcançou a sua maneira de ser. E, quem verdadeiramente encontra a sua maneira de ser, descobre a sua transparência. Van der Lubbe poderia argumentar que *ele* percorreu um longo caminho dentro do desespero, num sentido meramente humano, sem qualquer referência religiosa. Que, assim, sua transparência não o levará a mergulhar no poder

que o criou. E que tudo foi dito nas palavras finais do diálogo, que nada mais seria necessário acrescentar e até que para um bom entendedor meia palavra basta. Van der Lubbe, pelo seu kierkegaardianismo excessivo, parece-me estar nos limites da loucura. Só um louco levaria alguém — e alguém como *ele*, que pensou ter encontrado a tranquilidade que precisava para poder prosseguir — a desesperar-se para, finalmente, se ainda for possível, vir a encontrar a sua transparência na fé ou, se quiserem, o seu absoluto humano, à maneira de León Bloy. Temo pela sorte dele. Meu coração dilacera-se só ao pensar no que poderá acontecer a este homem. *Ele* é humano, conseguiu humanizar-se assim como Branco Barros (o extraordinário personagem de Octavio de Faria, que conheci ao ler *O Retrato da Morte*). Sabe que é um homem como os outros e que era o orgulho que o perdia ao fazer da pureza de si mesmo um ‘deus’, ao ignorar o pecado, os desvios de sua própria condição, ao pretender fugir às contingências da espécie humana. Que- rer levá-lo, agora, pelas regiões do desespero é uma desuma- nidade, é uma ausência absoluta de coração, até de piedade cristã (por que não dizer?) — só porque descobriu que pode pecar como todos os homens, porque não é diferente deles. Temo pelo que poderá acontecer-lhe no caminho insensato que começa a percorrer. É contra isso que preciso trabalhar. Não poderei, agora mais do que nunca, abandoná-lo às lou- curas de van der Lubbe (e talvez de Sorte Peer). Sei que pre- ciso trabalhar com a maior urgência possível, antes que seja tarde demais. Não que me mova preocupação alguma de ten- tar ‘restabelecer’ a imagem, da qual se libertou. Mas conheço — ou acredito que conheço — a sua maneira de ser. Sei mais, que possui traços que só dominado pelo mais profundo deses- pero poderá renegar. Não deixar que se renegue a si mesmo, entregar-lhe palpitante de calor humano sua participação em

tantas vidas de todo o tempo, mantê-lo lúcido no tocante à sua maneira de ser e ao caminho percorrido (não ficarei aqui com a minha lanterna para iluminar o passado dele, se é noite no passado dele como em toda parte?). Posso ouvir a réplica de van der Lubbe dizendo-me que sua maneira de ser é que exigiu (para que *ele* não ficasse sem caminho) a colocação do grande Absoluta, que só este dará continuidade e sentido à vida dele, do começo ao fim e que eu, por certo, não satisfeito com tudo o que aconteceu, não passo hoje de um rebelado, de um descontente, ou coisa que o valha. Sim, van der Lubbe poderá dizer tudo o que quiser. Já não conseguirá enredar-me nas subtilezas de suas colocações. Não guardarei silêncio. Escreverei (acho que tenho o direito de escrever). Mesmo que tenha de deixar de ser ‘o originariamente informe’, mesmo que tenha de adquirir conhecimentos que hoje não possuo, mesmo que tenha de perder tempo com estudos, pesquisas no mundo dele — aconteça o que acontecer, escreverei. Por que só eu teria de deixar de escrever? Por que essa exclusão odiosa? Não, não posso admitir uma coisa dessas. Espero, sinceramente espero que não seja demasiadamente tarde! E se tiver que me tornar um anti-Kierkegaard, podem ter certeza que o farei. Como, também, um anti-Léon Bloy e todos os demais que pretendem, como van der Lubbe (e talvez Sorte Peer), levá-lo pelos ásperos caminhos do desespero...”

Van Neutgen, com toda certeza, não prestou a devida atenção a estes apontamentos que *ele* fez em seu *Diário*:

“Chega a ser engraçado (e, ao mesmo tempo, demoníaco). Agora, que venci o desespero, que consistia em querer ser eu mesmo, precisaria (e preciso desde já) vencer aquele outro, que consiste em querer ser diferente daquilo que se é. Kierke-

gaard sabia de tudo, com mais de um século na minha dianteira. Traçar um caminho para a frente, dentro da minha maneira de ser, sem chegar ao desespero de querer ser diferente do que sou, ou outro que não sou: eis o segredo!”

“Um homem que resolve começar aos quarenta e oito anos: começar o seu próprio caminho. Enquanto personagem, concluiu em sua maneira de ser — como prosseguir? Sem a religião, que pode lhe dar o mais elevado, se a tudo conseguiu, ao se descobrir em sua maneira de ser, no campo meramente humano? Pode criar, pode fazer o que quiser, não irá além do que foi (em sua condição ética). Aceitar uma missão qualquer não significa, neste caso, ir para a frente, ir além do que foi. Como prosseguir? A existência humana será tão limitada assim quando não se é religioso? Quando não se tende para Deus, ou não se decide por Cristo? Ser religioso ainda não é nada, talvez no máximo uma decisão pelo Cristo. E este é o paradoxo. Como podem os homens (e eu entre eles) satisfazer-se com o cotidiano? Isso é menosprezo a si mesmo, é atribuir pouquíssimo valor a si mesmo.”

“... Tendo decidido ser desta maneira que sou, parecia que não me restava outra alternativa senão deixar de escrever. Sentia-me como um ser acabado, concluso no tempo, perfeitamente modelado, sem mais nada para fazer em qualquer direção. Era estranho: no momento em que devia começar, pesava-me demais o fim da experiência anterior. A descoberta final, de que resultou o encerramento da experiência, deixou-me louco de alegria e, no entanto, a crise teve idêntica dimensão, pois, como prosseguir, como encontrar um ponto de partida, eufórico é pleno de mim mesmo me encontrava? Não podia me conformar em ‘lamber a cria’ (eu mesmo em minha maneira de ser, recém-descoberta e acei-

ta, mas ao mesmo tempo, e isso é terrível, chegava a pensar que era inteiramente diverso dos outros, que os princípios éticos e religiosos não traziam o meu endereço. Se era um ser à parte, de uma maneira de ser acentuadamente singular, por que me preocupar em prosseguir? Mas, eu também sabia que somente agora adquiria as condições para criar e criar-me, no sentido de minhas criações. E, para isso, teria de lutar com esses princípios. Se possível, modelá-los à minha maneira mas, em qualquer caso, lutar. Foi quando confessei ao Puppi que só uma experiência religiosa poderia me levar para a frente. Não sei se compreendeu bem o alcance do que eu lhe disse. Também não sei bem o que pensa de mim, neste momento de minha vida. Mostrei-lhe o que seria o esque- ma de um ensaio, mas em seguida compreendi que o ensaio era meramente retrospectivo, apesar do esforço para lançar uma linha para a frente, para fazer dele um ensaio pró-ten- sivo. Nesse momento, comecei a perceber que caía num poço e que o poço não tinha fundo. Quando pensava que tinha alcançado o fundo do poço, este mais se distanciava. Poderia ser fatal o choque, mas tratava-se de uma coisa que eu passara a querer mais do que tudo. Antes esborrachar-me do que continuar numa queda sem fim. Mas era preciso ir mais longe, cair ainda mais, cair até reencontrar aqueles a quem eu traíra, os únicos que poderiam me salvar.”

As linhas principais do problema, em resumo, são as seguintes:

1.^a — *Ele* adquiriu uma tranquilidade, mas não uma tranquilidade para a frente. Toda a tranquilidade dele é uma tranquilidade voltada para trás, para um problema que vinha de todo o seu passado e que, uma vez resolvido, dar-

-lhe-ia a exata colocação (e solução consequente) de tudo o que se passava com *ele*. Quando disse que adquiriu a tranquilidade necessária para poder prosseguir, não pretendeu anunciar, é claro, que prosseguiria dentro dessa tranquilidade. Esta não ultrapassou o momento da descoberta de que vivera uma experiência de personagem. Foi — é inútil querer negar — um momento de humana tranquilidade, mas não passou disso. Pretender fazer dessa tranquilidade uma plataforma de vida é tolher inclusive a liberdade que diz precisar para prosseguir.

2.^a — *Ele* compreendeu a terrível ironia de sua vida, ao apontar que venceu o desespero, que consistia em querer ser ele mesmo (coisa que van Neutgen viu muito bem, ao afirmar que *ele* percorreu um longo caminho dentro do desespero), mas que, apesar de tudo, o desespero persiste (mesmo um desespero de natureza inferior à do outro) e que é no sentido de uma destinação para o seu desespero que deve caminhar.

3.^a — Sua luta começa verdadeiramente no momento em que se diz não estar nas pegadas de Cristo e não conseguir preocupar-se com Cristo. Essa afirmação já denuncia, pelo menos, a colocação do problema religioso. O último apontamento é basicamente explícito a esse respeito. Quando constatou que precisaria lutar contra os princípios éticos e religiosos, descobriu, *ipso facto*, que só uma experiência religiosa poderia levá-lo para a frente. As condições para essa experiência foram lançadas ao descobrir que é um homem como os outros, que seu “si mesmo” não tem uma pureza fora e além de sua própria condição humana. Finalmente, convenceu-se de que não é um “deus” e nem um “monstro”.

4.^a — Só não prosseguiu logo ao descobrir a sua maneira de ser porque não sabia como prosseguir. Seu *Diário* é claríssimo a esse respeito. Há uma série de tentativas feitas todas nesse sentido. Essas tentativas foram simplesmente superadas. Era preciso, como *ele* mesmo diz, que viesse a cair num poço, talvez num “suicídio” querido e pretendido, esperando que alguém não deixasse de salvá-lo. Muitos “suicidas” procedem exatamente assim. São artistas do suicídio, nada mais. *Ele* esperava, em sua queda, que nós voltássemos. E nós voltamos — inclusive para tirá-lo do poço onde continuava a cair.

5.^a — Por outra parte, devo esclarecer — eu, que conheço todos os momentos de sua vida — que os apontamentos de seu *Diário* não apresentam uma linha única de desenvolvimento. É claro que isso sucedeu porque já nos queria de volta e procurava, mesmo inconscientemente, atrair-nos. Há notas que redigiu por causa de cada um de nós (van Neutgen, Sorte Peer e eu), notas que sabia que viríamos a aproveitar, coisa que, por certo, agora nesta caminhada que começou a empreender, não sucederá mais. Estou certo de que, se vier a fazer qualquer tipo de apontamento (à maneira de *Diário*), daqui para a frente, só o fará por minha causa.

Esclarecidos esses pontos, como medida prévia para os meus próprios comentários, vou começar por um novo diálogo (indireto, é claro) com van Neutgen (procedimento que este usou com bastante correção — é verdade). Sou de opinião que a inclusão das páginas de van Neutgen no caderno vermelho mostra que não estava lá muito convencido de sua necessidade essencial, enquanto “palavras finais” ao diálogo. Aceito, sem dúvida, a rebelião de van Neutgen. Esta me parece justificada. Como aceito, também, sua disposição de escre-

ver, no sentido daquela participação em tantas vidas de todo o tempo. Queira ou não queira, van Neutgen continuará sempre “o originariamente informe” — no mesmo sentido em que Nietzsche o foi. Nietzsche (o único, talvez), de quem van Neutgen há de precisar. Mas, que van Neutgen não se iluda: o caminho dele não teve fim ao pé do canteiro de flores agrestes!

O problema da transparência

Não fosse destruir toda e qualquer ponte entre van Neutgen e eu mesmo, lançaria contra meu nobre opositor (não contra *ele*, pois os apontamentos de seu *Diário* são anteriores à sua partida) a frase de León Bloy: “... Não se pode ser um ‘si mesmo’ senão voltando ao estado que precedeu a Queda.” Sei, contudo, que van Neutgen poderia não silenciar nem mesmo diante disso que me parece um ponto final numa conversa. Para ele, essas palavras não passariam de um desafio a mais, no sentido em que não chegou sequer (van Neutgen não usaria este “sequer”) a conhecer a Queda. Que, ao se descobrir existindo (o que corresponderia, em termos religiosos, a sair de seu estado de inocência, coisa que van Neutgen certamente não admite), *ele* projetou uma imagem de si mesmo, que foi fiel a essa imagem e que só chegou a um conhecimento verdadeiro de si mesmo no momento em que descobriu sua maneira de ser, mas que descobriu esta sua maneira de ser ainda num estado de inocência, anterior à Queda. Que viveu no Paraíso e que, ao contrário dos outros homens, não precisou “pecar” para “mergulhar no poder que criou”, pois que sempre esteve mergulhado nesse poder, nunca emergiu, para vir a se colocar frente a frente com Deus.

Esta, a meu ver, a maneira que van Neutgen encontraria para explicar o caso *dele* à luz das palavras de León Bloy.

Nesse sentido, van Neutgen não chegaria a ser um anti-Bloy, como diz que virá a ser, se for necessário. De minha parte, acho muito estranha essa colocação, pois Kierkegaard, ao se referir ao mergulho do homem no poder que o criou não tinha nenhum propósito panteísta, como a frase fora do texto onde se encontra parece indicar. Achar também que *ele* só foi imagem durante toda sua vida (dos oito aos quarenta e sete) é excluir um elemento essencial (a própria realidade *dele*), que examinou em seu *Tratado do presente exclusivo*. E não sei mesmo se van Neutgen chegaria ao absurdo de acreditar que era a imagem que constituía o “si mesmo” *dele*. Talvez aqui o pensamento de van Neutgen coincidiria com o *dele*, quando *ele* diz que a personagem não existe — é. Para expressar uma experiência, deve-se levá-la do plano real para o campo do possível e, neste, tudo é, não existe. Sem pretender repetir o que coloquei no diálogo daquela noite, não posso deixar de deixar de dizer que *ele* existiu — só que (nas palavras *dele*) sua existência foi um grande, um enorme silêncio. Mas, que existiu, existiu. E existindo, não pode não ter deixado a inocência para trás — porque, como todos os homens, mergulhou no pecado (problema que teve de colocar para poder prosseguir).

Já que van Neutgen não guardaria silêncio diante da frase de Bloy, à qual não se oporia (marginalizando-a), gostaria de examiná-la um pouco, antes de continuar este comentário. Se a frase é verdadeira, seria duas vezes noite. Noite no homem, mergulhado na noite do Absoluto. Noite do homem porque, por mais que este se esforçasse, por mais que quisesse, por mais que se descobrisse, jamais encontraria o estado que precedeu a Queda. Encontraria estados de paz e repouso em Deus, mas uma paz e um repouso que deveriam ser conquistados a todo momento, sem um instante sequer de paz e repouso (nos quais pudesse repousar o seu espírito). De nada

adianta todo o conhecimento. Este jamais servirá ao homem, no sentido de conhecer o seu “si mesmo”, porque este deixou de ser. Daí possivelmente os desvios todos, acentuados principalmente neste século, que pretende ser o século das luzes. E aqueles, como *ele*, que trabalham no sentido do conhecimento próprio, chegarão ao fim de sua vida convencidos de que, por mais que tiverem feito, não conseguiram sequer “abrir uma janela” para o conhecimento do homem. Pior, ainda, quando sabemos que existe outra noite, a noite do Absoluto, da qual se poder dizer que “nenhuma treva atinge a metade da treva”, desta treva e desta noite (a do Absoluto) e que o homem, que sente um horror natural de andar nas trevas, deve sentir — é claro — um horror infinito de encontrar-se na noite do Absoluto. Sentindo a noite dentro de si, por ter perdido (e tendo consciência disso) o seu “si mesmo”, o homem apegar-se a tudo o que a vida lhe oferece, para não ter que colocar o problema (que horror se o homem não tivesse nada a que apegar-se, nem sequer uma tábua de salvação) de seu “si mesmo”. Mas não era evidentemente sobre isso (este é um problema que *ele* mesmo deverá colocar, de uma maneira ou de outra, não me cabendo adiantar-me demais, senão...) que eu queria falar. Volto ao tema que me levou a tecer o pensamento. Van Neutgen precipitou-se um pouco ao fazer aquela referência a León Bloy. É evidente que se precipitou!

Sim, van Neutgen tem razão quando diz que *ele* percorreu um longo caminho dentro do desespero. Isso é incontestável. Qualquer um pode ver (por que não van Neutgen?). Só não admito que *ele* tenha alcançado a sua própria transparência. Num momento anterior da vida *dele*, van Neutgen poderia ter dito uma coisa dessas. Quando *ele* julgou que a filosofia romântica da natureza e panteísmo encontram-se exatamente aqui — no mergulho do homem no poder que

o criou (para usarmos, com este sentido, a frase de Kierkegaard). Ninguém pode duvidar que *ele* alcançou a sua maneira de ser. Mas essa transparência, não tendo se realizado no momento oportuno, agora não terá mais razão de ser, a não ser em termos cristãos. A maneira de ser é uma condição para que a transparência tenha lugar. Maneira de ser e transparência não podem ser misturadas. Van Neutgen talvez compreenda assim, ao dizer que quem encontra a sua maneira de ser encontra a sua transparência. Contudo, essa transparência implica um ato de vontade. O homem pode chegar à sua maneira de ser, mesmo sem o querer (foi o caso *dele*). Mas não pode, é evidente, chegar à sua transparência sem o querer. A vontade é uma condição *sine qua* da transparência. A maneira de ser, por sua própria natureza, é opaca. Não se pode dissecá-la, examiná-la, porque, ao se proceder assim, esta deixará de ser, decomposta em seus elementos. Isso, inclusive, impossibilita a transparência, que só poder ter lugar na totalidade da maneira de ser de cada um (a não ser que alguém prefira a pseudotransparência da psicanálise). Ao querer essa transparência, o homem não a quererá para conhecer-se (pois que já alcançou a sua maneira de ser e pretender chegar a ela uma segunda vez é simplesmente absurdo), mas para alcançar sua última finalidade — a de seu mergulho em Deus (mas um “Deus” cristão, jamais panteísta, pois, nesse último caso, o homem não teria senão percorrido um segmento de seu longo caminho sobre a terra). Daí a presença da fé, como essa transparência — quando a vontade intervém à guisa de fator determinante.

Seria insensato, assim (não sei mesmo o que teria levado van Neutgen a pensar numa coisa dessas), que *ele* viesse a se renegar (e que não se confunda renegação com renúncia) a si mesmo. Caso isso acontecesse, teria sido inútil toda sua

experiência anterior quando, ao contrário, esta assume uma importância considerável — pois se trata de uma experiência para ser reduplicada. É claro que cabe a van Neutgen e não a mim, nem a Sorte Peer, entregar a *ele*, “palpitante de calor humano, sua participação em tantas vidas de todo o tempo”. Este é um problema que concerne apenas a van Neutgen, a van Neutgen e a mais ninguém. O que van Neutgen não pode, não tem mesmo o direito, é de misturar as coisas, esquecido de que a vida *dele* só terá sentido, do começo ao fim, quando *ele* der o salto da fé (se é que neste momento já não deu o salto da fé e vive incógnito no meio de toda gente...).

Outras páginas do *Diário*

Nota: Apenas para que não se percam, pois não as considero essenciais, publico aqui as outras notas de seu *Diário* (em sua maioria, sonhos). Não se deve esquecer que, a partir de um certo momento, *ele* deixou de sonhar, bem como de fazer apontamentos meramente de circunstância.

“Encontrava-me com o Nery, com o Jurandir e outros. Só percebi que estava com eles no momento em que nos separamos. Na minha frente, uma escada de pedra, estreita e quase a pino. Ao pé da escada, uma bilheteria. ‘Nós daremos a volta, é mais fácil’ — disse o Nery. A frase, se bem que ouvida por mim, não parecia dirigida a ninguém. Alcancei a bilheteria. Custava cinco cruzeiros a entrada ou o direito de subir pela escada de pedra. Não que eu estranhasse o fato de ter de pagar entrada — em todo caso um dos bilheteiros (havia três bilheterias, colocadas uma ao lado da outra), bem como um dos homens que estavam à minha frente, procuraram explicar: ‘Quem cobra é a maçonaria, mas como ela não pode divulgar onde aplica o dinheiro ou as obras que faz — tudo

é segredo’. Separei uma nota de vinte cruzeiros (era mesmo uma nota só), estendi-a ao bilheteiro e disse: ‘Não quero troco. Faço questão de pagar mais.’ E subi pela escada de pedra. Devo ter subido, pelo menos, pois, quando percebi, estava na rua de uma pequena e antiga cidade. E em ruas e casas desta pequena e antiga cidade, vivi um drama puramente humano — iniciado, talvez, ao pé da escada.”

“Um sonho do mês anterior. Era um foguete de São João e a ele coube dar o sinal (para o lançamento do foguete). E sobreveio o repouso, um longo e duradouro repouso. Ela — que ele não sabia quem era — estendida, tranquila, tranqüilíssima em seu repouso. Neste momento, começou a perseguição: ele e ela estavam sendo perseguidos. Ao pararem, para tomar fôlego, à frente de um teatro, uma moça fazia o papel da outra, da que fugia. Esta se dirigiu àquela, denunciou-a, desmascarou-a... Mas, a perseguição continuou. Ele esqueceu-se dela, por momentos. Ouviu gritos atrás de um muro. Era ela que estava sendo assassinada. Ele saltou. Com os pés esmagou os assassinos. E fugiu, agora inteiramente só em sua fuga. De repente, pôs-se a gritar, para que todo o mundo o ouvisse: ‘Ela morreu por seu ideal!’ ”

“Frases de Martins Buber (a propósito de Heidegger), que poderiam ter sido escritas sobre a minha experiência, na hipótese de que eu não tivesse um caminho para a frente (ou de que não tivesse feito apenas — vistas as coisas de um ângulo otimista — uma propedêutica ao indivíduo de K.): 1.^a — ‘Entende (Heidegger) por existência um ente que possui uma relação com seu próprio ser e uma compreensão deste ser.’ 2.^a — ‘... não abre (o homem de Heidegger) ao outro seu ser, senão que lhe presta sua ajuda. Tampouco espera realmente nenhuma reciprocidade. Apenas, se a deseja, mete-se, como se pudéssemos dizer assim, com o outro, mas não quer

que o outro não se meta com ele.’ 3.^a — ‘É certo também que a muitos se lhes oferece no curso de sua vida uma possibilidade, que não cumprem existencialmente.’ 4.^a — ‘Certamente que a criança aprende a dizer tu antes de pronunciar o eu. Porém, nas alturas da existência pessoal, deve-se poder dizer verdadeiramente ‘eu’, para poder experimentar o mistério do ‘tu’, em toda a sua verdade.’ 5.^o — ‘Da consideração da existência ou de ‘si mesmo’, enquanto tais, não resulta mais do que o conceito e o perfil de um ser espiritual quase espectral, que se é certo que têm os conteúdos corporais de seus sentimentos fundamentais, de sua angústia no mundo, de sua preocupação existencial, de sua culpa primária, os têm, sem embargo, numa forma nada corporal, estranha a todo o corporal.’ ”

“Uma banda de música e eu passando a banda em revista. Não a sentia como a bandinha de minha chegada à terra natal. Andando de certa maneira — meu cuidado todo, eu o colocara em minha maneira de andar, diferente a cada vez que repetia os mesmos gestos, isto é, a revista — passava em revista a banda, como se fossem soldados (mas os músicos não eram soldados), alcançava um oficial (sei lá quem era o oficial) e este me pedia para agradecer ao regente da banda, e eu voltava sobre meus passos e agradecia ao regente da banda. Repeti isso dezenas de vezes. E eu preocupado apenas com a minha maneira de andar.”

“Não seria inteiramente sincero se tivesse usado como epígrafe ao ensaio *A Resposta do Ser* as seguintes palavras de Kierkegaard: ‘Para chegar a amar, tive de afastar o objeto.’ ”

“... Mas o revólver caiu em minhas mãos. E comecei a atirar. Ao invés de balas, o revólver lançava jatos de água. Quando já dera cabo dos guardas, vi um homem (um gigante) que, sem fazer caso de nada, sentado a uma mesa, escrevia um livro (e escrevia com grande celeridade). Quis eliminar

esse homem, mas contra ele nada puderam os jatos de água, que acabaram apenas molhando as folhas de papel.”

“Se não se aceitar a ironia e o humor, segundo a colocação de K., a relação entre eles estaria invertida: o humor não passaria de uma aceitação imperturbável do imoralismo, enquanto a ironia significaria o desprezo do imoralismo e, por conseguinte, mais alta do que o humor.”

“Sim, por que não dar a meus escritos (até 1967) o título geral de *Ser e Imagem*? Menos sugestivo do que o outro (*Experiência de Personagem*), seria menos verdadeiro? Não creio. A verdade, porém, é que não expressa exatamente o momento de minha experiência, em que me descobri na condição de personagem. Por outra parte, pareceria que ando atrás de um paralelismo com outros títulos que, apesar de tudo, vem de cima para baixo, não refletindo uma experiência inteiramente singular.”

“Desolado, ele saiu. Cruzou a rua, passou num caminho por entre pedras em declive e foi à praia. Dois meninos começaram a persegui-lo. Correu. Sabia que os meninos o alcançariam na subida por entre as pedras. Havia uma pequena ponte. Os meninos — ele não soube como — emborcaram a ponte. Mas ele pôde passar antes que a ponte emborcasse.”

“Voltar-se para o passado assume um aspecto de profundidade. Contudo, se a profundidade só se encontra em nós mesmos e não em algo exterior, ao nos voltarmos para o passado, meramente passamos por nós como num mergulho para sairmos um pouco além, em termos de extensão, nunca de profundidade. A ilusão reside nesse mergulho. É como se permanecêssemos no mais profundo de nós mesmos quando apenas passamos por nós. O que levamos com esse mergulho (para o passado relembado) é o estado afetivo que mantém uma profundidade apenas ilusória. A profundidade, se é falsa

no tocante ao passado, não deixa de ser verdadeira no tocante ao futuro. Tudo depende de nós. Tudo encontra-se em nós mesmos. Mergulhamos em nós para ficarmos adstritos a nós. O futuro não tem extensão. Possui profundidade, verdadeira profundidade. Aquele que se volta para o passado, procede como se olhasse sua imagem num espelho. Tem uma ilusão de profundidade. Aquele que se volta para o futuro, avança com toda sua maneira de ser.”

A cruz e a mulher

POR
SORTE PEER

Luzes de postes de luz elétrica perturbavam seus olhos, mas ele podia ver muito bem. Lá no alto estava a cruz. Pequenas casas de madeira testemunharam o seu primeiro passo e os outros como consequência do primeiro. As portas e as janelas estavam fechadas. Era impossível refugiar-se numa dessas casas. Também tentar escalar uma janela. Se o fizesse, ninguém o compreenderia. Como compreender que fugia da cruz? Que não queria ir até a cruz? Que preferia ficar no leito aquecido de alguma daquelas casas, com alguém a seu lado, longe, bem longe da cruz? Não poderia dizer propriamente que ele caminhava. Melhor seria dizer que as casas passavam lentamente, uma após outra, na flarda ao sopé do morro. Viu alguém, ou a sombra de alguém, rente à parede lateral de uma casa. Gostaria de saber o que fazia esse alguém, rente à parede lateral de uma casa. Gostaria de saber o que fazia esse alguém, qual o motivo que o levava a proteger-se da luz de um poste de luz elétrica, mas a casa e esse alguém acabaram ficando para trás. Queria manter a maior seriedade possível e não o conseguia. Fez de conta que aquelas casas não tinham paredes a proteger o segredo dos homens e pilhou-os nas situações as mais ridículas, todos dormindo, não obstante alguns pensassem estar acordados. Assim, perdendo e voltando a encontrar toda a sua seriedade, passou a última casa, ficou para trás a última cerca. Em sua frente, lá no alto, apenas as luzes da cruz. Parou, voltou-se... gostaria que ninguém o visse visto em sua caminhada para a cruz, como aquele alguém ou aquela sombra. Mas poderia (por que não?) fazer exatamente aquilo que alguém ou aquela sombra procurava fazer, se o alvo era uma mulher e não a cruz. Foi por saber que era feito do mesmo barro, que trazia como os outros o estigma de ser homem, a mesma natureza corrupta, que decidiu ir à cruz. Voltou-se e recomeçou a andar. Pensou que nada mais havia

de perturbá-lo. Nem casas, nem cercas, nem postes de luz elétrica. Pensou estar liberto de todo e qualquer acidente capaz de distraí-lo. “Sim, é a cruz que procuro, a cruz que eu quero. Não a cruz como paisagem. Quero a cruz como o meu único absoluto.” Alguns passos mais e não chegava até ele a luz do último poste de luz elétrica. A rua apertou-se numa estrada. Havia macegas nos dois lados da estrada. Os calhaus deviam ter crescido na noite. Pisou nos calhaus. Topou neles. Não era fácil andar na estrada que sobe o morro. Mas prosseguia, aos tropeços, prosseguia. O suor transpassou-lhe a camisa. “Por que a cruz e não um copo de chope bem gelado?” Sentiu doer-lhe o pé esquerdo. Queria descansar. Acho que precisava descansar. Com o lenço enxugou o suor que lhe escorria da fronte. Mas não parou. Era preciso andar, andar, subir o morro, alcançar a cruz. Não sabia exatamente por quê, mas prosseguia. Queria levar sua decisão até o fim. Talvez na cruz encontrasse a resposta que procurava. Longe, lá no alto, estava a cruz. No esforço para ver onde pisava, perdeu de vista a cruz, com suas luzes... Encontrava-se a meio do caminho. O morro tornava-se cada vez mais íngreme. De súbito, acenderam-se os faróis de um carro, ao lado da estrada. “Que ótimo, pensou, se fosse eu a estar sentado naquele carro.” Quis aproximar-se. Deu dois passos nesta direção, mas desistiu. Como saber a recepção que teria? E se o julgassem um salteador? Ele prosseguiu. Viu que outro carro acendeu suas luzes, um pouco mais adiante. Era um sinal, bem que o percebeu. Enganara-se, não podiam ser casais de namorados. Era algo diferente, mas como saber o quê? Quando se aproximou de outro carro, seus olhos se fecharam a um jato de luz. Alguém lhe perguntou:

— Que quer aqui? — Ele ficou indeciso. Finalmente, respondeu:

— Eu, nada. Estou indo para a cruz.

— Para onde?

— Para a cruz.

Outro homem aproximou-se. Vinha, com toda a certeza, do primeiro carro. O perguntador explicou:

— Não parece um marginal. Diz que vai para a cruz. Não acha melhor levá-lo diretamente ao chefe? Isso não está me cheirando bem.

O segundo concordou. Fizeram-no entrar num carro, que percebeu tratar-se de um carro da polícia. O trajeto da descida do morro foi feito em silêncio. Achavam os tiras, sem dúvida, muito estranho tudo aquilo, para arriscar um palpite.

Feito o relato da detenção, começou um curioso diálogo entre o chefe e o homem que buscava a cruz.

— Seus documentos, por favor.

— Pois não. Ei-los aqui!

O chefe examinou os documentos sem maior interesse. Era claro que aquele homem não podia deixar de ter seus documentos em ordem.

— O senhor não sabe que o morro está infestado de marginais?

— Ouvi dizer.

— Os carros da polícia estavam lá para uma batida.

— Quer dizer que corro perigo em meu caminho para a cruz?

— Corre perigo e muito.

— Mas eu preciso ir à cruz.

— Por que não deixa para ir lá durante o dia? E por que ir a pé? Até onde se encontravam os nossos carros, o senhor pode ir de automóvel. Não precisa ir necessariamente a pé, a não ser nos últimos trezentos metros.

— É uma decisão e preciso cumpri-la. Se não for agora, nunca mais irei.

— Vi, pela sua carteira de identidade, que o senhor não é daqui. Veio a esta cidade só para subir o morro? Ou procura alguém?

— Não, não procuro ninguém. Tenho só um parente aqui, o seu superior, o grande chefe.

— Como?...

— É casado com uma de minhas primas.

— Verdade. Agora relacionei os nomes. O senhor vai ao morro por motivos religiosos?

— Mais ou menos isso. Ou, melhor, estou um pouco aquém do religioso. Vou porque decidi ir. Talvez que lá na cruz...

— O senhor não me leve a mal, mas gostaria de convidá-lo para um chope. Depois poderá retomar seu caminho. Mandarei um carro levá-lo onde o apanharam.

— Com muito prazer.

Sentados à mesa do bar, o diálogo prosseguiu:

— Se o senhor não tivesse dito o contrário, eu o julgaria um homem essencialmente religioso.

— Sempre me julguei diferente dos outros. Para sintetizar tudo numa frase: jamais aceitei que os mandamentos também trouxessem o meu endereço.

— E agora se convenceu do contrário?

— Claro. Sei que tenho uma natureza corrupta, como a de todos os homens. Compreendi que as mulheres podem me fazer perder a cabeça.

— Mas isso é da nossa condição. Somos todos iguais.

— Não discuto isso. Mas também não me conformo. Acredito que a cruz pode dar um sentido à minha existência. Não digo que me liberte de uma vez por todas do problema, mas que se eu aceitar, encontrarei forças para resistir. Ou, ao menos, para uma verdadeira colocação do problema, como seria mais correto dizer.

— Não é preciso tanto. Alguns princípios morais...
— Mas, alicerçado em quê?
— Na vontade de não errar. Não fica bem para um homem como o senhor ou mesmo para mim.

— Não, não é suficiente. A gente erra. Por que não dizer: peca? Mesmo não querendo pecar. Está vendo aquelas moças, uma de vestido verde e outra de vestido cor de rosa? Pois agora não sei se preferiria conversar com elas ou ir à cruz. Não. Devo ir à cruz e vou à cruz.

— Conheço aquelas moças. Por que não as convida para irem com o senhor? É possível que tenham o mesmo problema.

— Não, preciso ir só.

— Concorde que eu as convide para se sentarem aqui conosco?

— Por que não?

— O chefe trouxe as moças para a mesa deles. Fez as apresentações. A conversa se distribuiu pelos quatro. Contudo, foi ele que começou, explicando:

— Estamos comemorando a minha detenção.

— Como? — foi a pergunta das moças a uma só voz.

— Detenção?

— Acabo de ser detido.

O chefe resolveu explicar:

— Não chegou a ser uma detenção. Este senhor foi encontrado subindo o morro da cruz e trazido ao plantão. É primo do grande chefe.

— Já o conheço — disse a moça de vestido verde. — O senhor é escritor, não?

A moça de vestido cor de rosa impacientou-se:

— No morro da cruz, mas como, por quê? E justamente à noite?

O chefe falou:

— Descobriu que é um pecador como qualquer um de nós, como vocês, como eu, mas que para ser um verdadeiro pecador precisa de um ponto de referência que ainda não tem.

— E a cruz é esse ponto de referência, não é? — perguntou a moça de vestido verde.

— Lá de cima a gente pode ver uma paisagem belíssima, principalmente à noite. O senhor estava a pé? — perguntou a moça de vestido cor de rosa.

Foi o chefe que respondeu:

— A pé e não tinha lanterna.

— Mas não é possível. — disse a mesma moça.

— É possível, como não? — retrucou a moça de vestido verde. — Como não? — e voltando-se para ele, acrescentou: — Em que ponto o senhor estava?

— Disseram-me que estava no ponto final, isto é, onde se pode chegar de carro.

— Aí eu também estive à noite. Mas nunca mais voltei. Começaram a atirar pedras contra nós.

— Foi o que eu disse a ele. — comentou o chefe — para continuar. — É um perigo enorme o caminho da cruz. Aquilo lá está infestado de marginais.

— E agora, o senhor vai voltar lá? — perguntou a moça de vestido cor de rosa.

— Claro que vou. Só que retomarei o caminho exatamente no lugar onde me detiveram.

— Estranho! — exclamou a moça de vestido verde.

— O senhor vai para lá em seguida? — perguntou a moça de vestido cor de rosa.

— Assim que terminar este chope.

— Bem, nós vamos andando... — disseram as duas moças ao mesmo tempo.

Quinze minutos depois e, apesar das recomendações do chefe para que não voltasse, o carro da polícia deixou-o no mesmo lugar em que o tinham detido. Só lentamente seus olhos habituaram-se ao escuro. Durante esse tempo e, enquanto o carro se afastava, esperou. Pareceu-lhe ter vivido aquela ida à cidade como num sonho em seu caminho para a cruz. Deu alguns passos, ao mesmo tempo em que procurava divisar o caminho que o levaria à cruz. Sim, alguém lhe dissera que dali para a frente só existe um caminho. É estreito o caminho, mas discernível, cortado que é entre as macegas. Pisando com grande cuidado, prosseguiu. A poucos passos em sua frente, divisou uma sombra. Um homem? Uma mulher? Quem seria? Mas não parou, não recuou, simplesmente prosseguiu. Não queria pensar, recusava-se a pensar, se começasse a pensar sua imaginação daria dimensões fantásticas àquilo que, no momento, não era suficiente para caracterizar o medo. De súbito, reconheceu:

— Você, aqui?

Era a moça do vestido verde.

Ele perguntou:

— Mas, por quê?

— Não sei bem por quê. Curiosidade, talvez. Ou solidariedade, ou simpatia, não sei.

— Você veio só?

— Não. Minha amiga está ali no carro com o namorado.

— Mas não percebo coisa alguma.

— Ali atrás daquela sombra. É uma pedra enorme, sabe?

— Acho que você não devia ter vindo.

— Fui indiscreta?

— Não, não se trata disso.

— De quê, então?

— Não sei. Decidi ir à cruz e quero verdadeiramente ir à cruz. Mas, ao mesmo tempo, você está no meu caminho para a cruz. Se, ao menos, eu soubesse o que você quer de mim.

— Tudo e nada, ao mesmo tempo.

— Não entendo.

— Você está — não está? — convencido de que tem uma natureza corrupta e vai à cruz em busca de redenção. Eu também estou convencida disso. Não sou diferente de você. Por que não nos amarmos no caminho para a cruz? Prometo que o deixarei livre, desde que você...

— Pode dizer. Não gosto de reticências.

— Desde que você mergulhe seu corpo no meu.

— Isto é, desde que eu a possua. Mas, por quê?

— Porque se você me possuir será diferente. Não será como os outros, meramente um corpo.

— Não consigo atinar.

— Você está querendo... Vou explicar, como se você não soubesse. Pelo menos assim não poderá fugir. O amor precisa de atmosfera. Por que a música, as bebidas, as decorações? senão por isso? Mas nada disso consegue substituir a verdadeira atmosfera do amor, que é o pecado. Por que você acha que os maridos traem suas mulheres e estas aos maridos, senão para encontrarem a verdadeira atmosfera do amor, que é o pecado? Com isso, conseguem um simulacro do pecado, mas para eles é o suficiente.

— Mas eu não tenho certeza disso.

— De quê? Não entendi bem.

— Do pecado.

— A incerteza, nesse caso, é uma quase certeza.

— Para mim, não. Ou, melhor, não acho que seja sufi-

ciente. Vou à cruz exatamente por isso. Se estivesse convencido de que sou um pecador, não precisaria ir à cruz.

— Tenho certeza de que você não é sincero ao procurar fugir de mim.

— Por favor!

— Será que você ainda virá a ter um momento como esse em toda a sua vida? Depois, você poderá prosseguir. Prometo não acompanhá-lo.

— Não, por favor. Para mim, você é simplesmente um obstáculo em meu caminho para a cruz.

O ruído de uma pedra batendo na lataria do carro fez com que a moça se lançasse nos braços dele. Enquanto a afastava, ele disse:

— Não, não é possível. Falarei com você amanhã.

— Você ouviu este ruído?

— Ouvi, sim. Por quê? Ficou assustada?

— Talvez você não acredite, mas é isso que me preocupa agora. Esse ruído é um aviso. Há alguém que avisa a gente que vem amar-se aqui. Daqui por diante é perigoso permanecer no morro.

— Como é que você sabe?

— Dizem que é a filha de um salteador que sempre avisa os casais de namorados para que se retirem. Se permanecem, pode acontecer o pior. Olha, o carro tem os faroletes acesos. Preciso ir embora. Venha comigo.

— Sinto muito, mas não irei.

— Mas você pode ser assaltado, roubado, assassinado.

— Quero, pelo menos uma vez na minha vida, levar uma decisão até o fim.

— Sim, compreendo. Seria absurdo se não compreendesse. Então, adeus!

A moça de vestido verde desapareceu rapidamente na

noite. Logo após, o carro movimentou-se. Ele reencontrou a caminhada. Ia depressa. Não queria que nada lhe sucedesse antes de alcançar a cruz. Pouco mais tarde, todo suado, mas tranquilo, chegou a um descampado, parcamente iluminado pelas luzes da cruz. Bastaria que subisse uma elevação de uns cinquenta metros nas rochas e estaria aos pés da cruz.

Voltou-se e sentou-se, a descansar. Em suas costas, a cruz. Lá embaixo, as luzes da cidade. Sentiu uma espécie de letargia. Talvez efeito dos chopes que tomara com o chefe. Viu algumas sombras que se aproximavam. Virou-se para a cruz. Não queria ver ninguém. Tinha os olhos fixos na cruz. Desapareceram as pessoas. Respirou, aliviado. Levantou-se. Queria continuar, alcançar a cruz. Alguém se aproximou dele. Era uma moça e falou:

— Meu pai mandou chamá-lo.

— Quem?

— Meu pai quer falar com o senhor.

— Comigo? Mas por quê?

— É assunto dele. Acho melhor o senhor não contrariá-lo.

— Eu não tenho nada que falar com seu pai. Meu objetivo é a cruz. Só por isso estou aqui.

— Você está nos domínios do meu pai e lhe deve obediência.

— Eu?

— Sim, o senhor logo compreenderá. Talvez ele lhe deixe ir à cruz.

— Mas não é possível.

— Olhe... O senhor quer ir à cruz, não quer?

— Claro que quero!

— Então, vá primeiro à presença de meu pai. Ele está esperando o senhor.

— Que coisa estranha!

— Nada de estranho. O chefe não lhe falou dos marginais que vivem aqui no morro?

— Falou, por quê?

— Nós somos os marginais a que se referiu. É melhor obedecer ao meu pai.

— Está bem. Se é preciso ir a seu pai para poder chegar à cruz, irei a seu pai.

— Ótimo! É bem melhor assim. Venha atrás de mim.

A moça o conduziu por um caminho ao lado da elevação onde se encontrava a cruz até o outro lado do morro. Emitiu uns sons iguais aos de uma coruja chiando. Neste momento, abriu-se o que lhe pareceu uma porta e ele foi introduzido numa espécie de caverna grande, espaçosa. Um homem, tipo de caboclo, alto, forte, barba crescida, aproximou-se deles e falou:

— Sente-se, faça o favor.

— Obrigado. Mas, por quê?

— Deixe as perguntas para depois. Vou lhe explicar, sem que seja preciso perguntar-me por que está aqui. Em seguida, resolveremos o nosso assunto.

— Nosso assunto?

— Sim, temos um assunto em comum, como você verá daqui a pouco. Mas, como queria dizer-lhe, você está aqui porque desmoralizou a polícia. Vieram para nos apanhar e acabaram levando você. É claro que têm medo de nós, mas não deixam de incomodar. Às vezes, há entre eles um ou outro um pouco mais decidido. Eu estava a três passos de você quando o apanharam. Ouvi o que você disse. Mais tarde, vi quando vocês voltaram e a conversa que teve com aquela moça. Simpatizei com você.

— Pena que eu ainda não possa dizer o mesmo.

— Não importa. Como você sabe, dizem que somos marginais. Está certo que digam. Mas não somos salteadores. Se o fôssemos, já teríamos assaltado muita gente aqui, principalmente os namorados que vêm esconder-se. Simplesmente os assustamos, jogando-lhes pedras. Sabemos que são marginais como nós. Já que têm de esconder seu amor, ou que precisam encontrar um refúgio, um esconderijo, é porque são marginais como nós. Por que haveríamos de matá-los? Mas não é por isso...

— Por que é, então?

— Porque você veio apenas por causa da cruz. Filha, traga um café para o moço.

— Não, obrigado. — disse ele.

— Tome um café. Não temos nada de melhor para oferecer-lhe.

— Está bem, tomarei o café. Mas, qual é o assunto que você quer tratar comigo?

— Precisamos de um parlamento.

— Parlamento? Não compreendo.

— Sim. O problema é o seguinte. Você levará ao grande chefe a nossa palavra de que não incomodaremos ninguém, mas também não queremos que a polícia nos incomode.

— Mas isso é chantagem. Não posso fazer uma coisa dessas, pois nem sequer o conheço.

— Você não está querendo entender.

Neste momento, abriu-se a porta e entrou alguém. A notícia fora comunicada: a polícia voltou. Apagaram a lâmparina. Todos saíram, menos ele e a moça. Esta começou a falar-lhe:

— Por que é que o senhor disse que é chantagem?

— Seu pai sabe que quero ir à cruz. E está impondo condições para que me deixe ir à cruz, só isso. É ou não é chantagem?

— Mas meu pai não tem ninguém que possa fazer o que lhe pediu. E não pode ir porque poderá ser preso.

— Bem, eu quero ir à cruz e não aceito condições de qualquer espécie. Depois, pode ser. Pode ser que trate do assunto de seu pai. Não antes de ir à cruz. De maneira alguma!

— É que o senhor não conhece a história de meu pai.

— Isso não muda nada.

— Não sei. Se o senhor soubesse que ele, como o senhor, veio certo dia à cruz para pagar uma promessa. Que se deixou ficar aqui durante uma parte da noite e que, ao voltar, quase foi preso. Alguém fora encontrado morto. Aí meu pai explicou quem era e o que estava fazendo aqui...

— O caso de seu pai é diferente do meu. Não vim aqui para pagar nenhuma promessa.

— Por que veio, então?

— Não sei exatamente por quê. Seria muito difícil explicar.

A moça fez um movimento e ele sentiu o seu hálito morno no rosto. Algo mais forte do que sua decisão de ir à cruz tomou conta dele. Com os braços alcançou o corpo da moça.

— Não sei quem é você, não quero saber.

— Eu também não. Mas você quer ir à cruz, não quer?

— Não sei, não sei o que quero. Acho que o que eu quero mesmo é você.

— Meu pai pode não entender.

— Pouco importa que ele entenda ou não!

— Oh!...

Neste momento, abriu-se a porta e alguém falou:

— Precisamos amarrá-lo. Pegaram o patrão. Agora, temos de trocar ele pelo patrão. Eles estão esperando. Depressa. Vamos tirar-lhe o casaco e a camisa e amarrar as mãos dele atrás do corpo.

A moça disse baixinho para que só ele a ouvisse:

— Volte aqui, sim?

Ele respondeu:

— Não, não voltarei.

Ele foi levado para fora. Passaram pelas rochas e alcançaram o descampado. Aí se encontravam os marginais e as autoridades. Quem falou em primeiro lugar foi o caboclo:

— Aqui está, seu chefe. Solte-me e não acontecerá nada a ele. Um pelo outro.

— Está bem. Pode ir, mas isso não fica assim.

O chefe voltou-se para ele e falou:

— O grande chefe está aí. Quer falar-lhe.

— Diga-lhe que nada tenho a tratar com ele.

— Mas o senhor não pode fazer isso. Ele veio aqui só por sua causa.

— Está bem. Onde é que está?

Sentado, um pouco à margem, encontrava-se o grande chefe. Parecia alheio a tudo aquilo. Ele se aproximou. Perguntou:

— O que é que você quer comigo?

— Eu, nada.

— O chefe disse que você quer falar comigo.

— Queria. Agora, não quero. Tenho a impressão que entendi.

— Entendeu o quê?

— O que você quer fazer. Acho que ninguém tem o direito de incomodá-lo. Desculpe-me.

— Mas, como?

— Não tem “como” algum. Se tivesse feito o que você está querendo fazer, minha vida teria tomado outra direção. Pode ir, obrigado!

— Está bem! Quando eu voltar, quero falar a você sobre essa gente.

— Acho que não é preciso. O velho falou, contou tudo. Pode ir.

— Obrigado.

O grande chefe e seus homens começaram a descer o morro em busca de seus carros. Ele ficou outra vez só.

Sentindo o frescor da noite, lembrou-se que estava sem paletó e sem camisa. Tomou, por isso, o caminho que levava à caverna. A moça, que já esperava por ele, fez com que entrasse.

— Aqui estão suas roupas. — disse-lhe o velho. E continuou: — Peço-lhe que nos desculpe. Mandeí que lhe tirassem o casaco e a camisa para que você voltasse aqui.

— Mas não tenho nada para fazer aqui. Vim apenas porque fui forçado a isso. Em caso contrário, não teria vindo.

— Você parece estar prevenido contra nós.

— É possível. Estou prevenido contra tudo e contra todos os que se tornam um obstáculo em meu caminho para a cruz.

— Também a minha filha?

— Também. Ela, um obstáculo pior do que os outros.

— Ela lhe fez alguma coisa?

— Não, não é ela, mas a mim mesmo que eu temo. Temo extraviar-me com as mulheres que estão entre mim e a cruz.

— Você sabe resistir mais do que os outros. Isso já é muito, não acha?

— É muito, mas não é nada.

— Ela me disse que irá à cruz com você. Quer mostrar-lhe o caminho. Não é fácil como você pode estar pensando.

A moça estendeu-lhe o paletó e a camisa.

— Vista-se que começa a refrescar. Aqui no morro sempre refresca um pouco durante a madrugada.

— Está bem, obrigado.

Logo após, saíram juntos. Passaram por entre as rochas e foram para o descampado. Nesse momento, ele se sentia tão longe da cruz, como se estivesse lá embaixo na cidade e a cruz aqui em cima no morro. Fez um enorme esforço para reencontrar o estado anterior, o de sua primeira estada na caverna.

— Está ouvindo? — perguntou-lhe a moça.

— Estou. De onde vem?

— A única coisa que eu sei é que vem da cidade. Todos nós somos tomados por uma coisa estranha quando ouvimos esta batucada. Meu pai diz que é o demônio.

— Você também?

— Por que não? Sou igual aos outros. Você não sente que a batucada começa a envolver a cruz? Que há um sentimento mágico, um misticismo do pecado indiscernível do misticismo da cruz?

— Como é que você sabe dessas coisas?

— Sei porque sou mulher.

— Mas, e as palavras que explicam, como é que você as conhece?

— Meu pai é um homem muito rico. Eu estudei.

— Mas por que é que vocês vivem aqui?

— Já lhe disse.

— Vocês, então, não são marginais?

— Foram os outros que disseram que somos marginais. Meu pai achou que ficava bem assim. Que era uma maneira de os outros se relacionarem conosco. Se dissesse que vivia aqui por causa da cruz, alguém entenderia?

— Não sei. É possível que alguém entendesse.

— Alguém, excepcionalmente, o que só confirma a regra.

— Sinceramente, não entendo.

— Logo você!?

— Seu pai é um santo, um fanático? Afinal de contas, o que é?

— Nada disso. Mas você devia entender muito bem. Você também não veio à procura da cruz?

— Mas não vim pagar nenhuma promessa. Vim para ver se consigo dar o salto, se passo para o mundo da fé.

— Você não é cristão?

— Não, não sou. E como pecar não sendo cristão? Mas esta batucada me leva para o mundo dos deuses. Parece-me que estão presentes aqui.

— Foi o que eu quis dizer a você.

— Às vezes, tenho a impressão de que meu pai não é cristão. Acho que acredita em Deus, tem fé em Deus, mas ignora o Cristo.

— E você?

— Eu... eu gostaria de seguir o Cristo, mas não sei. Não posso renunciar à carne que está em mim. Você sentiu isso, não sentiu? Você é como eu, não é?

— Só os que sentem isso podem ser cristãos. Foi por isso que eu vim.

— Aquela moça que estava com você também é assim, não é?

— Claro que é, em parte.

— Por que é que insistiu tanto em se entregar a você?

— Talvez contagiada pelo meu desespero.

— Você, um desesperado? Não parece. Você é até tranquilo demais.

— Tranquilo só exteriormente. Esta batucada não cessa nunca? É assim todas as noites?

— Não, nem sempre. Mas quando começam só param ao clarear do dia. Noite ruim esta que você escolhe para vir à cruz.

— Começo a sentir um estranho amolecimento em meu corpo. Talvez seja o cansaço, talvez o relaxamento depois de tudo o que me aconteceu.

— Deite sua cabeça em meu colo. Eu o acordarei logo mais. Não se preocupe.

Ele dormiu. Teve um sono profundo, sem sonhos, sem sobressaltos, sem nada que o perturbasse. Ao acordar, estranhou que alguém estivesse a alisar-lhe os cabelos.

— Ah! É você.

— Já ia acordá-lo. Deve ser mais de três horas.

— E a batucada continua.

— Sim, continua.

— E eu preciso ir à cruz enquanto é tempo. Não, já nem sei mesmo se quero ir à cruz.

— Sim, você quer. Não, também eu começo a duvidar. Por que é que você tinha de vir à cruz necessariamente à noite?

— Para significar a noite de meu ser.

— Não haverá também uma outra noite?

— Sim, há. É a noite do Absoluto. E eu tenho de me extraviar, de me perder na noite desse Absoluto. Por isso, não vou — não vou, sim, não vou à cruz!

— Que será de você se trair sua decisão?

— Você quer viver comigo?

— Assim, de repente? Espere o dia para fazer qualquer proposta. Essa ideia não resistirá à luz do sol. A convivência sempre é muito mais difícil do que a gente imagina, antes de conviver. Como mulher, estou começando a acreditar que você armou toda essa história de sua vinda ao morro...

— Talvez.

— E que você já tinha me visto e sabia de tudo a meu respeito. Não é verdade?

— Já não sei o que é e o que não é verdade. Estou perdido, perdido!

— Só porque sou uma pecadora que vive aos pés da cruz.

— Por favor!

— É. Não lhe resta senão pecar se só o pecado poderá salvá-lo.

Jogos da solução de continuidade (1.º jogo)

POR
VAN NEUTGEN

Meu caro van der Lubbe,

Sei que é noite no passado *dele*, como em toda parte. Só não acredito que minha lanterna, de luz fraca e mortiça, possa clarear um longo passado de rara profundidade. Não pense que estou me rebelando. Nem é este o momento conveniente para rebelar-me. O momento passou, deixei-o passar, naquela noite em que nos encontramos à margem deste cantinho. Logo após a partida de vocês, compreendi que o problema não se limitava a uma questão de mais ou menos luz para que se possa ver, ver e entender, mas todo um complexo problema de integração. Como, assim, integrar o passado *dele* no caminho que começa a percorrer? Este o problema principal, além de outros colaterais, mas também significativos, como o da aceitação de alguns mestres do pensamento religioso, que não correspondem, salvo melhor juízo, à maneira de ser *dele*. Ocorrem-me, no momento, os nomes de Kierkegaard e León Bloy que, pelo que tudo indica, muito mal virão a fazer a este homem. É lamentável que não tenha compreendido — se tivesse compreendido, é certo que teria me rebelado na hora exata — que isso fatalmente viria a suceder quando você se referiu à necessidade da angústia e do desespero, como condições prévias para o novo caminho *dele*. Sei que este problema não apresenta a essencialidade do outro — o da integração — mas inquieto-me só ao pensar no que poderá suceder-lhe. E, depois, não me parece correto levar alguém a desesperar-se para chegar a Deus. Será esse o único caminho? Agora, que tenho todo o tempo para meditar, começo a convencer-me de que o caminho mais correto para *ele*, o caminho que melhor corresponderia à sua maneira de ser, seria o caminho da mística. O caminho de São Francisco, por exemplo. Há uma grande semelhança — e você não pode negar — entre o cami-

nho do santo e o *dele* antes de partir para esta nova experiência. A diferença consistiu em que *ele* se despojou de tudo, não por motivos religiosos, mas para se limitar ao essencial, isto é, ao seu próprio existir. O que o santo fez por Deus, *ele* o fez por *ele* mesmo. Mas, observe bem, como condição para poder chegar a Deus. Pelo menos, essa seria a conclusão natural do caminho *dele*, sem violências, sem atropelos (uso expressões dele). Da maneira como você e Sorte Peer vêm colocando a experiência presente, não poderá resultar em nada de bom. Vocês devem ter isso em mente. Vou procurar mostrar com alguns jogos (nada tendo para fazer aqui onde me encontro, aprendi a jogar) que tudo, em condições normais, sem ser levado por ninguém, o conduziria à mística. A relação entre os jogos e a mística pode não ficar muito clara, mas isso também faz parte do jogo. Para facilitar a compreensão, dividirei cada jogo em dois tempos. Um, em que apresento as condições requeridas para isso e no qual, também, o jogo se mostra difuso, e o outro, em que tudo toma forma, arredonda-se.

1.º Tempo

Era uma noite quente e ele resolveu sair. Gostava muito de andar, de andar habitualmente só. Era comum sair sem destino certo. Evitava apenas os lugares onde havia gente. Não se sentia bem ao ter de falar, de participar de conversas, conversas que, em geral, só lhe faziam mal. Preferia não conversar. Se tivesse um amigo, ou um companheiro, não deixaria de participar a esse amigo, ou companheiro, seus mais cruciais problemas. Nessa noite, estando inteiramente só, resolveu andar, como de hábito, inteiramente só. Seguiu, a passo lento, por ruas que julgava conhecer melhor do que ninguém. Casas, ruas, postes de luz elétrica, que conhecia em todos os

seus detalhes, tal a sintonia que, nessas caminhadas, surgia entre ele e as coisas. O seu jogo, se é que se pode falar de jogo neste caso específico, consistia em humanizar as coisas. E descobrir em todas elas os traços que os homens vão deixando em tudo. Se passava por uma escada roída pelo tempo, julgava ver as marcas dos pés que tinham subido por aquela escada, por quanto tempo? Impossível saber, como era impossível saber, também, onde estariam agora aqueles pés. Regressava para casa, muitas vezes, com um problema desses a preocupá-lo. Os que não o conheciam pensavam, por certo, que estava em qualquer parte da cidade com alguma mulher. Puro engano! Também nessa noite, entregara-se a seu jogo. Quem saberá, no futuro, quando esta rua estiver coberta pelo calçamento, como ela, na realidade, foi? Quem conhecerá seu verdadeiro ser? Ninguém. A não ser ele, ninguém mais teria conhecimento, em tempo algum, do verdadeiro ser daquela rua. Parou à frente de uma casa em ruínas. Sim, se tivesse ouvido de ouvir o passado, poderia conhecer o drama que se desenrolara dentro daquela casa. Aproximou-se, colou a orelha esquerda à parede frontal das ruínas e esperou. Foram apenas os ruídos da noite os que ouviu. Que poderia esperar de uma parede frontal a não ser os ruídos exteriores? Assim compreendendo, resolveu entrar. Passou o quê, noutro tempo, fora a porta principal e mergulhou nas trevas. Pisando com enorme cuidado, não só para não tropeçar e cair, como para não espantar as aves noturnas, alcançou uma parede divisória. Nesta, encostou novamente a orelha esquerda. Neste momento, talvez alarmados com o movimento que fez, corujas e bacurais soltaram seus gritos roucos de ave agourenta. Era melhor desistir. Deixou as ruínas e continuou a andar. Durante horas, andou. Não saberia dizer quanto tempo, pois para ele o tempo só tinha uma dimensão — a do passado. Num local

mais escuro, percebeu os trilhos do trem. Ao invés de cruzá-los, meteu-se pelos trilhos. Sim, ele não tinha rumo. Por que não seguir, assim, o rumo dos trilhos do trem? Finalmente, sentou-se na ponta de um dormente, com as pernas caídas no barranco. Mergulhou o rosto nas mãos, os cotovelos apoiados nas coxas. Um jogo novo, diferente, um jogo ao qual não estava habituado, um jogo decisivo talvez, tomou conta dele.

2.º tempo

Lembro-me muito bem daquela noite — a noite do nosso primeiro encontro e do que eu te disse (mas foi só o que eu te disse!), enquanto estávamos sentados à margem dos trilhos do trem. É verdade, não sei escrever. Quando escrevo, quero ficar nos limites do meu real, das coisas simples da vida, que é a minha vida (como a tua) mas... não sei o quê — como poderia saber? — toma conta de mim e me leva a um outro mundo, inteiramente diverso do meu, ou pelo menos daquele em que estou vivendo. Não é um mundo romântico, não. É um mundo crepuscular, no qual mergulho, sempre que me sento para escrever. Minha professora de português costumava dizer que eu não sabia escrever, que me perdia nos temas os mais simples, ou que fazia de um tema outro completamente diferente. Reconheço que isso é verdade. Não sei escrever. E não fosse teres insistido tanto nas três cartas que me remeteste (por que tanta insistência?) por certo que não escreveria. Se não tivesse sido tão egoísta, não precisaria escrever agora. (Olha, vou tentar ser simples como tu, nas coisas que escreves!).

Lembro-me muito bem: estava parada nos trilhos, vendo a noite ou não vendo simplesmente nada, quando chegaste, também vindo da noite. Não senti a menor surpresa. Pare-

ceu-me naquele momento que eu esperava por ti, que aquele encontro teria lugar mais cedo ou mais tarde. Vê só! Já estou repetindo aquilo que me disseste. Mas foi exatamente isso o que eu senti quando, aproximando-te de mim, puseste a mão em meu ombro e disseste: “Tinha certeza que estavas esperando por mim.” Não havia a menor surpresa em tuas palavras, como não houve a menor surpresa em mim. É que também eu te esperava. Continuaste: “Não sei por quê, eu sabia.” Quando, lá pelas onze horas da noite, deixara o meu quarto, estava certa de que aquela seria a grande noite de minha vida (como as outras que esperam sua noite nupcial, eu esperava por aquela noite: a noite nupcial do meu espírito). E começamos a andar. Andamos em silêncio durante algum tempo, até que resolvemos nos sentar à margem dos trilhos do trem.

Logo que nos sentamos, não pude deixar de pedir-te: “Conta tudo o que sabes de meu pai”. E falaste a noite toda. Eu me limitei a ouvir. Poderia, é claro, ter falado de mim, de minha vida. Assim, não precisaria escrever. Fui egoísta. Mas, não sei. Acho que se o nosso encontro daquela noite viesse a se repetir, eu procederia da mesma forma. Não falaria de mim. Queria apenas ouvir de meu pai.

Eu tinha chegado à cidade. Hospedara-me num hotel lá na Avenida. Deram-me um quarto com sacada para a frente. Eu não podia dormir. Estava no lugar onde minha mãe tinha vivido, onde meu pai possivelmente ainda vivia (meu pai não chegou nunca a saber de minha existência como também nunca conheci minha mãe: ela permaneceu na casa de sua irmã apenas o tempo de me dar à luz). Inquieta, não podia dormir. Era madrugada. Saí para a sacada. A noite era uma daquelas noites pesadas, que precedem tempestades. Quando me debrucei na sacada, vi alguém que passava: um homem alto, esquelético, movendo-se a custo. Parecia ter milhares de

quilos nos pés. Era talvez o seu passado, toda a sua vida que arrastava andando naquela calçada. Na mesma hora, tive um pressentimento: aquele homem era meu pai. Não sei como me contive, como não gritei, como não saltei da sacada para a rua. E ele passou. Se ainda tivesse forças para erguer a cabeça, teria me visto acompanhando-o com os olhos até vê-lo desaparecer na esquina mais próxima.

Não sei quantos minutos após chegou a tempestade. Quinze minutos, meia hora, uma hora. Sinceramente, não sei dizê-lo. Só percebi a chuva e o vento quando já estava toda molhada, e a água da chuva, bastante fria, reintegrou-me em mim mesma. Troquei de roupa e voltei para a cama. Dormi — uma resolução firmada em meu espírito. A primeira coisa que faria, no dia seguinte, seria procurar meu pai. Estou certa de quê, tendo um espírito gêmeo do meu, compreenderás (embora não saibas, como também não sei, como nascem em meu espírito estas certezas, trazidas quem sabe lá de que profundezas de todo o meu ser) a verdade dessas coisas simples, mas absurdas, ilógicas, como essa de saber que aquele homem era meu pai, sem tê-lo visto jamais, nem sequer em fotografias. Quando falaste de meu pai, naquela noite, falaste como se tudo tivesse sido disposto assim desde o começo dos tempos, a vida de meu pai, por isso, não podendo ser diferente do que foi. Uma vida conduzida talvez por uma interioridade de direção única, exclusiva — um destino que é recebido e feito destino na própria carne (não sei explicar precisamente o que pretendo explicar, mas parece-me que é assim: que tinha um destino traçado desde sempre e que aceitou esse destino, que fez desse destino o seu destino e que se não o tivesse feito, aquele destino exterior continuaria solto por aí como um fantasma à procura de uma vida onde realizar-se) —, assim deve ter sido a vida de meu pai, pelo menos da maneira con-

sequente com que me contaste tudo (não, esta carta não é para repetir tuas palavras, mas, ao proceder desse modo, parece que engato meu ser no teu ser e que parto contigo para a minha própria realização).

Na manhã seguinte, saí à procura de meu pai. Mas não queria me dar a conhecer (até hoje ninguém sabe quem sou). E, pior, quando perguntava pelo nome de meu pai, indicavam-me sempre a casa de teus pais. Passei o dia todo nessa procura ansiosa, até que, à tardinha, ao perguntar a um operário que passava por mim, informou-me este que meu pai morava numa casa no Triângulo. Já era noite quando alcancei esse bairro e, logo após, a casa.

— É aqui que mora o senhor Cristiano?

— É. — respondeu uma velha mulher. — A dona Arminda, que deves conhecer. — Só que ele morreu.

— Morreu?

— Morreu, sim. Meu marido encontrou-o caído aqui após a tempestade desta noite. A tempestade arrancou algumas telhas de nossa casa, sabe? — e ele teve que pegar a escada que estava aqui encostada na cerca.

— Onde é que ele está?

— Na capela do hospital. Quando Roberto — um sobrinho dele, não sei se você conhece — o levou, ele ainda estava com vida. Morreu, lá no hospital.

— Onde é que fica o hospital?

— No outro lado da cidade. É fácil de achar. Eu lhe explico.

Quando entrei na capela do hospital, acalmaram-se os meus receios. Só estava lá o capelão. Os demais tinham saído. Teus irmãos haviam deixado a capela, naquele instante. Assim, enquanto o padre rezava o terço, pude ficar contemplando o rosto esquelético de meu pai. Os cabelos ralos deixavam

à mostra uma testa larga e alta. As covas fundas das faces e o nariz aquilino denunciavam o tipo de espírito que fora o espírito dele. As sombras do rosto de meu pai cresciam no crepúsculo que habitava a capela. Pelos meus cálculos, meu pai não poderia ter mais de cinquenta anos, mas o homem que ali estava parecia ter ultrapassado a casa dos setenta. Curioso, eu não sentia nada, absolutamente nada, diante de seu corpo vestido de preto, para todo o sempre. Não exagerei ao dizer que sentia uma certa curiosidade, curiosidade e estranheza diante da vida. Aquele homem fora a paixão de minha mãe. Esta chegara, inclusive, a desfazer um noivado porque se entregara toda ao amor de meu pai. E morreria pela fidelidade a esse amor. Num certo momento, chamou-me atenção a semelhança dos traços de meu pai com os teus traços. Dos traços principais, é claro, a vida tendo sido menos ingrata contigo do que o foi para com ele. Um pouco mais tarde, retirei-me, com o receio de que teus irmãos voltassem e viessem a preocupar-se comigo, coisa que não queria em absoluto que acontecesse.

No cemitério, à espera do enterro de meu pai, fiquei olhando os túmulos. Talvez, talvez pudesse encontrar o túmulo de minha mãe. Logo, porém, ao falar com o zelador, este me desiludiu. Os ossos de minha mãe tinham passado à vala comum, pois seus familiares haviam deixado a cidade sem adquirir o terreno. Fui à vala comum, onde acendi uma vela em memória de minha mãe. Neste momento, chegava ao cemitério o féretro de meu pai. Mais tarde, quando já todos tinham partido, fui ao seu túmulo. E eu que continuava a não sentir nada, nada! Que estaria acontecendo comigo? Tornar-me insensível, será? Desencantada comigo mesma, com uma vontade louca de desaparecer dali, de ir embora para um lugar qualquer, longe de tudo e de todos, deixei o cemitério.

À tarde, voltei à casa de dona Arminda, onde meu pai vivera seus últimos anos. Só saía para ir à casa de teu pai (se soubessem como todos gostam de teu pai!), ou para andar, quase sempre à noite, pelas ruas desertas da cidade. Dona Arminda admirou-se (e muito) quando lhe pedi que me alugasse o quarto que fora de meu pai. Tivemos de esperar pela chegada de seu marido, que só deixava o serviço às seis horas. Tudo acertado, a noite já me encontrou instalada. Dona Arminda ficou de procurar Roberto para que este viesse buscar os pertences do morto: poucas roupas usadas, uma velha mala, sapatos também velhos e uma pasta com alguns papéis.

Foi assim que, na mesma data em que meu pai foi sepultado, pude instalar-me em seu refúgio de tantos anos. Após o jantar com dona Arminda e seu marido, a quem expliquei minha intenção de lecionar num grupo escolar (dona Arminda sugeriu-me que fosse procurar o grupo escolar onde tua irmã Julia é diretora) e minha vontade de ficar hospedada ali o maior tempo possível, pois não tinha pais, só parentes que moravam numa cidade longe — retirei-me para o quarto disposta a descobrir entre os papéis de meu pai, alguns ou mesmo todos os segredos de sua vida. Minha decepção, no entanto, foi total. Nada, mas nada mesmo encontrei que pudesse esclarecer alguma coisa. A pasta continha apenas calendários antigos, uma dúzia de páginas rasgadas de uma Bíblia, outras páginas soltas de livros desconhecidos, uma folha de caderno, com alguns nomes e números. Encontrei, também, uma fotografia de meu pai. Fotografia talvez bastante recente, pois não diferenciava muito daquele que eu vira morto. Não encontrei nenhuma carta de minha mãe. Sim, dias após, tu me contarias que as cartas tinham existido — duas cartas apenas que minha mãe escreveu a meu pai enquanto este se en-

contrava no hospício (mas ele não era louco, como me disseste muito acertadamente) —, mas que essas cartas tinham sido destruídas. Assim, teria mesmo que começar tudo do ponto em que estava.

No dia seguinte, fui falar com Julia (que belo caráter tem esta minha prima) e ela ficou de acertar um lugar para mim, como contratada. Pediu-me apenas que voltasse na próxima semana. Gostei muito dela, sabes? Ela me pareceu enérgica, serena, tranquila. Hoje, que conheço teu pai, acho que Julia tem o caráter de teu pai. Ema pareceu-me muito sentimental, muito tímida, mas uma grande alma. Quando te encontrei (ou me encontraste, não sei) naquela noite, fazia uma semana já que eu lecionava e não tinha ido adiante, um passo sequer, no conhecimento total da história da minha mãe. Não fosse teres dito, eu não saberia como chegar à casa onde minha mãe nascera, crescera e fora assassinada.

Quem me abriu a porta foi uma velha mulher. Antes que perguntasse o que eu queria, fui logo dizendo:

— Sou parente dos antigos moradores desta casa. Será que a senhora não poderia me dizer onde é que estão morando agora?

— Não, não sei. Mas você é parente deles? Ah! Sim, você é muito parecida com Maria Katu!

— Muito. Nós éramos vizinhos. Foi meu marido que comprou a casa deles, quando foram embora.

— Para onde foram? A senhora sabe?

— Foram para um lugar no Paraná. Não me lembro do nome.

— Não existe nenhum parente deles por aqui?

— Não. A única é você mesma. Espere um pouco. Tem uma família um pouco longe daqui, a do compadre deles. O padrinho de Maria Katu ainda é vivo, sabe?

— Quem é ele? A senhora conhece?

— Claro que conheço. Ele teve um insulto cerebral, faz tempo. Vive numa cadeira de rodas. Disseram que foi ele que matou Maria Katu. Queria se passar com ela. Mas ela gostava de outro homem — gente lá do centro.

— A senhora, então, sabe de tudo?

— Tudo, não, minha filha. Sei o que todo mundo sabe. Maria Katu era a única filha. Ficou noiva de um moço rico. Depois, chegou outro. Ela desmanchou o noivado e ficou com esse outro. Contam que teve uma filha desse outro. Na casa da irmã dela, lá em Santa Catarina. Quando ela voltou, e como o seu amante estava doente (não sei de quê), o padrinho dela quis se passar com ela. Ela repeliu-o. Este a ameaçou de morte. Ela contou ao padre que estava sendo ameaçada. E, numa noite, uma bala entrou pela janela aberta e acabou com ela. Isso é tudo. Mas nem sei por que é que estou dizendo isso. Talvez você saiba isso melhor do que eu. É parente dela, não é? E é tão parecida com a Maria Katu! Quase poderia dizer que é filha dela!

— Onde é que posso encontrar o padrinho dela? A senhora sabe?

— Sei, sim. Está no Abrigo dos Velhos. É lá que você poderá encontrá-lo.

Coisa curiosa! De repente, sem esperar, conhecia toda a história de minha mãe. Faltava-me só uma coisa. Conhecer o padrinho dela (o único participante da história que ainda existia) — o homem que, por certo, coisa que já ninguém tinha receio de falar (o que não era nada demais, pois estava entrevado), a assassinar. Deixei que alguns dias se passassem até que resolvi, num sábado à tarde, dar uma chegada ao Abrigo dos Velhos. Lamentavelmente, porém, esquecera-me de perguntar o nome do homem que mata-

ra minha mãe. Mesmo assim, iria. Não seria muito difícil encontrá-lo.

Passsei pelo portão e segui por uma alameda. Segui lentamente. Não tinha pressa alguma. Já — no mais profundo do meu ser — não sentia nenhuma necessidade de desvendar o véu de mistério que encobrira a história da morte de minha mãe. Ia ao Abrigo dos Velhos, como poderia não ir. Sentia-me tão bem integrada em minha vida de todos os dias, era tão grande a minha segurança (segurança que aumentava à medida que o tempo passava), que não achava sequer uma justificativa mais para querer saber uma história, além do que sabia. Na minha frente, um pátio enorme. Nos fundos, um prédio. Pessoas que se aqueciam ao sol, sentadas na grama verde, em bancos e cadeiras. Numa cadeira de rodas, um homem. Fui me aproximando lentamente. Meus passos levavam-me na direção da cadeira de rodas. Na direção do padrinho e, ao mesmo tempo, assassino de minha mãe. De repente, à distância de uns dez passos desse homem, ele começou a contorcer-se e a gritar. Parecia um verdadeiro possesso. Quanto mais me aproximava, mais ele gritava e fazia gestos desesperados. Nesse instante, lembrei-me do que aquela mulher me dissera: eu era muito parecida com Maria Katu. Não estaria ele me vendo como se eu fosse o fantasma de minha mãe? Uma luta terrível tomou conta de mim. Uma parte de meu ser me mandava prosseguir. Outra, mandava-me regressar. Nessa luta, eu parei. O homem caiu para um lado. Estava morto.

O pecado em tempo maduro

POR
VAN DER LUBBE

Era um homem tranquilo. Quase que poderia dizer que era um homem tranquilíssimo e não seria exagero. Os que conhecem o seu caminho não deixarão de concordar comigo. Primeiro, tornara-se em homem e, posteriormente, descobrira a sua maneira de ser. Quem não se tranquiliza infinitamente ao chegar ao ponto em que *ele* chegou? Se, nesse momento, tivesse querido tornar-se alguma coisa e não mais um homem sem *plus*, teria se tornado naturalmente essa alguma coisa, como, por exemplo, literato, filósofo e não sei o que mais. Mas não queria tornar-se nada, queria continuar sendo apenas *ele* mesmo e mais nada, queria permanecer em sua terra de ninguém. Mas, também, não queria ficar sem caminho: uma paz enorme sem finalidade alguma, uma imensa paz antropológica. Por não ter querido ficar sem caminho, por ter pretendido continuar até engatar na finalidade última de sua vida, foi que perdeu essa paz e essa tranquilidade. Perdeu, sim. Perdeu, mas encontrou-se com o seu próprio vir a ser, enquanto finalidade e sentido últimos de sua vida toda.

1.º movimento

Era uma noite quente. Havia ruídos de insetos na mata e, muito ao longe, ruídos que lhe chegavam de qualquer parte, talvez do rio, talvez da cidade distante, talvez da própria noite. Levantou-se da cadeira em que estivera sentado. Algo estranho, um sentimento talvez, talvez uma necessidade ancestral, talvez um anseio indefinido tomara conta dele. Preso às coisas, à terra, sem poder destacar-se delas — como se dentro delas sonhasse a sua sensualidade. Mergulhado na noite até a medula dos ossos, talvez não passasse de uma coisa como as outras, indiscernível, indistinguível. Deixou a varanda e começou a andar na relva úmida de orvalho. Tomou um cami-

nho e começou a andar por esse caminho como alguém que fizesse parte do próprio caminho. Às vezes, acentuavam-se os ruídos, como ondas que passassem por ele, para irem morrer lá dentro da mata, de onde tinham surgido. Uma música melancólica, quase poderia dizer de uma nota só, tomou conta dele sem que pudesse saber de que profundidades de seu ser surgira essa música. E ele começou a trauteá-la em surdina — um ruído a mais naquela noite feita de ruídos longínquos. Ele não desafinava. Por mais estranho que possa parecer, não desafinava. Era a seu ouvido interior que obedecia. Do interior dele mesmo ou da mata, ou das coisas, ou do próprio ruído. Tristeza, nostalgia — nostalgia da natureza, tristeza coincidente com a origem das coisas. Uma angústia objetiva, talvez, pairando, cobrindo o seu mundo e ele mesmo mergulhado nessa angústia. Seu cavalo estava a esperá-lo, encilhado, a cabeça inclinada. Dormia, com toda a certeza, o cavalo. Despertar o cavalo, que fazer se não despertar o cavalo? Despertá-lo sem susto, para que sua presença não viesse a se tornar agressiva naquela noite em si mesma mergulhada. Desamarrou as rédeas. Mas por que deixara encilhado o cavalo? Esquecera-se simplesmente, ou era sua intenção sair a cavalo naquela noite quente? Mas sair para onde, para fazer o quê? Esperava alguma coisa, esperava e não sabia? Não, melhor será dizer que se esquecera do cavalo, depois encilhá-lo. Mas ele, com toda a certeza, suspeitava de alguma coisa. Em sua quietude tranquila, talvez um reflexo, um pálido e suave reflexo de uma coisa nova a tomar conta dele. Se naquele momento, viesse a dialogar com uma mulher, o diálogo seria este:

— O que é que há com você?

— Nada!

— Você parece mergulhado num sonho. Não vê que estou aqui?

— Perdão, eu...
— Outra mulher?
— Não sei.
— Não sabe o quê?
— Não sei o que sucede comigo. Parece que tenho os olhos fechados.

— Isso eu sei. Que mais?
— Que gostaria de abri-los.
— Que é isso, homem? Faça alguma coisa!
— Fazer o quê?
— Despertar, ou deixar de sonhar, o que é a mesma coisa.

— Mas, como? De que maneira?
— Vendo que eu estou aqui. Você me parece um cego.
— E se eu for um cego?
— Mas você não é um cego.
— Talvez meu espírito ainda não tenha despertado.
— Espírito? Tem graça! Não estou aqui para falar dessas coisas.

— Está aqui para falar de quê?
— Bem, chega de perder tempo. Você não passa de uma longínqua esperança.

2.º movimento

Quando ele montou, o cavalo ergueu a cabeça, dilatou as narinas. Para todas as direções abriram-se as narinas do cavalo. Havia como que um desejo pairando na noite, nos ruídos da noite. Um desejo sem objeto claro, definido. Um desejo apenas procurando. Ele e cavalo comportavam-se em uníssono. Não, nenhuma necessidade de dar de rédeas para conduzir o cavalo. E tocaram pelo caminho do sítio. O vento

começou a soprar, mas era um vento morno, suave. Um ruído a mais nos ruídos da noite, apenas destacando-se dos outros ruídos. A sensualidade dele situou-se no vento, ou nos ruídos do vento a farfalhar de leve nas folhas das árvores, ou simplesmente nos ruídos da noite. A passo seguia o cavalo e ele montado no cavalo. Como saber para onde se dirigia? E se pedisse uma resposta ao vento? Pedir uma resposta ao vento — uma resposta da direção a tomar — ou esperar que a resposta viesse dele mesmo, não, nenhuma diferença. O vento passando, ou ele mesmo passando, recusava-se a responder. Nem sua consciência voltada para todas as direções tinha clareza suficiente para descobrir o próprio caminho. Alcançou a porteira. Inclinou-se lateralmente e soltou a taramela. E tocou por um caminho que descia para a estrada à margem do rio. O bater cadenciado dos cascos do cavalo destacava-se, mais duro do que os outros ruídos. Varou um riacho de águas paradas, águas mornas, e alcançou a estrada. Pouco mais além, uma casa. Não haveria moças naquela casa? É claro que havia. Mas onde estariam? Em seus leitos aquecidos? Ou esperariam por alguém, por alguém como ele, que chegasse vindo da noite? Começou a assobiar uma música que tomou conta dele. Queria que a melodia alcançasse o leito das moças. Queria chegar até elas, dizer-lhes que um homem estava lá fora na noite, um homem procurando. Um guaieca começou a latir. Oh! que agressividade nos latidos do cão! Não suportava uma coisa dessas. E foi adiante assobiando a sua melodia. Contudo, se uma moça de qualquer uma das casas por onde passou assobiando viesse a dialogar com ele, o diálogo seria este:

- Era a mim que você procurava?
- Não sei.
- Como, não sei?
- Parece que é você, mas tenho dúvidas.

— Deixe de fazer graça!

— Não estou fazendo graça alguma. Não sei mesmo se é você.

— Quem é, então?

— Também não sei. Não tenho certeza.

— Ora, bobagem. Tem de ser eu.

— Mas pode ser outra.

— Quem?

— Não sei. Já lhe disse que não sei.

— É morena?

— Não sei, pode ser.

— Loira?

— Também não sei.

— Então, por que não eu?

— Porque não sei se é você.

— Você deve estar louco. Não fui eu que lhe procurei, nem quem estava assobiando aqui fora.

— É verdade. Fui eu, mas ainda estou procurando.

— E vai continuar?

— Vou. Não me pergunte por quê, mas devo continuar procurando.

— Vai procurar a vida inteira?

— Talvez.

— Sinceramente, não consigo entender.

— Lamento muito, você sabe.

— Mas você voltará aqui, não voltará?

3.º movimento

Seguindo pela estrada à margem do rio, ouviu a música de um baile. Lembrou-se — vira na folhinha — era noite de carnaval. Chegou à frente do salão. Apeou do cavalo, lar-

gou as rédeas e entrou. Dançavam à luz de lampiões. Foi direto ao balcão. Pagou a taxa ao dono do baile. Bem que não deixava de cumprir os costumes da terra. Qual delas escolheria? Foi passando os olhos. Queria ver uma por uma. Insistia. Esperava que vissem que estava insistindo. Forte, dominador, era o seu olhar. Que estaria sucedendo com ele, que nunca se comportara desse modo? Tornara-se um estranho a ele mesmo. Elas, contudo, gostavam de ser olhadas daquele modo. Talvez não compreendessem, mas não retiravam os olhos. Conheciam-no: o homem do sítio do Tarumã. Nunca viera aos bailes. Era a primeira vez. No momento em que se encaminhou na direção daquela que escolhera, os músicos voltaram a tocar. Mas a letra da música que chegou aos seus ouvidos não era a mesma que todos cantavam. Outra letra substituiu-a. Uma letra vinda da origem dele mesmo, ou do princípio dos tempos: “... mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, não comerás, porque no dia em que dela comeres, morrerás.” Também ele começou a bater o compasso para a palavra que ficará repercutindo: “morrerás, morrerás”... Foi ele que começou o diálogo, os lábios de um na orelha do outro:

— Pouco me importa que eu morra.

— O que é que você disse?

— Nada.

— Você falou em morrer.

— Foi uma coisa que tomou conta de mim, uma angústia, sei lá!

— Você está sentindo alguma coisa?

— Não, nada. Não ligue. Onde é que você mora?

— Na barcaça...

— Pois eu passei pela sua casa.

— Você sabia que eu moro lá?

— Não, não sabia. É que eu procurava alguém. Asso-
biei pensando que você estivesse deitada.

— Você fez isso só pra mim?

— Não.

— Bonito! Então, não era eu que você procurava.

— Mas agora é. Já encontrei: é você.

— De verdade?

— Sim, de verdade! Quem é que trouxe você ao baile?

— Ninguém. Vim sozinha.

— Sozinha, por quê?

— Meu pai e meu irmão foram à cidade. Eu fiquei so-
zinha na barcaça. Soube do baile e vim.

— Ótimo.

— Ótimo, por quê?

— Podemos ficar juntos a noite inteira.

— Não sei se quero.

— Claro que quer. Eu sei que você quer. Estou sentindo.

— Não sou fácil como você está pensando.

— Eu gosto de você. Você gosta de mim, não é?

— Pode ser.

— Pode ser, nada. Gosta mesmo. Eu sei.

— Está bem, gosto. E agora?

— Agora, iremos passar a noite na barcaça.

— Não, antes eu quero me divertir. Faz tempo que não
venho a um baile.

— Quanto tempo?

— Mais de um ano.

— Morrerás...

— O quê?

— Não, nada. Estou falando comigo mesmo. É uma
coisa que me vem à cabeça. Uma frase, sei lá o quê. Vamos
beber alguma coisa?

— Quero, sim.

Sentando e bebendo devagar, aos goles, começou a perceber. Era uma marchinha carnavalesca. E voltaram a dançar. Voltaram a sentar-se e a beber. Quando deixaram o baile, o vento soprava forte na mata próxima. Mais erótico do que o ruído do mar era o ruído do vento ao bater nas árvores naquela noite morna. Pegou o cavalo pelas rédeas e tocaram pela estrada, os dois na frente, o cavalo atrás. Pouco mais adiante, antes de descer a barranca do rio, desencilhou o cavalo. Dirigiram-se à barcaça, que balouçava levemente. Enquanto ela preparava presuntos e ovos estalados, ele contemplava o rio. De repente, trazidos pelo vento, em ritmo de marchinha carnavalesca, aquelas palavras: “... mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás”. Um pouco mais tarde, após a ceia, quando já se entregava à vida nele desperta, ainda repercutia em seu espírito a proibição ancestral.

Quando cheguei ao fim dessa história, lembrei-me de van Neutgen e do que diria se soubesse como vi o primeiro pecado deste homem. Em primeiro lugar, é claro, xingaria o meu “kierkegaardianismo excessivo” (a expressão é dele), esquecido da verdade das palavras divinas que Kierkegaard não fez mais do que desenvolver. Mas que culpa tenho eu — se é que não somos culpados pela culpa de todos, como disse um romancista — se a angústia tomou conta *dele* e o levou a pecar (seu *Diário*, ao fim, é suficientemente explícito). Não sei se isso sucedeu exatamente como contei. Mas não importa. Deve ter sido dessa maneira. Isto é, em sua caminhada para Cristo, só pode ter sido desta maneira: primeiro, a proibição. Em seguida, a angústia e, finalmente, a queda. É claro que van Neutgen não chegaria a dizer (pelo que sabe da vida *dele*) que isso não passa de uma fantasia, que *ele* deveria ter peca-

do muito antes quando era moço (ou talvez em sua adolescência) e não agora, em sua maturidade. Que o pouco de religião que lhe ensinaram, na meninice, seria suficiente para despertar nele a angústia do pecado. Esta é uma maneira demasiadamente simplista de ver as coisas e mostra um desconhecimento total do caminho percorrido por esse homem (van Neutgen não estaria nesse caso). Esse homem não poderia pecar, em hipótese alguma. Primeiro, porque sua angústia não passava de uma angústia psicossomática. Jamais chegou, a não ser agora, a afetar-lhe o espírito. Compreendeu muito bem o problema, ao dizer que vivia uma hipertrofia das tonalidades afetivas fundamentais depressivas (uma das quais é, sem dúvida, a angústia psicossomática). Segundo, porque só o homem pode pecar e *ele* só se tornou em homem em plena maturidade (para, em seguida, descobrir a sua maneira de ser). Ao tornar-se em homem e ao descobrir a sua maneira de ser, encontrou as condições para descobrir-se como pecador, um verdadeiro pecador — e não como muita gente é pecadora. É triste não chegar sequer a pecar, a pecar verdadeiramente. O homem que não peca verdadeiramente não peca porque não descobriu ainda a sua maneira de ser, ou, talvez, não tenha mesmo chegado sequer a tornar-se em homem. Pecar levemente não é pecar. Há no pecado uma gravidade (o homem que peca torna-se grave por isso), uma seriedade, que não condizem com a leviandade com que muita gente acredita estar pecando.

Agora — e somente agora — eu compreendo, também, porque é que se recusou a tornar-se qualquer coisa. É porque ele, que sempre teve o pressentimento do pecado, ou existia diante da possibilidade do pecado, quer voltar a encontrar o seu “si mesmo” que perdeu ao pecar — estava certo que o perderia no momento em que viesse a pecar. Ele sabe, tam-

bém, que por mais que adquira conhecimentos, que descubra todos os mistérios filosóficos ou literários, que crie coisas que ninguém seria capaz sequer de imaginar, apenas um conhecimento pode interessá-lo: o seu próprio conhecimento, ou o conhecimento de “si mesmo” antes da queda, como estado de graça original, que perdeu ao pecar. Seu desespero não seria, como disse Kierkegaard, oriundo do desequilíbrio de um dos membros da síntese: corpo e alma relacionados pelo espírito. Esse é um desespero secundário, ou derivado, ou consequente ao desespero original. O desespero original só pode ser motivado pela perda da graça original. A redenção nos dá outros estados de graça, nunca o original, como a perda desses estados provocam em nós desesperos derivados ou consequentes, nunca o desespero original. Sei, porém, que *ele* não voltará jamais a encontrar o seu “si mesmo”, o seu estado de graça original e que, ultrapassando o desespero original — se puder — deverá comportar-se como um religioso em suas alternativas de graça e desespero (consequentes ou derivados os dois). Temo profundamente que venha a insistir no sentido de encontrar o estado de graça original. Temo pelo que poderá suceder-lhe se pretender ultrapassar os limites de sua condição humana, para voltar ao que era, antes de pecar. Esse desespero não é o desespero que o conduzirá a Deus. Esse desespero só o levará à loucura. Aqui van Neutgen teria razão. Acho mesmo que van Neutgen, conhecendo-o muitíssimo bem, pensou que era nesse desespero que *ele* acabaria mergulhado (dadas as suas condições pessoais, a sua sinceridade, a sua paixão). Não, desse desespero não poderá resultar nada de bom. Se pudesse dar-lhe um conselho (coisa ridícula: dar conselho), diria apenas que nenhum homem é Deus — que só a Deus é dado conservar o seu “si mesmo” em toda a sua pureza, sempre.

As notas do *Diário*

NB — As notas de seu “caderno preto”, que transcrevo a seguir, abrangem o período que vai desde a noite da partida até o período imediatamente posterior ao descobrimento do pecado. São poucas notas, realizadas no espaço de uma semana, mas suficientes para indicar o seu mergulho num caminho novo e inteiramente diverso do caminho anterior.

“Não, não sei o que será de mim nesta noite em que mergulhei e da qual não acredito que possa sair um dia. Não fossem as lanternas a clarear os acidentes do caminho, não sei o que seria... Decidi partir — foi, com toda a certeza, a primeira decisão verdadeiramente consciente de minha vida. Nenhuma outra decisão teve um caráter finalista como esta. Ou foram decisões meramente acidentais. Continuo a dizer que fui muito mais passivo do que ativo em todo o meu processo até 1967. Entre 1967 e o momento da partida foi verdadeiramente a vez de Kierkegaard em minha vida. Nem antes ele assumia total exclusividade, como não assumiu depois de 1968. Isso porque, em 1969 (neste ano, exatamente neste ano) dividi minhas preocupações entre Kierkegaard, Nietzsche e Octavio de Faria. Os demais poetas-pensadores, ou somente pensadores, só encontram uma existência (no que me concerne) referida a esses três. Decidir — sim, trata-se de decidir em tudo o que me diz respeito. É o que faço desde o momento em que parti.”

“Nenhum homem — ao que me parece, se posso generalizar meu caso — apresenta um aspecto único em si mesmo. Pelo menos, dois aspectos coexistem no homem, ou — como diz Octavio de Faria a respeito dele mesmo — temos raízes humanas que nos prendem à terra e sangue cristão (ou religioso) que corre em nossas veias. Também eu sinto em mim

esses aspectos. Mas, ao lado deles sinto em mim aquilo que Nietzsche colocou (pela não renúncia) ao dar expressão à sua experiência pessoal. Não atino muito bem com essas coisas, nem sei mesmo como colocá-las, em termos que não sejam os termos concretos de minha experiência.”

“O que é doloroso — doloroso à morte — é que nem na renúncia de si mesmo, nem na exaltação orgulhosa do próprio ser (ou, pelo menos, na não renúncia de si mesmo — pois falar em orgulho pode parecer uma extravagância neste momento em que os homens deram cabo dos heróis), podemos manter uma tranquilidade que conquistamos com lágrimas e sangue, ou pelo menos, à custa de nossa própria vida (para não sermos tão dramáticos). Sim, levei quarenta anos para encontrar a tranquilidade que era (mas, eu não sabia disso) talvez o meu sonho, talvez a própria razão de ser de minha descoberta de mim mesmo! E, agora, depois de tê-la conquistado, depois de tê-la em minhas mãos, eis que descubro que essa tranquilidade não conduzia a coisa nenhuma, que era uma tranquilidade que se exauria em si mesma!”

“Pode-se perder a tranquilidade num segundo, a tranquilidade que se levou a vida inteira para conquistar? Sim, de nada serve negar. Eu era (não faz muito) um homem de toda tranquilidade — único senhor de mim mesmo. Já não sou. Não sei o que houve, sinceramente, não sei. Somente porque decidi partir, porque decidi tocar o meu caminho, perdi tudo aquilo que levei quarenta anos para conquistar. Se soubesse que viria a perder essa tranquilidade, acredito que não teria partido. Mas, não parti às cegas, não. Parti consciente, lúcido como nunca. Só não tive em mente (como saber tudo?) que me seria exigido o sacrifício dessa tranquilidade.”

“Ó, meu Deus! Será que sou um pecador como os outros? Sim, sou um pecador, devo reconhecer. Se não pequei

antes (não preciso dizer por quê), começo a pecar agora. Traço em mim o pecado original, como todos os homens. Só sob esse suposto — o da pecaminosidade — poderei (cf. Kierkegaard) construir a minha vida individual. Não há outra saída para o problema. Devo pecar. Mas, como isso é horrível, meu Deus! Como podem certos atos de inexcedível identidade, ser pecados hoje, quando ontem não o eram? quando não me ‘tocavam’ o mínimo que fosse? Como é possível uma coisa dessas nos quadros de uma vida humana? Que haverá com o homem? De que tragédias é construída a sua vida? Será que o homem só pode construir a sua vida sobre a morte? Será que somos gerados nos cemitérios? Será que nascemos mortos, de pais mortos? Ó, meu Deus, o que será de mim, que começo a ter consciência do pecado?”

“Noite morna, quase quente! Uma coisa estranha começa a tomar conta de mim. Não sei o que é, mas não posso me recusar a saber. Deu-me uma vontade endoidecida de sair por aí. Encilhei o cavalo. Lá está ao lado da cocheira. Pobre cavalo, que deve seguir os meus caprichos! Não me resta senão ir para a varanda e sentar-me, esperando essa coisa que não sei o que é. Tenho medo de sair, medo de me lançar à aventura, medo do que poderá suceder comigo, medo de tudo, nesta hora decisiva de minha vida. Talvez não seja medo. Se não há objeto, só pode ser angústia, como diz Kierkegaard. Foi a angústia — sim, foi a angústia que tomou conta de mim. Onde me levará essa angústia, meu Deus, onde?”

“Oh! o desespero de ter pecado! Não, não há palavras — ninguém jamais conseguirá descrever... Sinto que me perdi. Chorar — oh! se pudesse chorar ao menos?! Para isso, Deus nos deu as lágrimas. Mas, para isso, também, deu a redenção. Alguém morreu (antes de mim) para me redimir de meus pecados no futuro — quase dois mil anos de distância entre a

morte dele e o meu pecado! E, no entanto, meu pecado tornou-se contemporâneo dele. Só o meu pecado. Não a minha fé. Saberia ele que o homem, para todo o sempre, seria exatamente igual ao que sempre foi: um pobre pecador? Impossível duvidar da divindade de Cristo: seu sacrifício, depois de ver o homem sempre o mesmo em todos os séculos no futuro, só pode ser divino. Nenhum ser humano (com todas as suas limitações) poderia ter uma visão semelhante!”

“Não, nunca mais em toda a minha vida, voltarei a encontrar aquele estado de graça — o estado de graça que perdi ao cometer o meu primeiro pecado. Não, nunca mais!”

“Não, não posso deixar que a tristeza tome conta de mim. Fui melancólico (noutro tempo). Já não posso entregar-me à melancolia. Não posso. Não quero. Tornar-me melancólico porque pequei, porque nunca mais voltarei a encontrar o meu estado de graça anterior — não, não quero. Mas, não tenho forças. Não passo de um homem como os outros. Só um auxílio ‘extraordinário’ poderá afastar de mim a melancolia que me acena de todos os lados. Ó Deus, será que não mereço este auxílio? É tão pouco o que lhe peço! Bem que conheço o poder que a melancolia exerce sobre mim, como me dominou, como fez de mim uma presa fácil — ao ponto, talvez, de me tornar um personagem. Não, não quero voltar a ser melancólico. Não quero voltar a ser personagem. Não quero!”

“Eu me sinto perdido, perdido. Sim, eu sei — não posso deixar de saber — tudo o que sucede comigo. Sei tudo o que sucede comigo, mas sei também que se não receber nenhum auxílio ‘extraordinário’ (e Deus que não responde!) não passarei de um condenado, esperando tão somente o momento de sua execução.”

O subterfúgio

POR
SORTE PEER

Acontecia sempre assim: logo após o encontro — ela sentada numa pedra a esperá-lo — e logo que davam cabo da saudade das horas que passavam um longe do outro, mergulhavam num silêncio que, às vezes, prolongava-se até o momento da despedida. Era sempre noite quando ele regressava. Gostava de voltar à cidade ainda a tempo de ver as luzes acesas. Nessa noite, tinham tempo para conversar. Não fazia muito que alcançara o descampado no alto do morro. Ela iria perguntar muito. Enquanto andavam, dedos entrelaçados, enquanto andavam no descampado não muito distante da cruz, ela fez a primeira pergunta:

— Você já conseguiu a concessão?

— Não. Falei com o prefeito, mas ele tem receio do que possam dizer os vereadores. A verdade é que é um homem indeciso, tem medo — medo é a palavra exata — e nada resolve.

— Não é só o prefeito que tem medo. Eu também. Estive pensando e só encontrei dois motivos que podem justificar essa sua ideia: ou você quer me agradar, ou se trata de um subterfúgio. Não existe uma terceira hipótese. Não é mesmo?

— Não sei por que é que eu sempre tenho de lutar pelas minhas ideias. Sempre fico sozinho. Você, pelo menos você, que devia me ajudar, não ajuda. Pelo contrário...

— Não, meu bem. Não quero atrapalhar. Só que tenho medo de que, amanhã, você se arrependa do que fez e me culpe de tudo. Não quero ser uma pedra em seu caminho. Mas, por que é que você se recusa a ver? Existe outra hipótese? Você tem certeza mesmo?

— Resolvi construir uma casa aqui no morro — é tudo. Há uma vista belíssima daqui de cima. Não sei se existe outra igual no mundo inteiro. Pode existir, pode. Mas não conheço. Esta me satisfaz ao máximo.

— Mas você não veio ao morro trazido pela paisagem.

— Sei que não. Mas descobri a paisagem. Fiquei apaixonado por ela. Gostaria de tê-la sempre diante dos olhos. De nunca mais sair daqui. Assim que tiver a casa construída, não precisaria sair mesmo.

Talvez para significar a sua intenção de permanecer, de criar raízes, sentou-se na grama úmida de orvalho e puxou a moça pelos dedos, para que também sentasse. Estava sendo sincero. Se pudesse ficar no morro, ficaria. Com os olhos voltados para a paisagem, mais um pouco e se sentiria cravado na terra, de maneira a jamais poder libertar-se. Ela não se perturbou. Continuaría com suas perguntas e com sua recôndita decisão. Ergueu a cabeça, que mantivera inclinada durante um momento, e voltou a perguntar:

— Meu pai e você agora... o que é que há com os homens? Meu pai veio para pagar uma promessa — foi isso que me disse — e ficou. Não saiu mais. Poderia viver em condições muito melhores em sua cidade, mas não quer. E a cruz parece que já não significa muito para ele. Agora, você. A cruz deixará de ter sentido para você, nem há dúvida. Basta que você fique aqui, perto da cruz, mas sem nunca ter chegado verdadeiramente à cruz.

— A cruz não faz parte da paisagem?

— Claro que faz. Mas você me disse, na primeira vez em que veio aqui, que a cruz não lhe interessava como paisagem. Não se lembra disso? Outra coisa que não compreendo: os homens esquecem muito depressa as suas resoluções.

— Não, eu não esqueci. Como poderia esquecer? Mas, também, não posso negar — essa era uma atitude extremada — que a cruz faz parte da paisagem. Por isso, os homens escolheram este local para plantar a cruz. A paisagem como um caminho entre o homem e a cruz.

— Você está procurando se convencer de uma coisa na qual não acredita, por quê?

— Sim, é possível. Houve alguém que escreveu que a paisagem pode sugerir um “deus” panteísta, mas que entre Cristo e a paisagem nada pode haver de comum.

— E daí?

— Não sei... pode acontecer que começo a pensar de maneira contrária. Você não acha uma beleza nós dois passarmos nossa vida apenas contemplando a paisagem?

— Não, não acho. Você pensa que não vai cansar? Será que você não compreende que se eu pudesse sair daqui...

— O quê?

— Claro, se pudesse sair, não ficaria aqui, em hipótese alguma. Eu quero viver.

— E viver aqui não é viver?

— É. Só que já vivi a minha parte. Quando vim para cá, eu tinha quinze anos. Agora, estou com dezoito. Não acha que três anos são suficientes? Se não fosse magoar meu pai, eu desceria o morro. Iria viver na cidade, como toda gente.

— Você não ficaria aqui comigo? É isso que você quer dizer, não é?

— Não, não é isso. Se você ficar, ficarei. Mas, sem você, sem meu pai, não ficaria um minuto mais. Estou cansada da paisagem.

— Mas não de mim.

Ao dizer essas palavras, ele a trouxe bem para junto dele. Com as faces coladas, vendo a paisagem noturna (a cidade e o mar — uma estranha cidade e um estranho mar, marcados de luzes, reflexos e trevas) ou não vendo coisa alguma, pareciam nada mais terem a dizer um ao outro. Mas ela não pretendia encerrar a conversa, sem dizer as palavras decisivas que trazia em seu espírito.

- Estou começando a ficar preocupada com você.
- Preocupada, como?
- Você é mais moço que meu pai, mas me parece tão cansado quanto ele. Vocês parecem ter a mesma idade.
- Nem tão cansado assim. Explique melhor o que você quis dizer.
- Meu pai veio e ficou, não foi? Você veio e quer ficar, não é? Ficar porque se cansaram do mundo. Para vocês dois, a cruz não passou de um pretexto. Você quis uma mulher diferente: eu. Vida simples, rústica, nada de sofisticação. Nisso é que você se engana. Eu sou como as outras, sabe? Eu gosto de pintar as unhas, ir ao cabeleireiro, andar de carro, fumar cigarros finos, usar perfumes exóticos.
- Que mais?
- Viver uma vida com inteira liberdade de ação. Não ser escrava de ninguém.
- Mas, você pode...
- Não posso não. Ainda sou uma tonta, meio pateta, meio sentimental.
- Agreste como as flores aqui do morro.
- Agreste também, é claro. Nós, agrestes, não somos agrestes porque queremos. Se pudéssemos, deixaríamos de ser agrestes.
- Não acredito.
- É verdade, sim. É só por isso que você gosta de mim, garanto.
- Pode ser, não sei. Você terá tudo o que quiser quando eu construir minha casa. Vou trazer também o meu carro, ensinarei você a dirigir. Ficaré mais livre do que uma andorinha.
- Verdade?
- Claro.

— Não, não saberia o que fazer dessa liberdade. Começaria a ter vertigens.

— Você é muito engraçada. Quer um monte de coisas. Quando afirmo que posso dar-lhe essas coisas todas, você se recusa a recebê-las, inclusive uma liberdade plena, total.

— Você se esqueceu de que sou como as pedras aqui do morro.

— Não, não esqueci. Mas uma pedra pode ser lapidada.

Foi com surpresa, senão com susto, que ela ouviu essas palavras. Mas escondeu a sua surpresa, ou o seu susto. Abaixou a cabeça. Sentiu o ar fresco da noite na face que estivera colada à face dele. Desvencilhhou-se do abraço e levantou-se. Foi de pé, com uma enorme firmeza que perguntou. Perguntou talvez por perguntar. Sabia já a resposta à sua pergunta.

— Nesse momento você deixaria de gostar de mim, não é verdade? Você só gosta de mim porque sou agreste, porque não sou sofisticada como as outras que conhece, não é verdade?

— Pode, sim. Não sei se deixaria de gostar de você só por isso. Há pouco você falou que pareço ter a idade do seu pai, não foi?

— Foi.

— Pois bem. Nesta idade, a gente gosta de sossego, tranquilidade.

— E de algo diferente, também, como eu.

— Não precisa ser sarcástica.

— Perdão, meu bem. Não quis ofendê-lo. Só que não consigo compreender.

— Compreender o quê?

— Você, quando chegou aqui, pensava em tudo menos em tranquilidade. Ou estarei enganada?

— Não sei.

— Não sabe?

— Claro que sei.

— Então, por que não responde ao invés de tapear?

— É que também eu não me compreendo.

— Essa tranquilidade não é uma verdadeira tranquilidade. Você veio aqui angustiado. Queria chegar aos pés da cruz, não é? Ah! não. Você não queria, não. Você queria era me encontrar. Encontrou-me e agora está tranquilo, não é isso?

— Você está se divertindo à minha custa. Sabe que não era isso. Aliás, não estou bem certo.

— Se não era isso, você deveria estar mais intranquilo do que nunca, por não ter chegado à cruz. A não ser que tenha se tranquilizado porque aceitou a cruz como paisagem. Bem que pode ser.

— Sei lá!

Essas duas palavras, pronunciadas da maneira como as pronunciou, trouxeram a ela um novo susto. Ele se levantou. Um movimento de ombros acompanhou as palavras dele. A expressão não veio vincada de neutralidade e desinteresse. Significava mais uma censura do que outra coisa. Uma censura por se ver descoberto, talvez. E por não admitir que nem mesmo ela colocasse o dedo em sua chaga. Ela bem que compreendeu. Por isso, perguntou:

— Você se zangou, meu bem?

— Não. Só que já não compreendo coisa alguma.

— Isso acontece com todos.

— Como é que você sabe? Que todos são esses?

— Os homens que tomam uma decisão e deixam de cumpri-la. Geralmente se perdem. Ficam extraviados em si mesmos. Conhecem o caminho, mas se recusam a segui-lo. Tudo o que dizem, então, tudo o que fazem, tudo não passa de um subterfúgio.

— A construção de uma casa pode ser um subterfúgio?
— Ora, você mesmo sabe que pode.
— Você não acha que todo homem quer construir a sua casa? Conheço um homem que se contentaria com um paiol, mas esse não passa de uma exceção. O que os homens querem, mesmo, é construir uma casa.

Ele carregou nas últimas palavras. Só lhe faltava bater com os pés no chão, para marcar melhor a sua determinação, enquanto homem como os outros. Percebendo, porém, que fora longe demais, resolveu passar-lhe o braço na cintura. Foi assim, enlaçados, que voltaram a andar lentamente no descampado, numa linha horizontal à cruz e à cidade. Ela voltou a suas perguntas. Não se entregaria tão facilmente. Estava habituada a lutar. Sua vida no morro era uma luta constante. Quanto não teria lutado com seu pai? Nada lhe custava continuar lutando.

— Essa casa deve ter um sentido especial para você, não tem?

— Como se você não entendesse...

— Custa explicar? Você está irritado, meu bem?

— Não, não estou. Devo ter cansado com a correria de hoje. Prefeito, governador — e para falar com essa gente... É um Deus que nos acuda! Que ridículo tudo isso! Bem, o que eu queria dizer é que os homens buscam desesperadamente a estabilidade, a segurança.

— É isso que significa construir a sua casa?

— É. Só isso. Simples, não é?

— Nem tão simples quanto parece. Acho que você omitiu um dado essencial do problema. O homem só pensa em construir a sua casa quando encontra uma mulher. É a repercussão no homem daquilo que você diz existir na mulher: o sentido das coisas concretas.

— Não pensei nisso. Talvez você tenha razão.

— Claro que tenho razão. Você pensou em construir uma casa antes?

— É a primeira vez que esta ideia me vem à cabeça. Sempre vivi só. Uma mulher aqui, outra ali, mas sem maior seriedade.

Ao ouvir essas palavras, ela fez com que ficassem parados um diante do outro, olhos nos olhos, demoradamente. Depois, perguntou, à queima-roupa:

— E agora, é sério?

— Será que você vai continuar me gozando? O que é isso?

— Não me leve a mal, por favor. Você tem um jeito tão engraçado de dizer as coisas, que não resisto. Mas não é por mal, pode crer. Pelo contrário, é porque gosto muito de você.

— Vamos deixar as brincadeiras. Quero construir uma casa, a minha, a nossa, e vou construí-la. E vai ser aqui, queira ou não queira o prefeito.

— Se ele não quiser, você não pode.

— Depende...

— Depende de quê?

— O grande chefe é casado com uma de minhas primas. Prometeu me ajudar.

— Que lhe disse o prefeito?

— Que esta área toda aqui do morro está reservada por motivos paisagísticos. Que a prefeitura não pode alienar terreno algum. Que é lei.

— E se você conseguir uma lei?

— Já pensei nisso. Fui, com o grande chefe, falar com o governador. Este telefonou ao prefeito. Acho que conseguirei. Só que vão me impor uma condição.

— Pelo que me disse o governador, talvez eu pudesse

construir aqui um restaurante dentro do plano turístico da cidade. Eu faria o restaurante e a casa de moradia ao lado. Isso talvez seja possível.

Agora, ela começava a não entender. Talvez não quisesse mesmo entender. Mas tinha que levar adiante a conversa. Não poderia permitir que uma explicação estapafúrdia a derrotasse. Mesmo que viesse a se tornar impertinente, prosseguiria.

— Que plano turístico é esse?

— Sei lá. Pelo que entendi, há um plano em estudos. Este morro está incluído no plano. E quem viesse aqui, para contemplar a paisagem, teria um lugar para fazer as refeições.

— Mas isso é um absurdo. E não é o que você quer, não é?

— Não é, não. Mas se não tiver outro jeito...

— Você vai acabar cedendo?

— É possível.

— Você já imaginou que horrível ficaria isso aqui? Gente sempre chegando e partindo. Gente barulhenta, escandalosa, como são todos os turistas. Não é possível. Isso seria uma coisa!

— Você está exagerando.

— Exagerando, nada. Já vi turistas uma vez. São piores do que eu disse.

— Os turistas podem ser piores. Mas não teremos turistas todos os dias. Só na época de férias, quando todo mundo enlouquece como no carnaval. O turismo não passa de um carnaval. E, também como este, tem época própria.

— Não seria preciso mais para embrutecer a gente.

— O restaurante não funciona à noite.

— Também seria demais.

— É... Mas eu acho que não há outra maneira.

Não, ele não conseguiria encerrar a conversa como, na verdade, pretendia. Ela trazia uma recôndita decisão. E tocava no sentido dessa decisão. As perguntas continuavam. Todas visando salvar aquele homem que subira o morro à procura de uma mulher ou de outra. Mas que se recusava a ser salvo. Talvez, lá no fundo de si mesmo, estivesse convencido de que ainda não era chegado o tempo. Que estava por demais mergulhado na terra para merecer a graça.

— Você não acha melhor desistir da ideia?

— Não, não desistirei.

— Então, por que não faz uma casa simples, de madeira. Uma pré-fabricada. Meu pai tem uma indústria dessas casas lá em... Ele sabe como se faz.

— E eu poria a casa aqui, sem licença da prefeitura?

— Bem, isso não sei.

— Quem sabe? Eu poria a casa aqui, na marra, depois...

— Depois, o quê?

— Depois, o prefeito, medroso como é, ficaria sem saber o que fazer. Não. A verdade é que essa não me parece ser a melhor solução. Nem é dessa maneira que quero construir a minha, a nossa casa. Quero construir uma casa como se constrói uma casa. Dentro da melhor tradição.

— Não sei... Você já escolheu o lugar para a casa?

— Será que você ainda não percebeu?

— Percebeu o quê?

— Que este lugar onde estamos é o melhor, mais plano. Não exige um grande movimento de terra. Por isso é que eu gosto de ficar aqui. Você ainda não sabia?

— Você não tinha me dito nada. Como podia saber? Pensou em como será a casa?

— Já. O importante é a varanda. Será uma enorme va-

randa, com vistas para a cidade. Uma parte dessa varanda será envidraçada por causa do vento ou do frio.

— Mas assim a casa ficará de costas para a cruz. Ficarà entre a cruz e a cidade e o mar lá ao longe. De que maneira poderia ver a cruz dentro da paisagem?

— É mesmo. Não pensei nisso. Só se fizesse uma varanda também nos fundos.

— Assim não, meu bem.

— Sinceramente, não sei. Mas e a casa e nós não ficaríamos fazendo parte da paisagem?

— É claro que ficaríamos. Mas somente para os outros que nos olhassem. Para os turistas, por exemplo.

— Chega a ser engraçado. Como é que não pensei numa coisa dessas?

— A cruz ficará excluída. Você quer?

— Não sei se quero... Mas não será por isso que deixarei de construir a casa. Também não é possível: sempre a decidir e a recuar.

Percebeu que ele continuava mergulhado em sua inquietação anterior, a que o trouxera à cruz. Julgou oportuno insistir ainda uma vez. Talvez viesse a ceder, talvez. Talvez compreendesse a inutilidade da construção da casa, de sua vontade de permanecer perto, mas, ao mesmo tempo, distante da cruz. Como admitir semelhante subterfúgio?

— Não me leve a mal, meu bem, mas por que não desiste dessa ideia?

— Não desisto porque não quero.

— Essa teimosia não fica bem em você. O que acho, sinceramente, é que você mesmo não está convencido do acerto de sua decisão. Meu pai, pelo menos, foi mais coerente: procurou um abrigo nas rochas. Mas seu abrigo está do outro lado do morro. De lá, não vê a cruz, mas também não vê

a paisagem. Não vê coisa alguma. Pode-se dizer que se meteu terra adentro. Por que é que você não faz o mesmo?

— De que maneira? Não posso fazer como seu pai. Se quero construir uma casa, por que não a construirei? Se não tivesse recursos, está certo.

— Não foi isso que quis dizer. Sei que você pode, como meu pai também pode, claro que sei. Se você quer conservar tanto a cruz quanto a paisagem, não poderá construir uma casa entre a cruz e a paisagem. Para contemplar a paisagem, deverá voltar as costas para a cruz. E se quiser se voltar para a cruz, deverá dar as costas à paisagem. Não há outra alternativa.

— Mas se vai construir a casa só por mim... você sabe, já lhe disse e você não contestou, que os homens só constroem suas casas motivados por uma mulher.

— Posso não ter contestado. Não sei, porém, se pensei em você quando decidi construir a casa. Talvez eu tenha me limitado a pensar só em mim, que devo permanecer aqui.

Aquele homem parecia um caso perdido. Tãmanha teimosia, explicações incoerentes, desacertos em suas colocações, parecia um adolescente e não um homem. Mas ela tinha a coragem dos que compreendem e vão muito longe em sua disposição de lutar. Era preciso insistir.

— Ficar esperando?

— Esperando o quê?

— Esperando o momento de ir à cruz.

— Você não perdoa mesmo.

— Não é que não perdoe. O que não quero é que me lance toda a culpa. Isso acontece...

— Não sou como os outros.

— Você é exatamente igual aos outros. Você sabe — e muito bem — que é exatamente igual aos outros.

— Está bem. Sou igual aos outros, a todo mundo. Mas deverei culpar você? É necessário que faça isso?

— Quando o homem não tem forças para fazer o que quer, procura um bode expiatório. Esse é quase sempre a mulher que está ao seu lado. Eu poderia até repetir algumas frases habituais.

— Não, não precisa. Seria burrice se eu não entendesse. Vou ficar esperando, sim. E, enquanto espero, faço a casa. E se ainda não tiver ido à cruz, continuarei esperando dentro da casa, protegido do vento, da chuva, do sol, do calor.

— Você está me parecendo alguém que foi muito mimado, que sempre teve tudo o que quis, que não pode suportar um clima mais rude, em qualquer sentido. O nosso clima aqui não é rude. O clima mesmo, você bem sabe disso. Só o vento sul é que, às vezes, nos castiga durante o inverno. Mas é tão raro! Do outro lado do morro, não temos nem o vento sul.

— Essa não. Agora, você se enganou em cheio. Sempre repeli qualquer espécie de mimo. Não suporto uma coisa dessas. E chego a gostar do vento, da chuva... Eu disse aquilo por dizer. Não estou pensando, não.

— Pensando no quê, então?

— Sei lá. Parece que começo a não pensar. Que estou falando, falando. Palavras, palavras, só palavras.

— Não acredito.

— Mas não é a pura verdade. Não sei por quê, mas é verdade.

— E se você agora resolvesse enfrentar o problema de uma maneira direta, clara?

— Como, se não consigo raciocinar claramente?

— O problema é mais de vontade. Você não quer.

— Olhe, eu não sei.

— Sabe, sim.

— Está certo. Sei. Mas mesmo assim não desisto da ideia. Vou mesmo construir a casa.

— Nem que seja preciso construir um restaurante junto?

— Claro. Farei o que exigirem. Mas limitarei essas exigências em tudo o que puder.

Era preciso tentar um novo caminho. Mas não era fácil encontrar um novo caminho na insensatez dos fundamentos daquela decisão. Ela lembrou-se, porém, de dizer algo, para que a conversa não parasse aí.

— Já que você quer mesmo, por que não procura o conselho de alguém?

— Aconselhar-me, eu? Nunca pedi conselhos a ninguém, em momento algum de minha vida. Quanto mais agora.

— Um conselho não faria mal. Pode ser que alguém tenha uma ideia melhor.

— Em primeiro lugar, o problema é meu. Em segundo, ninguém saberia que conselho me dar. Em terceiro, não tenho a quem pedir conselhos.

— Por que não conversa com papai?

— Por quê? Você não sabe decerto que me convidou para ir morar com você lá no abrigo?

— E não seria melhor? Pelo menos, para que você possa dar tempo ao tempo. Talvez as coisas mudem.

— Sei o que você quer dizer, mas não concordo.

— Continuo achando que você é um teimoso.

— Está certo. Sou teimoso. E não posso ser, decerto?

— Pode, por que não? Mas eu tenho medo.

— Bobinha!

— Tenho medo, sim. Medo do que poderá acontecer. Nenhum homem fica esperando o momento de ir à cruz impunemente quando decidiu ir e se entrega a um subterfúgio.

Era a vez dele, agora, de vir em socorro dela. Parece que ela acertara, ao se referir ao seu medo. Ele era homem, não poderia deixar de pensar um pouco na fraqueza dela. Mas estranhava a capacidade daquela moça, que parecia saber demais.

— Foi seu pai que lhe ensinou essas coisas?

— Talvez. Talvez a vida.

— Você nunca sentiu necessidade da cruz?

— Não, nunca.

— Por quê, você sabe?

— Talvez porque sou mulher. Ou porque não sou trágica como você, como meu pai.

— Você acha que sou trágico?

— Se não é trágico, está pelo menos nos limites do trágico.

— Só porque quero ir à cruz?

— Não. Porque quer ir à cruz e passa o tempo comigo.

— Mas se você está no meu caminho para a cruz.

— E se eu sair do seu caminho?

— A tristeza pode tomar conta de mim e não irei à cruz, da mesma forma.

— Os religiosos são sempre tristes?

— Não, não são. Refiro-me à tristeza como estado de espírito. Esse tipo de tristeza não leva a Deus.

— Perdão, eu pensava...

— Há muita gente que pensa dessa maneira. Mas é ridículo. Pode estar certa disso.

— Bem... não quero ser doutrinada. Julgava apenas que...

— Essa não. Nem eu estou querendo doutrinara.

— A maneira como você falou...

— Eu querendo doutrinara, tem muita graça!

— Grande coisa?! Todo doutrinar implica um doutrinar-se, você sabe.

— Pode ser. Mas não queria doutrinar nem a você, nem a mim.

Deu dois ou três passos, como se pretendesse afastar-se dela. Parecia disposto a colocar um fim último na conversa. Ela julgou que o momento era propício e resolveu causar impacto:

— Sabe de uma coisa? Qualquer noite dessas, ponho fogo na cruz.

— O quê? Você ficou louca.

— Não.

— Francamente, eu não entendo.

— Não entende porque não quer. É a única solução. Ninguém mais se preocuparia com a cruz, nem você, nem papai.

— Mas isso é uma loucura.

— Não acho.

— Você será presa.

— Quem saberia que fui eu? Ninguém. E, depois, bem que pode dar um curto-circuito na instalação elétrica. É o que todos vão pensar.

— Mas você saberá que não foi. E sua consciência?

— Ficaré tranquila. A cruz são dois troncos de madeira, nada mais do que isso.

— Você esquece o que ela significa. O que será de nós, dos homens sem a cruz?

— Você verá que não acontece nada, nada. A cruz não passa de um símbolo. Um símbolo só tem um significado para os que sabem o que tem por trás dele.

— Mas para você ela não é um símbolo.

— Sinceramente, não sinto nada diante da cruz. Para

mim, ela não passa de um elemento da paisagem, como para você.

— Não, você não entendeu direito.

— Entendi, sim.

— Mas ela é mais do que isso. Cristo representado na cruz, sua vida por mim, sua morte também por mim, pelos meus pecados.

— Para mim, nada disso vale nada. Queimarei a cruz. Depois, poderemos viver tranquilos. Meu pai voltará lá para... Não haverá mais problemas.

— Não adianta. Em toda parte, há uma cruz.

— No momento, a que me preocupa é esta.

— E quando surgir outra cruz em nosso caminho, ou quando quisermos procurar outra cruz?

— Aí terá passado muito tempo. Quanta coisa não terá acontecido?

— Por exemplo?

— Não sei. Talvez você tenha afinal compreendido que era inútil.

— Você não pensou que dentro de nós pode haver uma cruz? Que é a cruz que está dentro de nós que verdadeiramente procuramos, mas que, em nossa fraqueza, precisamos que uma cruz exterior, uma cruz na paisagem, dê sentido e presença à cruz em nós?

Ela pareceu compreender que cometera um erro em seus cálculos. Que o incêndio na cruz não traria a solução que esperava. Mas tinha decidido incendiar a cruz e a incendiaria ainda naquela noite. Contudo, achou melhor tranquilizá-lo e talvez tranquilizar-se, pois já não sabia quais as consequências do incêndio da cruz.

— Nesse caso, seria impossível.

— Impossível, o quê?

— Salvá-los da cruz. A não ser que pusesse fogo em você, em papai.

— Por que não me queima? Eu, morrendo, a minha cruz também deixará de ser.

— Olhe, o trágico novamente! Você sabe por que eu incendiaria a cruz. Porque gosto muito de você. E quero você só para mim.

— Como você é egoísta, hein?!

— Nem tanto. É que essa sua preocupação com a cruz pode destruí-lo, ou eu posso perder você, sei lá!

— Você não acha melhor mesmo eu construir a casa? Você já compreendeu, não? Que não há outra solução — não compreendeu?

— Não. Sinceramente, não compreendi. Posso aceitar sua decisão, mas compreender, não compreendi. Só que tenho medo.

— Bobinha! Não é preciso ter medo.

— Tenho medo, sim. Preferiria até — não sou egoísta como você pensou — que você fosse à cruz, mesmo eu tendo de perdê-lo.

— Verdade?

— Verdade, sim.

— Só uma coisa eu quero de você.

— Pode dizer.

— Você não me culpará de nada, nada?

— Não culparei você de coisa alguma.

— Promete?

— Prometo.

Jogos da solução de continuidade (2.º jogo)

POR
VAN NEUTGEN

Meu caro van der Lubbe,

Ao remeter-lhe este segundo jogo, resolvi não fazer qualquer comentário. Em primeiro lugar, porque considero válido o comentário anterior. Em segundo, porque é a minha intenção escrever um livro tratando do assunto. Acho que este é por demais complexo para ficar circunscrito numa carta. Por outro lado, preciso de tempo, muito tempo (tempo é o que não me falta) para refletir. Se tivesse algum modelo pelo qual pudesse me orientar (pode ser que exista, mas não conheço), tudo ficaria mais fácil. Como não tenho (ou não conheço), só me resta a reflexão. Finalmente, devo confessar que, não estando habituado à reflexão (*ele* mesmo disse que eu era o “originalmente informe”), preciso, de começo, aprender a refletir. Não sei sequer se existe uma escola de reflexão, na qual possa matricular-me. Uma coisa, porém, eu sei: não será em sua escola em que pretendo realizar a minha matrícula. Sua escola parece-me marcada pelos vícios e desacertos dos velhos “mestres” que nela lecionaram, como Kierkegaard, Léon Bloy e outros.

1º tempo

Na varanda de sua casa do sítio, cansado de ver a noite, não sabia o que fazer. Era uma noite fresca, agradável, apesar do verão. “Que fazer, meu Deus? Que fazer?” Essa pergunta repetida levou-o a mergulhar em sua velha nostalgia. “Ficarei sentado? Sairei a andar?” Levantou-se. Deixou a varanda e se meteu por um caminho. Quem, noutro tempo, teria passado por aquele caminho? Onde andariam os que tinham passado? Um jogo começou a tomar conta dele, um velho jogo bastante conhecido. O jogo do passado e das lembranças. O jogo no qual só o vencedor perdurava, no seu conteúdo maior de tristeza — a tristeza que acaba trazendo para dentro de casa e

que o perseguiria até em sonhos. Há um século este sítio fizera parte de uma fazenda. Alguém lhe tinha dito (quem foi mesmo?) que aqui onde era sua casa fora sede da fazenda antiga. Que dramas esta gente não teria vivido? Não existiria, porventura, alguém, um descendente que tivesse conhecido aqueles dramas? E as cartas, guardadas nos baús de couro cru, teriam sido queimadas ou existiriam ainda? Como saber? Onde encontrá-las? Continuou andando. Seus passos obedeciam ao rumo traçado pelo caminho. O caminho que tomou levava ao antigo cemitério da fazenda. Túmulos começaram a destacar-se como massas mais escuras. Chegou ao velho portão de ferro, que nunca vira abrir-se (quem teria ficado com a chave?), desde que adquirira o sítio. Agarrando-se com as duas mãos às grades, deixou que seus olhos passeassem em descobertas impossíveis. Conhecia os túmulos, todos eles maltratados pelo tempo. Certa vez, saltara o pequeno muro de pedra. Queria ler os nomes, saber as datas de nascimento e morte daqueles que ali tinham ficado, para sempre. Quantos anos ainda poderiam resistir às intempéries, à luta terrível com o sol, o frio, a chuva e o vento? E aquela moça que morrera aos dezessete anos! Quem teria retirado o retrato dela, quem? Mas não pensou em reabrir o cemitério, não pensou que ali seria o seu lugar, quando chegasse o momento de sua morte. Se viesse a pensar numa coisa dessas, teria recuado. Não ousaria perturbar aquele silêncio de todo um século. Deixou o cemitério e continuou a andar. Alcançou a barranca do rio. Sentou-se, as pernas caídas, o rosto nas mãos, os cotovelos apoiados nas coxas. Foi assim que outro jogo, um jogo do qual participara apenas uma vez, um jogo decisivo, tomou conta dele.

2º tempo

Entra-me pela janela aberta o calor desta noite de ve-

rão. Minhas férias chegam ao fim. Se não escrever agora, talvez só muito mais tarde voltarei a ter uma noite como essa, talvez. Também não é muito o que tenho para dizer. Não é muito, não porque não tenha demasiadas coisas para dizer, mas — isto sim — porque não sei escrever. Observaste uma coisa curiosa: o esforço que faço para simplificar as coisas complexas. Temas que dariam para todo um romance, limito-os a poucas páginas. Mas não é só nesse sentido que simplifico. Simplifico também para que aquela coisa não tome conta de mim. Agorinha mesmo, quando sentei para escrever, senti aquela coisa (nuvem?) descendo. É preciso que a domine e me domine. Caso contrário, não serei mais do que passiva nesse processo todo, meramente conduzida, e não como devo ser, ativa, conduzindo, narrando.

Quis te fazer uma surpresa. Fui bem sucedida. Poucas palavras para que a surpresa fosse maior: “Espera-me trem dia quinze”. O trem correndo. Eu inteiramente tranquila, quase feliz. Limitava-me contemplar a paisagem. Nada em minha lembrança, nenhuma preocupação. Simplesmente meus olhos presos à paisagem. E, às vezes, mudando de posição para que o cansaço tardasse o mais possível. Não sei como não me cansei ao ver o mesmo rio das onze horas da manhã até o cair da noite. O mesmo rio ao lado do qual o trem persiste. Um rio civilizado, com barragens, usinas em suas margens, com fábricas (sei lá de quê). Minha fantasia suspensa ao nível das coisas, não se destacando delas, não as ultrapassando. Não sei se não tenho fantasia, ou se a perdi, ou se as coisas que me prendiam eram tantas, tão diversas. Talvez fosse exatamente isso: havia coisas demais lá fora na paisagem. Se estivesse nostálgica, ou triste, ou mesmo cansada, eu ficaria nos remansos do rio, nas sombras de suas margens, ou seguiria com suas águas nas corredeiras. Mas não estava nem nostálgica, nem

triste, e o cansaço não chegou a me dominar. Por isso, eu era ao nível das coisas em que passava os meus olhos levados pelo trem. O que acontecia dentro do carro em que estava sentada, não me interessava. São sempre as mesmas pessoas que viajam. Umas exaltadas com a própria viagem, falando em voz alta, por maiores as bobagens que digam. Outras meramente preocupadas com os seus objetos. Outras, ainda, mais decididas, saltando do trem a cada estação. E, depois, eram poucos os passageiros e desinteressantes. Empregados de escritório, encarregados de negócios. Também o fato de ter meus olhos mergulhados na paisagem dispensava-me de outras coisas: de suportar o olhar de algum conquistador, sei lá. E o trem correndo, levando meus olhos — eu era toda olhos — ao nível da paisagem. Quando caiu a noite, fui ao vagão-restaurante e jantei. Novamente em meu banco, acomodei-me o melhor que pude e dormi. Foi um sono sacudido — tinha de ser — mas sem sonhos, sem sobressaltos, sem nada. Só despertei quando o dia começava a clarear. Finalmente, deixei este trem e passei para outro. No outro carro, enquanto o trem não partia, tive tempo suficiente para fazer a minha toalete. Uma hora mais tarde e eu descia na estação, onde me esperavas.

Que alegria ao te ver! Nesse momento, tive a certeza de que o sentido de minha vida está em ti, em tua presença. Não, não te assustes, que não vou te propor casamento. Não sei se, casados, poderíamos ser felizes. Somos por demais semelhantes um ao outro, para que o casamento possa se construir numa grande viagem de descobertas (não lembro onde foi que li essa coisa). O carro de duas rodas, no qual me levaste ao sítio, bem que poderia ser uma diligência. Não seria uma maravilha viajar de diligência? Em certo momento do caminho eu quis te dizer... Deixamos o campo e mergulhamos na mata. Que estrada ruim, meu Deus! Garanto que es-

tás sorrindo da besteira que escrevi ainda há pouco. Imagina só viajar de diligência numa estrada como essa! E assim fomos tocando ao passo lento daquele matungo (não conhecias esta expressão, não é?). Ninguém tinha pressa, nem tu, nem eu — muito menos o matungo. Levamos três horas (mas que coisa!) para fazer os quinze quilômetros da estação ao sítio. Foi uma maravilha, podes crer. Acredito que tenhas sentido o mesmo que senti. Aquele ar, aquele perfume de flores silvestres! Oh! Se aquela manhã pudesse se repetir. Jamais esquecerei, viva eu cem anos! Foi aquela manhã que me levou a escrever, podes estar certo, para que essas lembranças não se percam, para que fiquem gravadas para sempre. E o resto?... Estavas contente, grave como convém a um homem do teu porte, e sereno. Olhavas-me sem nada dizer. Talvez porque julgasse excessivas as palavras, talvez porque esperavas que eu dissesse alguma coisa. Mas eu não tinha a menor vontade de falar. Bastava-me aquele ar, aquele perfume de flores silvestres e aquele carro. Por que falar? Dizer o quê? Não me perguntaste sequer se fizera boa viagem. Seria o trivial. Num solavanco mais brusco, quase caí. Nesse instante, disseste as palavras certas: “Agarra-te a meu braço se não quiseses cair”. E me agarrei a teu braço, com toda minha força. Sorriste de contente. Teu sorriso foi uma provocação. Fingi que ficava zangada. Larguei teu braço. Mas, noutro solavanco, não tive como e me agarrei novamente. Será que algum dia voltaremos a fazer uma viagem como essa? Será? E chegamos ao sítio. Sob um pretexto qualquer, que aceitaste, regressamos a casa. Dona Glacinda me mostrou o meu quarto, no sobrado. Serras, só serras, de um lado e de outro! Serras distantes, longínquas! Onde meus pensamentos pudessem perder-se, extraviar-se, divagar à vontade. À noite, depois de tomar uma xícara de chá, retirei-me para o quarto e dormi. Dormi como

há muitos anos não durmo. Dormi com o mesmo fervor da infância, quando dormir era entregar-se inteiramente.

Quando os pássaros começaram a cantar, acordei. Levantei-me e pouco mais tarde deixei o quarto e desci. Saí e fui andar na relva úmida de orvalho. Respirei fundo. O ar bastante fresco me fez bem. Quando voltei já dona Glacinda aprontara o café. Sinceramente, não sei como podes dormir até tão tarde. Sei, sim. É que deitas tarde, também. Naquele momento, preocupava-me em saber o que é que ficas fazendo até altas horas. Curioso, isso me deu a impressão (nesse momento, era apenas uma impressão) de que estás no sítio, mas que não vives no sítio, de que não serias capaz de obedecer ao ritmo de vida que o sítio impõe a todos, principalmente deitar e levantar cedo. Não, não queria te importunar com perguntas indiscretas. Se não dissesses nada, nada eu viria a saber. Nossa sintonia era tão perfeita, tão sem arestas, que não queria rompê-la, por nada neste mundo. Para mim, és como alguém que segue na frente e eu atrás, repetindo a tua experiência, percorrendo o caminho que percorres. Já eram dez horas quando desceste para o café. Eu conversava com dona Glacinda. Ela não quis, em hipótese alguma, que eu a auxiliasse na cozinha, nem sequer descascando batatas. “Puxa, que madrugada!” Não sabendo se te referias ao fato de eu ter levantado cedo ou de teres levantado tarde, nada comentei. Tudo se esclareceu, porém, quando acrescentaste: “Faz tempo que não levanto tão cedo, né, tia Glaci?” Esta sorriu e disse: “É o maior madrugador que conheço”. Ela se dirigia a mim. Depois que tomaste o café, saímos os dois a andar. Informaste que precisava ver um boi que estava com uma bicheira. E fomos ver o boi. Não, não tens jeito algum para essas coisas. Chego a pensar que vives no sítio, não pelo que o sítio é, em si mesmo, mas porque queres gozar a tran-

quilidade das vidas simples. Após o almoço, me levaste ao rio. Ficamos sentados vendo as águas paradas, profundas. Quiseste me ensinar a pescar, mas não sabias como se pesca. És um pescador de araque (não é assim que se diz?). Ouvi de ti uma revelação que muito me agradou: “É aqui que gosto de ficar nas minhas noites, quando não há mosquitos”. Tive uma vontade louca de perguntar: “Em que pensas ou o que fazes esse tempo todo?” Felizmente, eu me contive. Não, não seria indiscreta. Não perguntaria nada que não fosse o tema de nossas conversas. Ao voltar por outro caminho, passamos pelo antigo cemitério. Um cemitério desfazendo-se aos poucos. Percebi que não estavas disposto a parar. Não paramos. Proferiste apenas estas palavras: “Do século passado”. E foi tudo. Assim transcorreu — como se não soubesse de tudo — mais um dia de minha estada no sítio.

Na terceira noite, tivemos uma conversa um pouco mais séria, na qual mergulhamos profundamente em nós mesmos. Se não for fiel como espero, na reprodução dessa conversa, peço-te que me corrijas, no que eu tiver errado, ou me completes, no que tiver deixado de reproduzir. Dona Glacinda já retirara os pratos do jantar e voltava com o cafezinho quando, à queima-roupa, me perguntaste:

— Gostas disso aqui?

— Gosto, muito. — respondi.

— Gosta, por quê? Por causa do silêncio, da tranquilidade? Ou gostas porque tens vocação para este tipo de vida?

— Sinceramente, não sei. O que sei é que gosto. Isso não é tudo?

— Não, não é. A gente deve saber por que gosta. Ou, pelo menos, sempre é melhor saber-se por que a gente gosta.

— Mas, como vou saber? Eu me sinto tão bem aqui.

— Já é um começo. Te sentes bem. Mas, outra pergun-

ta: achas que te sentirias bem sempre, a qualquer momento e em qualquer circunstância?

— Isso não sei.

Tive a impressão que estavas te divertindo comigo. Por minha vez gostei daquele jogo de perguntas e respostas. Resolvi devolver-te a bola.

— E tu, te sentes bem?

— Nem sempre.

— Por quê? Não és obrigado a viver aqui. Por que vives, então?

— Porque aqui é onde me sinto bem a maior parte do tempo.

— Curioso, não tinha pensado nisso! Queres saber mesmo se eu me sentiria bem se vivesse aqui sempre?

— Acertaste.

— Só com um grande esforço de imaginação. Não, é muito difícil. Foi com o decorrer do tempo, com certeza, que chegaste a essa conclusão. Eu tenho só três dias.

— Talvez tenha sido bobagem perguntar. Quis apenas saber qual teria sido tua reação. Não foi diferente da minha de quando me fizeram idêntica pergunta. Só aos poucos, compreendi.

— Me explique só uma coisa. O que consiste, para ti, sentir-se bem?

— É claro que não é fácil de explicar. Mas é exatamente aquilo que querias dizer ainda há pouco. Nenhum problema, toda a tranquilidade, uma entrega à gente mesma, uma sintonia com tudo o que cerca a gente...

— Definição perfeita. Foi isso mesmo que eu quis dizer. Uma coisa, porém, eu não entendo.

— O quê?

— Descobri que não tens jeito para este tipo de vida.

— Não tenho mesmo. Sabes qual seria a minha vontade?
— Sei. Deixar o mato crescer, não precisar cuidar de nada.
— Mais ou menos isso. Sabes por que mando plantar, colher?

— Não.

— Para não parecer diferente dos outros. Preciso proceder como todo mundo para poder passar despercebido. Para poder fazer o que quero.

— Mas o que é que queres fazer?

— Certo, bem certo, ainda não sei. Começo a perceber.

Nesse momento, uma curiosidade, talvez mesmo uma comovente (por que não dizer?) curiosidade tomou conta de mim. Não tive forças sequer para perguntar. Se não tivesse dito, eu jamais viria a saber.

— Acho que nasci com uma certa capacidade para penetrar os próprios problemas.

— Isso eu também sinto.

— Não se trata apenas de sentir. Sentir é uma fase, na qual talvez te encontres. O que importa é ver claramente. Mas ainda não vi. Simplesmente, acho.

— Como chegaste a esse ponto?

— É tudo tão complexo! Nem sei como explicar. Deves ter visto que me deito tarde e que isso deve ter algum motivo. Pois tem. Fico entregue a meus pensamentos.

— Só isso?

— Não achas bastante?

— Não. Penso que deverias comunicar o que pensas. Escrever, por exemplo. E talvez estudar, não sei.

— Ainda não te mostrei minha biblioteca. Iremos para lá daqui a pouco, mas uma coisa posso te dizer desde já. Para o que preciso, todos aqueles livros são inúteis, completamente inúteis.

— Não sabia que gostas de ler, de estudar.

— Gostava. Rompi com toda aquela gente.

— Rompeu?

— Sim, rompi com todos. Noutro tempo, contentava-me ao ler um livro, com a descoberta de uma frase, de uma palavra. Foi pura perda de tempo. Também não tenho mais aquela disponibilidade. Hoje, vivo ocupado comigo mesmo.

— Não posso entender que todos...

— Olha! Pelos meus cálculos, dos livros que tenho — todos escolhidos com o maior cuidado — nem dez eu seria capaz de reler. Vamos passar à biblioteca.

Nesta noite, já era alta madrugada quando me deitei. Não tiveste pena de mim. Esqueceste inteiramente que não passo de uma professora de escola primária. Ouvi nomes de autores, títulos de livros dos quais talvez nunca mais eu ouça falar. Não sabia se devia ficar triste ou alegre. O fato de teres concluído que os livros não servem para esclarecer a própria problemática, que a cultura só convém às pessoas preocupadas meramente com pequenas ou tolas vaidades me fazia bem. No entanto, não deixava de me sentir diminuída, pequenina demais.

No dia seguinte e, lá pelas dez horas, ao me ver chegando para o café, dona Glacinda mexeu comigo: “Pelo que vejo, a doença pegou”. Aceitei a brincadeira: “Pegou e pegou feio. A senhora desculpe o atraso, dona Glacinda”. Quando perguntei por ti, dona Glacinda me informou que tinhas saído para ver um arado que precisava de conserto. Saí a andar. Tomei o caminho que leva ao velho cemitério. Em caminho, reconstitui a conversa da noite, para guardá-la em minha lembrança. Comecei a ficar triste. “Sua tola!” Essa repreensão de mim para mim mesma me repôs. “Só porque deves regressar, estás começando a ficar triste? São mais três dias. Viva-os!” Dian-

te de mim, o cemitério. Eu querendo viver três dias e aquela gente há quanto tempo morta! Não, não tenho nada em comum com aquela gente. Nesse momento, descobri. Dona Glacinda não queria que a auxiliasse em nada. Foi impossível convencê-la do contrário. Mas eu podia auxiliar alguém: tu! Lembrei-me de tua falta de jeito, de tua incapacidade para as lides do sítio. Daí... Sim, ensinei-te quase tudo. Foste um aluno dedicado e um belo companheiro. Tua vontade de aprender (fingida ou não) trouxeram alegria e vida à tua vida. Durante três dias inteiros aprendeste comigo o que levaria anos para aprender. E voltei convencida de que sou uma professora exemplar.

Imitação impossível

POR
VAN DER LUBBE

NB — São páginas de um caderno *dele* que dou a conhecer. Essas páginas não traziam qualquer título. O título, por conseguinte, é meu. E nenhum melhor do que este: *Imitação impossível*. Na verdade, o que fez foi seguir — pelo que pude observar — a *Imitação de Cristo*, num exame sucinto de sua própria maneira de ser. Não sei por que (talvez isso se esclareça mais tarde) só seguiu os livros I e II. É possível que a oração ao fim substitua os dois últimos. Não estou muito certo disso, mas essa me parece uma conclusão razoável. Uma conclusão de sua *Imitação impossível*. No entanto, como esse assunto deverá ser esclarecido mais tarde...

A sinceridade e a abertura do próprio coração deste homem são de tal magnitude e profundidade que tenho como excessivo qualquer comentário. Há momentos em que os comentários só fazem prejudicar. Este é um caso típico. Que poderia eu dizer diante do que escreveu? Ou que poderia eu acrescentar que não tenha escrito?

Gostaria apenas, para prevenir (nunca para tranquilizar) van Neutgen, de fazer um pequeno comentário à margem dessa problemática. Algo que este homem sempre repeliu foi a “grosseria” de certas colocações religiosas. Os mandamentos, por exemplo, sempre lhe pareceram ter sido dispostos para pessoas de pouco desenvolvimento espiritual, para pessoas rudes, grosseiras, ou coisa que o valha. Van Neutgen poderia arguir, assim, que na *Imitação de Cristo* também há coisas “grosseiras” e que *ele* não deixaria, em hipótese alguma, de repetir essas “grosserias”. Que o fato de ter seguido os dois primeiros livros foi uma fraqueza imperdoável da parte *dele*. Ou, mesmo, de um pequeno desacerto na visão de toda sua problemática. Isso é o que van Neutgen poderia arguir.

Van Neutgen esquecer-se-ia (se assim julgasse) que *ele*, a partir de um certo momento, descobriu que pode pecar

como os outros homens, que não é melhor do que ninguém e que cultura e sensibilidade nada significam nesse contexto. Que Cristo considerou os homens todos iguais, que qualquer diferença não chega, de maneira alguma, para fundar distinções de caráter religioso. E que a “grosseria” que *ele* sempre repeliu só pode existir num contexto cultural, ou meramente psicossomático (uma questão de maior ou menor sensibilidade), nunca no plano religioso.

Assim, a aceitação do pecado, ou a descoberta de que também *ele* pode pecar como os outros, deu-lhe as condições para uma verdadeira compreensão de sua maneira de ser. Isso significa também que aceitou a frase citada por León Bloy: “Aquele que acha que há pecados que não é capaz de cometer, não é cristão.” Todo homem pode cometer qualquer espécie de pecado por mais “grosseiro”, ou mesmo, por mais repugnante que seja. É isso que van Neutgen terá de aceitar, lá do ponto onde se encontra.

I

1 — Preciso imitar Cristo. Mas de que maneira, se Cristo não pecou, se teve o conhecimento do pecado sem pecar? Não discuto sabiamente sobre nada, se nada sei. Sinto a contrição do pecado em meu espírito, desespero-me de ter pecado, mas não posso desprezar o mundo. Detesto vaidades tolas, mas nem todas as vaidades eu detesto. Bem que se aplica a mim o provérbio: “Os olhos não se fartam de ver, nem os ouvidos de ouvir.”

2 — Não, não procuro o saber. Mas não deixo de ser insensato. Uma palavra pode ocupar meu espírito por muito tempo, uma palavra só, pró ou contra. Não posso renunciar a uma intuição que está em mim, como um gênio a conduzir-

-me neste labirinto que é a minha existência. Posso confessar a minha ignorância e não deixo de fazê-lo. Mas há uma ignorância que não confesso nem a mim mesmo: a ignorância de meu “si mesmo”.

3 — Sim, tenho um enorme conhecimento de mim mesmo. Esse conhecimento é meu orgulho e não minha humildade. Não estudo para saber, nunca estudei para conhecer. Fui o tema único de toda minha pesquisa. Mas não vivi. Não vivendo, não podia pecar. Agora, vivo. Agora, peço. Mas como extirpar de mim aquilo que é mais eu mesmo? Não posso considerar como lodo tudo que é terra, não posso.

4 — Não sei ouvir conselho de ninguém. Não deixo de ser precipitado em minhas ações. Quando aceito a opinião dos outros, não as aceito porque possua uma grande sabedoria, mas talvez por uma falsa humildade. Sigo sempre o meu próprio parecer. Rebelo-me contra os outros que pretendem me instruir. Não quero ser instruído por ninguém.

5 — Nunca li, não leio as Sagradas Escrituras. E se fosse procurar alguma coisa, esta seria uma coisa que se encaixasse perfeitamente em meu pensamento e não o contrário. Quero também saber sempre quem disse. Que os homens passam — e que eu passarei — não tenho a menor dúvida. Quando pergunto por boa vontade, é que algo se esconde atrás dessa boa vontade.

6 — Inquieto-me pelas coisas que desejo, desordenadamente ou não. Não sou humilde de espírito. Só não sei se é isso que me rouba a paz. Talvez eu seja soberbo demais para ter sossego. Mortifico-me, mas não porque vise vencer as ten-

tações que me assediam. Sou propenso à sensualidade, daí porque não posso desprender-me de todos os desejos terrenos. Daí a minha tristeza, daí a minha irritação. Não sinto remorsos por tudo... É outra coisa que sinto.

7 — Sim, coloco minhas esperanças não nos homens coletivamente, ou nas criaturas, mas em alguns homens e algumas criaturas. Também não posso deixar de confiar em mim mesmo, de colocar em mim mesmo a minha esperança, como preliminares à minha confiança e à minha esperança em Deus. Sei, hoje, que não sou melhor do que os outros, mas não posso renunciar àquilo que, em mim, me distingue de todos.

8 — Às vezes, deixo de conversar com quem devo conversar e converso demais, abro o meu coração com quem não devo confessar. Busco a companhia daqueles que me distinguem, sejam pobres ou ricos. Sou familiar com quem não devo ser familiar. Descubro meus defeitos, não por humildade, mas por orgulho. Para marcar a minha diferença de todos.

9 — Não sei obedecer. Mas também não sei dispor de minha própria vontade. Submeto-me quando não deveria me submeter. Não alcancei uma verdadeira liberdade de espírito, talvez porque não esteja caminhando certo. Talvez seja o orgulho toda a minha motivação para alcançar Deus, e não o amor. Não sei. Não encontro estabilidade. Lugares e mudanças ainda me encantam. Como renunciar ao meu parecer? Não há paz. Só não sou obstinado quando não quero ser. Mas quando é que não quero ser?

10 — E como converso, quase que só conversa fiada! Conversas de vaidade, tolas e inúteis. E como essas conversas

me fazem mal! Porque percebo, durante essas conversas, que estou perdendo o meu tempo. Nunca cuidei de meu progresso espiritual. Só cuidei do progresso dentro de mim mesmo, mas não é esse o progresso espiritual.

11 — Não sei se um dia virei a ser um soldado valente na luta de Cristo. Extirpar um vício por ano... Serei tão viciado assim? É, meu adiantamento espiritual vai depender disso: do reconhecimento claro e expresso de meus vícios. Vencer obstáculos pequenos e leves, como é difícil! Difícil inclusive situá-los, circunscrevê-los. Como é difícil o caminho!

12 — Minhas aflições e contrariedades, não as coloco a serviço de meu adiantamento espiritual. A serviço da reflexão, sim. Mas uma reflexão que, na maioria das vezes, exaure-se em si mesma. Nunca me lembro de que vivo um desterro. É claro, se ponho demasiada esperança em coisas do mundo! Contradições e conceitos maus unicamente me levam à revolta, nunca ao testemunho interior de Deus. Sinto que tenho necessidade de Deus, mas nem por isso sinto tédio do mundo, nem quero a morte para livrar-me do corpo.

13 — Sim, minha vida é um combate. Combate para que me deixem tempo para escrever. Somente agora começo a compreender que é preciso combater para vencer as tentações. Que a presença do demônio como algo concreto, palpável (que sempre senti) é mais do que uma mera presença. Que ele se encontra na base de muitas de minhas ilusões. Sei que há tentações e adversidades. Mas estas não levam à pureza. A tentação já traz em si a sua própria impureza. Combatê-la é importante. Mas, o mais importante seria não ter (não só não cair) tentações. O melhor seria mesmo nunca

pecar (não ter cometido o primeiro pecado — esse o mais terrível dos pecados).

14 — Gosto de julgar os outros. Vivo julgando os outros. Mas sempre em função de mim mesmo. Nunca julgo os outros por eles mesmos, ou simplesmente por suas ações. Julgo os outros de acordo com os meus interesses. E me inquieto, me revolto, ou me entristeço quando não os vejo voltados para mim. Não, nunca pude — e ainda não posso — renunciar ao meu modo de ser.

15 — O que faço pelos outros, não sei certamente por que faço. Sei que pode não ser por amor. Que é a minha vontade que me leva a proceder assim por uma estranha necessidade de minha maneira de ser. Talvez meu amor próprio seja a explicação mais razoável para esse meu procedimento. Bem, se em tudo busco apenas a mim mesmo, tudo é amor próprio. Não, nunca procedo por caridade. Seria pura ilusão pensar que a caridade está na base de muitas das minhas ações.

16 — Não suporto a imperfeição de ninguém, nem mesmo agora que percebi que sou como os outros, que tenho a mesma natureza corrupta. Não aturo, não consigo aturar. De onde tiraria a paciência necessária para suportar a imperfeição dos outros? Não quero ser corrigido, nem repreendido. Talvez eu queira, sim — ser corrigido, mas à minha maneira, não à maneira dos outros.

17 — Curioso, sempre me considereei um peregrino sobre a terra. Peregrino — essa toda a verdade — como sinônimo de vagabundo. Ou peregrino romântico, o que é a mesma coisa. Sim, tornei-me um louco, pelo tipo de vida que levo,

mas não um louco de Cristo. É isso que preciso tornar-me! Sim, é isso!

18 — Não, não quero seguir o exemplo de ninguém, nem dos Santos Padres. Estes não descem em minha garganta. Não sei por quê — mas gostaria de saber (talvez por causa do orgulho) — não tolero aqueles que são tidos (ou que foram tidos) como grandes, mas que comem (ou comeram) com apetite. Se alguns só com penas satisfazem as exigências da natureza — esses podem ser admirados por mim. Mas, mesmo assim, não lhes seguiria o exemplo. Estranho o fervor dessa gente! No fundo — sim, lá no fundo, quem sabe não gostaria de ser como eles, de ter o mesmo fervor?

19 — O interior ainda melhor do que parece o exterior: como se isso fosse possível! Eu, que vivo no mundo dos homens, comporto-me melhor exteriormente porque a isso me obrigam tantas coisas. Meu interior é muitíssimo pior. Como não está em minha mão o meu caminho? Claro que está em minha mão o meu próprio caminho. Posso propor. Deus pode dispor. Mas só me tornarei cristão se eu quiser. Sem um ato de vontade, não serei coisa alguma, muito menos um cristão. Todo exercício implica um ato de vontade. Sem esta não chegarei sequer ao exercício.

20 — É verdade — sim — “sempre que estive entre os homens, menos homem voltei.” Não entre todos os homens. Há exceções grandiosas, de homens que nos tornam mais homem (mas são tão poucos!). Gosto do silêncio, gosto do sossego. Silêncio e sossego por eles mesmos, não por outra coisa. Posso passar dias em silêncio, dias em sossego — mas isso nada significa. Sei que nada é estável, que tudo passa, mas quero também o que passa. Não, não posso querer.

21 — Tenho certeza absoluta de que há leviandade em meu coração e descuido dos meus defeitos e que, assim, não percebo os males do meu espírito. Sim, rio-me muitas vezes quando deveria chorar. E choro quando deveria rir. Nem sempre consigo discernir quando sempre devo discernir. Ah! se pudesse afastar tudo que mancha ou agrava a minha consciência! É claro que sei que sou indigno do consolo divino. É claro que sei que a culpa é minha. Sim, muito gostaria de dizer com o profeta: “Sustenta-me, Senhor, com o pão das lágrimas e a bebida copiosa do pranto!”

22 — Bem, não passarei jamais de um miserável... Só não acho a vida dos outros melhor do que a minha porque conheço a miséria humana. Não porque ache que viver na Terra seja uma verdadeira miséria. Tudo é miséria. Por que não? “Livrai-me, Senhor, das minhas necessidades.” Posso repetir como os outros homens. Mas, como fazer violência a mim mesmo? Violência para vencer os meus pecados? Não sei. Oh! fragilidade humana a minha, sempre disposta ao mal!

23 — Sei, sei que muito depressa chegará o meu fim neste mundo. Não há escapatória possível. Os outros passaram. Também passarei. Minha memória ficará, talvez, talvez. Também pode ela não perdurar, como não perdurou a memória de tanta gente. Devo cuidar do presente. Cuidar do presente de pecado, para ter um futuro. Ou para ter a minha morte como uma vírgula, e não como ponto final. É claro que é perigoso viver muito, mas só até certo ponto. Se não tivesse vivido até agora, não teria tido consciência do pecado. Mas se viver muito mais, talvez venha novamente a perder essa consciência. Isso, sim — seria terrível! Mas não posso viver pensando na morte. Perturbaria minha própria salvação. Tenho

de pensar no futuro, isso sim. Não na morte. Se o que importa é vencer o pecado durante a vida. Não sou louco a ponto de acreditar que deverei viver ainda muito tempo.

24 — Não me faz bem — contraria a minha maneira de ser — pensar em Deus como um juiz severo, a quem nada é oculto. Prefiro o outro — Cristo — com sua compreensão do pecado, com seu exemplo (embora impossível de ser imitado). Sou um misérrimo e insensato pecador. Não sei o que responderei a Deus. Poupo-me demais. Isso é terrível. Não me castigo como deveria castigar-me. Não me abstenho como deveria abster-me (do pecado). Gostaria de ficar com o Cristo e com o mundo. Impossível!!! Ficarei com o Cristo, mas recuso-me a ser julgado por um juiz muito severo. Basta eu mesmo na condição de juiz, não de mim, é claro, mas dos outros, de todos que vivem perto de mim ou ao meu lado.

25 — Sim, eu quero — por que negar (seria respeito humano negar)? Quero tornar-me um homem espiritual. Parece-me, muitas vezes, que seria tão fácil, que bastaria querer com toda a minha alma, e essa graça ser-me-ia concedida. Mas, eu não sei. Tenho medo, talvez. Medo de perder tantas coisas da vida, ou a própria vida, se esta me fosse exigida. Devo vencer-me a mim mesmo, mortificar-me no espírito. Devo crer, crer e relaxar todas as preocupações terrenas, bem que eu sei. Mas sou fraco. Que fazer senão clamar por Cristo, esperar por Cristo?

II

1 — Cristo também foi, neste mundo, desprezado pelos homens... É, sim. Não posso querer queixar-me de ninguém. Não posso só ter amigos e servidores. Não posso só ter facilidades. Para ser amigo de Cristo, devo sofrer com Cristo e por

Cristo. Não que queira reinar com Cristo. Acho uma tolice meramente humana pensar, à guisa de conclusão, que devo reinar com Cristo. Salvar-me já seria o bastante. Salvar-me, se possível, reencontrando a pureza original. Cristo morreu com estigmas. Por que não posso ter os meus estigmas? Ou aceitar os estigmas de Cristo? Não é paz que eu quero. Não é alegria. Não é repouso. Não é tranquilidade. É reencontrar a minha pureza original. Assim como Cristo foi puro (coisa inteiramente impossível). Todo gozo, mesmo da alegria interior, me parece um pecado, pois como separar o que é sensual desse gozo de vida interior?

2 — Preciso ser humilde. Reconhecer-me inferior a todos (isso deve ser possível).

3 — Paz... Não suporto esta paz da imitação. Mansidão... Não quero ser manso como me dizem que preciso ser manso. Resignação... Talvez eu possa resignar-me, talvez.

4 — Simplicidade e pureza! Oh! Isso sim — se pudesse ser simples e puro. A pureza me levaria diretamente a Deus. A simplicidade me faria viver em paz com os homens. Isso seria tudo. São verdadeiramente duas asas que poderiam me levantar acima de todas as minhas mesquinhas e tolas preocupações terrenas.

5 — Não posso deixar de confiar em mim mesmo, em minha intuição que nunca falhou. Sei que não teria muitas luzes não fosse essa intuição. Talvez essa mesma intuição é que esteja me levando para Cristo, como meu único caminho, o único caminho de quem não quer ser outra coisa, senão si mesmo.

6 — Curioso: recuso-me à paz, ao sossego, mas não posso deixar de reconhecer que é fácil estar contente tendo a consciência pura. Não posso mesmo. E que sou o que sou e que ninguém me pode fazer maior aos olhos de Deus, é coisa que eu sei (sempre soube). Mas não posso deixar de fazer caso do que de mim dizem os homens. Não é curioso também? Sei que Deus vê meu coração. Daí a minha tristeza (mas não é só por Deus) de não ser puro.

7 — Sou apegado à criatura e cairei com ela. Mas quero o amor de Cristo, que permanece fiel e inabalável. Só ele poderá me socorrer para a minha volta à pureza anterior ao pecado (se for possível). Que toda a carne é feno (mas por que humilhar a carne dessa maneira?) e que toda sua glória fenece como a flor do campo, eu sei, como todos sabem. Mas, se eu sou carne... Não, de nada serve permanecer no que é perecível. Para humilhar o homem é a carne, só pode ser.

8 — Não concordo, não. Pelo contrário: quando Cristo está presente é que tudo é mais difícil, mais terrível. Quando nos distingue com suas graças, então as dificuldades se tornam sobre-humanas. Não há paz, não há repouso possível. É uma luta constante, dura, cruel. Cristo só torna o nosso caminho mais difícil. Mas não seria nada ser cristão, se não topássemos com essas dificuldades. Seria um passeio, como tantos outros que fazemos em nossa vida. Ou, melhor, como eu mesmo faço.

9 — Não procuro consolo humano. Mas não quero ser relaxado ao ponto de viver pensando encontrar consolo divino. Por isso, devo preferir exercícios austeros e trabalhos penosos, se quiser verdadeiramente caminhar após Cristo. É im-

possível ser um imitador de Cristo. O que quero ser é um homem que, com todas as suas limitações humanas, procura Cristo, sem o orgulho de pretender imitá-lo, nem enquanto homem, nem enquanto Deus. Vou esperar da misericórdia de Deus e de sua graça para continuar sendo eu mesmo, tendo Cristo diante dos olhos, sua vida, mas não sua imagem (pois não pretendo um Deus no âmbito da estética).

10 — Agradeço, não posso deixar de agradecer. Quantos homens, pobres homens como eu, não agradeceram os piores tormentos, sofridos por Cristo. Não sei se terei forças para isso. Talvez, talvez. Sou pequeno demais, tenho limites demais, sou terreno demais, sensual demais para agradecer, mas não deixarei de agradecer, enquanto tiver forças para isso. Agradecer, agradecer.

11 — São poucos os que amam a cruz de Cristo. Mas eu queria ser um desses poucos. Dos atribulados, nunca dos consolados. Não sei até onde poderei ir. Mas devo continuar andando, continuar. Oh! Ter a coragem de abraçar a ignomínia da cruz! Não, não sei se algum dia chegarei à cruz, não à cruz como imagem, mas à cruz como é verdadeiramente, à cruz que deve existir dentro de mim, como de tantos outros. Mas são poucos, e eu gostaria, ao menos, de ser um desses poucos.

12 — Sim, é dura esta palavra: “Renuncia a ti mesmo, toma a tua cruz e segue a Cristo.” Que valor terá tomar a cruz renunciando a mim mesmo? Nenhum. Quero a cruz como sou, mas como sou sem pecado, sem isto que se meteu pelo meu espírito para destruí-lo. Quero ser santo pelo caminho da cruz, sem renunciar a mim mesmo. Renunciar é pôr de lado aquilo que se deve ter presente para se medir a diferen-

ça do que se é e do que se passou a ser — pelo pecado, com a destruição do próprio “si mesmo”. Tudo depende da cruz, eu sei. Toda a vida de Cristo foi cruz e martírio. Quero a cruz e o martírio como um homem e nada mais. Quero, embora repugne às minhas inclinações, querer a cruz. Cristo foi crucificado por amor a mim, eu sei. Que fazer senão ser crucificado, não obstante a imitação seja impossível?

Oração

Ó Deus, aqui estou mergulhando nas trevas desta noite — a tua noite — e caminho. Sinceramente, não sei para onde caminho. Mas este é o caminho que me levará a ti. É possível, meu Deus, mas eu não sei. Não sei nada, nada. Ó Deus, extirpa de mim o orgulho, a vaidade. Devolve-me o meu “si mesmo”, que perdi com a queda. Devolve-me a mim mesmo a minha pureza original. Faze com que me liberte dos outros, do mundo e de tudo que me prende a esta terra por laços que não tenho forças para romper. Destrói em minha maneira de ser aquilo que não é apenas eu mesmo, para que possa louvar-te em tua glória e esplendor. Ó Deus, não quero reinar contigo. Salvar-me já seria tudo, do meu romantismo, da minha cultura, da minha sensibilidade, dos meus pecados, do primeiro pecado, ó Deus, que destruiu a minha pureza original. Ergue-me quando eu tropeçar e cair neste caminho de trevas. São fracas as lanternas que clareiam o meu caminho (se é que se trata mesmo de um caminho), muito mal clareiam. Que fazer sem ti, ó Deus, se sou terra, cultor da terra, amante zeloso da terra? Dá-me forças para prosseguir, coragem de andar nas trevas e a ousadia da lealdade a teu santo nome! Amém!

A descoberta

POR
SORTE PEER

Um menino aproximou-se dele e falou: “Uma moça mandou chamar o senhor. Ela está esperando no porto das barcas. É para o senhor ir logo.” Ficou indeciso: “No porto das barcas, onde?” O menino explicou, apontando: “O senhor desce a praça e lá adiante dobra à esquerda.” Ele deu uma nota de cem cruzeiros ao menino. E, enquanto descia pela praça, um homem veio sentar-se no banco em que ele estivera sentado, pegara o jornal que ficara aberto e começou a ler a notícia: “Incêndio destrói a cruz.”

Dobrou à esquerda e foi acompanhando o quebra-mar. Não, ela não estava no porto das barcas. É claro que não queria se expor. Ele continuou. Tinha certeza de encontrá-la um pouco mais longe. Perto de uma velha casa em ruínas, perto de um lugar bastante escuro, percebeu um vulto de mulher. Sem dúvida que era ela. Cruzou a rua e aproximou-se. Ela empurrou uma velha porta. Entrou e ele atrás dela.

— É você? — perguntou ele.

— Sim, sou eu. Mas fale baixo que podem nos ouvir.

— Quem?

— Os outros, a polícia.

— Onde está seu pai?

— Numa canoa, perto da ponte. Ele espera por mim.

Eu não queria ir sem falar com você.

— Depois do que você fez?

— Eu tinha que fazer. Você sabe.

Ouviram um ruído de passos. O ruído cessou, por momentos, continuaram a falar.

— Não sei.

— Agora, está feito. Papai resolveu voltar para a cidade dele.

— Foi fácil com seu pai.

— Mais fácil do que eu pensava. Quando papai viu a

cruz queimando, resolveu deixar o morro e regressar à sua cidade. Não esperou um instante sequer.

— Você acha que comigo será fácil assim?

— Pode ser.

— A verdade é que também não sei. Já estava no centro quando vi o fogo na cruz. Imediatamente, compreendi. Ouvi as sirenes dos carros dos bombeiros. Não tive qualquer reação, nenhum pensamento, nada. Fui para o meu quarto no hotel, deitei-me e dormi como estava. Nem os sapatos tirei. Quando acordei passava do meio-dia.

— Foi mesmo?

— Foi, sim. Tomei um banho. Almocei no quarto. Voltei a deitar-me e a dormir. Saí, há pouco, para comprar um jornal. Como é que você sabia que eu estava naquele banco?

— É o banco onde você gosta de ficar.

— Como é que você sabe?

— Ora, você mesmo me disse, não se lembra?

— Ah! sim. Por que é que você... não, é tolice perguntar. Eu sei.

— Que é que você vai fazer agora?

— É difícil de saber.

— E a cruz que disse ter dentro de você?

— Ainda não descobri. Talvez não descubra nunca.

— Nesse caso, fiz mal queimando a cruz?

— Não, meu bem. Você não fez mal. Quem pode saber?

— Não quer ir conosco? Há lugar para você. Vamos de canoa até o Estreito. Lá meu pai pretende alugar um carro de praça. E voltaremos para a cidade de onde nunca deveríamos ter saído... Gostaria tanto de esquecer esses últimos três anos, não fosse você. Por que não vai conosco?

— Você mesma sabe que não posso. Já não poderíamos

viver como vivemos no morro. Não teria sentido a nossa vida. Nem sei mesmo como me comportaria em relação a você.

— Não gosta mais de mim?

— Claro que gosto. Mas, não sei...

— Você continua pensando na cruz?

— Não. Naquela cruz do morro, que você queimou, não. Mas não sei o que poderá suceder.

Um novo ruído de passos e silenciaram por alguns instantes. Afastado o ruído, ele retomou a palavra.

— Será que não se pode sentar aqui?

— Sim, há um lugar. Ficamos aqui desde que deixamos o morro. Já conheço cada canto, cada monte de velhos tijolos. Improvisamos um banco. Venha, mas com cuidado. É melhor que você me dê a mão.

— Por que você não fica comigo?

— Impossível. Suspeitam que alguém pôs fogo na cruz. Devemos estar sendo procurados. Eu seria presa.

— Eu posso impedir.

— É melhor não arriscar. Não por mim, mas por você, por papai.

— A polícia pensa que foi um curto-circuito.

— Li a notícia. Ainda não sabem nada ao certo. Falam também de um personagem misterioso. Esse é você. Alguém que viu você subindo o morro todas as noites e fez a denúncia.

— Mas não pôde dizer como eu era.

— Você é que pensa. A polícia nunca diz tudo o que sabe. Seria uma burrice.

— Então, você acha que sabem que esse personagem sou eu?

— É possível. Por isso, seria melhor que fosse conosco.

— Não, não posso ir. Tenho de ficar aqui, pelo menos algum tempo mais.

— Você não tem medo?

— Não. O grande chefe da polícia é meu primo. Não aconteceria nada comigo. Disso, estou convencido. E não deixaria que houvesse nada também com você, com seu pai. Seria fácilimo.

— As situações são diferentes. Ele poderia protegê-lo, mas como me protegeria a mim? Não, é melhor não.

Ouviram um ruído como se alguém estivesse forçando a porta. Abraçados, permaneceram em silêncio, esperando que o ruído cessasse. Novo ruído de passos que se distanciavam. Ela voltou a falar:

— A verdade é que não sei se me importo muito com a polícia. A vida lá no morro me ensinou tanta coisa. Oh! Como gostaria de esquecer.

— Tudo?

— Você sabe, já lhe disse que não. Que é que você vai fazer, agora?

— Sinceramente, não sei.

— Procurar outra cruz ou outra mulher?

— Como posso saber? Sinto um vazio total. É como se não tivesse mais nada por dentro. Nada, nada. Não entendo. Mas também não procuro entender.

— Então, eu fiz mal.

— Por que insiste? Não fez. Estou certo que não fez. Apenas, não quero pensar. Pelo menos, no momento. Por que você acha que li a notícia? Somente para ver qual seria minha reação, se acabaria enchendo este vazio com alguma coisa, um raio de luz nas trevas, sei lá. Mas desisti.

— Não podemos nos despedir assim. Ficarei sofrendo. Sofrendo e esperando. Não, não me esquecerei disso, enquanto você não tiver encontrado o que procura.

— Era você que eu procurava.

— Também pensei. Mas agora começo a ter dúvidas. Dúvidas cruéis. Não sei bem.

— Era você, sim. Deixe eu lhe contar. Certa tarde, eu tinha apenas chegado aqui, vi você conversando com uma mulher. Qual não foi a minha surpresa quando esta mulher veio arrumar meu quarto no dia seguinte. Conversei com ela e perguntei por você. Ela me contou tudo.

— Mas você tinha vindo trazido pela cruz. Foi ou não foi?

— Foi, sim.

— Logo, a cruz estava em primeiro lugar. Eu é que o tirei do caminho certo.

— Isso tudo é uma nebulosa, na qual não consigo me orientar. É inútil pensar nisso. Você vai às onze horas, não é?

— Às onze.

— Vamos jantar juntos. Temos tempo. Ninguém vai reconhecer você. Pensa que não vi?

— Não viu o quê?

— Não vi que está com um penteado diferente. Com um vestido melhor.

— Pensei que você não tivesse visto.

— Mas se enganou. Conheço um restaurante bem discreto. Ninguém vai nos incomodar. Garanto!

— E meu pai?... se acontecer alguma coisa?

— Ora, o que é isso? Não vai acontecer nada. Não custa vivermos duas ou três horas, custa?

— Está bem. Irei com você. Só que às onze horas tenho de estar lá perto da ponte, para me encontrar com meu pai.

— Pode ficar tranquila.

Já na calçada, viram um homem que apressava o passo, a fim de distanciar-se. Ela falou:

— Será que ele estava aqui na porta?

— Que é que ganhou com isso? Nada.

— E se for da polícia?

— Bobagem, eu dou um jeito. De braços dados, começaram a andar. Refizeram, em sentido contrário, o caminho que ele percorrera da praça até as ruínas. Na praça, tomaram um táxi. Pouco mais tarde, chegaram a um restaurante, não muito longe da ponte. Sentaram-se em uma mesa em um canto. Ela voltou a falar:

— Este jantar é de despedida, meu bem?

Ele respondeu:

— Pode não ser. E se fosse um jantar comemorativo?

— Você está brincando.

— Não, não estou. Quero comemorar com você a grandeza do seu gesto. Não fosse você, não gozaríamos desta liberdade, nem seu pai, nem você, nem eu.

Com o cardápio nas mãos, concluiu:

— Vou escolher, então, o que existir de melhor.

E, voltando-se para o garçom:

— O prato que você considera o melhor.

A um olhar do garçom, ele repetiu:

— O mesmo para mim.

— Algum aperitivo? — perguntou o garçom.

— Sim. — respondeu ele. — Vermute seco, bem gelado, para os dois.

Ela não se conteve e sorriu.

— Engraçado. Eu deveria chorar ao invés de rir. Mas, diante de você, a gente não sabe como se comportar. Você brinca com as coisas graves da vida e é tomado de enorme seriedade com as coisas simples. Com a construção da casa, por exemplo, você estava tomado de uma seriedade incrível. Agora, que vamos nos despedir, você me convida para jantar.

— Talvez eu queira me proteger.

- Proteger de quê?
 - De você, de mim, de tudo. Não se preocupe que sempre fui assim. A vida não conseguiu me modificar.
 - E não conseguirá algum dia?
 - Não. Sou muito maduro para isso. Se tivesse uns vinte anos a menos, talvez.
 - Você acha que posso me modificar, com o tempo?
 - Talvez, quando você se casar, como as outras moças, quando tiver filhos.
 - Não acredito que algum dia eu venha a me casar.
 - Por quê?
 - Depois de toda a minha experiência lá no morro, não dá. Seria muito difícil encontrar alguém que me compreendesse. Que me aceitasse como sou.
 - O difícil vai ser você aceitar e não ele.
 - De uma maneira ou de outra, não vai ser fácil. Posso viver com alguém como vivi com você lá no morro, me casar, não sei.
- Neste momento, para a surpresa dele, viu o grande chefe que entrava no restaurante, acompanhado daquelas duas moças daquela primeira noite. Só que, desta vez, não estavam nem de vestido verde, uma — nem de vestido cor de rosa, a outra. Ao vê-lo, o grande chefe sorriu e se encaminhou para a mesa. Cumprimentaram-se.
- Uma amiga.
- Sentada, ela estendeu a mão para um cumprimento.
- Muito prazer.
- O grande chefe chamou as duas moças e apresentou-as.
- Já conhecem?
 - Sim, conhecemos. Ela... Não, muito prazer.
 - Muito prazer.

Agora, estavam todos de pé. Ele chamou o garçom.

— Junte duas mesas, que vamos jantar todos.

O garçom informou:

— Há uma mesa grande num reservado especial para festas. Podem passar para lá, se quiserem. Ficarão mais à vontade.

— Ótimo! — disse o grande chefe.

Depois de resolverem que todos deveriam escolher o que havia de melhor, encomendaram aperitivos. O grande chefe pediu conhaque e as moças, San Rafael.

— Sabem, estamos comemorando... — foi ele que explicou.

A *una voce*, as duas moças perguntaram:

— Pode-se saber o quê?

— Claro. Nossa liberdade.

— Nesse caso, viva! — disseram as moças.

O grande chefe, mais positivo, quis saber:

— Que liberdade? Quem se liberta, liberta-se de alguém, de alguma coisa. De que é que vocês se libertaram?

Nesse momento, ela — que participava e muito bem de tudo — respondeu:

— É que nos libertamos da cruz, sabem?

O grande chefe dirigiu-se a ela:

— Só porque a cruz não existe mais? Vocês não são tão pecadores assim.

— Somos mais pecadores do que você pensa.

— Verdade?

— Verdade. E como os pecadores não gostam da cruz...

— Você está brincando comigo.

— Não estou, não. Pergunte a ele, se não quiser acreditar.

— É muita coincidência. Não me digam também que foram vocês que puseram fogo na cruz?

— Fui eu!

— Como você é maravilhosa! — disseram as moças de uma só voz.

Ele resolveu acrescentar:

— Mas o responsável sou eu. Ela pôs fogo na cruz por minha causa.

— Maravilhoso! — repetiu a moça que, naquela primeira noite, usara vestido verde. E repetiu:

— Maravilhoso!

O grande chefe comentou:

— Eu já sabia. Não se admirem, mas eu já sabia. Vou contar o que houve para vocês não pensarem que é bazófia de policial. Desde aquela noite em que subi o morro atrás de você (o grande chefe apontou para ele) fiquei numa dúvida terrível. Num primeiro momento, acreditei sinceramente que você tinha ido ao morro em busca da cruz.

— E fui!

— Bem, foi também o que pensei. Que você tinha ido ao morro em busca da cruz. Não sabendo, porém, se aquela gente que vivia no morro era composta de marginais ou não, destaquei um homem para segui-lo. Todas as noites, quando você subia a morro, ele subia atrás de você e ficava escondido. Foi assim que fiquei sabendo que era um caso de amor... e não religioso. Não se inquiete: esse homem é de minha mais absoluta confiança. Ele ficava bastante longe, não podia ouvir as conversas de vocês. Não sou tão indiscreto assim. Nesta madrugada, porém, enquanto vocês andavam de cá para lá, ele dormiu. Quando acordou, você já tinha regressado e ela punha fogo na cruz. Não contou a ninguém, podem acreditar. Foi ele que me disse que vocês estavam aqui, depois de deixarem as ruínas. Como vocês veem, não há mistério algum no fato de eu saber de tudo.

— Você sabe e vai fazer de conta que não sabe. — comentou ele, que era primo do grande chefe.

— Como normalmente faço. Imagine você se a polícia vivesse contando tudo o que sabe. Seria um horror!

— Não diga. — Comentou a moça que, naquela primeira noite, usara o vestido rosa.

— A polícia nada tem a ver com aquela história de “personagem misterioso” que está na Gazeta. Foi um tolo qualquer, querendo bancar o importante. Ele não sabe nada.

A moça que usara vestido verde não se continha tal sua curiosidade. Aproveitou uma brecha e perguntou:

— Então, você é a moça que avisa os casais de namorados?

— Era.

— Era, como?

— É que não voltarei mais ao morro. Ele é todinho de vocês.

— Por quê? Por causa do incêndio da cruz?

— Meu pai resolveu voltar para a sua cidade. Vou com ele.

— Como é, então, que vocês podem estar comemorando? Não se trata de uma despedida?

— Verdade, ele não irá comigo. É mesmo uma despedida. Vou deixar o caminho livre para que ele possa ir à cruz. Só que terá de procurar outra cruz.

— Gente complicada, vocês. — disse a moça que usara vestido cor de rosa. E continuou:

— Que conversa louca!

— É tudo muito mais simples do que você pensa. Quando ele veio para cá, veio pensando em ir à cruz. Depois, me encontrou. E não foi à cruz.

— Só isso?

— Só.

— Bem, então, não há nenhum mistério nisso.

O grande chefe interveio:

— Claro que não há. Me diga, caro primo, só uma coisa. E a cruz?

— Pode ser que eu descubra a cruz dentro de mim.

— Sim, pode ser.

O garçom, de pé ao lado, fez a pergunta:

— E para beber?

Ele se dirigiu a todos:

— Que acham de um bom vinho?

— Ótimo! — foi a resposta que se ouviu.

Ele, voltando-se para o garçom:

— Qual o melhor vinho que vocês têm?

— Temos um tinto chileno, excelente!

— Serve, deve servir, se é mesmo excelente.

Servidos o jantar e as bebidas, a conversa recaiu sobre futilidades. Todos se encontravam de bom humor. Mesmo ela não criara qualquer mal-estar. Era uma moça como as outras. Não procurava comportar-se de maneira diferente. A simpatia surgira desde o primeiro momento. Ninguém se julgava melhor do que ninguém. Era preciso comemorar e todos comemoravam. Após o jantar e o cafezinho, o grande chefe e as duas moças se retiraram. Este, ao sair, não deixou de dizer:

— Recomende-me ao seu pai.

As moças, por sua vez, também se dirigindo a ela, disseram:

— Você foi maravilhosa! Se puder ficar, fique, ou leve ele com você.

Quando ficaram a sós novamente, ele perguntou:

— Você prefere ficar aqui ou quer andar um pouco?

— Seria bom andar um pouco. Acho que me excedi no vinho.

— O ar fresco lhe fará bem.

Pagou a conta e saíram. Era uma noite morna, suave, gostosa pra se andar sem pressa, devagar. Ele passou os braços sobre as espáduas dela. Ela prendeu-o pela cintura. Começaram a andar. Já tinham dado alguns passos, quando ela voltou a falar:

— Você sabe, meu bem, que o vinho me deixou contente, quase feliz.

— Pois estou começando a ficar nostálgico. É a saudade que começa a nascer. Tenho a impressão de que você está cada vez mais longe de mim.

— Não se entregue dessa maneira, por favor!

— Eu sei, mas não posso fazer nada. A nostalgia não vem quando quero. Não, não vou ficar nostálgico, não e não.

— Ótimo! A despedida será menos difícil, se você quiser. Mais tarde, você poderá me visitar, sabe? Estarei esperando você.

— Não. Não espere por mim. Nunca. Toque sua vida como achar melhor. Não sei se algum dia irei visitá-la. Pode ser, se algum dia tiver verdadeiramente chegado à cruz. Nesse caso, você pode estar certa, eu irei.

— E se não chegar à cruz, nunca?

— Não irei. Você fez o que lhe era possível para me salvar, queimando a cruz. Essa era a única condição para que eu pudesse descobrir a cruz dentro de mim.

Andando devagar, muito devagar, alcançaram a cabeceira da ponte.

— Por que essa ideia de passar de canoa para o outro lado?

— Sei lá. Meu pai resolveu.

— Diga a ele que não se preocupe. A polícia não está à procura de ninguém.

— Acho melhor não dizer nada. Ficaria decepcionado.

Você não conhece papai. Gosta de se entregar a suas crises. Nem que acreditaria que não há nada. Pensaria que bebi demais... e teria razão.

Passaram por dois soldados, postados de guarda à entrada da ponte. A certa altura, lá pelo meio da ponte, pararam.

— Isso é bonito demais! Não acha?

— Demais mesmo! — respondeu ela. — Uma pena que a gente não possa ficar aqui. Mas estou ansiosa para rever minha cidade. São três anos. É muito tempo. Você voltará para a sua cidade?

— Não sei. Ainda não pensei nisso. Talvez nem possa voltar. Deixei tudo.

— Mas faz pouco tempo!

— Não importa. Quando saí, todos sabiam de minha disposição. Eu cairia no ridículo se voltasse.

— Você disse o que vinha fazer aqui?

— Não, não disse. Mas acho que todos compreenderam. Era uma conclusão natural de todo o meu caminho.

— Você está superestimando a capacidade dos outros. Ninguém conhece nem o próprio caminho, quanto mais o caminho do outro! Posso garantir que ninguém sabe por que você deixou sua cidade.

— Nesse caso, seria ridículo a meus próprios olhos. É inútil pensar nisso. Só com o tempo é que poderei saber.

— Não acho que seja uma questão de tempo.

— Sei. Devo decidir de uma vez por todas. Se você soubesse como sempre recuo, depois de decidir!?

— Parece-me que você procura sempre decidir pelos extremos.

— Só uma decisão extremada é uma verdadeira decisão. As outras não significam nada.

— Você julga que é homem para esse tipo de decisão?

— Outros decidiram. Por que não posso decidir?

— Outros... Exceções, talvez... Você não se comporta como uma exceção. Sua regra é a da grande maioria, a de todos.

— Isso, eu sei, complica as coisas. A verdade é que não me conformo em fazer parte do rebanho. Quero ser diferente, um tipo extraordinário.

— Você me disse que passou sua vida escrevendo, não foi?

— Foi.

— Então? Escrever, como você escreveu, já não é algo excepcional?

— No sentido comum, é. Porque eu poderia ter sido qualquer coisa e não ter passado a minha vida a escrever. Num sentido diferente, não. Nesse sentido, não preciso sequer escrever — no sentido religioso, você sabe.

— Gostaria tanto de ajudá-lo, mas é tão difícil.

— Sempre achei que ninguém poderia me ajudar. Depois que você pôs fogo na cruz, estou em dúvida. Você me ajudou tanto. Compreendi, pelo menos, que a cruz exterior nada significa. Não fosse você...

— É impossível!

— Mas tenho o direito — todos têm — de não me conformar com essa impossibilidade.

— Compreendo.

Mergulharam, em seguida, num profundíssimo silêncio. Seus olhos contemplavam o mar, o reflexo das lâmpadas de mercúrio no mar, as trevas nos montes do continente, os faróis ao longe. Naquele momento, tudo era paisagem. Ele, inclusive. A parte humana da paisagem, que sempre deve haver. Mudos de palavras e de gestos, pareciam ter perdido a distância necessária entre um e outro para que pudessem ter

um gesto de carinho, uma palavra de amor.

Muito mais tarde, ela pareceu sobressaltar-se:

— Deixe-me ver que horas são.

Olharam no relógio que ele puxou do bolso do colete.

Ela concluiu:

— Quase onze. Preciso ir. Adeus, meu bem. Fique aqui na ponte. Um beijo e adeus. Talvez nos vejamos mais tarde. Fique onde está.

— Não!

— Sim. Faça o que lhe peço, por favor. Adeus!

Ela saiu, quase a correr. Ele ficou mergulhado na paisagem. Como mergulhar nele mesmo, se perdera toda e qualquer profundidade?

Tempos depois, deixou a ponte. Tomou uma rua, sem rumo. De repente, percebeu que estava à frente de uma boate. Sem saber o que fazer, subiu as escadas e entrou. Procurou uma mesa e sentou-se. A música recomeçou. Pediu conhaque. Queria algo forte. Procurava esquecer. Esquecer que perdera tudo, tudo. Que perdera a cruz e também a moça. Não lhe ocorreu, no momento, que perdera apenas aquela cruz — coisa que, há instantes, compreendera muito bem.

Uma mulher sentou-se ao lado dele:

— Dor de corno?

— Sim, dor de corno. Podia ser outra coisa?

— Não. Você quer ficar só?

— Só ou com você é tudo a mesma coisa, não acha?

— Não, não acho. Paga uma bebida?

— Pode beber à vontade.

Por sua vez, ele esvaziou o cálice. Pediu novo conhaque. Estava no caminho certo para a embriaguez. Queria encher o vazio de sua alma com alguma coisa, nem que fosse com conhaque. Puxou a mulher e disse:

— Vamos dançar.

E dançaram. Voltaram a sentar-se, a beber e a dançar. Já o conhaque subira-lhe à cabeça.

Neste momento, o grande chefe entrou na boate e ficou conversando com o gerente a um canto. Não esperava nada de bom daquela bebedeira. Preparou tudo. Era preciso evitar qualquer fato menos agradável.

Certa altura em diante, por demais embriagado, começou a falar. Mas era consigo mesmo que falava. Coisas desconexas, loucuras. Também embriagada, a mulher limitava-se a repetir: “Dor de corno.” Essas palavras acompanhavam o ritmo da música. Todo mundo passara a se divertir à custa daquele par ridículo.

Repentinamente, ele esbugalhou os olhos, atirou a mulher ao chão e saiu a correr cambaleante. O grande chefe o amparou na escada. E chorava como uma criança quando alcançaram a rua.

— Descobri a cruz. Ela está...

Não pôde nem concluir a frase, nem levar a mão ao peito. O coma alcoólico tomara conta dele.

Jogos da solução de continuidade (3.º jogo)

POR
VAN NEUTGEN

Meu caro van der Lubbe,

Como da vez anterior, remeto-lhe este terceiro jogo sem qualquer comentário. Considero válido o que disse na primeira carta, bem como o propósito manifesto de escrever um livro sobre o assunto. No tocante a esse terceiro jogo, preciso dizer ao menos uma palavra. Não pense que, pelo fato de colocar seu primeiro tempo dentro de um convento, eu tenha procurado contornar dificuldades que conheço melhor do que ninguém. Já disse que a relação entre os jogos e a mística pode não ficar muito clara. Não pretendo, ao situá-lo momentaneamente num convento, superar de uma maneira espacial dificuldades que existem, mas todas em profundidade. A falta de clareza, como você sabe, faz parte do jogo. Nem este ficará mais claro, simplesmente porque o seu primeiro tempo se passa num convento. Perdoe-me, mas esse esclarecimento era necessário. Não sei exatamente por quê, mas era. Espero que você compreenda.

1.º tempo

Deixou o quarto de hóspedes do convento e se encaminhou ao pátio. Viu que a porta da capela estava aberta. Encaminhou-se para lá. Entrou. Ficou de pé, atrás. Diante dele, os bancos lustrados pelo uso. Milhares de franciscanos e seminaristas, com certeza, tinham passado por aqueles bancos. Que não saberiam aqueles bancos de tantas vidas silenciosas, mas trágicas como a vida de qualquer homem. Os quadros da Via Sacra pendurados nas paredes, os santos no altar, uma luz inextinguível. Que tristeza em tudo aquilo, no silêncio daquela noite! Ninguém na capela. Talvez ajoelhados nas celas, talvez rolando nas camas estreitas, talvez vencida a crise, retemperando-se a luta... uma sombra emergindo da capela difundia-se pelo pátio. Uma sombra ponderável feita de votos,

de promessas, mas escondendo também o pecado — o pecado sempre presente em cada voto, em cada promessa. Não, a lembrança do pecado não chegou sequer a perturbá-lo. Não passava de um hóspede. Não tinha problemas, a não ser os problemas de sempre: o passado e as lembranças. Saiu da capela, tomado pela presença daquela sombra — limitada a uma sombra meramente humana. A noite era morna e suave. As pedras irregulares do pátio — até mesmo elas — pareciam impregnadas do aroma do incenso. Caminhando lentamente, alcançou um portão. A tranca reduzira-se à metade, exatamente em seu ponto de atrito. Gostaria de saber — àquela hora seria impossível, todos retirados em suas celas — quantos anos não teriam sido necessários para que a madeira se consumisse daquela forma! Cinquenta? Setenta e cinco anos? Um século? Cruzou pelo portão e meteu-se no jardim. Sentiu que mergulhava numa nuvem de perfume. Pétalas de rosas fanadas cobriam os caminhos. Vagarosa e cuidadosamente para não pisar nas pétalas — quem pode ser sacrílego ao ponto de pisar em pétalas de rosas? — ele andava. Estreitos eram os caminhos por entre os canteiros. Parou. Com os reflexos das luzes da rua, demorou-se a contemplar as rosas. Viu pétalas caindo, pétalas de rosas que se despetalavam. É o destino das flores, mesmo o das rosas: o botão magnífico, a rosa em todo seu esplendor, e depois... Mas, como prolongar a vida de uma rosa se não a artificializando? Fazendo dela algo que não é? Uma tristeza profunda tomou conta dele. Sim, o passado era uma soma de esplendores mortos, um último e profundíssimo perfume antes do quinto ato da tragédia. Não, não foi em seu passado que pensou, mas no passado dos outros, dos que perderam o próprio passado. E que, ao perderem o passado, esqueceram-se de que existiram. Continuou a andar. No centro do jardim encontrou um largo; neste, um

nicho e um banco. Quem gostaria de se recolher ali? Quem, senão aqueles que tinham a noção da morte que está em cada um de nós, não da morte no futuro, mas da morte no passado? Nesse banco, sentou-se, as mãos no rosto, os cotovelos apoiados nas coxas. Foi assim que outro jogo, um jogo do qual participara apenas duas vezes, um jogo decisivo, começou a arredondar-se, a tomar forma.

2.º tempo

Inútil pensar que poderei reencontrar minha tranquilidade e a minha segurança escrevendo. De antemão, eu sei. Vem, por favor, eu te peço. Vem depressa, vem voando, se possível. Vem ou me perderei. É impossível continuar resistindo. Ficarei aqui em meu quarto. Jurei a mim mesma ficar aqui enquanto não chegares. Foi uma loucura eu ter vindo para cá, uma verdadeira loucura. Tudo aconteceu porque me senti diminuída diante de teus conhecimentos. Consegui transferência e me matriculei na Faculdade de Filosofia. Tudo ia muito bem. Eu estava contente, feliz. Queria te fazer uma surpresa. Um mês, dois, três, passaram-se assim. De repente, me vi observada, requestada, perseguida. A princípio, não fiz caso algum. Sempre soube reagir muito bem a essas solicitações. Sempre confiei em mim mesma. Agora, não. O que estará acontecendo comigo, meu Deus? O quê? Perdi toda a coragem. Gostava de passear, de andar. Primeiro, foi um professor lá da Faculdade. Era todo atenções para comigo. De início, não estranhei nada. Tive a primeira surpresa quando tirei dez em uma prova em que não fora muito bem. Comecei a ficar desconfiada. Optei, contudo, por um possível engano da secretaria. Mas não era engano da secretaria, nem do professor. Ele tinha me dado dez mesmo. Com isso, visava agradar-me, amaciar-me, preparar o terreno. E o convite che-

gou num dia em que nos encontramos à saída da Faculdade. Com toda certeza, tinha esperado por mim. Mas eu não o tinha visto. Aproximou-se de mim e disse, como a me dar uma ordem: “Venha que vou levá-la de carro.” Fiquei meio pateta, meio tonta. Não soube o que responder. Entrei no carro dele. Mas não me levou para casa. Fomos por ruas que não conheço. Parou o carro. E começou a dizer-me coisas que prefiro não repetir. A fazer-me propostas... Como me recusasse, mais por gestos do que por palavras, lançou-me ao rosto a nota que me dera. Neste momento, um ódio terrível tomou conta de mim. Saltei rápida do carro. Ele quis me pegar. Já era tarde. Passava um táxi. Tomei-o e vim para casa. Não voltei mais às aulas desse professor.

Depois, foi um colega de turma. Ele, que observava os cuidados daquele professor para comigo, concluiu que... Pensei em ter encontrado nele um verdadeiro amigo. Abri-lhe o meu coração. Contei-lhe tudo como se passara. Prometeu me ajudar. Disse mesmo que daria uma lição naquele professor. Certa vez, veio procurar-me aqui na pensão. Comecei a gostar dele. Tem um porte bonito. É extremamente simpático. Percebeu o meu fraco por ele. E deu-se a liberdades que eu não podia permitir. Mas — é estranho — eu não queria e, no entanto, queria. Estava a ponto de cair. Quando, já querendo me entregar, fiz um último gesto de resistência, ele se zangou, ameaçando-me de contar tudo aos outros colegas. Exasperei-me: que tudo era aquele? Respondeu-me que eu me entregara ao professor... e que contaria. O pior é que concretizou sua ameaça.

O terceiro foi um rapaz que conheci num baile. Não deveria, depois de tudo o que me acontecera, ir àquele baile. Uma colega de pensão, estudante como eu, me convidou, insistiu, disse que não iria ao baile se não fosse com ela — e ela

queria tanto ir que acabei cedendo. Lá, apresentou-me um primo dela. Ela começou a dançar com um amigo do primo e eu com este. Paramos de dançar. Trouxeram bebidas. Todas bebidas sem álcool. Comecei a beber... Aos poucos, porém, uma coisa estranha, uma sensação desconhecida, um desejo incontrolável, um verdadeiro fogo instalou-se em minhas entranhas. Quando me levantava para dançar novamente, vi que o primo de minha colega, que se demorara mais um pouco, derramava um pó branco no meu copo. Compreendi tudo — e muito bem a causa daquilo que eu estava sentindo. Senti um ódio terrível. Peguei o copo e joguei o líquido na cara do rapaz. Minha colega, que também devia estar sentindo o que eu sentia, teve um ataque histérico. Foi o escândalo. Um escândalo enorme, do qual jamais poderei me esquecer. Tivemos de comparecer à polícia, onde prestamos declarações.

O quarto foi um piloto da força aérea... Felizmente, foi removido quando eu não tinha mais forças para lutar e o desespero já tomara conta de mim.

O quinto... Mas, por que repetir todos esses fatos dolorosos? Por Deus, eu te peço. Vem, vem depressa. Vem, antes que aconteça o irremediável. Faz três dias que não compareço ao grupo onde leciono. Um casal de funcionários aposentados, que vive aqui na pensão, é que tem me servido. Foram comunicar à diretora que eu estou doente. Eles é que levarão esta carta ao correio. Vem, antes que me transforme numa morta-viva. Preciso de tua presença, de tua segurança, de tua compreensão. Vem. Salva-me de mim mesma. Começo a ficar louca. Vem, meu salvador, meu único salvador!

E chega ao fim este primeiro livro de *A noite do absoluto*. Tudo parece ter ficado suficientemente claro. As posições de van Neutgen, de Sorte Peer e a minha própria não

exigem maiores explicações. A problemática *dele* (que pode ser apreendida de suas notas), assim sugerida como vivida, deverá conhecer, daqui para a frente, uma intensidade de que se pode suspeitar, mas que é impossível medir em todas as consequências. Por outra parte, nem tudo se situa no campo do possível. O real segue o possível nas menores particularidades de certos e determinados movimentos. Acredito que já as próximas notas (*Na escola do impossível*) deverão mostrar consequências e desdobramentos de que eu mesmo não teria condições de jamais suspeitar. A vida de um homem não poderá jamais ser conhecida, nem previamente, nem com a profundidade com que gostaríamos de conhecer, a não ser que este mesmo homem venha ao encontro de nosso esforço para onhece-lo. Assim, não será uma inconsequência admitir que sua vida futura não depende apenas de nós, como julguei naquela noite à margem do canteiro triangular. É que as decisões são *dele*. Não nos cabe decidir. Exorbitaríamos de nossa condição se decidíssemos decidir por *ele*.

Colônia Faria (Colombo), 6 de março de 1969.
van der Lubbe

2º LIVRO

“É em ideias às avessas que temos vivido, ao acreditar que quanto mais ‘motivos’ se tem, mais se é levado facilmente a tudo arriscar. Não, todo ‘motivo’, no fundo, sempre é restritivo. É quando todos os motivos se extinguem na noite do absoluto e se calam em seu mutismo, é somente então que se pode arriscar tudo.”

(Kierkegaard)— Diário X, A 613

Tango da salvação

POR
SORTE PEER

Deixou o canto do salão de baile. Lentamente, como quem não pretende coisa alguma, encaminhou-se à primeira fila dos dançarinos — os que ficavam de pé esperando a música para se lançar às moças. Não precisou ver sequer se os músicos se preparavam ou não para tocar. Simplesmente calculou o tempo. No passo que vinha, continuou. Com isso, ganhou uma vantagem sobre seus possíveis competidores. Não que estivesse preocupado em perder. Mas não queria em absoluto ver alguém colocar-se em sua frente e ver alguém tirá-la para dançar antes dele. E os que a procuravam — noutro tempo, pelo menos — eram todos mais velhos do que ele. Homens de cabelos brancos, quase todos autossuficientes, homens dominadores, sobraçando uma verdade qualquer e inteiramente confiantes nessa verdade, mesmo sem saber o que fazer com ela. Numa competição de rapidez e energia (mas não queria competir, em hipótese alguma), com a maior facilidade, ele os venceria. Não que ela não merecesse uma competição. Claro que merecia. Só que não os julgava dignos de competir com ele. Era muito orgulhoso para isso. Apenas os colocaria de lado. Não contava, porém, que neste baile teria de competir com pelo menos um deles, e muito, competir indiretamente, talvez, mas competir. Diante dele, dominou-o por momentos um raro formalismo:

— Quer me dar o prazer?...

Ela, que já o observava desde o instante que ultrapassara a primeira e única fila, procurou romper esse formalismo:

— É um convite?

Ele compreendeu. Sim, ela começava a brincar com ele. Como deixar de acompanhá-la nessa brincadeira:

— Melhor se fosse um convite à valsa, não?

Já de pé, ela respondeu:

— Por quê? Você prefere valsas?

Com os dois braços à cintura dele, ele com as duas mãos nos ombros dela, começavam a dançar quando o diálogo recomeçou:

— “*Quién me quita la noche del alma...*”

— O que é que você está procurando neste baile? Entristecer-se?

— É claro que não. Foi uma maneira...

— Maneira de quê?

— De introduzi-la em sua vida.

— Lindo, *no más*. O primeiro passo foi uma citação para sugerir. O que é que você quis sugerir?

— Um tango.

Ela deu uma gargalhada. Havia, contudo, uma insegurança acenando lá na origem daquela gargalhada. Seu ouvido apurado não deixou de perceber. Quis manter o impacto:

— Pode dar não uma, mas duas bofetadas. Raspei a barba o mais que pude...

Ela ficou diante de uma alternativa: ou largá-lo ali mesmo na pista de dança ou ver até aonde queria chegar. Optou pela segunda hipótese:

— Você foi horrível.

— Pode bater... Por que não bate?

Ela retrucou violenta:

— Não sei se vale a pena.

— Começamos a acertar o passo, logo de início. Esplêndido!

Ela se encolheu, a cabeça inclinada para o lado, olhando fixamente nos olhos dele, como se preparasse o bote, mas duvidasse ainda se valia mesmo a pena. Repentinamente, porém, relaxou os músculos (é claro que eu diria mais corretamente, se escrevesse, que relaxou os nervos).

— Em resumo, você quis dizer que minha vida foi um tango.

— Isso mesmo: “foi”.

O olhar que ela lançou contra ele era agora um olhar de surpresa. Na verdade, como podia ser alguém tão intrometido daquela maneira. E se não fosse o problema, como podia ser tão convencido ao ponto de pensar que conhecia a vida dela?

— Houve alguém que escreveu que ninguém conhece ninguém.

— Sei disso.

— Como?

— Seus poemas.

— Perdão, mas agora é demais. Ou você está procurando ser impertinente. Ou nunca leu meus poemas. Ou nunca ouviu um tango.

Ele sentiu uma dor fina e penetrante num dos dedos do pé direito. Ela pisara num calo dele. Só podia ser... E fora. Mas por que não pisara antes? Talvez porque esperasse alguma coisa melhor daquela dança e, apesar de tudo, procurasse corresponder. Suavizada a dor, recomeçou:

— A impertinência é uma maneira de conduzir as coisas a seu clímax.

— Admiro-me que você não tenha outra. Isso é lamentável. Não era isso que esperava de você.

— Esperava alguma coisa de mim?

— Claro que esperava. Só não sabia o que era. Senti essa coisa quando você se aproximava. Tinha certeza que vinha em busca de mim.

— É melhor não desbordar o assunto. Procurarei, prometo, não ser impertinente. Há uma confusão aqui...

— E fui eu que a provoquei?

— Fácil de explicar. Sua vida foi um tango. Você pode

concordar ou não. Vou acentuar novamente o tempo do verbo: foi. Não é mais. Segundo... Vou ordenar o assunto para pôr mais lógica nas coisas. Primeiro: sua vida foi um tango. Segundo: sua poesia é resultante de sua vida. Uma experiência existencial, talvez. Não entendo muito bem essas coisas. Terceiro: poderia parecer que sua poesia, sendo resultado de sua vida, teria que forçosamente se manifestar também como um tango. Quarto: sua poesia, embora consequência de sua vida, não se expressa à maneira de um tango. Quinto: sua poesia assim é diferente de sua vida, enquanto consequência desta. Sexto: sua poesia é uma resultante de você mesma, de suas condições pessoais. E sétimo: daí se conclui que sua poesia é criação. Certo?

Ela pareceu animar-se um pouco mais. Ele não deixou de perceber um certo movimento nos ombros dela. Mas não teve certeza se ela mexia também os quadris. Seria uma grosseria.

— Você não foi muito claro. Sua lógica parece que não foi muito lógica. Por outra parte, sei que em minha poesia há temas que surgiram da própria vida.

— Nem eu neguei esse fato.

— De um tango pode resultar outra coisa que um tango?

— Você mesma provou que sim. Nem sempre a gente pode conduzir a vida como desejaria. Mas pode, entretanto, dar largas a suas condições individuais como pretender. Foi isso que aconteceu com você. Não foi?

— Os fatos de minha vida pesaram bastante, como negar?

— Nem eu estou negando. Só que seu último livro...

— Você leu, decerto?

— Está aí nas livrarias para quem quiser ler. O fato de você não ter me mandado um livro com dedicatória nada significa. Adquiri o livro. Baratinho, baratinho.

— Não sou como você que cobra caro pelos seus livros.
— Não vamos discutir preços de livros agora. Não temos tempo para esse tipo de discussão. Quero dizer apenas que cobrar caro é uma maneira de valorizar o conteúdo.

— Muito engraçada essa maneira!

— Pode ser.

— Você faz parte de alguma academia de letras?

— Não.

— Pois, parece: substitui o conteúdo pelo preço do livro.

— O que queria dizer, sabe, é que quando esperava que fosse mergulhar numa crise, você entrou em plenitude.

— Na poesia ou na vida?

— Estranha a sua pergunta. Na verdade, tenho dificuldade em responder.

— Nem tudo é tão fácil como está pensando.

— Lá isso eu sei.

— Me dê algum tempo para pensar.

— Dou-lhe todo o tempo que quiser.

Durante alguns momentos, limitaram-se a dançar. Ela pareceu encontrar uma flexibilidade maior. Seu corpo como que cedia, entregava-se ao ritmo daquele tango. Ele se distraiu inteiramente, mergulhado naquela pergunta. Ela chamou-lhe a atenção:

— Você não ouve as palmas. Pararam de tocar.

— Perdão.

— Está perdoado.

— Recomeçam. Nem precisaríamos ter parado.

— Muito engraçado ficar dançando sem música.

— Ora!...

O tango ressoou novamente no salão de baile. E voltaram a dançar. De repente, pareceu que ele encontrava a resposta:

— Se não estou enganado, quando você começou a escrever seus poemas — ou, melhor, quando se entregou à poesia — já sua vida deixara de ser um tango. Os fatos continuavam a repercutir e repercutiram por muito tempo ainda. Mas já tinham deixado de ser. Não foi assim?

— É possível...

— Neste caso, sua plenitude verificou-se em ambas: na vida e na poesia. Mas observe: você vivia apenas para a sua poesia. Pensando melhor, acho que eu poderia dizer que você, numa época muito anterior, andou ensaiando um tipo de vida ética. De repente, porém, a vida forçando-a, aderiu a um tipo de vida estética. Essa colocação, vista mais de perto, me parece de uma importância extraordinária no tocante à sua vida e seu mundo.

— Você acha que a mulher pode ter uma vida ética? Não pensa como todos os outros homens, preocupados...

— Não gosto de generalizar coisa alguma. No seu caso específico, após uma tentativa de vida ética...

— Você está me fechando o caminho do ético neste momento, por quê?

— Não estou, não. Ao contrário. Acho até que sua crise, a crise a que me referi, só poderia ser uma crise em termos éticos.

— Ai, meu Deus! Como você é confuso! Por que é que não fala noutra coisa? Há tantos motivos aqui. Ouça o que diz o cantor!

Ele apurou o ouvido. Não era fácil de ouvir. Os ruídos dos pés arrastando-se na pista, as conversas todas ao redor dominavam facilmente a voz do cantor.

— Não posso ouvir direito.

— Vou repetir para você o que ele cantou agorinha mesmo: “Eu era só. Meu amor chegou. Passou. Não haverá outro amor...”

— Observe o desencanto daquele velhote ali. Não tira os olhos de nós.

— Você não o conhece?

— Não.

— É um neopitagórico. Nós nos damos muito, sabe? Ele deve estar querendo dançar comigo.

— Não é possível.

— É só você que sabe dançar, decerto? Ele dançou comigo muito antes de você.

— Perdão, eu não sabia. Não vai me dizer que andou bancando a musa...

— Mas também não precisa se divertir à minha custa. Sempre me dei bem com os neopitagóricos. Frequentavam a minha casa e eu, a deles. Que mal há nisso?

— Nenhum, claro. Só que não acho tão fácil conviver com fantasmas de um passado tão longínquo.

— Fantasmas de minha infância e primeira adolescência.

— Não diga?

— Ora, por que não? Comecei como líder de um grupinho de meninas. Depois, foi natural minha passagem para o grupo neopitagórico...

— A infância pesando, pressionando... Isso é saudosismo.

— Há algum mal nisso?

— Claro que não há. Agora, me responda uma coisa. Você gostou da letra porque diz que “não haverá outro amor”? Ou por quê?

— Bonito, não é?

— Bonito o quê?

— Estou começando a entendê-lo melhor. Você deve estar aliando esta crise, a que se referiu, com a possibilidade de um novo amor em minha vida. Não é isso?

— Não foi exatamente isso o que eu quis dizer.

— O que é que entende por crise?

— Não exatamente o que os gregos entendiam. Você me parece insistir em sua fé nos antigos valores, que já nada representam.

— Como é que você sabe?

— Procuro saber.

— Isso tem alguma importância para você?

— É lógico que tem. Se não tivesse, não estaria insistindo nesse tom. E não viria mesmo neste baile. Nem dançaria com você.

— Mas não pense que o fato de eu estar dançando com você signifique qualquer correspondência de minha parte.

— É por delicadeza que não se recusa a dançar comigo?

— Talvez...

— Se gostasse de generalizar, diria agora uma frase bombástica: as mulheres sempre procedem como mulheres. Mesmo quando não querem proceder como mulheres.

— Estou começando a não gostar deste baile.

— Quem sabe se prefere dançar com o velhote? Se não quer dançar comigo, por que mandou dizer que viria a este baile? Não sou grosseiro ao ponto de retê-la.

Ela baixou os olhos. Mesmo ferida, compreendeu que não deveria retribuir os golpes rudes que recebia da parte dele. Sentia-se culpada de tudo. Ergueu novamente os olhos e sorriu. Procurou desfazer aquele mal-estar. Dançou mais animadamente do que antes. Ele compreendeu. Como poderia deixar de compreender?

— Não se zangue comigo, eu lhe peço. Falando com você, de certa maneira falo comigo mesmo, com os meus problemas, com o meu caminho. Há certas coisas que gostaria que entendesse, mas você se recusa a entender. Não acha me-

lhor que a crise estale agora do que mais tarde? A crise virá. É fatal.

— Sinceramente, não acredito nessa crise a que se refere com tanta insistência. A exaltação e a depressão sempre se alternaram em minha vida. Não há nada, além disso.

— Seu passado exauriu-se em sua poesia. Você teima em manter os valores que perderam todo o valor. Por que não começa a viver novamente? Onde deixou o seu lado humano, a carne lacerada, sangrando? A carne que é pecado?

— Nem todas as experiências são exatamente iguais. Sigo o meu caminho. Outros seguem o deles. Acho até engraçado que você não entenda uma coisa tão simples assim.

— Não, não quero que siga a experiência de ninguém. Apenas compreendi, ao ler sua poesia, que seus antigos valores estavam exauridos. Que se recusa a ser como qualquer pessoa humana. E temo por você, sinceramente temo.

Começou a sentir qualquer coisa nos braços. Um certo peso, bastante longínquo, remoto, remotíssimo. Mesmo assim, cuidou de não pesar demais nos ombros dela. Era um ser frágil, muito frágil, toda nervos num corpo frágil. Um temor começou a tomar conta dele. Estaria ficando cansado? Ou ela é que estaria se afastando sem que ele percebesse esse afastamento? Gostaria de parar de dançar. Precisava de uma pausa, de um descanso. Mas como interromper aquele diálogo mal esboçado ainda? Ela pareceu entender.

— Você não me leva a mal se...

— Se o quê?

— Se pedir para me sentar assim que a música acabar.

— Só gostaria de saber por que essa ideia...

— Talvez o velhote queira dançar comigo ou eu com ele, não sei.

— Hein?

— Não, não é nada disso. Preciso de uma pausa para refletir. Nesse ritmo que vamos, dentro de pouco tempo estarei exausta. Você não quer que aconteça uma coisa dessas, quer?

— Não, não quero.

O fato de terem convencido que continuariam a conversar mais tarde um pouco fez com que permanecessem em silêncio o resto do tempo. Terminada a dança, levou-a até a cadeira onde a fora buscar e voltou a seu canto.

Os cotovelos apoiados à borda de uma janela, vendo aquela profusão de luzes — que mal faziam a seus olhos extremamente azuis aquelas luzes! — ouvindo sem querer o ruído quase estranho e aterrorizador de vozes, de passos, de cadeiras que se arrastavam, de músicos afinando instrumentos, de copos, de garrafas — era o ruído de um monstro o que ouvia. Que atmosfera propícia ao pecado! E ela nessa atmosfera, como não percebia? Como é que não sentia? Seria um ser diferente dos outros? E, no entanto, ela viera ao baile. E mandara dizer que viria. Queria mostrar que aquilo não a afetava, que em qualquer ambiente era apenas ela mesma? Que nada mais poderia afetá-la de uma maneira definitiva? Perguntas sucediam-se a perguntas, mas todas ficavam sem resposta.

E ele, por que fora tão rude? Por que estava certo de que ela precisava dele? Que precisava de alguém a quem transmitir sua experiência? Talvez. Sim, talvez tivesse precisado dele em um momento anterior de sua experiência. Agora, no entanto... Não fora isso que ele sentira em seus braços quase cansados? Lembrou-se dos braços. Pareciam formigar os seus braços. É possível que nunca os tivesse mantido tão altos durante tanto tempo. Não que ela fosse alta. Mesmo assim, procurava descansar os braços apoiados à janela. Um gesto meramente instintivo. Mas por que fora tão rude? Vontade de pisá-la em sua condição de mulher, diferente

das outras mulheres? Por que exigira com tanta sofreguidão que descobrisse a carne que estava nela como em toda gente, como nele mesmo? Aquela comparação com a vida dela num tempo passado com um tango — como pudera iniciar um diálogo do qual tantas coisas esperava com uma comparação abaixo de qualquer crítica?

Será que a descoberta da cruz em seu mundo interior fizera dele um homem duro, descortês, pelas condições em que a descobrira? Que sucedia com ele? Ela não estaria querendo salvá-lo? Não sentiria saudade talvez do ser que ele fora antes da descoberta terrível da cruz?

Estranha a insistência dele em querer fazer com que confessasse não acreditar mais nos velhos valores! Atitude estranha a dele querendo que ela visse que a crise estava diante dos olhos dela e que se recusava a ver, a enfrentar! Não, assim não conseguiria nada, a não ser afastá-la cada vez mais da crise, a crise... Como uma sensitiva, quem não deixaria de fugir, de se esconder, de assumir até a atitude de um desafio frontal, decisivo, último? Por esse caminho, não conseguiria nada. Estava perdendo o seu tempo. Melhor seria tocar na direção que ela achava que era a dela. Talvez dessa maneira conseguisse descobrir uma brecha, uma falha, uma rachadura qualquer naquele bloco compacto, maciço, que era a atitude dela.

Como fora ingênuo, inexperiente, teimando, insistindo pelos ásperos caminhos da força, da brutalidade, da violência! Ele podia não ter opinião sobre as mulheres. Mas procedia como se a tivesse. Como se em sua condição de macho pudesse conduzir a fêmea para onde quisesse. A ela não restaria senão submeter-se. Como pudera ser tolo a esse ponto? Era bem possível que a esta hora ela estivesse sorrindo daquele lutador ingênuo e inexperiente.

Não, ela não sorria. Também não mergulhara naquela atmosfera como ele estava pensando. Ela ouviu cada ruído destacado de outro ruído. Ouvia o violinista afinando o violino. Ouvia as bebidas sendo derramadas nos copos. Ouvia o que diziam. Poderia, se quisesse, seguir todas as conversas ao alcance de seus ouvidos. Poderia indicar qual a cadeira que fora arrastada. Poderia mesmo ouvir o roçar da brisa leve e suave (que entrava pelas janelas escancaradas) nos enfeites de papel pendurados no teto do salão de baile. Para ela, nenhum ruído somava-se a outro ruído. Eram todos ruídos destacados, apenas referidos a si mesmos. Ruídos singulares, incapazes de formar um todo pela sua própria singularidade.

Sim, ele fora rude. Mas ela sinceramente preferia esse procedimento a outro qualquer. Estava cansada de conversas melosas, de afagos falhos de todo bom senso, de elogios estapafúrdios. Precisava dele, de sua maneira rude de colocar os problemas, de sua insistência no tocante à carne que havia nela. Fazia com que ela se lembrasse de que era mulher. E ao lembrar-se de que era mulher, poderia mais facilmente vencer a mulher que ainda resistia nela, em seu caminho para o alto. Não tinha a menor dúvida de que estava colocada mais alto do que ele, mais alto e mais longe, mas nem tão mais alto nem tão mais longe que não pudesse alcançá-lo com os braços. Sim, como qualquer mulher, ela trazia nela, enquanto possível, um tango dramático. Que num passado longínquo o tango chegara a realizar-se, era uma grande verdade. Mas, depois... Depois chegara o tempo da poesia, e ela vivera única e exclusivamente para a poesia. Na verdade, não vivera. Trocara a vida pela poesia, construída à base de repercussões de uma cediça frase musical.

Ele lhe parecia um pouco ingênuo, inexperiente. Mas trazia a força da ingenuidade e da inexperiência. Se Maomé

tivesse tido essa força, a montanha teria ido até ele. A sabedoria só encontra abrigo em homens esclerosados, sem força, incapazes de se lançar contra moinhos de vento, ou... Mas não valia a pena estar fazendo confrontos, procurando dissemelhanças.

Era melhor não deixá-lo muito tempo entregue a si mesmo. Ele poderia estar sofrendo, não tendo podido compreender que o aceitara integralmente, como uma necessidade essencial de seu próprio caminho. Que não o levava a mal. Que, pelo contrário, estava agradecida por tudo. Sabia que mais tarde teria de deixá-lo entregue a si mesmo, como agora ela se entregava a si mesma.

Mas o velhote não resistiu por mais tempo. Olhava o tempo todo para o pianista para ver se este se dispunha a largar o copo em cima do piano. Exultou quando o violinista parou de afinar o violino. Talvez os demais músicos esperassem apenas isso para recomeçar. Não, os músicos não tinham a menor pressa. E não percebiam, infelizmente, a impaciência do velhote. Não resistindo, encaminhou-se para o lugar onde ela se encontrava. E alcançou-a com a frase pronta:

— Pensei que já não pudesse mais dançar com você.

— Verdade?

— Nem me pergunte. Estava começando a ficar aflito.

Esse sujeito não me agrada, você sabe.

— Não sabia que o senhor não gosta dele.

— Não gosto dele e nem que você me chame de senhor.

— Está bem. Vou chamá-lo de você. Mas não me leve a mal se tropeçar uma vez ou outra. Por que não gosta dele? Algum motivo em especial?

— É muito autossuficiente.

— Pensei que não o conhecesse.

— Conheço por ouvir dizer. Também como chegar a conhecê-lo, se nunca comparece a nada.

— Talvez ninguém tenha alguma vez se lembrado de convidá-lo. Como é que iria aparecer sem ser convidado? Quando não me convidam, também não vou.

— Seria um crime não convidá-la às nossas reuniões. Como deixar de convidar a excelsa poetisa? Quando eu era secretário, convidei-o para todas as reuniões do Centro. Insisti. Queria saber como é que se comportaria. Nunca ligou a mínima. Deve ser o dono da verdade. Que custava ele aparecer, se não para os chás, ao menos para as conferências?

O velhote fez uma pausa. Queria causar um certo impacto com as próximas palavras:

— Quando sairá o próximo livro? Estamos todos ansiosos.

— Não sei.

— Não acredito. Uma poetisa está sempre a compor livros.

— E o senhor, que está fazendo ultimamente?

— Senhor não...

— Perdão, você.

— Mergulhado na sabedoria oriental.

— Ótimo!

Neste momento, ela se perturbou um pouco. Estava sendo sincera, não estava? É claro que estava, pois se sentia uma mistura de tudo. De todas as influências: misticismo oriental, filosofia grega, a Bíblia... tudo misturado. Os músicos salvaram-na da perturbação. O velhote inclinou-se e galantemente perguntou:

— Quer a excelsa poetisa dar-me a honra dessa contradança?

— Só que o que estão tocando é uma marcha carnavalesca. Não vá se enganar.

— No meu tempo, fui um grande folião.

— Não diga?!

— Digo, sim. Nós tínhamos um bloco. É quase o mesmo grupo lá do Centro. Só que agora tratamos de coisas sérias, muito sérias.

— Não precisa me dizer, eu sei. Quando é que recebem o mais novo imortal?

— Você sabe? A ideia foi minha. E foi genial. Disseram-me que metia o pau no Centro. A técnica consistia em fechar-lhe a boca. E isso nós conseguimos com o convite...

— Genial mesmo. E tão simples!

— As coisas verdadeiramente geniais são todas de uma grande simplicidade. Genialidade e complexidade se repelem. O sujeito que dançou com você jamais será um gênio. É complicado demais. Li não sei o quê, que andou publicando nos jornais. A gente não entende nada. A burrice é sempre complexa.

Ela não conteve a gargalhada. Agora, era demais. O velhote a divertia intensamente. Temendo ter perdido a conveniência, ela falou:

— Cansado?

— Cansado, eu? Pratico ioga todas as manhãs, menina. Garanto que esses moços não aguentam o que eu aguento.

— Uma coisa que eu queria que o senhor...

— Senhor, não.

— Perdão. Uma coisa que eu queria que você me explicasse é se alguém pode renunciar à sua condição de imortal.

— Como?

Era evidente que o velhote procurava ganhar tempo para uma resposta.

— Não compreendi bem.

— Digamos você. É membro do Centro. Na condição

de membro, é imortal. Se deixar de pertencer ao Centro, perderá sua imortalidade?

— Jamais eu faria uma coisa dessas.

— Qualquer pessoa...

— Em primeiro lugar, não convidamos qualquer um. É preciso que essa pessoa realmente tenha valor.

— Digamos, porém, que alguém queira renunciar.

— Não aceitaremos a renúncia.

— A renúncia é um ato unilateral. Ele renuncia e pronto.

— Você está simplificando demais o processo.

— E se, ao renunciar, se declara morto. Isso não resolve?

— Mas quem é que faria uma coisa dessas? Só um louco.

— É verdade.

Os braços dele começaram a formigar. Achou melhor retirá-los da janela. Endireitou o corpo, ergueu a cabeça. Neste momento, viu que ela e o velhote dançavam. Não pôde deixar de sorrir. Como por encanto, seus pensamentos se libertaram. Sentindo-se bem, entregou-se: “Será que ela sabe exatamente o que quer? Garanto que dançar com o velhote é quase uma necessidade dela. Consequência da sua formação? É possível. Como será o Deus dela, por exemplo? Não será uma mistura de Brahma, Maomé, Buda — os deuses gregos pelo meio e mais o Deus dos místicos, de São João da Cruz? É o que parece. Mas e Cristo, como é que entra nesse processo? Deu-lhe condições para suportar o sofrimento desencadeado pelo tango. É claro que não deixou de ler a *Imitação*. Esta pode lhe ter feito um bem imenso, imenso. Isso em limites meramente humanos. Que nesse tempo era humana, como todos nós. Por certo descobrira também que poderia pecar como os outros. Sua renúncia ao humano implicou um total afastamento de Cristo. Agora, descubro: sua crise, se ocorrer, será uma crise relacionada, os planos humano e

cristão referidos um ao outro. Não poderá ser uma crise meramente humana, nem uma crise meramente cristã. Não alcançando esse ponto, ou essa situação, jamais entrará em crise. Como, também, jamais poderá salvar-se. Então, é salvá-la o que quero? Ou levá-la a encontrar as condições para a sua salvação? Essa última hipótese me parece a mais correta. De uma coisa, porém, estou certo. Este é o momento crucial. O fato de ter me acenado com este baile mostra que não está inteiramente segura. Esse baile será decisivo: ou se decide pelo humano e por Cristo, ou renuncia definitivamente ao humano e mergulha num misticismo sem volta possível, de consequências imprevisíveis. Ninguém alcança impunemente o ponto que ela poderá alcançar. Que tem tudo para alcançar.”

Chamou um dos rapazes que serviam às mesas. O rapaz aproximou-se.

— Às suas ordens!

— Você quer me fazer um favor? Ganhará dez cruzeiros.

— Se estiver ao meu alcance.

— Quantos telefones existem aqui no clube?

— Dois. Um aqui no salão e outro lá em cima.

— Bem, você vai lá em cima e bate o telefone para cá e manda chamar aquele velhote que está dançando. Tire-o do baile, certo?

— Certo.

— Ótimo!

— Pode ficar tranquilo. Tiraremos o velhote de circulação.

— Aqui estão os dez. Obrigado.

— Obrigado ao senhor.

Parados no meio da pista, o velhote conversava com ela, quando vieram chamá-lo ao telefone. Levou-a até uma cadeira, pediu licença e saiu. Pouco mais tarde, voltou:

— Você vai me dar licença. Preciso sair. Chamaram-me

à delegacia. Alguém, não entendi direito, pede a minha presença. Talvez um de meus sobrinhos, você sabe, esses moços...

— Vai ver que não é nada.

— Voltarei logo que puder. Só tenha cuidado com aquele tipo.

— Não se preocupe. Não é tão mal como parece.

— Você é que pensa. Até logo.

De repente, ela sentiu que se extraviava. Mas foi tudo tão rápido. Talvez um segundo, ou dois ou três, não mais que isso. Estava numa cidade antiga. Mas apenas sentia nela a presença da cidade porque não era a cidade que ela via. Via o céu azul, extremamente azul. E um ponto negro no céu. O ponto negro cresceu rapidamente. Transformou-se num pássaro. E passou roçando por ela. Ao assustar-se, foi como se o pássaro tivesse mergulhado nela. Estava outra vez sentada na mesma cadeira. Ao redor dela as mesmas coisas e pessoas de antes. Levantou-se e se encaminhou à mesa ao redor da qual conversavam duas amigas e uma irmã dela. Puxou uma cadeira e sentou-se. Uma de suas amigas comentou:

— O baile deve estar fazendo bem a você. Seus olhos brilham.

Ela respondeu:

— Nem tanto.

Ao perceber que não estava para conversa, as três retomaram o assunto de momentos antes.

Quando a viu no grupo, ele resolveu aproximar-se. Devia ao menos cumprimentá-las. Seria por demais indelicado se não o fizesse. Aproximou-se lentamente. Cumprimentou-as. Mas, quando olhou nos olhos dela... sentiu um sobressalto. O que é que estava acontecendo com ela? Seria melhor arranjar uma desculpa e afastar-se por alguns momentos. E foi o que fez, apesar da insistência para que ficasse ali com elas e

apesar de terem prometido ficar caladas e ouvi-lo falar. Não, ele não estava disposto a falar. Era naquilo que vira nos olhos dela que pensava. Saiu por uma porta lateral e se encaminhou para o jardim do clube.

“O mesmo brilho que se pode ver nos olhos das aves de rapina. Vai ver que o eterno pousou em seu espírito. E parecia desafiar-me. Parecia dizer-me que tomou conta dela. Que está inteiramente perdida para nós. E se o eterno fez nela o seu ninho? Será a verdade de sempre: nenhuma mulher deixará de ser um ninho. Se não for o ninho do homem, será o ninho do eterno. Será que ele perdera a parada? Que já nada poderia trazê-la de volta para o mundo dos homens?”

Duas moças passaram por ele. Uma delas comentou:

— É o que estava dançando com aquela coroa.

A outra respondeu:

— As coroas são mais vivas do que nós.

Ele sorriu. Que fazer senão sorrir a uma observação tão despropositada.

Sentada sozinha num banco, estava uma moça. Achou que seria bom espairecer um pouco conversando com ela. Talvez conseguisse refrescar a cabeça.

— Posso me sentar com você?

— Sempre é melhor estar com alguém.

— Mas é claro que depende desse alguém. Se eu a incomodar, não se constranja em me dizer, que darei o fora.

— Combinado.

— Posso fazer uma pergunta?

— Pode.

— Se não gosta de ficar só, por que não está lá dentro?

— Ninguém me convida para dançar.

— Não acredito.

— É verdade, sim. Todo mundo dança. Até os velhos e

as coroas dançam. Só eu não danço. Gostaria de saber o que é que tenho que afugenta todo mundo de mim. Não fosse você, pode estar certo de que eu passaria a noite toda sentada aqui e ninguém viria sentar-se comigo.

— Perdão, mas não posso acreditar...

Ele olhou fixa e demoradamente para a moça. Ela perguntou:

— Observou algo em mim?

— Não, nada.

— Mas eu tenho alguma coisa. Não é possível.

— Deixe-me olhá-la mais uma vez.

Após algum tempo, ele pareceu descobrir algo estranho.

— A gente sente mesmo qualquer coisa.

— Diga. Diga logo, por favor. Preciso saber.

— Vamos com calma. Posso ter me enganado.

— Está bem, mas fale claro e devagar para que eu possa compreender tudo.

— Você me parece ser uma paixão contida a ferros.

— Isso pode repelir alguém?

— Me deixe explicar tudo direitinho. Aí você entenderá.

Você me dá a impressão (é apenas uma impressão, não se esqueça) de ser uma moça muito sensual e, ao mesmo tempo, uma moça muito dura. Talvez a educação que lhe deram foi muito rígida. Sua mãe não vivia dizendo: “Não faça isso... não faça aquilo... os homens não prestam... não se aproxime dos rapazes...”?

— Minha mãe sempre dizia essas coisas. Como é que você sabe?

— Não sei. Estou procurando adivinhar. Você não sabe que é bastante sensual?

— Sei.

— Mas se alguém tenta fazer-lhe um carinho, dizer-lhe uma graça qualquer, você sobe a serra, não é?

- Claro, se os homens não prestam.
- É claro que você tem razão. Nós todos trazemos em nós o pecado original. Só que essa dureza não levará você a nada.
- Como mudar a minha natureza?
- Essa não é a sua natureza. É uma segunda natureza. Uma camisa de força da qual precisa se libertar. Não tenha tanto medo do pecado assim. Você é o tipo que os velhos, principalmente os comerciantes, os industriais, os banqueiros gostariam de ter como amante.
- Quem foi que lhe disse?
- Disse o quê?
- Desculpe. É que o dono da loja onde eu trabalho uma vez me fez uma proposta. Eu repeli.
- E se voltar a insistir duas, três, quatro, dez vezes, o que você vai fazer?
- Não sei.
- Procure outra loja para trabalhar.
- Mas você não disse?...
- Não, não disse. O que você não deve é repelir com violência qualquer graça que um moço lhe diga. Uma atitude de suave superioridade resolverá o seu problema. Aprender não é difícil.
- Você é que acha... Está valendo o que combinamos no início?
- Está.
- Então me deixe só que quero refletir um pouco antes de voltar ao salão.
- Ela estendeu-lhe a mão e agradeceu.
- Você foi ótimo.
- Obrigado a você também. Não se esqueça de me convidar para o seu casamento.
- Oh! não deixarei, não!

Quando voltava ao salão, ela já se levantara para procurá-lo. Nesse momento, a música recomeçou. Como se tivessem combinado proceder assim, encontraram-se à borda da pista de dança.

— Ia à sua procura.

— Mesmo?

— Sabe, queria dizer que tive a impressão de que voltava às minhas origens ou, para ser mais precisa, à minha infância. Uma certa timidez, uma percepção incapaz de compreender o mistério das coisas... o farfalhar das folhas... Começo a divagar.

— Sou todo ouvidos. Não interrompa.

— Você vai rir de mim.

— Sinceramente, não.

— Quando eu era menina... não era isso que eu queria dizer. Sou e não sou menina outra vez. Você compreende?

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça. Ela continuou:

— É a mesma a minha alegria assustada. E, no entanto, não é a mesma. Ninguém, como você, conseguiu despertar em mim esse poder de infância. Mas eu não compreendo. Você não falou nada disso. Agora sou eu que começo a ficar confusa. Não sei bem o que quero dizer.

— Não teria sido o velhote?

— Já vem com suas bobagens, outra vez. Você deve ter dito qualquer coisa. Parece que me apossei inteiramente de minha infância, que as lembranças dos outros são exclusivamente minhas, que ninguém mais tem parte nisso. Se reclamassem, nem sequer lhes daria atenção.

— Mas quem poderia reclamar?

— Minhas irmãs, meus parentes, os parentes daqueles que significaram alguma coisa para mim naquele tempo.

— Não será isso um refluxo, depois de uma dilatação extraordinária do eu? Não terá aprendido a exercitar demasiadamente a vontade? Por viver só? Ou por não viver? Sim, por não viver como os outros vivem?

Ele começou a sentir os braços outra vez. Ela parecia estar fisicamente bem. Tão bem que quase sorriu da fragilidade dela. Essa fragilidade a levará tranquilamente até a velhice. Tolice pensar numa coisa dessas agora. Mas foram os seus braços... vieram deles a sugestão.

— Talvez seja mais simples do que a gente mesmo pensa. É uma concentração em mim de tudo que uma vez viveu em mim, ou esteve relacionado comigo, mereceu aceitação, encontrou repercussões. Acho que é só isso.

— Nesse sentido, o que começou com a infância simplesmente prosseguiu. Mas chegou também o meu tango. Que expressão horrível, meu Deus. Oh! mas era preciso que alguém tivesse a coragem!

— Como foi?

— Ele morreu.

— Peço-lhe que me perdoe. Não quis, sinceramente não quis devassar o seu mundo de lembranças.

Foi melhor essa rudeza, essa brutalidade. Às vezes, a gente precisa ser sacudida.

— Então, é a crise?

— Ao contrário. Agora, posso começar a subir a montanha, tudo e todos concentrados em mim, cada coisa, pessoa ou lembrança, conservando a sua singularidade.

— Estive lá, faz pouco tempo.

— Sei. Mas seus motivos eram outros. Outra a experiência e outra a montanha. Não é verdade?

— É claro.

Repentinamente, sentiu outra vez aquela impressão

de mal-estar. Ao olhá-la nos olhos viu novamente aquele estranho brilho de olhos de aves de rapina. Diria a ela o que estava sentido, qual a impressão que o atormentava? Diria que ela começava a distanciar-se definitivamente? Que algo a dominava, afastando-a de tudo e de todos? Mais tarde, talvez, sim — se não pudesse resistir — era possível que chegasse a dizer.

O procedimento dera certo. Era o momento de voltar a fustigá-la. Mas, aquele olhar... Afinal de contas, a quem queria fustigar, ela ou o eterno que a ocupava? Se não a auxiliasse, se ela não quisesse, tudo estaria perdido. Mas ela não abriria seus olhos, a não ser fustigada. E o velhote, descoberto o logro de que fora vítima, logo voltaria e, desta vez, quem sabe, disposto a impor os seus direitos valetudinários. Ela facilitou as coisas:

— Sabe, não compreendo como você pode sentar na praça da vida.

— Quem disse que sentei na praça?

— Você não está vivendo ao nível do mar?

— Viver ao nível do mar e sentar na praça da vida são coisas inteiramente diversas.

— Sentar praça, para mim, significa acomodar-se. Você se acomodou.

— Eu?

— Sim, você. Não estive na montanha?

— Estive.

— E não regressou?

— Regressei. E o que tem isso?

— Vamos com calma. A montanha é paisagem e nada mais. De que vale colocar uma cruz lá em cima? De nada. Ou a pessoa traz a cruz dentro de si ou não traz. Se traz, que importância tem o lugar onde se esteja? Nenhuma. Quanto a

sentar praça na vida, pode conter dois significados: ou o homem vive incógnito com sua cruz, ou não tem a cruz. Na primeira hipótese, a expressão sentar praça na vida adquire um sentido extraordinário, desde que a fé tenha seguido à descoberta da cruz. Na segunda, a expressão limita-se a um sentido meramente ordinário. Não me situo em nenhuma das duas hipóteses.

— Então não há lugar para você?

— Há, entre os que caminham. Se bem que caminhar seja uma expressão metafórica.

— Como a montanha, não é?

— É claro, com a diferença de que para você o que importa mesmo é a montanha. É o estético, a paisagem, sei lá o que mais. Quem caminha, caminha numa direção. Quem está no alto da montanha, de duas uma: ou se ilude ou sentirá vertigens.

— Essa não!

— Como não? E se ilude duplamente. Vai à montanha atrás de algo que não está na montanha ou julga estar na montanha por falta de peso específico. É imponderável, não é humano.

— Esse seu humano...

— Como chegar a qualquer coisa, não sendo humano?

— Não se pode limitar esse humano a um mínimo?

— Claro...

— Então?

— Sabe qual é a impressão que você me dá?

— Vamos, diga.

— Com toda sinceridade: você é alguém que parece viver entre cortinas. Só que essas cortinas não são opacas como gostaria que fossem.

— Não entendo.

— Essas cortinas são o humano em você. Posso ver muito bem essas cortinas. Mas você se recusa a vê-las.

Ela irrompeu numa gargalhada, na qual transparecia todo o seu nervoso, todo o seu desespero talvez, se se tratasse mesmo de desespero, talvez o desespero da falta de finitude. Ele sentiu que seus braços começavam a pesar. Era como se ela se afastasse lentamente para a montanha e os braços dele fossem obrigados a elevar-se cada vez mais.

— É possível que eu veja o humano com outros olhos.

— Com os olhos do eterno que tomou conta de você.

O corpo dela enrijeceu-se por um instante. Ele bem que percebeu. Preferia não ter dito o que disse. Sim, preferia mil vezes nunca ter dito essas palavras, mas agora era tarde. A continuar assim, acabaria perdendo-a para sempre, entregando-a definitivamente a ela mesma ou ao eterno. Sentiu um alívio quando os músicos pararam de tocar. Desta vez ele foi à mesa onde as outras se encontravam. Generalizou-se a conversa.

A irmã dela: — Eu gostaria de escrever um livro sobre vocês dois.

A primeira amiga: — O que diria nesse livro?

A irmã: — Não sei.

A segunda amiga: — Se não sabe, como poderia escrever?

A irmã: — Também não sei.

Ela: — Vocês não veem que a mana está brincando?

As duas amigas ao mesmo tempo: — Ah!

A primeira amiga: — Ela foi sempre assim. Primeiro, cria o suspense. Depois, num passe de mágica, escamoteia tudo. Em lugar de suspense, nos dá uma sombra de suspense.

Ele: — É uma maneira de escrever — escrever sem se saber o que vai escrever. Chega um momento em que os assuntos se ordenam, circunscrevem-se, adquirem sentido.

A irmã: — Isso no seu caso, porque você é um pensador. E nós, quem somos? Nada.

A segunda amiga: — Pobrezinha de nós!

A primeira amiga: — Quem me dera poder escrever assim. Não consigo escrever nem os meus sonhos.

Ela: — Bem que você pode...

A segunda amiga: — Você não quer. Tem medo.

A primeira amiga: — Medo, eu?

A segunda amiga: — Medo, sim.

Ele: — E quem não tem medo?

A irmã: — Pois é, quem não tem medo?

Ela: — Eu não tenho medo.

A primeira amiga: — De fantasmas, não. Você, se pudesse, dormiria no cemitério. Dos vivos, não sei...

Ela: — É claro que tenho medo de vocês.

A segunda amiga: — De nós é que você não tem. Garanto que tem medo de você mesma.

Ela: — Ah! isso, não. Não agora.

A segunda amiga: — Então, teve.

Ela: — Faz tempo.

Ele (voltando-se para a primeira amiga): — Você sonha muito. Gostaria de saber.

A irmã: — É melhor que eu mesma conte. Senão...

Ela: — Olhem, quem vem...

Era o velhote que, sem ser observado, pegara uma cadeira e viera sentar-se à mesa com o grupo.

Ela: — Já de volta?

O velhote: — Saí por nada.

Ela: — Por nada? Então, foi melhor.

O velhote: — Melhor, coisa nenhuma! Acho que me deram um trote.

A irmã: — É mesmo?

O velhote: — Alguém me chamou ao telefone. Pediram-me que fosse à delegacia. Pensei que um de meus sobrinhos...

A irmã: — Por que pensou neles?

O velhote: — Não seria a primeira vez.

A irmã: — Ah!...

A primeira amiga (dirigindo-se ao velhote): — O cavalheiro quer me dar a honra desta contradança. Não é assim que se diz?

O velhote: — É uma grande honra, prendada senhorita, aceitar seu convite.

Quando os dois começaram a dançar, a irmão falou:

— Não sei se ela não vai deixar o velhote meio tararaca.

Ele: — Por quê?

A irmã: — Porque vai contar os sonhos que teve e são às centenas, e todos variações em torno do mesmo tema.

E a sonhadora, uma mulher alta, robusta de corpo, bem disposta em seus óculos embaçados, começou a contar:

“Era noite. Eu estava sozinha e caminhava. Sentia uma firmeza estranha em meu corpo. Eu e o caminho éramos uma coisa só. Não havia calhaus, nem buracos. Eu não tropeçava. Minha cabeça parecia mergulhada na noite. Era a própria noite. Curioso é que, à medida que baixava meu corpo, ou me aproximava da terra, surgia como que uma espécie de luz. Talvez não chegasse a ser luz, sabe? Mas era algo parecido. Apesar de tudo, eu não queria voltar-me para a terra. E não me sentia bem no escuro do céu. Talvez me sentisse bem naquela luz, à qual me recusava. Oferecia-lhe uma resistência, cuja origem eu ignorava. De repente, encontrei-me num corredor. Ninguém no corredor. Silêncio completo no corredor, cheio de marcas de pés descalços. Pés pequenos, de crianças. Pensei nas crianças. Onde estariam? Abri uma porta. E o que vi?

Uma bacanal. Sim, uma bacanal. Bacanal de gente crescida, só podia ser. Não cheguei a espantar-me. Seria aquilo mesmo que esperava ver, sem o saber? É possível. Mesmo assim, fechei a porta. Mas havia outras portas. E fui abrindo, uma por uma, todas as portas. E o que via, naqueles quartos, era sempre a mesma bacanal. Ao fechar a última porta, encontrava-me outra vez no mesmo caminho.”

A segunda amiga: — A sonhadora não anda bem. É sexo demais. Sexo a escorrer pelos cabelos. Não sei como os homens não percebem. Você não percebeu?

Ele: — Solidez física, você sabe.

A irmã: — Todo mundo está encoberto por uma nuvem de sexo. Nossos corpos não comandam mais. Somos conduzidos, máquinas.

Ela: — É ridículo que só tenham descoberto o sexo nesta altura dos tempos!

Ele: — Não será uma condição?

A segunda amiga: — Condição para quê?

Ele: — Condição para a descoberta da queda original.

Ela: — Não é preciso exagerar.

A segunda amiga: — Também acho.

A irmã: — É melhor tarde do que nunca!

Ela: — Que gente exagerada! É o cinema.

A irmã: — E romances... e músicas populares.

Ele: — Nossa geração está em crise, entre os velhos e os moços.

A irmã: — É isso. Os moços habituaram-se. Supõe-se que os velhos devem se respeitar. Os homens maduros é que sentem o choque.

Ele: — Bem colocado.

Ela: — Não sei por que falar em termos de geração quando o problema é individual e cada um.

Ele: — Bem colocado também! Só que você se esquece de que o indivíduo pertence à espécie.

A irmã: — Kierkegaard, não é?

Ele: — Mas não vejo por que discordar. Não há quem não se situe dentro desse quadro, queira ou não queira.

Neste momento, a primeira amiga já desenrolava outro sonho: “Este é um pouco diferente do primeiro. Eu era uma lavadeira. Veja só: uma lavadeira. Seguiu por um caminho com uma trouxa de roupas sujas na minha cabeça. Ia à procura de um rio. Devia descer a barranca. Lá embaixo, o rio que eu não via. E comecei a descer. Ao contrário do que imaginara, não era difícil descer. E, no entanto, como era íngreme e sinuoso aquele caminho! Nenhum problema na descida. A trouxa de roupa sequer mexia em minha cabeça. Só lhe sentia o peso, que aumentava a cada passo. E o rio cada vez mais longe. Só podia ser, pois antes me parecera tão perto. E o peso que aumentava! Mas eu o sentia só até a altura dos seios. Minhas pernas continuavam leves. A descida prosseguia fácil. Mas e o rio que eu não via? De repente, comecei a subir. Seria a outra barranca? Foi o que julguei. Mas e o rio, o que teria havido com o rio? Já não suportava o peso da trouxa de roupa suja. Aos poucos, porém, compreendi: era uma sufocação. E rolei barranca abaixo. Vi-me dentro do rio. Sobre mim, a água. Escuro total. E eu, mergulhada nos fundos das águas negras do rio, lavava meus seios que eram minhas roupas sujas.”

Desta vez, o velhote não se conteve:

— Magnífico! Você daria uma grande romancista.

Os músicos pararam de tocar e os dois voltaram à mesa.

Ela: — Que parzinho ótimo!

O velhote: — Comunico a vocês que acabei de encontrar uma autêntica vocação de romancista.

A segunda amiga: — Quem é ela?

O velhote: — Ora, vocês sabem a quem me refiro.

A irmã: — É claro que sabemos. Bastaria que desenvolvesse os sonhos que tem.

O velhote: — Mas não é romancista por causa dos sonhos. É o mundo interior dela. E o sexo dominando. Seria best-seller. E sobre o sexo a alma universal.

A primeira amiga: — Não exageremos. Jamais escrevi e jamais escreverei uma linha sequer. Prefiro viver, viver simplesmente. Vou lá amofinar minha vida!

O velhote: — É um absurdo, um verdadeiro crime, ter condições para escrever e não escrever. Se o grande arquiteto deu-lhe essas condições, como furtar-se a elas? Como traí-las?

Ela: — É uma questão de vontade. Se ela não quer.

O velhote: — Mas devia querer. Devia exercitar a vontade como você, para criar alguma coisa dentro do espírito universal. Como seria fácil para ela integrar-se, incorporar-se!

A segunda amiga (dirigindo-se à primeira): — Viu. Não disse a você? Se quiser... E, dirigindo-se a ele, que estava à margem da conversa, mas bem atento a tudo: — Não acha?

Ele: — Não acha o quê?

A segunda amiga: — Não acha que nossa amiga é uma predestinada?

Ele (fazendo-se de desentendido): — Predestinada a quê?

O velhote: — Para as letras, é claro. Não sei se você entende.

Ele: — Na verdade, não entendo. Peço que me desculpe.

O velhote: — Eu sabia.

Ela: — O senhor — perdão, você — ainda não disse por que desconfia que foi um trote.

O velhote: — Vetado!

A irmã: — Não há vetos entre nós. Conversamos com toda a sinceridade.

A segunda amiga: — Se não quiser contar...

A primeira amiga: — Mas devia contar.

O velhote (voltando-se para ele): — Você, o que acha?

Ele: — Não sei do que falam. Lamento.

O velhote: — Pensei que soubesse. Desculpe.

Ele: — Não há de quê.

Os músicos voltaram a tocar. Desta vez, porém, foi com a segunda amiga que o velhote saiu a dançar. Os que ficaram à mesa continuaram a conversa.

A irmã: — O velhote parece que não gosta de você.

Ele: — Nem eu dele.

Ela: — O velhote é tão simpático.

A irmã: — É um tolo e um convencido. Uma imensa cultura!

A primeira amiga: — Mas como gostou de meus sonhos!

A irmã: — Não sei como não quis conquistá-la. Por menos do que isso...

Ela: — Ora, mana, não seja ridícula...

A irmã: — O velhote não é homem, decerto? No fundo dos gestos de cada homem esconde-se o homem. O que é que pode querer de nós com esses salamaleques todos? Chega a ser tragicômico.

Ela: — Você é a mesma desconfiada de sempre. Não acredita em ninguém.

A irmã: — Como não acredito em mim mesma. Perdi a inocência como todo mundo.

E, voltando-se para ele, perguntou:

— Não é assim?

Ele: — Não se pode evitar.

A irmã: — Nós nos compreendemos muito bem. Viva!

Ela (dirigindo-se a ele): — Não quer dançar?

Ele: — Esperava o convite.

Ela: — Convencido, não?

Ele sorriu. E ainda sorria quando voltaram a dançar. Ele com as mãos nos ombros dela e ela com as mãos na cintura dele. Que burrice! Mas agora já não podia mudar a posição dos braços. Suportaria? Bem, era cedo para saber. Só mais tarde ele saberia.

— Por que você fez aquilo para o velhote?

— Eu?

— Sim, você. Eu vi.

— Você me convidou para este baile, não foi?

— Mais uma sugestão... e você veio.

— Quis ajudá-la. Só isso.

— Mas não precisava fazer uma coisa dessas. Se me perguntasse eu teria dito que não adiantaria. Ele voltou, muito simplesmente.

— Mas voltou um tanto receoso. Garanto que não dançará mais com você.

— Exagerado! O que quer é me perturbar! Ou não é? Golpes não adiantam nada. Conheço as regras exatas do seu judô.

— Quem disse?

— Eu é que estou dizendo. Quer disfarçar?

— Talvez.

— Minha timidez não é conto do vigário. Mas, também, não sou tão tímida. Não pense.

— Timidez. Quem falou em timidez?

— Ninguém.

— O que é que houve com você?

— Vendi minha alma a Deus. Era muito jovem ainda.

— E depois?

— Deus achou meio absurdo, se é dono de todas as coisas. De que subterfúgios me vali?! Não, não lembro mais. Deus aceitou.

Pelos olhos dela, pelos seus ouvidos, pelo seu corpo todo... Ela estremeceu. Ele confundiu esse tremor com o ritmo sincopado do tango. Como perceber? Ela estava só. No alto da montanha. Era o vento que a mantinha de pé, cercada pelo vento de rodopio. Seus olhos pressentiam, seus ouvidos pressentiam, seu corpo todo... Nenhuma estrela. Que horas seriam? Não, já não havia tempo. Só o eterno. Ela e o eterno. Tarde? Manhã? Noite? Era todo o tempo, ou tempo algum. Repentinamente, percebeu. Já não estava na montanha. Sem localização no espaço, só o vento em rodopio a mantê-la de pé. Onde? Em lugar algum. Um raio estalou naquele espaço sem espaço, naquele tempo, sem tempo. Um estrondo o seguiu. Sim, o tempo perdurava. Entre o raio e o estrondo, mas onde, em que espaço, que perdurava como o tempo? Ela percebeu, mesmo fora de tempo, mesmo fora do espaço. Tempo e espaço que se situam em outra parte. Onde? Na lembrança dos outros que trazia dentro dela? Talvez. Talvez fossem os outros a lhe darem tempo e espaço — a condição humana que perdera. O vento começou a soprar mais forte. A enrolá-la em si mesma, cada vez mais, concentrando-a em seu próprio terror como num carretel. O vento cresceu em temporal. Relâmpagos transformaram nuvens negras em tempestade. Já não sentia mais nada. Era o infinito, o terror do infinito, o terror do nada. Quando a tempestade curvou-se em si mesma, assumindo os abismos de um ciclone... Foi uma voz saída de dentro do ciclone que ela ouviu. Ouviu? Sim, como dizer de outra maneira? A voz estava nela, no ciclone, nos raios que se cruzavam, nos estrondos que se chocavam. Não havia

tempo e espaço, a não ser o tempo e espaço da lembrança dos outros. Ela deixara de ser, ou alcançara o núcleo de si mesma quando aquela voz:

— Onde posso encontrar a alma que me venderam?

Ela não respondeu. Não que não quisesse responder. Simplesmente não podia responder. Não tinha voz.

— Onde posso encontrar a alma que me venderam?

Pela última vez, Deus insistiu:

— Onde posso encontrar a alma que me venderam?

Depois, foi o silêncio. Ela já não ouvia. Quando voltou a si, estava caída ao solo. Não tivera forças para entregar sua alma? Não! Fora vítima de um fenômeno só igual ao do primeiro dia da Criação. Louca, demasiadamente louca. Em voz audível, repetiu:

— Louca.

Ele, que não percebera nada, que chegara mesmo a confundir aquele terror com saracoteios, perguntou:

— Louca, quem?

— Não, não é nada.

Oh! Aquele estranho brilho nos olhos dela. Aquele brilho dos olhos de ave de rapina! Não, não suportava. Desviou o olhar. Mas estava preso.

— Pensei que você tivesse dito alguma coisa.

— Não.

— Estou um pouco confuso.

— Isso passa. Não ligue. Diga-me uma coisa.

— O quê?

— Você não acha que foi uma loucura convidá-lo para este baile?

— Não, não acho.

— É que, às vezes, parecemos dançar músicas diferentes.

— Sou eu, sabe. Nem sempre consigo acompanhá-la. Não é nada fácil. Há mais mundo interior em você do que pode pressentir minha mingua-díssima sensibilidade. Outro talvez possa sentir o imponderável do seu mistério. Mas onde estará esse outro? Na verdade, nem sequer sei se pressinto.

— A quem você se refere?

— A outro.

— Que outro é esse?

— Talvez alguém que tenha ficado lá longe no passado.

Que peso nos braços! Logo mais e ele começaria a sentir câibras. Era melhor deixar suas mãos pesarem nos ombros dela. Não era isso exatamente o que queria: mantê-la presa a terra, mesmo à força, pesando-lhe nos ombros? Por quê, então, não pesar, pesar? Largou o peso dos braços nos ombros dela. Mas ela pareceu não sentir. Já estaria tão longe, tão distante? Era inútil. O baile animava-se. Alcançava, com certeza, seu clímax. Os músicos não paravam mais de tocar. Foi quase um olhar de súplica que dirigiu aos músicos. Neste momento, ele viu: havia, agora, duas orquestras. Uma não chegava a parar inteiramente e já outra recomeçava. Não podia recuar, não podia ceder e não tinha forças suficientes para suportar. Sim, se ela estivesse jogando, jogava muitíssimo bem. Ele já não tinha trunfo algum. A cada momento, mais difícil se tornava a sua situação. Mas ela não viera — ele enganava-se redondamente — para derrotá-lo. No máximo, talvez pressentisse longinquamente que era necessário derrotá-lo para que pudesse prosseguir.

A certa altura (a música que tocavam era vibrante, quase febril), ela ergueu a cabeça. Olhou-o nos olhos. Estranha felicidade nos olhos dela! A felicidade dos loucos? Não, não podia ser. Mas que diabo era aquilo? Aos poucos, ele compreendeu. Não era nos olhos dele que ela estava olhando.

Ela via uma escada, uma escada subindo, subindo. Disseram que não havia escadas. Quem? Era sua alma que subia pela escada. A alma que vendera a Deus. Ela queria subir atrás de sua alma (ele sentiu um segundo pisão em seu calo — que dor!). Fazia movimentos com os pés. A música sugeria, excitava movimentos, mas não tanto. Ela começou a subir com as mãos pelo corpo dele (ele sentia cócegas — o calor doía e que vontade alucinante de dar gargalhadas). Parecia querer agarrar-se a qualquer coisa. Que coisa era essa senão os degraus da escada?

— Sim, não... Sim!

— Esta música faz mal, não é?

— Como?

— A música...

— Perdão, eu não estava ouvindo.

— O quê?

— Era a minha alma.

— Tocada pela música?

— Não.

De repente, ela parou de dançar. Sentiu que todas as peças se encaixavam. Foi um instante apenas. Um segundo, um décimo de segundo. Ela sugeriu:

— Vamos tomar alguma coisa. Está na hora.

— Ótima ideia.

Ele pediu uma cerveja. A irmã e a primeira amiga o acompanharam. Ela pediu um guaraná. A conversa ficou limitada às três. Ele, distraído, nem sequer ouvia o que diziam. Precisava fazer alguma coisa. Mas fazer o quê? Estava perdido, transtornado. Pusera toda esperança naquele baile e agora se via derrotado, inútil, ridículo. Mesmo assim, reagiu à tristeza. Tinha de lutar, fazer qualquer coisa. Mas que fazer senão tomar uma atitude insólita? Convidar a irmã dela para dan-

çar. Contar tudo. Pedir-lhe ajuda. Sim, era o que de melhor poderia fazer, pelo menos no momento. Antes, porém, seria melhor refrescar a cabeça. Ir novamente ao jardim. Nem sequer esperou pela cerveja.

Ao andar, ouviu passos em suas costas. Voltou-se. Era aquela moça de antes. Parecia contente.

— Você foi ótimo!

— Deu certo?

— Se deu...

— Então, agora você é você mesma?

— Quer se sentar comigo?

— Seria ótimo, como você diz.

Sentaram-se num banco, de frente para a porta do clube. A moça falou:

— Você não me parece muito contente.

— Por que não?

— Não, não me engane. Eu sei.

— É verdade.

— Ela não gosta de você?

— Ela, quem?

— A moça com quem você estava dançando.

— Ora, nem pense nisso.

— Então, ela gosta?

— Não se trata de um caso de amor. É coisa diferente.

— De quê, então?

— Não sei, exatamente.

— Como, não sabe?

— Talvez saiba, mas é difícil de explicar.

— Você não confia em mim?

— Claro que confio, mas...

— Será que lhe pareço tão superficial?

— Não, não é isso. É que não sei mesmo.

— Conte, vá. Agora estou curiosa. Não o largarei enquanto não me contar. Talvez eu possa ajudá-lo como você me ajudou.

— Talvez...

— Então?

— É uma história tão complicada.

— Dessas é que eu gosto.

— Não seja chata!

— O quê?

— Perdão. Estou começando a me irritar. Não é com você. Não me leve a mal. Não queria ofendê-la.

— Mas conte, vá.

— Está bem. Você sabe, as pessoas não podem deixar de ser humanas. Mas, quando insistem em se desfazer de todo o humano nelas, perdem-se, extraviam-se.

— Isso não pode.

— Quando ela mandou me dizer que viria a este baile, pensei que estivesse sentindo nostalgias do humano.

— Foi ela que convidou você?

— Foi.

— Então, ela não é desumana.

— Foi o que eu pensei. Mas depois compreendi que ela me convidou sem saber exatamente por que o fazia.

— Porque gosta de você.

— Já lhe disse que não se trata disso.

— Desculpe, eu...

— Não é nada. Vim ao baile convencido que ganhara a parada. Que bastaria provocar nela uma crise e ela passaria a ser como nós.

— Por que provocar uma crise?

— Era uma tática. A crise faria dela uma pessoa como nós, com os nossos problemas, as nossas necessidades, a nossa fragilidade. O pecado original, você sabe.

- Sei. Desde o meu catecismo.
- Ótimo! Mas acontece que tomou a minha atitude como desafio e...
- Credo! Será que ela não compreende?
- Se estava no primeiro degrau de uma escada, agora está quase no topo. E tudo nesta noite!
- Escada para onde?
- Para o céu.
- Você está zombando de mim.
- Não estou, não.
- Como pode uma pessoa ir viva para o céu? Primeiro, tem de morrer.
- É isso. E ela está bem viva, não é?
- Claro!
- Não sei o que fazer, sinceramente não sei.
- Que idade ela tem?
- Não sei. É uma coroa, como você bem viu.
- Aliás, você também é.
- Mas não é com nossa idade que me preocupo.
- Sempre ouvi dizer que as solteironas ficam neurastênicas.
- Isso é pilhéria. Não ligue.
- Não sei. Tenho uma tia solteirona que é tão complicada. Só vendo. Tenho medo de ficar como ela.
- Você vai se casar...
- Como você é ótimo!
- E agora, mocinha?
- Dê romances para ela ler.
- Romances? Não. Ela sabe o que deve ler melhor do que eu. Ela é poetisa.
- Não diga?
- Digo, sim.

— Então, não adianta. Desista.
— Por quê?
— Esta gente fala do amor, mas não ama.
— Já lhe disse que não se trata disso.
— Foi apenas um exemplo.
— Você quis dizer que não vivem.
— Isso mesmo!
— Talvez vivam de uma maneira diferente, que nós não conhecemos.

— Mesmo assim é melhor desistir.
— Você sabe de que devo desistir?
— Dela, é claro.
— Você sabe que não se trata disso...
— Você quer o quê?
— Salvá-la.
— Outra vez, não entendo.
— Torná-la humana. Se não se tornar humana, não poderá tornar-se cristã.

— Você é religioso?
— Não sei ao certo. Ando atrás das condições.
A moça deu uma gostosíssima gargalhada. Quando se tranquilizou, disse:

— Vocês coroa são complicados demais. Vêm a um baile para conversar sobre essas coisas.

— É...
— Por que não dança com ela? Dançar não é tudo, num baile, pelo menos?

— É verdade. Não...
— Dance como todos dançam. Não é gostoso entregar-se ao ritmo da música?

— Claro que é.
— Pois faça isso...

— Se eu pudesse!...

— Pode, sim. É só querer. Agora, tchau, que eu vou dançar.

— Tchau!

Outra vez só, começou a andar. Não, não havia solução alguma. A não ser, talvez, aquela de dançar com a irmã dela, de tentar convencê-la de que devia tentar fazer alguma coisa. Já não ficaria só em sua luta. Mas como seria recebido? Será que a irmã gostaria de ajudá-lo? Será que via o problema com os mesmos olhos? E se não visse? Deveria antes tentar atraí-la para o seu lado? Tudo muito complexo, muito difícil. Andando assim distraído, voltou ao salão. Chegou-se à mesa. Convidou a irmã para dançar. Quando dançavam, disse:

— Eu queria falar com você.

— Eu sei.

— Como é que você sabe?

— Sabe o que ela me disse?

— Não

— Que você não deve se preocupar, que não foi para preocupá-lo que o convidou a este baile. Que está inteiramente tranquila. Que já nada mais poderá perturbá-la.

— Será que ela percebeu?

— Lógico que percebeu.

— E você o que é que pensa de tudo isso?

— Penso como ela. Que não deve se preocupar.

— Você sabe que ninguém atinge impunemente o ponto que ela atingiu.

— Está muito segura de si mesma.

— Engraçado, não é? Quando pensei que fosse entrar em crise, ela se refugiou na montanha.

— Medo do terra a terra.

— Não sei. O que mais temo é o fato de ter uma von-

tade terrível. Parece ter se concretizado nela uma tolice que Jaspers andou dizendo: “Quanto mais eu mais vontade” — ou vice-versa. Já não me lembro ao certo. Usa a vontade a um ponto inacreditável.

— Ela é frágil demais! Fisicamente, é claro.

— A vontade não encontra resistências.

— Não vai acontecer nada. Não se perturbe.

— O caso dela e de Nietzsche são muito parecidos. Ela acabará dançando na rua. E depois?...

— Não é tanto assim.

— O pior é que terá de conter-se. Não é da natureza dela expandir-se. Se fizesse como Nietzsche, não seria nada. Mas não o fará.

— Ela se domina facilmente.

— Acho que precisaria expandir-se, se o que está vivendo mesmo é uma dilatação do eu.

— Pelo contrário, sinto-a concentrada.

— É o que não posso entender. Uma concentração numa dilatação ao infinito do eu.

— Você pensa que se trata de uma dissintonia?

— Sei lá!... A verdade é que não consigo compreender.

— Você mesmo sabe que é impossível.

— Ela me forneceu tantos dados do problema...

— Mas nem todos.

— E parece que escamoteou dados essenciais. Ela me disse, certa vez, que a *Imitação* lhe fez um bem enorme. Mas Cristo, para ela, não é Cristo. É Jesus de Nazaré. Uma figura histórica formidável, mais nada. Ela transformou tudo em gozo estético.

— Você se esquece de que ela é mulher.

— Não, não me esqueço. Ou você acha que a mulher não pode ter uma visão ética da vida?

— Lógico que pode.

— E agora? Ficamos no mesmo. Não saímos do ponto de partida.

— Gostaria tanto de ajudá-lo, se pudesse.

— Se ao menos soubesse o que fazer.

— Com ela, não adianta. É teimosa. Só o que pensa é que é o certo, o que lhe convém, o correto. É melhor agora que vá ao fim.

— E depois? Se morresse agora, bem... E se não morrer? Pessoas como ela vivem muito. E se tiver de descer a montanha? Que acha disso?

— Descerá. A vida dela é uma alternativa de estados de exaltação e depressão.

— Isso seria uma simples exaltação?

— É mais lógico pensar assim. Uma simples exaltação.

— Não, não pode ser. Parece ter colocado cada peça em seu exato lugar. Estou começando a pensar que não passei também de uma peça de seu jogo diabólico.

— Você teve muito mais importância para ela do que pode imaginar. Se esse estado não for uma exaltação passageira, ela ficará a devê-lo a você.

— O pior é que ela pensa que foi minha aluna e que, como aluna, superou o mestre.

— Isso o desagrada?

— É que não foi minha aluna. Ou, se foi, só o foi antes que eu descobrisse a cruz dentro de mim. Acho mesmo que ela não compreende o que quero dizer. Falamos línguas diferentes.

— Foi também o que ela me disse, há pouco.

— Ela compreende esplendidamente as coisas. Pena é que não acredita na realidade do pecado.

— Se fosse mais moça, talvez...

— E o pecado em tempo maduro, como descobriu alguém? Contudo, seria preciso, primeiro, que se libertasse da imagem dela mesma, de uma imagem que projetou para a frente. Ela não vive o real dela mesma.

— Não estou muito certa disso.

— Eu também não. Minha segurança ao falar não passa de um esforço desesperado de compreender.

— De qualquer maneira, não se preocupe.

— Como posso não?...

Neste momento, voltaram à mesa. Ela os recebeu com a maior tranquilidade. Ele — ah! como gostaria de encontrar uma fissura naquela rocha compacta! Que não daria por isso? O velhote e a segunda amiga também retornaram à mesa, depois de um passeio ao ar livre. O grupo estava refeito. Ele achou preferível — foi num repente — que seria melhor dançar com ela. Desta vez, foi ríspido:

— Preciso dançar com você.

Ela se limitou a olhá-lo entre curiosa e divertida.

Oh! O mesmo erro de antes, as mãos nos ombros dela! Começava a perturbar-se? Já não era dono de si mesmo e de seus gestos? Ela o teria relegado para um passado distante, o passado no qual precisaria da cruz? Estaria tão longe, tão liberta de tudo? Mas essa liberdade seria uma verdadeira liberdade? Não, não podia ser. Uma liberdade estética, talvez. Mas como salvá-la? Tentaria mais uma vez:

— Se eu tivesse humildade suficiente...

Ela olhou-o nos olhos sem compreender.

— Se tivesse humildade suficiente, confessaria de cara minha derrota.

— Derrota?

— Se fosse espírita, diria que seu espírito é muito mais evoluído do que o meu.

— E não pode ser?

— Pode, pode. Mas não exatamente como os espíritos entendem.

— Já me disseram que meu espírito é muito evoluído, que talvez seja minha última passagem nesta terra.

— E você acredita?

— Não sou convencida a este ponto. Sabe, houve alguém que me disse, faz muitos anos, que eu teria uma vida de freira. Que não seria freira, mas que teria uma vida semelhante.

— Você não procurou cumprir essa previsão, não foi condicionada por ela?

— Oh! Não! Isso aconteceu.

— Mas você não admitiria outra solução? Admitira?

— Não sei. Agora, já nada disso tem sentido. Todas as peças se encaixaram.

— Todas, sem exceção?

— Todas.

— Eu também uma peça como as outras?

— Também. Você cumpriu a sua missão. Foi por sua causa que pude me decidir.

— Eu esperava outra coisa.

— A vida é assim mesmo. Ninguém pode salvar ninguém.

— Só Deus pode.

— Perfeito.

— Algum dia você pensou na redenção?

— Não, nunca. Redimir-me de quê?

— De sua natureza corrupta. O sacrifício de Cristo na cruz...

— Nunca senti — uma vez, sim, no tempo de meu tango, como você diz — necessidade de Cristo.

- E depois se esqueceu inteiramente dele.
- Por que o Cristo?
- Foi dele que nos veio a possibilidade de salvação.
- Eu não sou como as outras pessoas, sabe?
- Honestamente, eu não posso aceitar.

Largou todo o peso de seus braços nos ombros dela. Se pudesse, faria com que ela mergulhasse na terra. Sim, ele temia. No estado em que se encontrava, se ela viesse a cair em depressão, não seria a terra que iria encontrar, mas um sorvedouro. E aí... quem poderia saber?

— Sabe? Não sinto sequer suas mãos nos meus ombros.

— Não sente?

— Não.

— Não foi assim que o velhote a segurou para dançar, foi?

— Claro que não. Deu-me as mãos à antiga. É uma maneira mais espiritual.

— Isso é verdade.

— Você é terreno demais. E eu não passo de uma feiticeira...

— Uma feiticeira vestida de rosa e azul.

— São cores de maravilhosa significação. Visto-me delas só em momentos especialíssimos.

De súbito, aquele olhar. Aquele olhar terrível de ave de rapina. O brilho daquele olhar a desafiá-lo: “Decifra-me, se puder. Ou você me decifra, ou...”

— Você me parece uma esfinge no meu caminho.

— Oh! não me dê tanto valor! Quem sou eu?

— Se soubesse, seria tudo tão fácil!

— Decifrei a esfinge...

— Acredito. Que será de você, agora?

— Como feiticeira que sou, viverei na minha gruta com os meus fantasmas.

— Na montanha, uma gruta?

— Exatamente.

Sentiu que seus braços já não tinham forças, ela cada vez mais longe e ele procurando prendê-la a terra, como a primeira condição para a descoberta de Cristo.

— Sabe? Não é pena o que sinto por você. Mas não posso compreender o seu recuo. Voltar depois de ter alcançado a montanha.

— A montanha que subi não passava de uma paisagem.

— Mas preferia você na montanha. Tínhamos, pelo menos, algo em comum. Já não temos mais nada. Como nos entendermos agora? Meu espírito libertou-se inteiramente da terra. Peço-lhe que me perdoe. Aconteceu.

— Sim, aconteceu. Só que você quis.

— Talvez eu tenha sido levada.

— Não, não acredito. Você quis com uma vontade de ferro. Tudo que lhe aconteceu deve-se à sua vontade exclusivamente.

— Você está exagerando. Ou, pelo menos, pondo a tônica em minha vontade de uma maneira inconcebível. Talvez eu seja apenas intuição.

— É possível.

Não, já não podia olhá-la nos olhos. Mas aquele olhar o atraía. Atraía e repelia simultaneamente. Queria fugir daquele olhar, mas sentia-se preso. Preso àquele desafio (pobre homem lutando contra a loucura do espírito!). Não, de nada servia lutar, mas ele continuaria lutando.

— O velhote disse que minha intuição é genial.

— Ah! disse...

— Talvez o zen-budismo lhe tenha dado condições que você não tem.

— Não será isso o poder do nada?

— Ou o poder de Deus?

— Do Deus que você criou à sua imagem e semelhança.

— É possível proceder de maneira diferente?

— Se você chegar a Deus pelo Cristo.

— Aí é que você se engana. Posso chegar a Deus diretamente.

— A um Deus fabricado...

— Fabricado ou não, em todo caso a Deus.

Era melhor fugir, fugir. Deixá-la entregue a si mesma. Não mais se preocupar com ela. Mas e aquele olhar? Como fugir daquele olhar? Ela teria sido sincera quando disse que não passava de uma feiticeira? Talvez. Ele sentiu uma vontade alucinante de sair à procura de uma vassoura. Queria ver, certificar-se.

— Enquanto você andava pelo jardim...

— Houve o quê?

— Como você se precipita! Calma, meu caro amigo.

Enquanto você andava pelo jardim, alguns poemas explodiram em meu copo de guaraná.

— A plenitude reiterada?

— Não, a comunhão.

— Com quem?

— Ele percebeu o ridículo da pergunta. Mas que fazer, senão perguntar? E repetiu:

— Com quem?

— Com Deus. Só com Deus, com mais ninguém.

As câibras chegaram. Seus braços pareciam ter centenas de metros. E elevarem-se cada vez mais, sempre mais. E aquele olhar que não cedia! Que teimava em permanecer!

— Antes, você não tivesse me convidado...

— Por quê, meu Deus?

— Porque não teria perdido a única possibilidade que me restava. Minha esperança não teria se transformado em desespero. Nada do que aconteceu neste baile teria acontecido. E ainda por cima o cretino desse velhote...

— Credo! O que tem você?

— Não sei.

— Estou começando a estranhar. Que é feito de sua superioridade?

— Superioridade, coisa nenhuma! Você deve ter se enganado. Nunca fiz praça de superioridade nenhuma.

— A feiticeira não gosta.

Ele não suportava mais. Nem os braços, nem aquele diálogo de surdos, nem aquele olhar.

— Já sei, você quer uma vassoura.

Ela, atônita, ficou só na pista de dança, enquanto ele corria desesperado para os fundos do clube. Logo em seguida, ela, sua irmã e as duas amigas se retiravam. Quando ele voltou com a vassoura, interpelou o velhote:

— Onde é que ela se meteu?

— Não sei.

— Sabe, sim. Está querendo me enganar?

— Você é que deve estar equivocado, se não for coisa pior.

— Pior o quê?

— Você é um doido varrido.

Chegou a esboçar o gesto. Seguraram-no. Logo em seguida, viu-se na calçada. Andando mais tarde pelas ruas desertas da cidade, um monólogo tomou conta dele. E prosseguiu pelo resto da noite.

Uma moça, outra moça... A primeira me levou a descobrir a cruz. Melhor se não tivesse descoberto! Melhor? Não, não pode ser. De que vale o homem sem a cruz? Tudo! Que vale o homem sem a cruz? Nada! Sou homem. Sempre fui homem. Não era homem. Ou era homem vivendo numa história que não era a minha história. Numa história encerrada no tempo. Descobri a cruz. Sim, descobri. Jamais tivesse descoberto! Mas como ser homem sem a cruz? Homem sem destino, ou de um destino inacabado. Homem das pequenas coisas da vida, descobrindo uma vocação minguada ou substituta, com a qual se contente. Homem que se alegra com vitórias de fazer chorar o homem. Homem que chora com derrotas de alegrar o homem. Sou um homem em caminho. Não quero ser professor, não quero ser político, não quero ser poeta, não quero ser escritor, não quero ser nada. E os homens que se consideram realizados! Oh! como é ridículo o homem! Realizado? Quando me realizarei? Quando? Não ser como este vira-lata, não quero. Que diferença entre o homem e este vira-lata? Nenhuma. Um grau maior de inteligência. Só isso. Não, o homem não é um vira-lata. O homem é a morada da cruz. Que frase! Sabe, vira-lata, o homem é como você. Não, o homem não é como você. O homem quer ser como você, realizar-se como você. Não, o homem não quer ser como você, realizar-se como você. Há um homem dentro... Cuidado, vira-lata, que ele vai morder você. Como deixar a lata da vida? A cruz nos mete medo dentro dela. E mordemos, mordemos. A cruz... sem a cruz não saímos dela. Ah! sim. O gato era um caso mais sério. Lá vai o guaieca perseguindo o gato. E quando o gato deixar de correr? O gato atrás do rato, o guaieca atrás do gato. De vira-lata a guaieca, o salto é formidável. De uma esfera a outra, de um conceito a outro, de um mundo a outro, de bancário a banqueiro. É o reino da quan-

tidade — um menos, um mais, menos e mais, todos a *una voce*: realizados. Nasce, cresce, realiza-se e morre. O homem é uma maravilha, podem crer, vocês aí, sombras em fuga! O homem é germe do homem, é cavalo do homem (quando há enxerto). A verdade não está no homem. Foi noutra história (só há duas histórias: uma encerrada em si mesma e a outra passando). A verdade estava no homem. Já não está. O homem é outro homem, se vier a descobrir. É terrível descobrir. O homem é sábio, por não descobrir. Descobri o homem da cruz a morada. A outra... Feiticeira! Se passar aqui, sairei cavalgando com ela. Não. A vassoura não é minha. É do clube. Cavalgar de garupa. E viva! Escada? A grota não será nostalgia do nível do mar? Vendeu a alma. Tapeou Deus. Deus reclamou. Depois a alma subindo pela escada. A arte de fazer-se feiticeira. Se não tivesse descoberto o ritmo, não teria me tornado um tango. Um degrau da escada, um trecho do caminho da montanha (ela não chega à montanha por nenhum caminho: “Voa, minha linda feiticeira, voa...”). Todo o meu fracasso em salvá-la. Que exagero! Salvá-la? Oh! salvar os outros não significará não querer salvar-se? Justificar a minha perdição com a perdição dos outros? Ela não se perdeu. Está na montanha. É só procurá-la. Não se perdeu, não poderá se salvar, nem salvar-se. Pode alguém dançar à margem da redenção? Está na escada. Não está. É sua alma que está. Subiu? Subiu por um lado, desceu pelo outro. Brincando está. Seriedade, se Cristo não morreu? O Grande Arquiteto se diverte. Buda se diverte. A alma dela subindo e descendo. Segure a escada, velhote! Jesus de Nazaré, figura formidável? Tomara que você não morra, ó velhote cretino! Não vale a pena gastar uma morte com você. Você não vale sequer uma constipação. Talvez, se os gases fizerem o favor de alçá-lo à altura do espírito universal. Bem, para descer é preciso libertar-se dos gases.

Se a vontade não substituir esses gases. Não é cômoda esta cama? Nenhuma porta sem fechadura. Nem a minha porta. Não se pode entrar nem dormir na cama. Há um buraco na fechadura. Pode-se, ao menos, olhar. E, depois, dormir como você está dormindo. A cabeça num degrau de pedra, de uma escada de pedra. Só um momento. Vou ali à esquina. Vou ver se estou na esquina como você está aqui. Uma moça, outra moça... impossível somar as duas moças. A cruz que mora no homem e a cruz na paisagem. Mas o espírito universal é a soma de tudo que é possível somar-se: Maomé, Buda, o Grande Arquiteto, a escada, a montanha, o velhote, a outra moça. Besteira! Na montanha, as cinzas da cruz na paisagem. Não. O vento levou. E o poeta (sem Cristo) declamando: “E as ervinhas brotarão viçosas e o esquecimento (não, a poesia — sim, a poesia) brotará também.”. E o homem (com Cristo): “*Silencio en la noche...*”

Jogos da solução de continuidade (4.^o jogo)

POR
VAN NEUTGEN

Acomodou-se o melhor que pôde, abriu o livro, olhou mais uma vez pela janela do vagão como se estivesse indeciso entre a leitura e a paisagem, quando a mulher que estava no banco em frente resolveu puxar conversa:

— O senhor pode ler, o trem andando?

Ele não se surpreendeu. Isso acontecia sempre, todos puxando conversa com ele em todo tempo e em todo lugar. Respondeu:

— Posso, mas não chega a ser um hábito.

— Eu não posso. Fico logo enjoada.

— Sei. Há pessoas que não podem ler. Eu, felizmente, posso.

— Credo! Não posso fixar meus olhos em coisa alguma.

Tenho o estômago muito fraco. Sempre fui assim, desde menina. Quando estou grávida, é melhor nem falar.

— Isso acontece geralmente nos primeiros meses, não é assim?

— Lá isso é verdade. O senhor não sabe como soffro. E, agora, estou grávida, sabe?

Não, ele não sabia. Nem tinha se preocupado com isso. De qualquer modo, procurou deixar a mulher à vontade.

— A senhora não se preocupe. Se precisar vomitar, não se constranja que não ligo.

— Ainda bem. Conheço pessoas que não podem ver outros vomitar.

— Não sou desses.

— Fico tão encabulada. O senhor sabe, no WC não dá pra gente vomitar. Esses WC são uma verdadeira imundície. Nunca vi coisa igual.

— Não se preocupe, minha senhora. Vomite à vontade. Se precisar que eu faça alguma coisa, poderei ajudá-la.

— Oh! Muito obrigada. O senhor é um homem bondoso. É uma pena que meu marido não seja assim.

— Não há de ser nada. Não se preocupe.

— Está bem. Agora, me sinto melhor. O senhor tranquiliza a gente. Isso é tão bom numa viagem.

Abaixou a cabeça. Voltou a abrir o livro, decidido a ler. A mulher pareceu compreender e silenciou.

Título do livro que comprara num quiosque da estação: *A senhora do amor platônico*. Ergueu a cabeça, olhou mais uma vez para fora, fez um novo e decidido gesto, abaixou a cabeça e começou a ler.

“Há fatos que ficam na vida da gente, claros, nítidos. Sua origem, seus desdobramentos e repercussões podem ser repassados a qualquer momento, sem que nada tenham perdido de sua força inicial. Há outros, porém, que por mais esforços que possamos fazer, permanecem numa espécie de limbo, crepusculares e, no entanto, são esses que quase sempre têm maior presença, maior conteúdo. Possivelmente, esses fatos vieram marcados de uma certa angústia que esfuma seu contorno, desfaz sua clareza e nitidez. Fatos marcados pela alegria ou pelo temor, esses são sempre os mais claros, mais nítidos. Os outros situam-se num mundo estranho, crepuscular e, muitas vezes, contraditório. A comparação que me ocorre no momento vem do meu hábito de cavalgar. Posso lembrar-me claramente de minhas cavalgadas diurnas, dos motivos porque cavaleguei, dos lugares por onde passei, quais as consequências que tiveram em minha vida essa ou aquela cavalgada. Não consigo, porém, lembrar-me com nitidez de minhas cavalgadas noturnas, principalmente quando uma certa luz do luar me mostrava a terra dos caminhos mais clara do que a noite. Nessas cavalgadas, parecia-me sempre que uma parte de mim mesmo se ausentava. Que não estava todo em mim. Que era o cavalo em que estava montado, era o ruído da mata, era a hora noturna, tal-

vez o espaço entre um vagalume e outro vagalume, entre um grito e outro grito. Talvez esse seja um traço de minha natureza, não sei. Há muito tempo conversando com um psicólogo, este pensou descobrir em mim condições de romancista, como o homem capaz de entrar na pele dos outros, guardando a lembrança crepuscular daquele momento em que foi o outro. O resto, disse-me ele, é um mero trabalho de criação, da melhor expressão possível.

É o que vou procurar fazer aqui, reconstituindo a estranha aventura de um homem que conheci há pouco tempo numa cidade do litoral. Confesso que esse homem me chamou atenção desde o primeiro momento em que o conheci. Era alto e magro, não muito alto e magro e talvez mais esguio e fino do que magro. Os olhos muito azuis, de uma paz serena e, ao mesmo tempo, dolorosa. Os cabelos ralos, os lábios um pouco grossos e o nariz um pouco curvo. Seu rosto, apesar de tudo, comunicava uma certa estranheza, uma espécie de harmonia dissonante. Falava espaçada e moderadamente, com uma gravidade curiosa, mas não deixava de sorrir — que enigmático sorriso desse homem, a ponto de confundir a gente! — quando penetrava o mundo de mistérios que são as relações humanas. É claro que me permitiu muitas coisas no sentido de sua própria descoberta, ao descerrar as cortinas de seu mundo, mas o que me permitiu, permitiu-o deliberadamente, talvez preocupado em transmitir uma certa imagem dele mesmo e não o seu real, o seu mundo indevassável, só frequentado por ele e por mais ninguém.

Quando começo a cansar-me do sítio, tenho por hábito sair para qualquer lugar, qualquer cidade, onde fico até o momento em que a cidade me traz de volta, reintegrado a mim mesmo e decidido a não mais deixá-lo por motivo algum. Numa dessas fugas, cheguei a uma cidade do litoral. Já

na tarde seguinte, quando contemplava as ruínas daquelas casas entre a cidade e o mar, percebera que um homem, que vira almoçando no hotel, fazia o mesmo que eu fazia. Foi, pelo menos, o que suspeitei. Passou por mim e cumprimentou-me. Respondi ao cumprimento. Por mais insólito que pudesse parecer, não me contive e falei:

— Em busca do passado?

Ele parou. Parece que já esperava por minha pergunta. Sorriu e respondeu:

— Não sei exatamente.

— Não sabe?

— Ao certo, não. Nem sei o que estou fazendo aqui.

— Mas tudo dá a entender...

— Quando a gente limita esse tudo às aparências.

Disse essas palavras sem qualquer intenção de me ferir. Foi com a mais ponderável das gravidades que as pronunciou. Fiz um certo esforço para continuar o diálogo:

— Acredito que deve haver uma correspondência entre nosso gesto exterior e o nosso mundo interior.

— Nem sempre. Eu poderia estar parado agora diante de um prédio moderno e meu mundo interior seria o mesmo deste momento.

— Isso só acontece quando o homem chega a uma verdadeira maturidade.

— Pode ser.

Refletiu durante alguns segundos, depois continuou:

— Talvez não se trate de maturidade. É possível que não passe de um estado passageiro.

— Nesse caso, o homem não se sentiria bem diante de um prédio moderno.

— Agora você me deixou confuso. Preciso pensar um pouco. Por que não nos sentamos naquelas pedras?

— Ótimo.

Quando já estávamos sentados, prosseguiu:

— Pelo que estou entendendo, você quer dizer que a gente procura os lugares e pessoas que correspondem ao nosso estado num determinado momento. Não é isso?

— Perfeito.

— Bem, acho que não precisa ser necessariamente assim. A gente pode estar diante de um prédio moderno e não estar vendo nada; pode estar olhando sem ver. Concorda?

— Concordo.

— Mas pode também estar vendo aquele prédio como uma ruína futura. Como será daqui a cem ou duzentos anos.

— É claro. Isso é o que chamo maturidade.

— Não, não posso concordar com essa expressão. Talvez fosse melhor dizer-se que é a presença exclusiva de um certo e determinado estado, ou tonalidade afetiva, para falar mais claramente. Isso não implica necessariamente maturidade. Um estado desses pode não ser permanente. Seria necessário que a gente cultivasse esse estado, que visse nele a sua razão de ser, para que pudesse implicar uma verdadeira maturidade.

— Foi isso o que eu quis dizer.

— Nesse caso, concordo com a expressão. Contudo, a gente não pode se esquecer nunca de que o homem não é um estado. O homem são muitos estados alternando-se, sucedendo-se.

— Sempre vivi e vivo dentro de um único estado.

— Você deve ser uma exceção. Eu não sou assim. Não foi Goethe que disse que ‘duas almas moram no meu seio’? Foi?

— Foi. Mas me parece um modo grosseiro este, grosseiro e superficial de se colocar o problema.

— Não acho que seja grosseiro. Bastante superficial; sobre isso não há dúvida. Dentro do sentido de Goethe, po-

deríamos dizer que milhares de almas moram em nosso seio, como os ‘eus’ da procissão de Milton Carneiro. Conhece?

— Não.

— Milton Carneiro ordenou seus ‘eus’ reais e possíveis numa longa e interminável procissão.

— Gostaria de verificar isso. Sabe por quê?

— Não.

— Porque, por mais que seque seu eu, mesmo ao infinito, não destruirá o próprio eu, que é a consciência da relação da alma com o corpo.

— Kierkegaardiano, não?

— Só de certa maneira.

— É claro que só pode ser de certa maneira. Nem Kierkegaard concordaria com a exclusividade de um estado. Você, com esse estado único que diz viver, é uma exceção e deve aceitar-se assim. Só não sei o que resultará de tudo.

— Isso não me preocupa. Procuro, apenas, viver à minha maneira. O resto... Bem, o resto não me preocupa. Pode crer.

— O que é que você faz aqui diante destas ruínas?

— O passado que encontro aqui corresponde à minha maneira de ser. Sou uma espécie de depositário desse passado.

— Esse passado teve o seu presente. Ou, melhor, foi um presente.

— Mas já não tem, ou não é. Não o vejo senão como passado.

— Ou como ruínas.

— Talvez. Você quer dizer que esse passado só existe porque existiu antes um presente. A verdade é que não me preocupo em reconstruir o presente desse passado. Se o fizesse, o presente já não corresponderia ao meu estado.

— É uma limitação terrível esta!

- Concordo. Mas sou assim, que fazer?
- Há uma coisa que você não me parece estar compreendendo perfeitamente: sua dependência do presente, ou melhor, de um certo presente. Por que ignorá-lo? E aquela gente que fez tudo isso?
- Admito-a dentro de minha nostalgia, ou de meu estado.
- Mas lutaram, sofreram, tiveram o seu real. E deve ter sido um real bastante duro.
- Que posso fazer?
- E o mar aí não lhe diz nada?
- Me põe nostálgico, como essas ruínas. Parece trazer um convite ao desconhecido.
- Ao desconhecido ou ao passado?
- Não sei.
- Se fosse ao desconhecido, você não seria meramente nostálgico. Teria um certo sentido, uma certa capacidade para a aventura, sei lá o quê! Sabe de uma coisa?
- Diga.
- Estou argumentando como se eu fosse você e você, como se fosse eu. Talvez não seja exatamente isso. Você se lembra do que lhe disse, há pouco?
- Que o estado pode permanecer em qualquer lugar e em qualquer momento?
- Isso! Pois mudamos de posição.
- Engraçado! E eu que não tinha percebido.
- De qualquer modo, há uma pequena diferença entre a nossa maneira de ver. Você precisa da presença do passado para justificar o seu estado dentro de si mesmo, ou de sua nostalgia. Eu, quando estou nostálgico — mas só quando — posso estar nostálgico em qualquer lugar e a qualquer momento, mas só quando... só raramente fico assim.

— É que você deve ter um domínio total de você mesmo, de sua vida interior. E eu, é possível que continue dominado pela minha nostalgia. Que ainda não cheguei ao ponto em que você chegou. Que talvez não chegue nunca.

— Coisa curiosa, não é?

— Bastante mesmo. Por que é que você veio para cá?

— Para escrever uma novela.

— Então você é escritor?

— Não, não sou. Foi algo que me aconteceu e que precisei escrever. Uma coisa insólita, dessas que a gente não chega nunca a compreender, por mais que procure compreender. Talvez uma história de amor, não sei bem. Primeiro, achei que o título deveria ser: *O pensador mentecapto e a mulher inteligente*. Depois, este: *Um que não brigou*. E, finalmente, este: *A senhora do amor platônico*. Apesar de ser uma novela curta, dividi-a em três partes, cada uma com um desses títulos. Estamos no mesmo hotel, não?

— Isso mesmo.

— Então voltaremos a nos encontrar na hora do jantar quando lhe passarei os originais. São poucas páginas, não se preocupe.

— Oh! não! Até que sou leitor razoável. Não me canso tão facilmente.

— Bem, vou deixá-lo entregue a si mesmo. Continuo com minhas andanças. Gosto de descobrir coisas e pessoas. E esta é uma hora propícia. Até breve.

— Não se esqueça dos originais.

— Fique tranquilo.”

Parou de ler e ergueu a cabeça. A mulher no banco dianteiro tinha os olhos fechados. Estava pálida. Por certo, já começara a sentir enjoo. Sem querer, instintivamente, olhou

para o ventre da mulher. Não, não aparecia nada. Era possível que estivesse no princípio da gravidez. Bem no princípio. Sorriu de seu gesto. “Ora, preocupar-me com a gravidez de uma mulher e, principalmente, de uma mulher que não conheço. Só porque ela vai vomitar? Muito engraçado! Como se fosse a única mulher a vomitar durante a gravidez!” Voltou-se para a paisagem. Pensou em acender um cigarro, mas não o fez. A fumaça iria acentuar o mal-estar daquela mulher. Mesmo que ela não reclamasse, seria melhor não fumar. Tinha certeza de que a fumaça a prejudicaria. O melhor que tinha a fazer seria retomar a leitura. E foi o que fez.

“Quando aquele estranho homem desapareceu numa esquina, ele se levantou das pedras e começou a andar. Uma certa curiosidade tomou conta dele. Uma curiosidade de si mesmo. E uma remota, remotíssima mesmo, mas perceptível, vontade de conhecer-se. Seria um estado permanente aquele em que vivia? E mais, seria mesmo um estado no qual tivesse decidido viver, viver sempre? Um estado que poderia desenvolver-se, alcançar sua maturidade? Da conversa com o desconhecido restava o problema. Ou, melhor, da conversa nascera o problema. Praticamente um homem sem problemas, começava a preocupar-se. Até onde essa preocupação não o levaria? Não seria melhor ignorar o problema? Impossível. Poderia quando muito fugir do problema. Mas este permaneceria. Enquanto não o enfrentasse decididamente, seria um escravo. Inútil fugir ou tergiversar. No fundo, aquele homem não quisera dizer-lhe que era pura perda de tempo ficar contemplando ruínas? Não, não fora exatamente isso. Admitia que alguém ficasse contemplando ruínas. Só que não achava necessária a visão das ruínas. Um estado desses, para aquele homem, poderia perdurar sem necessidade de uma cor-

respondência exterior. Só o estado — isso ele não disse, mas deveria ter querido significar — dava sentido às coisas e pessoas. Se é que não extraía de si mesmo o seu próprio valor. Se tinha o estado, tinha tudo. Não precisava andar procurando nas coisas uma justificação impossível. Essa atitude podia ser interessante, mas não ultrapassava os limites do interessante.”

A mulher do banco dianteiro levantara-se. Queria abrir a janela, mas não tinha forças. Ele largou o livro e abriu a janela. Contudo, não pôde se retirar a tempo. A primeira golfada de vômito o atingiu de leve, raspando-lhe o paletó. Ele pegou o lenço... a mulher vomitava, vomitava. Quando parou de vomitar, ainda com os olhos injetados e úmidos do esforço, falou:

— O senhor me perdoe, por favor.

— Oh! Não foi nada. Não se preocupe.

— Não sei o que eu faria sem o senhor. Deixe que eu limpo o seu paletó.

— Já limpei. Não foi nada.

— Acho melhor o senhor passar um pano molhado, senão fica a mancha. Só tomei chá com bolachas, mas...

— Ora, não se preocupe. Não foi nada mesmo.

Contudo, para tranquilizar a mulher, foi ao WC e molhou o lenço na água da torneira. Voltou ao banco, esfregou o lenço molhado na mancha. A mulher voltou a falar:

— O pior é o cheiro que fica. Passe um pouco de perfume. Olhe aqui.

Ele pegou o vidro que a mulher lhe oferecia e derramou um pouco de perfume no lugar do vômito.

— Meu Deus, que coisa horrível! O senhor é tão bondoso e eu lhe faço uma coisa dessas.

— Peço-lhe: por favor, não se preocupe.

Vestiu o paletó. Retomou o livro. Mas a mulher ainda perguntou:

— O vento que entra pela janela não incomoda o senhor?

— Não, senhora. Não se preocupe.

Finalmente, depois de vencer um certo desgosto que tomara conta dele, pôde retomar a leitura.

“Andando pelas ruas da cidade, quase que chegou a esquecer do compromisso para o jantar. Apressou o passo. O outro já devia estar esperando por ele. E realmente estava. Entrou na sala de jantar. Desculpou-se:

— Peço-lhe que me desculpe pelo atraso.

— Para pessoas como você o tempo não passa de um fator de perturbação, como os compromissos todos. Se tivesse pensado nisso, não teria marcado este encontro.

— Há um limite. Se quero tomar café, tenho de me levantar a tempo de tomar café: nove horas — limite máximo. Se quero almoçar, devo estar aqui antes das treze — limite máximo. Você sabe.

— Isso, de certa maneira, é bom. Um pouco de disciplina não faz mal a ninguém.

— É evidente que não faz.

A filha do hoteleiro colocou a terrina de sopa diante dele e perguntou:

— O senhor quer sopa?

O outro o aconselhou:

— Pode tomar, que está excelente. Você vai gostar.

— De que é a sopa?

— De tartaruga.

— Ótimo.

Serviu-se de sopa e começou a tomá-la tranquilamen-

te. O outro, concludido seu jantar, folheava os originais de sua novela. Ele tomou a sopa em silêncio. Quando vieram os demais pratos, o outro comentou:

— O guisado está muito bom.

Depois:

— Não gostei muito do tempero da salada.

E, ainda:

— O feijão provavelmente é da hora do almoço.

Quando parou de comer, o outro perguntou:

— Só? Mas você não come nada.

— Não sou de comer muito à noite. Não quero ganhar a sorte grande.

— Como?

— Quando eu disse, certa vez, a uma vendedora de bilhetes que não tinha palpite porque fazia tempo que não sonhava, esta me aconselhou a comer feijão à noite porque aí sonharia e muito. E talvez sonhasse com o número a ser premiado.

— Interessante! Bem, preciso concluir uma descoberta que comeci... Vou deixar os originais com você. Já não preciso deles.

— Você não os quer de volta?

— Não. É um presente que lhe faço. Não saberia o que fazer com eles. Talvez sirvam mais a você do que a mim. Trata-se de uma de minhas descobertas, como tantas outras que não escrevi e nunca escreverei. Pode fazer deles o que quiser, como rasgar, queimar.

— Mas...

— Não se preocupe. Já lhe disse que não sou escritor. E nunca serei. Quero viver. E viver, para mim, significa descobrir. Talvez nos encontremos novamente, aqui ou em qualquer lugar.

— Não vai viajar, vai?

— Não sei. Se concluir uma descoberta que estou fazendo... Em todo caso, tive muito prazer.

— O prazer foi meu. Muito obrigado por tudo.

— Ora, não ligue.

Apertaram-se as mãos. E, enquanto o outro deixava o hotel, mergulhou naquela história, a começar da primeira: *O cão mentecapto e a mulher inteligente*.

‘Uma pequena sala de estar, ou sala de visitas. Livros numa estante, à direita da porta de entrada. Duas poltronas e uma mesa de centro. Uma mesa e quatro cadeiras. Quadros na parede frontal à da estante. Uma jarra de prata sustentando flores artificiais. Cinzeiros sobre a mesa. Um homem e uma mulher. Ela, sentada à cabeceira da mesa, de costas para a porta, e ele, no lado contrário, sentado numa cadeira quase junto de uma das poltronas. Não fazia muito que chegara. Inseguro, mas tranquilo. Sentia-se mergulhado numa nuvem de perfume. Não sei como teve início a conversa. Quando me dei conta, a conversa prosseguia. Era como se falassem no escuro, às apalpadelas. Ele estava com a palavra:

— Você tem tudo o que preciso. Não posso compreender. Eu não tenho nada, nada.

— Engraçado! Pensei que você nunca tivesse me visto no meio das outras.

— Vi você desde a primeira vez. Pode estar certa disso. Você estava sentada daquele lado da mesa. Sentara-se ali para servir melhor o café.

— Quando há diversas pessoas, aquele é o meu lugar.

— Daquela vez, você quase não falou. Disse pouca coisa, mas pelo que disse pude medir a sua densidade humana. É isso o que eu vejo em você. Não sei por que você não quer compreender.

— Não passo de zero vírgula zero. Pobrezinha de mim! Não tenho nada do que você poderia querer.

— Você sabe o que quero. E não só quero como preciso. Também não sei explicar, nem me preocupo em explicar. Seria uma bobagem explicar.

— Minha dúvida é cruel. Com sua inteligência, você pode estar querendo fazer uma experiência. E vou ser a sua cobaia. Isso não seria nada mau, só que...

— Se há uma coisa que não suporto é a inteligência. Não sei mesmo se ela existe. Nunca a mencionei. Talvez não a mencione nunca. Sinceramente, não preciso da inteligência para coisa alguma.

— Você é um espião do ser. Mergulha fundo na gente. Descobre todos os nossos segredos. Eu me sinto nua diante de você. Não acha isso uma coisa horrível? E por que é que faz? Para se divertir à minha custa? Não posso acreditar que você esteja verdadeiramente pensando em mim, a não ser de certa maneira. Espião do ser; é isso o que você é.

— Espião do ser, nada. Se nem sequer me conheço. Há um mundo inacessível em mim, mesmo para mim. O que preciso é de um pouco de compreensão, mais nada.

— Compreensão você terá sempre que quiser. Mas será isso mesmo que você quer? Você não estará querendo fugir de algum problema mais sério?

— Não, não quero fugir de coisa alguma. Sinto em você uma enorme densidade humana. Quero mergulhar nessa densidade, permanecer nela, repousar nela.

— Você não sabe que não há repouso no humano, nas lutas, dramas, tragédias? Minha vida não foi uma tragédia. Mas um drama, lá isso foi.

— E agora, há paz.

— Como você se engana! Vivo desesperada. Nunca tive e nunca terei paz. Nem com você.

— Será possível uma coisa dessas?

— Claro que é possível. Não é densidade humana que você viu, mas um sorvedouro. Se cair nele, você já não terá paz. Mas chegará a saber o que é a verdadeira densidade humana, que você ainda não conhece. Eu sofri muito. Você não suspeita sequer?

A filha do hoteleiro tirava os pratos da mesa. Ele suspendeu a leitura e perguntou:

— Você poderia me trazer um café?

— Só um momento. Mamãe está passando um café novo.

— Ótimo. O outro...

— Estava requentado, eu sei.

Voltou aos originais. Tinha a impressão de que lia sem entender. Não haveria um sentido secreto em tudo aquilo, um certo mistério que podia perceber, mas não captava? Verdadeiramente, como aquele homem e sua novela eram uma e a mesma coisa! Releu a última frase:

‘— Claro que é possível. Não é densidade humana que você viu, mas um sorvedouro. Se cair nele, você já não terá paz. Mas chegará a saber o que é a verdadeira densidade humana, que você ainda não conhece. Eu sofri muito. Você não pode suspeitar sequer.’

E continuou a ler:

‘— Sinceramente, eu...

— Não acredita? Tenho sangue dinamarquês correndo em minhas veias.

— Acredito, pois é você que o diz. Mas não pelo sangue dinamarquês. Essa de dinamarquês desesperado é uma piada. Kierkegaard foi uma exceção, uma única exceção. Por isso, tem a força que conhecemos. O que não se pode é generalizar. Seria um absurdo. E, depois, ninguém sabe até onde o desespero foi uma criação de Kierkegaard.

— Você pensa realmente assim?

Claro. O desespero de Kierkegaard teve origem no fato de não ter vivido, melhor, de não viver. De conhecer a vida como ninguém, de querer a vida com uma força terrível, mas de se recusar a ela. Você viveu e vive. Pode alguém mergulhado até o nariz na vida desesperar-se? Você diria que pode, é claro. Contudo, esse desespero não se destacando da vida, de certa maneira é um desespero nos limites do humano. Não é como o outro, de Kierkegaard, um desespero enlouquecido, solto no ar, como um verdadeiro fantasma.

— Eu não disse?

— Disse o quê?

— Que você deixa a gente reduzida a zero. Se você me despir agora do desespero, que restará de mim? Nada. O desespero é que me mantém viva, que me sustenta, que até — talvez você não acredite — me justifica aos meus próprios olhos. Sem o desespero, eu não saberia o que fazer.’

— Pronto, aqui está o seu café.

Era a filha do hoteleiro que punha o bule sobre a mesa.

— Vou trazer uma xícara limpa para o senhor.

— Obrigado.

Voltou a ler. Já não podia se desprender da leitura.

‘ — Cultivar o desespero, isso não me parece nada bom. Que poderá resultar de tudo isso? É preciso alternar o desespero com a tranquilidade. Quem vive como você, inteiramente só num apartamento, ou se tranquiliza, ou — não sei, não...

— Eu sei. Posso terminar louca.

— Não literalmente louca. Não era isso o que eu queria dizer.’

— Aqui está sua xícara.

— Escaldada?

A moça fez um sinal afirmativo com a cabeça. Ele falou:

— Ótimo.

E, enquanto tomava o café, prosseguiu em sua leitura.

— Então o que era?

— Não sei ao certo. No meu caso, seria a loucura. No seu, com sua densidade humana, talvez não. Você tem certas compensações que não tenho.

— Oh! Tão magras compensações! Nem pense nelas.

— Perdão. Talvez não tenha me expressado direito.

— Você se expressou certo. É inútil querer me tapear.

— Está bem. Admito que essas compensações não possam dar sentido e finalidade à vida de uma pessoa como você. É mesmo uma redução imperdoável.

— Bem, não posso negar que fazem parte de minha vida. São magras, magérrimas, mas existem. Eu também, como você, procuro muitas vezes fugir ao humano, depreciando as pequenas coisas da vida. Não repare. Isso acontece. Você toma um cafezinho?

— Ora, se tomo...

Ela se levantou da cadeira e entrou na cozinha. Também ele se levantou. Deu uns passos pela sala. Era evidente que não sabia o que fazer. Estava inseguro. E começava mesmo a ficar intranquilo. Não atinava com o que verdadeiramente pretendia, se é que pretendia alguma coisa. Se é que não procurava apenas tornar-se interessante, fascinar ainda mais. Ela deixou a água aquecendo no fogão elétrico e voltou à sala.

— Essa sua inteligência... Ela me assusta, sabe?

— Será que você dá tanto valor assim à inteligência?

— Como não dar? Se fosse inteligente como você, poderia não ligar à inteligência. Sou uma mulher que não chegou à coisa alguma em sua vida apenas por falta de inteligência.

— Vamos deixar a inteligência de lado, sim?

— Se você quiser...

— Quero, sim. Essa insistência faz mal.

— Concorde. Não posso deixar de concordar. No entanto, eu seria inteiramente sincera se dissesse a você que todo o seu poder é um poder de destruição.

— E que uso a inteligência para destruir?

— Exatamente isso.

— Não é bem assim. Eu sei que tenho um enorme poder de destruição. Se quisesse destruir os outros seria fácil. Mas não quero. O que não suporto dos outros é a incompreensão, mas mesmo assim prefiro sofrer calado a destruir.

— Às vezes, você me dá a impressão de ter outros dentro de você. Você não é um só. Há um dentro de você que gostaria de destruir e que, às vezes, diverte-se destruindo. Há outro que sofre calado, como você diz, mas há um terceiro que está acima de tudo e de todos. O difícil é saber com qual deles estou falando. Fico inteiramente confusa. Você não pode avaliar toda esta onda de complexidade que me cobre quando está diante de mim, mesmo quietinho, sentado aí nessa cadeira.

— Mas agora estou de pé...

— Isso é pior. Parece que me encolho toda, de medo que você — ou o outro dentro de você — se lance sobre mim. É algo que quero com todo o meu ser. Não, não quero. Não sei: quero e não quero. De que maneira decifrar o enigma? Há um mundo de mistério em sua presença, em tudo o que você diz ou faz.

— Só se o mistério for esta necessidade terrível de um pouco de densidade humana, de um pouco de compreensão.

— Deixe eu fazer o café.

Voltou a entrar na cozinha e ele, a sentar-se na cadei-

ra. A cadeira lhe dava segurança como uma grade de ferro a prendê-lo no seu próprio mundo, para não se lançar sobre ela, coisa que ela vira muitíssimo bem. Ao revelar seus sentimentos, aquela mulher, de certa maneira, o descobrira para ele mesmo. Descobrira o que ele, por si só, seria incapaz de descobrir. Se alguém era inteligente e usava com extrema facilidade a inteligência, era ela. Ela, que estava resistindo sem saber exatamente a quê, pois ele não se declarava, não dizia o que queria — se é que não era apenas compreensão o que queria. Tapeá-la? Não, jamais tapearia uma mulher inteligente como ela. Se não fosse um mentecapto, teria percebido, muito antes, antes de vir à presença dela, pelo menos, que ela reagiria dessa maneira, dessa única maneira, sempre dessa maneira. A intranquilidade dele aumentou. E alcançou-lhe o corpo. Suas mãos molhavam-se de suor. Só numa coisa passou a pensar daí por diante: *Preciso ir embora. Sim, já é tempo de ir. Ela sabe o que eu quero (só eu não sei). Descobriu-me desde o começo e fez tudo para que eu compreenda que é impossível. Chama-me de inteligente, enquanto usa de usa inteligência extraordinária para me colocar em meu verdadeiro lugar.*

— Um café bem forte, como você deve gostar.

— Ótimo.

A mulher do banco dianteiro levantou-se novamente. Debruçada na janela do vagão, vomitava. Só neste momento é que lhe ocorreu uma ideia: sim, era preciso vomitar. A náusea deve ser própria só de mulheres e homens castrados. Vomitar! Vomitar porque já não suportamos. Vomitar porque o filho vai nascer. Vomitar... por qualquer motivo, vomitar. Curioso é que ele nem sentia náuseas, nem vomitava. Não tinha esses problemas. Seu estômago a tudo suportava. Festejou a mulher porque estava destinada a vomitar. Era possivelmente

uma mulher com um grande destino: uma mulher destinada a vomitar. Pouco depois, a mulher voltou a sentar-se. Estava extremamente pálida.

— A senhora não está precisando de nada?

— Não, senhor. Obrigada.

— Talvez uma água mineral lhe fizesse bem, ou uma maçã.

— Maçã? Não, por favor! Eu queria trazer uns comprimidos, mas o médico me aconselhou a não tomá-los. A gravidez, sabe...

— Uma água mineral... acho que lhe faria bem. Seu estômago não está um pouco dolorido?

— Não, senhor. Mas, aceito a mineral.

— Só um momento, que vou ao restaurante buscá-la.

Saiu à procura do carro-restaurante. Deixou o seu vagon, passou a outro, e, finalmente, alcançou o restaurante. Que cheiro gostoso de comida! Também devia estar quase na hora do almoço. Pediu a água, um copo, e voltou.

— A água pode lhe fazer bem. Tome aos poucos.

A mulher tomou a água e, em seguida, acomodou a garrafa num canto.

— Muito obrigada. O senhor foi se incomodar.

— Não foi incômodo, não se preocupe.

Ele deu meia volta e regressou ao restaurante. O cheiro da comida despertou-lhe o apetite. Sentou-se e esperou. Quando já quase todas as mesas estavam ocupadas, começaram a servir. Foi dos primeiros a ser servido e comeu bastante bem. Há quanto tempo não comia assim? Talvez meses, anos, não se lembrava. Nem sequer pensou naquela mulher que vomitava. Mas, mesmo que chegasse a pensar nela, isso não diminuiria o seu apetite. Quando serviam a sobremesa, percebeu um homem de olhos muito azuis e perspicazes que o

observava. Será que, contra seus hábitos, comera sem modos, apressado? Notou até um certo sorriso de mofa nos olhos daquele homem. “Que bosta, agora, estar sendo observado desse modo! Será a mancha de vômito no meu paletó?” Olhou a mancha. Era perceptível, é claro, mas não tanto. O que seria então? Não, enganara-se. O homem já estava de pé. E se retirou do restaurante, sem lhe dirigir um olhar sequer, mesmo de soslaio. “Devo ter me enganado. Isso acontece.” E se deixou ficar. Tinha todo o tempo à sua disposição. Só chegaria a seu destino na tarde seguinte. Um rapaz, talvez um industrial ou um encarregado de negócios ao longo da estrada de ferro, aproximou-se da mesa dele e perguntou:

— O senhor permite?

— Pois não. Fique à vontade.

— O senhor conseguiu almoçar direito?

— Por que não?

— É que estou sentado no banco atrás do seu. Vi aquela mulher vomitar e perdi o apetite. Tomei uma batida, mais nada. Como essas coisas perturbam a gente!

— Eu não senti nada.

— Melhor para o senhor.

— É...

— O senhor viu a descida dos astronautas à Lua?

— Não, não vi.

— Eu vi pela televisão.

— Gostou?

— Oh! muito. Foi impressionante. Engraçado é que há gente que não acredita.

— Não acredita em quê?

— Na descida à Lua.

— E o senhor acredita?

— Ora, se acredito. Eu vi.

- Perdão, tinha esquecido.
- Como pode, não é?
- É...
- A ciência é uma coisa espantosa. Imagine só...
- Eu imagino.
- Que perfeição! E aquela história da descida com o pé esquerdo! Acabaram-se as superstições. Tinha de ser com o pé esquerdo e foi com o pé esquerdo.
- Foi mesmo.
- Minha mãe sempre me dizia que a gente deve entrar sempre com o pé direito. Eu não acreditava, mas...
- Isso mesmo, mas como é que o senhor sabe?
- Eu sou vidente. Não viu?
- Não.
- Pois devia ver.
- Como?
- Vendo, ora essa.
- O senhor está brincando comigo.
- Não, não estou.
- Prove.
- Provar é muito difícil, mas vou tentar. O senhor disse que os astronautas foram à Lua, certo? E foram, não é?
- Claro que foram.
- E constataram que não há vida na Lua.
- Perfeito.
- Agora, eu lhe pergunto: há luar na Lua?
- Não pode haver.
- Pois os astronautas não disseram nada sobre isso.
- É mesmo.
- Sabe quando perceberão esse fato?
- Não.
- Depois da centésima viagem.

— Não pode.
— Pode, sim.
— Será que são tão burros?
— A viagem à Lua teve alguma importância para o senhor?

— Não.
— Nem para mim. Logo, não passa de uma piada de mau gosto. A risada vem muito tempo depois, mas por outro motivo.

— Não estou entendendo.
— Explico: Sabe qual a verdadeira importância dessa viagem à Lua?

— Pode ser...
— Sabe ou não?
— Na verdade, não sei.
— Um mundo de conhecimentos técnicos, uma quantidade incomensurável de ciência aplicada, sabe para quê?
— Não.
— Para que homens pudessem constatar que na Lua não há luar.

— Mas isso é uma piada.
— Como a viagem à Lua, meu senhor.
Sem dizer mais nada, o rapaz levantou-se e desapareceu. Ele sorriu. O bom humor tomou conta dele. Pediu mais um cafezinho. Sentia-se bem, disposto. Uma hora mais tarde, voltou a seu banco, diante da mulher. Resolveu perguntar:
— A senhora não quer comer nada?
— Comi um pedaço de pão seco. Pão seco faz bem, sabe? Estou me sentindo melhor...

— Espero que continue melhorando.
De repente, como uma coisa nascida de seu bom humor, exclamou para si mesmo: “Mas como eram azuis os

olhos daquele homem! Que azul o azul dos olhos daquele homem!” Bobagem pensar no azul dos olhos daquele homem. Pegou o livro. Procurou a página em que interrompera a leitura e começou a ler.

“— O senhor quer mais café?

Era a filha do hoteleiro que estava diante dele. Ele respondeu:

— Não, obrigado.

— É que precisamos lavar o refeitório. Se o senhor não se incomoda...

— Perdão, eu já ia sair mesmo.

— O senhor desculpe, mas...

— Não, não. Eu compreendo. É que me distraí.

Deixou o refeitório e foi para o quarto. Estendeu-se na cama e continuou a leitura.

‘— Ele, sem saber o que dizer, concentrara-se todo no café. Ela, mais tranquila, esperava. Quando tomou o último gole, ela perguntou:

— Quer repetir?

Ele respondeu:

— Não, obrigado. Você viu?

— Não sei o quê...

— Como tomei depressa o café.

— Isso significa alguma coisa?

— Claro. Não sei o que dizer, não sei o que pensar, não sei o que fazer. Concentrei-me no café e, sem querer, tomei o café depressa demais.

— Minha doença pegou em você. Deve ser terrivelmente contagiosa. Basta chegar perto e... Não, você está querendo se divertir. Não pode ser outra coisa.

De repente, foi tudo tão precipitado, a campainha soou com insistência. Bastante preocupada, ela abriu a porta. Uma

moça, tomada de profundo desespero, falou-lhe quase aos gritos:

— Mataram o meu cunhado!

— Mataram?!

— Eu ia passando pela farmácia. Vi gente e a polícia na porta. Perguntei... Que coisa horrível, meu Deus!

Ela saiu para o corredor, deixando-o só na sala. Pelos gritos que lhe chegavam aos ouvidos, compreendeu. O morto morava no mesmo andar do prédio. Sua mulher, sua filha e todos os outros se lastimavam a altos brados. Em seguida, ela voltou:

— Preciso fazer alguma coisa.

Ele, quase em pânico, só conseguiu dizer:

— É melhor que me retire. Voltarei noutra oportunidade.

Estendeu-lhe a mão e tomou o elevador. Com ele, desceram dois parentes do morto.

Enquanto regressava a pé para casa, não encontrava um fio sequer para sair daquela meada em que se transformara. A morte daquele homem, da maneira brutal como se deu, o quadro de desespero que viu, os gritos que ouviu, tudo lhe parecia um pesadelo. Algo situado no terreno do fantástico e, no entanto, tudo tão real. Talvez, no próprio sentido de palavras que dissera não fazia muito.

Largou os originais numa cadeira ao lado da cama e ficou pensando. Que diabo de história era aquela! Possivelmente encontraria a explicação mais adiante, possivelmente. Nunca em sua vida lera uma coisa complexa como essa. Um diálogo estranho, inexplicável. E com um final (não, ainda não era o final) tão alucinante, quase uma loucura. Toda a história parecia desenrolar-se no terreno da loucura. Ou os dois, aquele homem e aquela mulher, não pertenciam ao

mundo comum dos mortais, situados num plano muitíssimo mais elevado, ou tudo não passava de um diálogo de loucos. Mas havia um quê de mistério, uma linha secreta a atrair e a repelir o leitor, mas, com toda certeza, ao escrevê-la, não pensara nunca no leitor. Impossível compreender, impossível. Será que essa história corresponderia exatamente a uma descoberta daquele que dizia que viver é descobrir? Será? Contudo, não percebera descoberta alguma, nada... Seria melhor ler a continuação. Mas esta tinha outro título: *Um que não brigou*. Virou a página e continuou a ler.

‘Ele, num segundo andar. Duas mesas, um sofá e duas poltronas. Cadeiras de braços e sem braços. Um armário, uma estante com livros. Casas e janelas do outro lado da rua. Moças numa sacada dianteira. Sentado numa cadeira giratória, de viés para a janela, com a mão esquerda ele segura o telefone. Ela, dez andares mais alta do que ele. Um corredor entre a sala de estar ou de visitas (a mesma da primeira parte) e o quarto de dormir. Do corredor só se pode ver uma parte da mesa, duas cadeiras, a porta de entrada, retratos pendurados numa parte do quarto, uma pequena estante com livros, um trecho do guarda-roupa e uma penteadeira. Entre eles, casas e ruas, pessoas nas casas e nas ruas — em suma, a vida cotidiana, ruidosa como sempre e trepidante. Distante do ruído, ela deveria ouvir mais facilmente do que ele, mas o ruído entra pelo telefone que ele está usando, perturbando o diálogo. De pé, ela segura o telefone com a mão direita.

— Não posso ouvi-lo. Você parece estar falando de muito longe...

— É que, às vezes, me esqueço que estou falando ao telefone. Vou cuidar...

— Você se lembra daquela moça que saiu quando você estava chegando?

— Me lembro.

— Sabe o que ela disse?

— A quem?

— A mim, claro. Você, também...

— Você não quer que eu adivinhe, quer?

— Pois ela me disse que você deve ter uma inteligência extraordinária. E ela viu você só aquela vez.

— Já vem você de novo com essa história...

— É só pra você saber que não sou a única.

— Você deve tê-la condicionado para que dissesse exatamente isso que queria ouvir.

— Ora, que bobagem! Ela disse que viu isso em seus olhos.

— Azuis, muito azuis. Se é por isso...

— Continue.

— Mudo a cor dos meus olhos para castanho-escuro. Gosta?

— Não. Prefiro o azul. O azul é nórdico.

— O azul pode ser. Não eu.

— Ninguém falou em você.

— Provocando?

— Se soubesse como me sinto segura, a cidade nos separando.

— Desta vez eu brigo.

— Não seria uma novidade. Todo mundo briga comigo. Fui uma caixa de pancadas a vida toda.

— Prometo que não vou brigar com você. Assim, mais tarde, você poderá dizer: ‘Houve um que não brigou’.

— Ah! não. Garanto que você vai brigar, a não ser que seja uma exceção, a de minha maturidade.

— Sabe de uma coisa?

— Sei lá...

— Você conhece esta letra: ‘Encosta tua cabecinha no meu ombro e chora. E conta tua mágoa toda para mim’...? Conhece?

— Conheço, por que não?

— Estou à procura de um ombro.

— Você não vai querer chorar, vai? Não posso ver ninguém chorando. Quanto mais você! Não pelo meu ombro. Pode encostar a cabecinha, se quiser. Que mágoas você poderia ter?

— Também não sei. Aliás, não sei de nada. Não, espere um pouco, já sei de duas coisas, ou três: que sou um mente-capto, que você é uma mulher inteligente e que não vou brigar.

— Me diga uma coisa.

— Digo.

— Como é que você pôde dizer que não chegou a uma ideia sequer em toda a sua vida?

— Na verdade, não cheguei.

— Essas descobertas não partem, no fundo, de uma ideia?

— Não. Não passam de descobertas de uma realidade, nada mais do que isso.

— Mas tem de haver uma ideia orientando tudo.

— Sinceramente, não sei.

— Por falar em ideia, você viu o último jornal do escritor?

— Não. Não leio essas coisas. Nada do que pertence à vida literária realmente me interessa.

— Pois há uma nota sobre Octavio. Melhor que você não tenha visto.

— Por quê?

— Transcreveram umas palavras do Lúcio.

- Do Lúcio?
- É. Ele diz, com certa mordacidade, que Octavio é o nosso maior romancista, mas do século XIX.
- Isso é piada.
- Pode não ser. A maneira que ele tem de realizar o romance, na linha de Balzac, de Dostoievski, isso é século XIX. Não vá brigar comigo.
- Não, não vou. Pode ser que essa maneira seja do século XIX. Todos os grandes romancistas pertencem a esse século. Mas a fundamentação da Tragédia Burguesa é de todos os tempos — como os grandes romances do século XIX, aliás — e o desdobramento dessa fundamentação é atualíssimo.
- Será?
- Claro. Primeiro, porque a fundamentação toda é cristã. Segundo, porque na nostalgia do si mesmo anterior à queda, que é de Bloy, ele deu um passo à frente de Kierkegaard, um passo do século XX.
- Não sabia que você andou lendo nosso van der Lubbe.
- Lendo à minha maneira, é claro. Mas acho que van der Lubbe, pelo menos nesse ponto, tem toda a razão. Mas vamos deixar essa gente de lado. Há umas diferenças que me parecem insuperáveis.
- Foi você que falou neles. Ah! não. Fui eu mesma, ao lhe falar do Octavio. Perdão, não falo mais. Agora, vou falar só de você.
- De nós.
- Não, é de você. Me diga uma coisa: você não é artificial, mesmo?
- Em que sentido?
- Em todos os sentidos.
- Talvez, de uma certa maneira.

— Engraçado. Você sempre concorda comigo, para dizer finalmente o que pensa. E o que pensa fica a quilômetros de distância do que eu penso. Explique esse *de uma certa maneira*. Você, às vezes, esquece com quem está falando. Eu não sou nada.

— Outra vez a mesma história... Está ouvindo?

— Estou. Espere um pouco que estão batendo aqui na porta.

Após alguns segundos, a voz dela novamente:

— Pronto. Pode dizer.

— Pois vou explicar. Pelo telefone não é fácil, embora em certo sentido seja mais fácil. Você não estando presente, não me perturbo e talvez possa dizer precisamente o que quero dizer. Não que eu falseie as coisas em sua presença. Distorço um pouco, é tudo. Bem... é possível que eu seja puro artificialismo. É um enigma que ainda não decifrei. Mas é possível também que seja pura espontaneidade. Entendeu?

— Não.

— Pois é. Há coisas que faço deliberadamente. Armo um plano tático e sigo esse plano à risca. Contudo, se os planos devem ter uma finalidade precisa, clara, determinada, não sou artificial, porque jamais coloco uma finalidade. Pode ser também que essa finalidade consista apenas em me lançar mais à frente em minha experiência. Se for isso, meus planos têm finalidade, mas só nessa hipótese. Não acha?

— Não sei. Estou seguindo o que você diz, mas não muito segura. Continue.

— Há outras coisas que faço sem o menor cálculo. Nesses casos, eu me deixo atuar. Sou atuado, simplesmente isso. Mas, ao ser atuado, não perco jamais o fio da intriga (como se tudo se tratasse de uma novela). E, quando encontro o fio

principal, passo a atuar, sem que os outros percebam que estou atuando. Certo?

— Como posso saber?

— Você não queria saber? Pois já sabe.

— E em suas relações comigo, como está se comportando?

— Não sei.

— Não sabe mesmo? Não acredito.

— Pois acredite. Não sei mesmo. É possível que minha atitude não se enquadre em nenhuma dessas hipóteses.

— Nesse caso, haveria uma terceira?

— É possível. Só que ainda não a conheço...'

Debruçada na janela, a mulher do banco dianteiro voltara a vomitar. O rapaz do diálogo no restaurante levantou-se de seu banco e resmungou qualquer coisa como:

— Não sei por que esta gente não fica em casa.

Ele sorriu. Ora, zangar-se com o vômito dos outros. Era demasiadamente curioso. Fechou o livro. Precisava dar um pouco de cuidado àquela mulher. Quando esta voltou a sentar-se, falou:

— Pior, de novo?

— Há dias em que vomito cinco, seis, sete vezes. Até agora só vomitei três... Não é muito.

— A senhora não pode fazer nada para não vomitar?

— Se o senhor soubesse... Estou com um monte de papéis sobre o estômago. Dizem que faz bem. Mas não acredito mais nessa bobagem. Os papéis só estão me incomodando. Vou ao WC para ver se consigo me libertar deles. O senhor poderia me fazer um favor?

— Pois não.

— Quer ver se o WC está desocupado?

Ele se levantou. Foi ao WC, experimentou a porta. Não havia ninguém. Regressou e disse à mulher:

— Não, não há ninguém.

— Obrigada.

A mulher se levantou. E foi ao WC para ver se poderia se libertar daqueles papéis.

A paisagem para a qual ele se voltara, percorria o seu cérebro, trazendo-lhe pensamentos estranhíssimos. “Papéis sobre o estômago. Para aquecê-lo, talvez. Os papéis facilitam ou dificultam o vômito? Claro que devem facilitar. Não, depende do que esteja escrito nesses papéis. Bem, o problema não é exatamente o de facilitar ou dificultar o vômito. O problema é se podem resolver ou não as causas do vômito. Assim, à primeira vista, me parece que não podem removê-las. Um pouco mais de calor não significa nada. Logo, devo voltar ao problema anterior: os papéis facilitam ou dificultam o vômito? Se a pessoa deve vomitar porque as causas do vômito não foram removidas, é preferível que o vômito seja facilitado. E os papéis, pelo que tudo indica — além de incomodar — devem dificultar o vômito, ou tornar o vômito mais difícil, mais contorsivo. Depende, também, do que esteja escrito nesses papéis, se não forem papéis em branco (azuis, verdes e amarelos, mas todos em branco). Pode ser uma folha literária — o jornal do escritor, para aceitar uma sugestão de poucos momentos atrás — dobrada três ou quatro vezes. Há coisas nesse jornal que fariam qualquer pessoa vomitar. Nesse caso, o jornal atuaria como provocador do vômito. E, no entanto, o jornal (ou os papéis) dificultaria o ato de vomitar. Donde se conclui que é melhor a gente não usar jornal, nem o do escritor, nem outro qualquer, pois os jornais todos se assemelham na forma e conteúdo...”

— Agora, estou me sentindo melhor, mais livre, mais à vontade.

Ele se surpreendeu, pois não vira que a mulher já tinha voltado e estava outra vez sentada diante dele.

— Eu estou pensando...
— Pensando no quê?
— Se o jornal pode impedir ou provocar o vômito.
— Não foi papel de jornal que usei. Foi papel de embrulho.

— Ah! então foi...

Conteve-se a tempo. Não tinha graça alguma fazer graça com o sofrimento da mulher.

— Oh! não. O senhor não tem razão. Meu estômago não ficou embrulhado por causa dos papéis.

— Perdão, não quis dizer isso. Não me leve a mal.

— Ora, não se preocupe. Até gosto quando as pessoas me tratam naturalmente. O senhor não imagina como gosto de uma anedota picante. Meu marido não conta nada em casa. É fechado demais. Sei uma ou outra anedota contada pelas vizinhas.

Ele achou melhor cortar o rumo daquela conversa. Não estava disposto nem a ouvir, nem a contar anedotas. Naquela altura, só não se aborreceu com aquela mulher porque compreendera muito bem que procurava uma compensação qualquer para a sisudez do marido.

— Bem... vou continuar minha leitura.

A mulher pareceu não gostar nem um pouco da maneira como procurou cortar o rumo da conversa e disse:

— Desculpe se o incomodei. Isso não acontecerá mais. Pode ficar tranquilo. Foi o senhor que se ofereceu.

— Tive muito prazer...

Novamente, ele abriu o livro. Procurou a frase na qual suspendera a leitura e continuou.

‘— Interessante...

— Me diga uma coisa.

— O que é?

— Posso ser inteiramente sincero com você?

— Já lhe disse outra vez que pode. Prefiro que você seja sincero. Como poderíamos nos compreender sem base na sinceridade?

— É verdade aquilo que você disse, que todos brigam com você?

— É. Sou uma espécie de caixa de pancadas. É uma necessidade que os outros sentem, talvez.

— Não, não foi por isso que eu perguntei.

— Foi por quê?

— Porque... Vou ser sincero, sabe?

— Seja sincero, eu gosto disso.

— Porque, desde a primeira vez que eu a vi, tive a impressão de que você nasceu para viver um grande amor.

— Frase de romance!

— E banal, não é?

— Já começa a brigar. Eu acredito. Pode ser mesmo.

— Só que você precisa de um Chopin, de um Schumann.

— Por que só músicos?

— Porque a música seria a melhor maneira de se expressar o amor por você.

— Pobrezinha de mim! Eu: zero vírgula zero.

— Será que não posso falar sério com você?

— Pode, claro que pode. É que a cidade está nos separando. Em sua presença talvez eu não procedesse assim. Como você na minha...

— Você vai estar em casa, quarta-feira próxima?

— À tarde?

— Não, à noite.

— Vou. Eu quase nunca saio. Você sabe. Posso esperá-lo?

— Combinado!

— Então, até quarta!

Ele largou o telefone. Lembrou-se de repassar o diálogo. Inútil. Não se lembraria de mais nada. O esforço que fazia para conversar com ela não lhe permitia reter coisa alguma. Saiu desse diálogo como quem deixa um mundo no qual penetrara às escondidas, sorrateiramente. Um mundo que lhe era vedado conhecer em todos os seus mistérios e encantamentos.’

O sono foi tomando conta dele. Estava dispéptico ou seria a novela? Deu-lhe uma vontade maliciosa de dizer àquele homem que sua novela era o melhor remédio para curar insônia. Largou os originais na mesma cadeira, de onde os pegara momentos antes, e começou a cochilar. E cochilou sorrindo, uma paz misteriosa e inexplicável tendo se introduzido sorrateiramente em seu espírito.

Minutos (quantos? não sabia) mais tarde, despertou. Levantou-se para sair, quando pensou no autor da novela. Se viesse a encontrá-lo, o que lhe diria? Nada? Aquele homem o destruiria com um simples sorriso. Não lhe dissera que era um leitor razoável? Que custava, então, ler as páginas restantes? Nada. Levaria poucos minutos a mais.

Neste momento, bateram à porta do quarto. Era a filha do hotelheiro.

— Deixaram este envelope para o senhor.

— Para mim?

— É.

— Obrigado.

— Não há de quê.

Fechou novamente a porta e abriu o envelope. Neste, um simples bilhete sem data e sem assinatura: ‘Se ler a novela e não a entender, não se desespere. É que a vida, sendo

uma constante descoberta, protege-se ao máximo para que não possamos descobrir, isto é, viver. Só vivendo, descobrimos contra a própria vida. O escrever é um engodo da vida para esconder-se de si mesma. Meu personagem fica nos limites da descoberta. Melhor diria, transpõe o limiar da vida — que é descoberta —, mas ao escrever, tudo se esconde, as luzes apagam-se e já não pode ver mais nada. Sente-se só e perdido como se estivesse dentro de um museu fantástico. E retorna e retornará sempre. Adeus.’

O teor do bilhete despertou-o inteiramente. Resolveu sair à rua. As últimas páginas podiam, agora, ficar para sua volta ao quarto. Surgira nele uma vontade louca de encontrar aquele homem de olhos muito azuis, de perguntar-lhe o sentido de tudo, se é que havia mesmo um sentido. Na verdade, não chegara a entender nada do que lera. Faltava-lhe a chave de tudo, se é que havia uma chave. Andando lentamente ao longo daquelas ruínas, era nesta chave que pensava. Era esta chave que procurava. O último ônibus e o último trem há muito que tinham partido. Aquele homem devia continuar na cidade. Mas onde estaria? Com alguma mulher descobrindo? No cinema? Ou no hotel? Talvez no hotel. Mas não se despedira? Não lhe dissera ‘adeus’. Por que procurá-lo se não queria ser procurado? Tinha de resolver sozinho o enigma de encontrar sozinho aquela chave. Andando lentamente ao longo daquelas ruínas, sentia que era o receptáculo de tudo, que tudo nele se concentrava: o céu e o mar, a noite ao longe nas montanhas, o presente, o passado e o futuro. E a chave?... Horas mais tarde, sem querer, percebeu que passava à frente do hotel. Resolveu voltar ao quarto. Era preciso ler as derradeiras páginas. Talvez... Sim, talvez descobrisse a chave de tudo. A chave com a qual poderia escancarar as portas da descoberta. Ou, de uma descoberta, pelo menos.”

Fechou o livro e o guardou num bolso do paletó. A mulher do banco dianteiro pegara no sono. Pelo menos, enquanto estivesse dormindo, não vomitaria. E ele se demorou vendo a paisagem, o sol declinando, as sombras descendo sobre a terra. Pouco mais tarde, sentindo um cheiro de comida, lembrou-se de que estava na hora do jantar. Encaminhou-se ao restaurante. Procurou uma mesa e sentou-se. Logo em seguida, chegou aquele homem de olhos muito azuis, que vira durante o almoço.

— Você permite?

Estranhou aquela familiaridade. Contudo...

— Pois não. Fique à vontade.

— Se as mesas não fossem para dois não aconteceria nada.

— Ah! sim, nada.

— Mas como as mesas são para dois, um tem de suportar o outro.

Sorriram ao mesmo tempo. Realmente, um belo começo de conversa. Poderiam jantar juntos. Nem a menor sombra de dúvida. Bem à vontade, perguntou:

— Você esteve me observando durante a hora do almoço, não foi?

— Verdadeiramente foi. E sabe por quê?

— Não.

— Sua semelhança comigo. Já notou?

— Não, não tinha notado.

— Ao vê-lo tenho a impressão de estar me vendo num espelho. Não é curioso?

— Claro que é. E nem conhecidos somos.

O jantar foi servido. Enquanto comiam, lentamente os dois, a conversa prosseguiu fácil, sem tropeços.

— É a vida.

— A que você se dedica?

— Passo a vida fazendo descobertas. Viver, para mim, é descobrir.

— Já ouvi ou li isso, não me lembro onde. Parece... Não, não sei. Fiz isso intencionalmente?

— É claro.

— Temos todo o tempo para nós. Não temos?

— Certo.

— Me conte, então, uma de suas descobertas. Gostaria de ouvi-lo. Talvez me fizesse bem.

— Nem todos entendem.

— Mas eu entenderia. Não entenderia?

— Entenderia, por que não? Pois bem, vou lhe contar a última de minhas descobertas. Só não vá rir de mim. Não, pode rir à vontade. Ao final, vamos rir os dois. Deixe eu pedir antes uma garrafa de vinho. Qual você prefere?

— Garçom, que vinho vocês têm?

— Só Precioso, do Rio Grande.

— Tinto?

— É.

— Está bem. Traga uma garrafa, por favor.

— Pois não.

— Bem... vou lhe contar minha última descoberta. Esta é grave e hilariante. Cada descoberta tem seu tom peculiar. Quando voltei de uma viagem ao litoral, não faz muito, talvez uns dez meses, aluguei uma casa numa chácara. Uma beleza de casa, uma beleza de chácara. Na casinha dos fundos instalei uma família. Um casal relativamente moço, com muitos filhos. Esses detalhes, por certo, não interessam, mas como temos todo o tempo... Certa vez, conversando com meu caseiro, este me contou de uma mulher que morava nas vizinhanças. Meu caseiro falava dessa mulher como se fosse um ser de um

outro mundo, uma espécie de lobisomem mulher, se é que existe. Disse-me mais, que era casada e também que tinha um amante. Confesso que pela maneira de falar do meu caseiro, por tudo, deu-me uma vontade incontida de conhecer essa mulher. Mas deveria atraí-la com um motivo que pudesse interessá-la o bastante para que viesse me procurar. Chamei o caseiro e dei-lhe a seguinte instrução:

— Vá lá e diga a essa mulher que, se ela vier aqui, poderá ter certas coisas que não tem...

Achei que se as coisas ficassem desta maneira vagas, a imaginação dela seria posta em movimento e viria correndo ao meu encontro. Que mundos, imaginaria ela, poderia ter! Boa casa, comida à vontade, um carro. Nisso tudo, ela deve ter pensado porque, duas horas após o recado, apareceu na chácara. Era um tipo entre sedutor e horroroso. Não sou de me assustar, nem de me deixar seduzir. Mas precisei fazer um esforço além do comum, para não me perturbar diante dessa mulher... Gostou do vinho?

— Está ótimo.

— Por que não come a salada?

— Você gostou?

— Gostei.

— Vou experimentar.

— Era uma cadela, talvez raivosa. Nossa conversa — essa foi a única vez que conversamos — foi, mais ou menos, a seguinte:

— Você mandou me chamar? Pois eu vim.

— Veio?

— Vim. Estou às suas ordens.

— Você é casada?

— Sou. Meu marido não presta para nada. Só é homem na cama.

— Então, ele presta.
— Presta, mas é um traste.
— Ele não trabalha?
— Às vezes. Eu é que me viro para comprar tudo o que preciso.

— Você não tem outro homem?
— Tenho.
— Gosta dele?
— Não gosto, é um porco.
— De quem é que você gosta, então?
— De ninguém. Homem não presta.
— Ah! sim. Por que você veio aqui?
— Porque você me chamou.
— Você sabe por que chamei você?
— Sei. Você quer mulher. É isso. Estou às ordens.
— Não, eu...
— Como? Me chamou e não quer?
— Não quero, não.
— Cuidado!
— Cuidado, o quê?
— Comigo não se brinca. Eu sou duma linha terrível.

Você não conhece.

— Que linha é essa?
— Não digo. Me dá um dinheiro.

Para me livrar daquela mulher, dei-lhe uns trocos que tinha no bolso. Ela foi embora ginguando as cadeiras como a me mostrar o valor daquilo que eu desprezara.

E o tempo foi passando. Certo dia, encontrei umas flores enfiadas nas ripas do portão. Joguei fora as flores. Noutra ocasião, tendo me procurado, mas não me encontrado, foi ao caseiro. Finalmente, noutra vez, encontrei-me com ela, mas fiz de conta que não a conhecia.

O diabo da mulher deixou de me procurar. Soube pelo meu caseiro que ela estava grávida. Por certo, atendera o convite, para que eu mais tarde fosse dado como pai de seu filho, que estava para nascer.

Depois que a criança nasceu, as coisas se complicaram. Comecei a sentir fenômenos estranhos, inexplicáveis. Mais um pouco de lasanha?

— Não, obrigado. Este palmito está ótimo.

— Também acho.

— Continuando... Simultaneamente, eu topava a cada passo com sinais curiosos, com ossos — sei lá de quê — com pedaços de pano, crepe e tantos outros objetos. Desconfiei que estivesse usando bruxaria para me atrair. Certo dia, o caseiro chegou todo assustado.

— Ela me disse que vai destruir o senhor. Mas quer primeiro fazer o senhor se ajoelhar aos pés dela.

Como você está vendo, as coisas ficaram difíceis para o meu lado. Ameaçou inclusive de me atacar na rua. Felizmente, porém, lembrei-me de um conhecido que passava a vida desfazendo bruxarias maléficas. Foi à minha chácara e descobriu tudo. A linha que essa mulher usava era a linha de cemitério. Trabalhos em cadáver recente. Esse conhecido teve uma luta enorme e difícil, mas conseguiu vencer o mal que começara a cair em meus ombros. Assim, fiquei livre daquela mulher e de suas artes.

— Não é possível? Só dando uma gargalhada.

— Pois dê a gargalhada.

É claro que não eram homens de gargalhadas. Mas ri-ram a valer.

— Estou rindo agora... Há um mês atrás eu não riria de maneira nenhuma. Estava reduzido a zero.

— Esta é uma descoberta?

— Claro. Descobri que a gente nem sempre descobre impunemente. Que há ocasiões em que mais facilmente somos descobertos do que descobrimos.

— Isso alterou seu esquema de vida?

— Não. Apenas fez com que eu cuidasse ainda mais de meu método. Julgo que nunca mais farei uma besteira desse calibre.

— E esta viagem?

— Estou correndo a uma nova descoberta. Uma carta que recebi de uma prima.

— Curioso!

— Curioso, o quê?

— Não, nada.

— Bem, se você me permite, devo me ausentar por algum tempo.

— Pois não.

Voltou ao seu banco. A mulher continuava dormindo. O sono chegou de repente. Como resistir? Bebera um pouco demais, não estava habituado ao vinho. E dormiu. Dormiu e sonhou. Sonhou que chegava a um quarto de hotel. Que se deitava numa cama e pegava uns originais para ler. Título ao alto na folha: *A senhora do amor platônico*.

“Ao apanhar os originais, sentiu que o cansaço e o sono dominavam. Resolveu dormir. Dormiu e sonhou. Sonhou que estava num trem. Sentada diante dele, uma mulher. A mulher estava pálida e dormia. Ele pôs a mão direita no bolso do paletó e tirou um livro. Abriu-o diretamente numa página em que havia um título: *A senhora do amor platônico*. E começou a ler.”

‘Mesmo cenário da primeira parte. A mesma mulher e o mesmo homem. Os dois, de pé, um diante do outro. O diá-

logo deve ter começado como todos os diálogos. Neste momento, a emoção parece dominá-los. Ela está com a palavra:

— Você se lembra daquela moça que estava de saída quando você chegou?

— Me lembro. Por quê?

— Ela teve um sonho. No sonho dela você me fazia sofrer de uma maneira horrível.

— Sofrer? Não, não é o que eu quero para você.

— Eu sei.

— O sonho a impressionou?

— Talvez... Sempre há um sentido nos sonhos. Não se pode meramente desprezá-los.

— É verdade.

— E agora?

— Se pudesse saber....

Deu um passo, como que se afastando dela, depois se voltou e disse:

— Se ao menos soubesse o que eu quero.

— Se você não sabe, como é que poderei saber?

— É claro. Eu me perdi em meu mundo interior e você tem dificuldade em fazer com que me reencontre.

— Talvez ninguém possa ajudá-lo, talvez...

— Não sei.

— Você toma um cafezinho?

A esta pergunta, por uma estranha e inexplicável sugestão do mundo dos sonhos, o homem que, sonhando, lia aquele livro, deitado na cama de um quarto de hotel, viu — sim, viu dois olhos azuis, muito azuis, soltos, suspensos no ar. Os olhos olhavam em todas as direções. Sentiu uma angústia profunda, como resolver todo o seu misterioso ser. Que procuravam aqueles olhos azuis, muito azuis? Não era ele que procuravam?

Ela foi à cozinha. Voltou, em seguida, e continuou falar:

— Sabe o que você pode estar procurando?

— Não. Ah! se eu soubesse!...

— Uma atmosfera. Uma atmosfera na qual você possa respirar, viver, sentir-se livre, prosseguir... Você não sente que perdeu alguma coisa?

— Às vezes, tenho a impressão que estou em crise, que há uma coisa nova à minha espera, mas que me falta não sei o quê...

— Não será exatamente isso que lhe falta: uma atmosfera que possa cobrir sua maturidade toda, daqui para o fim.

— O real destruiria essa atmosfera.

— Eu sei.

— Será preciso destruir o real?

— Não.

— Não compreendo.

— Há um mundo sem pecado dentro do mundo real.

— Não!

— Há, sim. Grite que você é de carne, que tem sangue. Por que você não mencionou uma vez sequer a carne que está querendo dominá-lo? Por quê? Por que só falou em densidade humana, como se você não fosse humano? Como se não tivesse em si mesmo essa densidade?

— Porque tenho medo, ou angústia, não sei bem.

— De quê? Você sabe?

— Medo ou angústia de me entregar à carne, medo ou angústia de perder a carne, ao não me entregar à carne.

— Só isso?

— Não. Medo ou angústia, também, de mergulhar definitivamente no mundo que é meu e que me espera e de não poder mais regressar às pequeninas coisas da vida.

Ela voltou à cozinha e, logo após, surgiu com o café.

Quando ele começou a tomar o café, aqueles olhos — oh! aqueles olhos azuis, muito azuis, cada vez mais próximos! Que seria dele se aqueles olhos o encontrassem? E era ele, só podia ser ele, que aqueles olhos procuravam, suspensos no quarto.

— Esse mundo é que é o seu real, mundo sem pecado dentro do mundo real.

— Por favor, não entendo mais nada.

— Você simplesmente não quer, recusa-se a entender.

— Oh, não!

— De um amor platônico também pode resultar um parto. Você não quer dar à luz a seu próprio mundo. Este está por nascer. Deixe-o nascer. Só nessa atmosfera poderei viver. E você, ser você mesmo.

— Você é um duende.

— Ora, não se zangue. Você disse que jamais brigaria comigo, não foi?

— Foi.

— Você não devia ter me procurado.

— Por quê?

— Você está sofrendo e isso me faz mal. Não gosto de vê-lo sofrendo. Mas é preciso, sim.

— Eu sou de carne.

— Quem disse que não é? Só que sua carne é diferente. É uma carne que luta para não se tornar espírito. Você não diz que é exatamente o contrário de Jesus? Jesus foi o espírito que se fez carne. Você é a carne que quer se tornar espírito. E que se recusa. Será que Jesus não sofreu horrores?

— Sei lá!

— Ora, você sabe que sofreu. Não deve desprezar o sofrimento dele. Você não pode.

— Está bem, não posso. Só que em sua maneira de

ver ele e eu seremos — se não me recusar — a mesma coisa. Isso é absurdo.

— Aí é que você se engana. Esse deve ser o caminho do homem. O único verdadeiro caminho. Você mereceu a graça de poder, de ter a condição para chegar. Será que não quer? Você não é uma criança caprichosa, que eu sei.

— Não sei de mais nada. Não sei o que eu quero, não sei o que sou, não sei... simplesmente não, sei.

— Quer mais um cafezinho?

— Quero.

Ao levar a xícara aos lábios, novamente aqueles olhos azuis, muito azuis, como se procurassem alguém, aqueles olhos pairando no ar, cada vez mais próximos... Era ele que procuravam. Quem mais poderia ser? Não havia mais ninguém no quarto a não ser ele. Oh! Aqueles olhos azuis procurando alguém!

— Mais tranquilo?

— Não, cada vez mais angustiado.

Ela aproximou-se dele e começou a acariciar-lhe a fronte. Ele pareceu tranquilizar-se. Ela julgou oportuno o momento e falou:

— Agora, vá. Siga o seu próprio caminho. Mais tarde, só muito mais tarde, quando você e seu mundo tiverem coberto todo o real, quando não forem apenas um mundo sem pecado dentro do mundo real, mas quando o seu mundo for todo o mundo, o próprio mundo, então volte aqui, que estarei esperando por você.

— Mas isso é uma impossibilidade!

— Pode ser. Mas essa é a sua luta, o seu caminho e a sua vida. Só isso poderá justificá-lo aos olhos de Deus.

— Não sei se quero.

— Quer, sim.

- Tome mais um cafezinho. Ainda está quente.
- Chega de café.
- Só mais um...
- Está bem

Que angústia, meu Deus! No momento em que começou a tomar o café, aqueles olhos azuis, muito azuis, mergulharam nos seus olhos, revolveram a sua carne, percorreram o seu corpo. Aqueles olhos azuis, muito azuis, eram os seus próprios olhos.

- E, agora?
- Eu quero! Sim, eu quero!

Sem uma palavra sequer, ela abriu a porta e ele partiu para a sua última e grande aventura em seu próprio mundo.”

Neste momento, por uma estranha e inexplicável sugestão do mundo dos sonhos, lembrei-me de uma carta que trazia no bolso do paletó. Mas a carta não estava no meu bolso. Estava lá fora nas profundezas da noite. Chegava até meus ouvidos um grito de desespero: “Vem, meu salvador, meu único salvador!”.

Na escola do impossível

POR
VAN DER LUBBE

Peço-lhe que me compreenda (porque se compreender, me perdoará) o fato de utilizar aqui um processo, uma maneira que é tipicamente de van Neutgen. No entanto, como nossos traços, a partir de 1969, começaram a se tornar cada vez mais nítidos, já não corremos o risco de uma mistura provindo apenas do processo usado em nossa comunicação. O perigo anterior, de ficarmos presos uns aos outros (Sorte Peer, van Neutgen e eu mesmo), através da forma de desenvolvimento problemático, a esta altura, isto é, neste segundo livro de *A noite do absoluto*, desapareceu inteiramente. Nunca escrevi uma carta sequer na minha vida. Não fui (e nem sou) de escrever cartas. Mas como você se retirou de nosso convívio num momento em que, no limbo, apurávamos a nossa experiência, não tenho melhor forma, melhor destino e melhor justificação do que escrever esta carta. Não que procure, nem julgue válida uma justificação diante de um homem, como eu sou homem. Estou com Octavio de Faria quando diz que a justificação só é válida quando feita diante de Deus. É claro que esta justificação deve ser considerada como essencial. O que não invalida inteiramente a possibilidade de uma justificação accidental. E a minha não passa de uma justificação accidental.

Quando você se retirou para a sua *tabula rasa*, eu não estava presente. Só conhecia o seu problema à distância, muito vagamente. *Ele*, por sua vez, estava excessivamente ocupado consigo mesmo para que pudesse ocupar-se de outro (mesmo sendo você). Sabia que a experiência dele o levaria a uma grande, a uma extraordinária descoberta e não podia interrompê-la por motivo algum, por mais grave que fosse. Também não chegara a ponto de amar a si mesmo para poder verdadeiramente amar a seu próximo. O fato de ter alcançado a sua maneira de ser e de, com isso, ter-nos liberta-

do implicou sua própria liberdade. Sei que, a partir de 1969, *ele* lhe escreveu duas ou três cartas. Não conheço o conteúdo dessas cartas. Só espero que tenha sido capaz de comunicar toda a simpatia e compreensão de que, hoje, me parece verdadeiramente capaz. Assim, é com uma grande, uma enorme saudade que lhe escrevo. Contudo, o passado não me preocupa aqui, ao ponto de reviver o passado. Tenho problemas demais no meu presente para admitir uma volta ao passado. Meus problemas vêm do fato de estar, juntamente com Sorte Peer, procurando iluminar com a luz fraca (fraquíssima) de minha lanterna o caminho que *ele* começou a percorrer, num presente de promessas, mas também de pesadelos na noite terrível que desceu sobre *ele*.

Acredito que você seja um dos poucos homens que melhores condições reúnem para uma vida rigorosamente cristã. O que é sua *tabula rasa* senão a grande condição para isso? Sei que não é cristão. Mas sei, também, que poderá vir a tornar-se cristão, a qualquer momento. Não pretendo, não pense assim, meter-me pelo seu destino, procurar conduzi-lo nesta ou naquela direção. Não. É pensando *nele* e em você, em suas relações, em suas vidas tão diferentes, que escrevo. Não é pensando em mim. Longe disso. Amadurecido que estou, tenho como meu dever dedicar-me a *ele* e, neste momento, através *dele*, a você. É *ele* a minha dedicação exclusiva. Mas, assim como Sorte Peer escreveu as páginas que precedem esta carta, tendo uma experiência prática como sua pedra de toque, e van Neutgen, uma experiência humana, você (e sua condição religiosa) será a pedra de toque destas páginas.

Às vezes, fico pensando nessa sua retirada (não, jamais eu poderia falar aqui de “fuga”) e o que significa para você. Ela faz parte de sua luta contra o ódio. Você se retirou para não odiar. Se tivesse permanecido aqui, depois de tudo o

que sofreu, depois de tudo o que lhe fizeram (que sensibilidade extraordinária você tem!), as arestas, os atritos, por certo que o teriam levado a odiar. Só assim compreendo sua *tabula rasa*, que neste caso significa também abstinência de amor e de ódio. Quem seria capaz de compreender o problema com a mesma clareza, a mesma lucidez? Quem seria capaz de sacrificar a sua afetividade enorme, para não odiar? Um número reduzidíssimo, talvez. O amor e o ódio vivem de tal maneira unidos dentro da vida, que é preciso ser um santo ou um sedutor para só amar e um monstro ou um doente para só odiar. Assim, desta maneira distante dos motivos de sua afetividade, nada mais lhe resta do que um passo decisivo na direção de Cristo. Permita-me, porém, que seccione este assunto para contar-lhe uma, duas, talvez três histórias (curioso: esqueci-me inteiramente da terceira história, mas talvez ela volte ao fim). Como o comum dos mortais, também eu tenho parentes. Foi de um parente que ouvi a primeira dessas histórias. Ele me contou sua vida porque queria que lhe desse uma solução para o seu problema. Lamentavelmente, não pude fazer mais do que ouvir-lhe a história. Não encontrei a solução. Mas, eis o que me contou:

“Quando a encontrei, ela cursava o primeiro ano de Faculdade de Filosofia e eu, o último. Sem dúvida, era a aluna mais brilhante, ou pelo menos a que mais se destacava. Uma inteligência superior, pouco afeita, é claro, às pequenas coisas práticas da vida, mas de uma argúcia e de uma lucidez a toda prova. Não posso atinar, ainda hoje não posso, com o que me levou a aproximar-me dela. Talvez uma secreta e maligna necessidade de fazer dela uma vítima. Vingá-la, talvez, tivesse para mim, naquele momento, o mesmo sentido do que vingá-la da vida, que não me tinha sido fácil até então. Não, eu não a amava. Na verdade, não posso até hoje dizer

exatamente que sei o que seja o amor. E, na idade em que estou, jamais chegarei a saber. Certa manhã — ao me encontrar com ela à saída da faculdade — disse resolutivo: ‘Ela! Só ela resolverá o meu problema.’ Não sabia qual era o meu problema. Sabia, porém, que era a solução do meu problema. Com toda a certeza, queria vingar-me da vida, mas não sabia disso. Eu era mediano em tudo, inteligência, sensibilidade (quando o meu mal não emergia) e vontade (quando não era uma vontade de destruir). Ela pertencia a uma família mais ou menos rica e eu era pobre (trabalhava para manter-me e, além disso, pagava meus estudos). Por isso, sentia nitidamente que meu lugar seria um honroso segundo plano e que só conseguiria um plano igual ao dela com muito esforço e trabalho (mas não era isso o que eu queria). Agrava o problema o fato de ela ter bastante cultura e eu, sem tempo para ler, não tinha cultura alguma. Conhecia apenas as matérias do meu curso, mas não deixava — observe bem — de falar como se fosse a maior sumidade do mundo (em tudo). Quando iria me formar por que precisaria ela formar-se? Foi minha primeira vitória: deixou o curso por mim. Muitas vezes, em conversa, eu a ridicularizara por não saber certa e determinada coisa, que eu havia decorado intencionalmente com o propósito evidente de ridicularizá-la ou, pelo menos, de diminuí-la a seus próprios olhos. Ela tocava piano muitíssimo bem. Frequentava o curso de Belas Artes, devendo formar-se dentro de dois ou três anos, não me lembro. Pensando que poderia me exceder, ultrapassar-me, se se tornasse uma pianista, comecei a mostrar-lhe as dificuldades e os terríveis sacrifícios de uma vida dedicada à música. Com o tempo e meu esforço continuado para ridicularizá-la, acabou deixando de lado também o piano. Foi minha segunda vitória. Ridicularizá-la, como você está vendo, fazia parte do meu método. Daí porque sem-

pre procurava ridicularizá-la na frente de outras pessoas. Ela, muito cordata, sempre acabava dizendo: ‘É mesmo, não sirvo para nada.’ E, no entanto, ela sabia e eu sabia, que era muitíssimo superior a mim. Quando se tratava de fazermos juntos qualquer coisa da vida prática (isso mesmo durante o noivado), eu a desorientava com uma série de pedidos, de ordens, diferentes e seguidas, sem qualquer espaço de tempo, de maneira que não pudesse refletir, até perturbar-se por completo. Era, então, quando eu estrilava (simulava o meu estrilo), pois todo o meu objetivo era, como já disse, apenas um: ridicularizá-la, mostrar que era menos inteligente, menos sensível, menos dotada do que eu. Como eu era destituído de toda e qualquer afetividade, ridicularizava a menor de suas manifestações afetivas. E ela era profundamente afetiva. Antes de nos casarmos, recebeu muito dinheiro em ações da empresa de seu pai. Este procurou atrair-me, acenando-me com a possibilidade de vir a colocar-me na direção de seus negócios. Não era exatamente isso o que eu queria. Julgava inconveniente para os meus propósitos a presença de seu pai, como, aliás, de toda a sua família, ou a minha permanência na proximidade deles. Eu queria ir lecionar em Mato Grosso. E se tivesse ido para lá, hoje estaria riquíssimo e, bem... Durante o noivado, quando julgava que poderia me deixar, que estava a ponto de me deixar, rompendo os laços que nos uniam, renovava minhas promessas de amor (simulado, pois não sabia o que era o amor — e ainda não sei). E assim fui levando até que nos casamos. Lembro-me muito bem que quando o padre nos dava a benção nupcial, era só numa coisa que eu pensava: estou mais perto do que nunca, consegui, consegui. O curioso é que eu não era um louco. Hoje, fico pensando, às vezes, que eu tinha de ser um louco. Mas não era. Conhecia um pouco de psicanálise, o suficiente para estudar o meu problema, mas

por quê, se tudo dava certo? Durante o noivado, eu fizera muitas cenas de ciúme. Precisava provar-lhe o meu amor e nada impressiona mais as mulheres do que o ciúme — para provar o amor (que não se tem). Porém, após o casamento, meu ciúme aumentou terrivelmente. Isso fazia parte do meu método. Com esse tipo de ciúme, visava pura e simplesmente afastá-la de seu ambiente, ou melhor, do ambiente de que necessitava — pois sempre vivera apenas nele — para manter perfeito o seu equilíbrio emocional. Meu objetivo era desequilibrá-la emocionalmente para, com maior facilidade, tirar a minha vingança da vida. Se beijava um irmão, eu reclamava. Se beijava um tio, um primo, então a coisa chegava ao cúmulo da explosão. Neste momento, ela passou a ter medo de mim. Esse medo nasceu durante a nossa lua de mel. Fiz questão de provar a superioridade do macho, levando-a a fazer coisas que a exauriam inteiramente. Eram caminhadas prolongadas, passeios de horas, cavalgadas em montarias fogosas, festas que duravam a noite toda. Não precisaria consultar nenhum médico para saber que o organismo da mulher é mais delicado, que requer certas atenções especiais. Mas, mesmo assim, eu insistia no meu método. Quando percebi que cairia doente, suavizei um pouco minha pressão terrível. Não queria um rompimento tão próximo de nossas núpcias assim com a família dela. Precisava levar a coisa o mais longe possível até minha vitória final. Queria afastá-la da família, mas lenta e progressivamente. Nada de precipitações estapafúrdias e inconvenientes. Aos poucos, percebi que uma tia, por parte do pai dela, exercia uma espécie de ditadura na casa. Combati ferozmente essa tia (muito semelhante a mim, seja dito de passagem), pois seria uma concorrente e eu precisava de campo livre para as minhas artes demoníacas. E, depois, não era nem um pouco difícil usar processos que essa tia usava. Foi

tudo tão fácil. Bastava falar sobre qualquer coisa, meter-me em tudo. Não respeitar nenhuma iniciativa, nenhuma ideia, nenhuma opinião que viesse por parte dela (porque isso fazia parte do meu método). Chegar ao cúmulo de discutir a cor de seus vestidos, a forma de seus sapatos, censurar o seu penteado, tudo como se eu fosse uma mulher impertinente. Minha quarta vitória — o medo que meti dentro dela foi a terceira — consistiu em me afastar, a pedido do pai dela (coisa que eu mesmo meti na cabeça dele), para dirigir os negócios da empresa noutra cidade (os negócios realmente prosperavam). Lembro-me de que durante a viagem levei todo o tempo fazendo uma cena de ciúmes porque beijara o pai com muita veemência (fazia parte do meu método também fazer com que visse o mal em todas as coisas e em toda a parte, pois, generosa como era e dada sem qualquer malícia — a vida não a contaminara — perderia mais facilmente seu equilíbrio emocional). Agora, você pode me perguntar por que não se desquitou de mim logo nos primeiros meses de nosso casamento. É que nessa época, sendo uma mulher de princípios como era, assustava-se só com a ideia (fazia parte do meu método mostrar-lhe o horror dos desquites, anulações de casamento). Mas é possível que tivesse se desquitado (não posso admitir o contrário, ela sabia pesar e medir bem as coisas), não fosse ter ficado grávida logo ao segundo mês, o que achei excelente para os meus propósitos (que, não preciso repetir, eram demoníacos). Meu sogro, que não era um tolo, compreendeu em seguida a tragédia de sua filha. Mas silenciou. Silêncio rígido o do meu sogro já que ela era a sua filha predileta entre os muitos filhos que tinha. Fingia não ver porque respeitava a liberdade dos outros ao máximo, como uma dádiva de Deus e não como uma conquista dos homens. Senti toda sua amargura quando, certa vez, eu a ridicularizei na frente dele. Sei

que morreu com esta enorme amargura e, no entanto, era um homem generoso e sincero. Morto o meu sogro e desfeita a empresa, fiquei com algumas indústrias. Encontrava-me numa situação financeira excelente. Mas, como ele fora a cabeça de tudo e a cabeça já não existia, meus negócios começaram a ir águas abaixo, e eu a dizer diariamente para minha mulher que se tivesse ido para Mato Grosso, como queria ir e ele não me deixara, eu estaria muitíssimo melhor. Nesta altura, ela já não era nada. Praticamente não existia, todo o seu ser destruído inteiramente por mim. Esquecia-me de contar: nos primeiros tempos, após o casamento, ela continuando a ler, rasguei todos os seus livros, pois, como sempre, eu continuava a não ler absolutamente nada. Tínhamos poucos filhos (três ao todo) e, embora não fosse absolutamente necessário, levei-a ocupar-se de todos os trabalhos de casa. Precisava destruir, inclusive, sua beleza física (que refletia a beleza de sua inteligência, sua sensibilidade). Primeiro, foram suas mãos que começaram a se deformar. Depois, foi o seu corpo todo, além dos vincos de dor que surgiram em seu rosto. Certo dia, quando eu já perdera tudo (perder tudo me parecia uma grande vingança contra seu pai), fiz com que ela voltasse a morar na cidade onde moravam os seus parentes e fiquei sozinho no lugar onde morávamos. E meti-me pela política. Iria, agora, destruir em grande escala. Na escala social. Isso, porém, é outra história. Logo após a sua mudança, ficou gravemente doente. Para que os parentes não pudessem me acusar direta e imediatamente, fiz-lhe algumas visitas no hospital. Quando recuperou parte de sua saúde (saindo quase inválida do hospital), retornei àquela cidade e à política. E, depois, quando minha primeira filha foi vítima de um sedutor, quando meu filho desapareceu de casa, comecei a refletir, refletir e a beber... É que descobrira todo o mal que fizera.

Para afogar os remorsos, embriagava-me. Embriagava-me porque via em meus filhos pobres criaturas destruídas por mim, pela minha sanha demoníaca. Embriagava-me porque destruíra uma grande mulher, capaz de tudo o que pretendesse realizar e não apenas de chorar (que prazer eu sentia quando a via chorar, e ela chorava diariamente!). Chegou um momento em que, pensando que eu ia morrer, acovardei-me e deixei de beber. E aqui estou... Quero que você me dê uma solução. Preciso urgentemente restabelecer o que destruí. Não, não quero recomeçar, pois sei que é impossível (há trinta anos que estamos casados). Quero começar, mas não tenho como começar, nem onde. Não tive uma história verdadeira com minha mulher, ou melhor, um história de amor. Em tudo só destruição e morte. Poderia suicidar-me. Sei muito bem disso. Mas, o que é terrível, é que se me suicidar, aumentarei ainda mais o sofrimento de meus filhos (e dela — começo a pensar no sofrimento dela). Assim como passou a não existir, destruído todo o seu ser, eu também já não existo para ela. E nem para mim mesmo. E dizer que poderia ter crescido ao lado dela! Que juntos poderíamos realizar nossos destinos, com a liberdade que Deus nos concedeu, cada qual dentro de seu mundo de sensibilidade, de reflexão e de vontade. E ela era capaz de tanto, tanto! Ah! meu Deus, eu não sei o que fazer, sinceramente não sei. Sim, o que eu quero é impossível. Mas deve haver uma escola do impossível. Será que você...”

E aqui eu interrompo essa história que procurei re-produzir o melhor que pude e contendo as lágrimas. Como pode Deus deixar que exista uma pessoa assim? Preocupada em destruir uma que lhe é superior, apenas porque lhe é superior, como a vida lhe foi superior? Para contar o horror que essa história me inspira, só palavras não bastam. Peço-lhe que não me leve a mal, pois vou deixar a segunda história para

logo mais. É muita tristeza de uma só vez. Receio que seu coração não resista. Oh! não. Seu coração resistirá. Sim, eu sei. Esquecia-me de sua *tabula rasa*. Mas, mesmo assim, só daqui a pouco a segunda história. É tempo de retomar o assunto que deixei lá atrás.

É de sua *tabula rasa* que quero tratar neste momento. E bem que merece uma atenção cuidadosa, já que, à primeira vista, parece-me constituir a grande condição para o seu passo decisivo, isto é, para o seu tornar-se cristão. O que é que pode significar e que implica a sua *tabula rasa*? É por esta pergunta que quero começar. Foi *ele* — eu sei — que lhe sugeriu a expressão, ao dizer que se retira, às vezes, para o sítio, onde vive na mais completa abstinência afetiva. Para ele, porém, a expressão parece ter um sentido um pouco diferente do que você lhe empresta. Para *ele*, a expressão significa não saber dos outros, afastar-se de seu ambiente, deixar de conviver, passar a um meio hostil, que lhe desagrada, para viver um estado meramente criado, ou de pura reflexão. Ou, ainda, retirar-se para poder pensar sobre sua vida, sobre a vida dos outros. Não vive, não participa. Situa-se num plano estranho à vida, como é a reflexão sobre a vida, como é a criação, mesmo com base no real de sua vida.

Para você, porém, significa algo diferente, de nuances e tonalidades mais ricas, talvez de maior essencialidade, embora menos preciso em seu contorno (desde que não se considere seu sentido essencial). Em primeiro lugar, a semelhança do caso *dele* significa afastamento, distância. Essa distância, contudo, não é total, permanecendo os laços que o prendem às pessoas, com as quais você se comunica por cartas, telefonemas. Esses contatos, acrescida a saudade pelo afastamento, aguça sua sensibilidade, que extravasa de tudo o que você diz ou escreve. Não há, por conseguinte, uma distância, a não

ser espacial. Por outro lado, você não se retirou para poder pensar, refletir, criar, sem os atropelos do cotidiano. Acredito mesmo que, longe daqui, torna-se mais difícil para você pensar, refletir, criar. Você não colocou o seccionamento entre a vida e a reflexão como um método. Procura sempre escrever de dentro da vida. Daí a carne lacerada, sangrando, em tudo o que você escreve. A maneira de escrever não importa desde que se possa ver o sangue correndo, a carne palpitando. O problema se complica um pouco quando a gente pensa sobre a sua volta ao passado, a seus tempos de Faculdade, vividos exatamente aí, tempos do qual, você, em momento algum, perdeu a lembrança. Voltou às mesmas ruas, às mesmas praças, às mesmas casas, nas quais viveu há tantos e tantos anos. Será que a gente pode se tornar uma *tabula rasa* quando se volta dessa maneira ao passado? A verdade, porém, é que você não parece fazer caso dessa volta ao passado quando se refere à sua *tabula rasa*. Nesse caso, nada significa, pelo menos no tocante ao sentido que você atribui à expressão. Agora, eu pergunto: o fato de se manter longe por tanto tempo de sua terra e de sua gente (seu deslocamento para cá parece mesmo improvável), não fará recrudescer seu estado afetivo, levando-o a viver só dele e por ele, como objeto único, exclusivo de sua vida? O problema é complexo, muito complexo e já que você usa a expressão, não posso deixar de admitir sua validade. O que seria, assim, a sua *tabula rasa*? Uma ausência de motivações (de amor e de ódio), de motivações novas enquanto objetos de sua afetividade? Sim, talvez seja isso. Isto significaria que esta ausência é uma ausência de motivações atuais. Nesse caso, persistem as motivações do passado. E delas você só poderá se libertar (mas não me parece o caso, pois o integram em sua vida) mediante um processo diferente. Não é isso? As motivações do passado também se encontram aí

onde você vive no momento, mas são as mesmas motivações dos velhos tempos. Logo, você está vivendo um presente sem motivações afetivas, o que me parece de uma significação especialíssima. Apesar de tudo, de parecer mesmo um homem vivendo só o passado, você tem, ou encontrou, um presente de transcendental significação para você. Você chegou, por um caminho diverso, ao que *ele* também chegou, a um presente... como condição *sine qua* para a criação de um futuro verdadeiro. Assim, não exagerei quando disse que você tem a grande condição para tornar-se cristão!

Neste caso, é certa a minha colocação de que você está vivendo um presente (não obstante todos possam julgar o contrário), restará caracterizar esse seu presente em sua vida, para saber se se trata de um presente exclusivo, ou se sua vida se mostra integrada, desde o mais longínquo passado. Mostrar essa integração num sentido meramente psicológico não me parece difícil. Certos traços que lhe são característicos vêm, sem a menor sombra de dúvida, de sua infância. Qual uma criança (como pode um homem de tanta experiência guardar intatos certos traços da criança que foi?) você exige total exclusividade. Não suporta ver os outros dividirem sua atenção e cuidados no ambiente que os cerca e do qual você também faz parte. Em qualquer ambiente onde você se encontra, você exige uma polaridade absoluta, centrada em você. Não suporta sequer que um ou outro, mesmo que você não esteja se dirigindo a ele, desvie os olhos como se não estivesse se interessando pelo assunto. Daí o fato de você não poder suportar, em seus encontros de rua, o fato de uma pessoa ou outra retirar-se da roda, para a qual você começa a contar. Outro traço que guardou da infância é a sua necessidade de causar suspense. Como se devesse castigar alguém, alguém que não o compreendeu, você deixa o

hotel (motivo que você mesmo contou numa carta dirigida a *ele*) sem dizer para onde vai, nem quando deve voltar. Daí ao ponto de dizer, como uma criança: “Tomara que um carro me pegue” — não é mais do que um passo. Não sei, mas acho que você já deve ter dito algo parecido. Alguém poderia dizer que isso não importa em integração, mas em permanência de traços. Direi, porém, que o seu “poder de infância” (expressão de Clementino Schiavon Puppi) é tão grande, que permanência ou integração, em seu caso, não se distinguem. Você pode ser todo infância, a qualquer momento, como repercussão extemporânea de uma motivação oriunda do passado.

Na verdade, porém, os traços psicológicos não me preocupam, a não ser no âmbito de sua problemática existencial. Você reporta tudo ao passado. Suas motivações lá estão no passado. Desta maneira, encontra-se sem motivações no presente e, ao não ter motivações, ao viver a sua *tabula rasa*, tem um presente de total disponibilidade. Um presente puro, não afetado por coisa alguma, por motivação nenhuma. Sem laços atuais, a não ser os laços do passado — o que lhe dá a integração a que me referi —, você encontrou a melhor condição para tornar-se cristão. Não está afetado pela ciência, nem por uma suposta mentalidade científica do homem moderno, que poderia distanciá-lo cada vez mais de Cristo, pelo orgulho desmedido da ciência. Não está afetado pelos problemas sociais, que sempre geram soluções de força, ou desviam o homem dos cuidados do seu espírito. Não está afetado pela crítica da Bíblia como se dela precisasse para tornar-se cristão. Não está afetado por nada. Seu presente é um presente puro, já que um presente de total disponibilidade. Faça dessa disponibilidade um algo e tudo tomará sentido, e você criará um futuro, o futuro de que precisa, dure ele cinco, dez, quin-

ze, ou vinte anos. Isso não importa. O futuro de uma semana, de um dia ou de uma hora, já será suficiente.

É chegado o momento de lhe contar a segunda história (o curioso é que ainda não me recordo da terceira). Meses após ter ouvido a primeira história — eu pensava nela todos os dias, pois seu personagem me pedira uma solução — encontrei um homem, ou melhor, veio até onde me encontrava. Eu estava com um livro nas mãos: *A repetição*, de Kierkegaard. Neste livro procurava a solução que me fora pedida. Sem qualquer cerimônia, o homem aproximou-se de mim e começou a falar:

“O senhor deve ser um homem estudado. Está com um livro nas mãos, não está? Pois deve ser. Então me diga onde se encontra a minha mulher. O senhor vai me dizer que não conhece a minha mulher. E, também, que não me conhece. E assim, como poderá saber onde se encontra minha mulher? Não, o que eu quero mesmo saber é e minha mulher não está aqui. Ando atrás dela, faz muito tempo. São quinze anos desde que desapareceu. Em alguma parte está. Ela não morreu. Não pense não. Ela desapareceu. É tudo muito engraçado, até faz rir. Naquele tempo — eu era bem mais moço, o senhor sabe — meti certas coisas na cabeça. Em toda parte onde eu andava, nas ruas, nos cinemas, nos bailes, nas raças, nas corridas de cavalo, sempre encontrava moças e, entre elas, moças que me olhavam. E comecei a virar a cabeça. Mas, de certa maneira, era um tímido. Então, certa noite, ao voltar para casa, um pensamento ruim tomou conta de mim. Por que é que minha mulher não morre? Se morresse, eu podia viver uma vida inteiramente diferente. Moças, moças, por toda a parte, moças. Foi o que comecei a querer e a pensar, primeiro horrorizado comigo mesmo, depois aceitando o pensamento: por que minha mulher não

morre? E o tempo foi passando e ela com mais saúde do que nunca. Não, não morreria tão cedo. Era possível até que eu morresse antes que ela. Matá-la? Não, eu era incapaz disso. Mas continuava a desejar a sua morte, a querer como uma segunda natureza em mim a morte de minha mulher. E fui tomado pelo mais incrementado dos desesperos. Quando me veria livre de minha mulher? Quando ela morreria? E tínhamos filhos. Mas estes não me preocupavam. Não pensava neles quando desejava a morte de minha mulher. Daria um jeito nos filhos. Isso não me parecia um problema insolúvel. Certa vez, quando voltávamos de uma viagem de recreio, errei a entrada de uma ponte bastante estreita e o carro se despencou no rio. Ao me ver mergulhado dentro d'água, só um pensamento me ocorreu: salvar-me, salvar-me. Não, não pensei nos outros. Não pensei em meus filhos. Não pensei em minha mulher. Só pensei em mim: Eu queria viver, viver. E consegui me salvar. Meus filhos todos morreram. Seus corpos foram encontrados. Mas nunca se encontrou o corpo de minha mulher. Minha mulher, como uma vingança contra mim, não deve ter morrido. Salvou-se, com toda certeza, e desapareceu. Mas, onde está minha mulher, onde? Não está aqui? Já sei, não precisa responder, o senhor vive sozinho, nenhuma mulher aqui, não é? Preciso encontrar minha mulher. Mas onde está? Onde está minha mulher? Quero me redimir de meus pecados, de meus pensamentos terríveis, do desejo incontido de que ela morresse. E ela não morreu como um castigo contra mim. Simplesmente desapareceu. Se voltasse agora, eu já não desejaria sua morte. O senhor julga impossível que a encontre? É, sim. É impossível. Mas deve haver uma escola do impossível, onde eu venha a saber como encontrar minha mulher.”

Foi a segunda vez que ouvi falarem em minha vida numa escola do impossível. E, assim, como esses homens,

de histórias tão diferentes em seus acidentes, mas tão semelhantes na essência, também eu passei a acreditar na existência de uma escola do impossível. Depois, quando li *Imitação Impossível*, tive certeza de que essa escola existe. Existe, sim. Mas existe dentro do homem, em sua consciência, em sua vontade incontida de redenção. É este o problema *dele*. Pode acreditar em mim. Não estou fantasiando, não estou imaginando coisas. Esta escola existe. Há um homem caminhando dentro da noite do absoluto porque se matriculou nessa escola que existe dentro *dele*, como uma necessidade de seu próprio caminho. Sim, se esses homens tiverem fé, se deixarem o plano meramente humano em que se situaram, se passarem ao plano religioso, tudo lhes será restituído ao certo: o primeiro poderá recomençar a vida com sua mulher e seus filhos estarão salvos da desgraça — o segundo encontrará sua mulher e seus filhos ressuscitarão. A fé, e só ela, pode ser essa escola do impossível.

Nota Bene — Sim, agora ao escrever as frases finais, lembrei-me da terceira história que queria lhe contar. Mas, como tudo é estranho! Essa história — descobri agora — é a sua história. E, no entanto, você é escritor, não é? Essa história — a sua história — está aí nos seus livros, nas suas cartas, em tudo o que você escreveu. Quantos a entenderam? Não sei. Mas, nem eu havia entendido. Se tivesse entendido, não forjaria uma história que, de certa maneira, aprendi de você mesmo. Seria uma bobagem — não é? — voltar a escrever o que você já escreveu. Assim, não fico a dever-lhe a terceira história, pois como posso levar a você o que está em você, o que vive em você, o que é você mesmo em sua procissão de angústias e desesperos?

Na escola do impossível

1.^a

Como ouvir a voz do Senhor meu Deus? Sim, se pudesse ouvi-la, se pudesse desviar minha atenção fora das sugestões do mundo, das vozes que atroam lá fora, para só ouvir a Verdade, que deve ensinar dentro de mim — sim, neste caso, eu seria bem-aventurado. Se meus olhos estivessem fechados para as coisas exteriores e escancarados para as interiores — as verdadeiramente interiores —, se pudesse exercitar-me em piedade, em compreender os celestes arcanos, se pudesse me entregar a Deus e desembaraçar-me de todos os empenhos do mundo, se pudesse considerar tudo isso e fechar as portas dos meus sentidos, ouviria a voz da Certeza:” Eu sou a tua salvação!”

2.^a

Por que falar, Senhor, se não escuto? Não sou teu servo. Quero ser, não sou. Recuso-me à inteligência, como aprender teus ensinamentos? Meu coração não se deixa inclinar às palavras de tua boca. Não podes penetrar nele, nem como orvalho. Não é medo de morrer que tenho, se te ouvir — se não for morrer para este mundo. Mas não quero ouvir ninguém, se não for a ti, Senhor. Por que falar, Senhor, se não escuto? Eu poderia ouvir os outros. Não quero ouvir ninguém, senão ouvir a ti. Ninguém pode me ensinar, a não ser tu mesmo, mas não te escuto. Impressionam-me os que sabem dizer. Meu coração se inflama. Procuro encontrar o sentido, descobrir o mistério, a própria significação das figuras. Como poderia ajudar-me a cumprir os mandamentos? Conheço o meu caminho — ninguém me mostrou — mas não poderás me dar a força de segui-lo, se não te escuto. Deixo que reguem minha superfície, mas recuso-me à fecundidade. Sim, se pudesse te ouvir como ouço os outros. Senhor, meu

Deus, Verdade eterna, será que devo morrer sem ter alcançado fruto algum, sem ser abrasado interiormente? Serei condenado porque não ouço? Como praticar se não ouço? Por que falar, Senhor, se não te escuto?

3.^a

Oh! se pudesse ouvir as tuas palavras suavíssimas, que excedem toda a ciência dos filósofos e dos sábios deste mundo! Tuas palavras que são espírito e vida e que eu não interpretaria humanamente. Tuas palavras que ouviria em silêncio nesta noite em que caminho. Eu seria bem-aventurado se fosse instruído por ti. Oh! se pudesse sensibilizar-me à tua voz. Mas é a voz do mundo que mais me agrada. Mais facilmente sigo os apetites da carne, as coisas apenas temporais e mesquinhas que o mundo promete e a quem sirvo com grande ardor. Sei que prometes bens sublimes e eternos, mas não é só frieza que encontro no coração dos mortais. Não, não me envergonho, diga quem disser. Também por um pequeno salário empreendo grandes viagens e pela vida eterna não dou um passo sequer. Mas, eu caminho, Senhor. Busco o lucro vil. Por um vintém, às vezes, também brigo. Não temo a fadiga, só de dia, Senhor! É à noite que caminho, Senhor! Sei que é uma vergonha, mas não me envergonho. Todo esforço me cansa, pelo prêmio inestimável, pela honra suprema e pela glória sem fim. Sou preguiçoso e murmurador. Sou mais solícito para a perdição que eu mesmo para a salvação. Procuro com mais gosto a vaidade do que a verdade. Minha esperança me engana. Sei que tua promessa não falta a ninguém, nem despede com as mãos vazias os que em ti confiam. Darás o que prometeste, cumprirás o que disseste, mas sou inconsistente do meu amor desde o começo. Temos as provas duras, Senhor. Só de um modo me visitas: pela tentação, Senhor.

4.^a

Como andar diante de ti em verdade, se é na noite que me encontro? Como procurar-te com simplicidade do coração, se não sou simples? Sofrerei os ataques dos inimigos e a verdade não me livrará dos enganos e das murmurações dos maus, se sou um deles. Oh! eu queria que a verdade me libertasse, queria ser verdadeiramente livre e não fazer caso das palavras vãs dos homens. Não, tua verdade não poderá nem me ensinar, nem me defender, nem me conservar até o meu trágico fim, se não chegar ao fim do meu caminho. Ela não me livrará do meu amor desregrado, eu sei. Como saber o que é justo e agradável a teus olhos. Facilmente esqueço os meus pecados e me desvaneço por qualquer boa obra. Sim, sou pecador, sujeito a muitas paixões e preso em seus laços. Inclino-me para o nada. Caio depressa, logo vencido, logo perturbado, logo desanimado. Mas tenho algo de que posso gloriar-me: o meu mim mesmo. Pode este humilhar-me? Não. É fraco... Isso eu sei, mais fraco mesmo do que posso imaginar. Há coisas que faço que me parecem grandes, preciosas, admiráveis. Como poderia agradar-me a verdade eterna se, de outra parte, deve desagradar-me a minha extrema vileza? Não sei se temo, se vitupero e se fujo de meus vícios e pecados. Ou se me entristecem mais do que meus prejuízos materiais. Não ando diante de ti com simplicidade, mas como sou — mas não quero descobrir teus mistérios, nem descurar-me de mim próprio: quero pensar em minha salvação como sou. Não, não te afastes de mim, de joelhos te peço. Tenho medo de teus juízos, não quero ter. Tremo diante de tua ira, não quero tremer. Não discuto tuas obras, simplesmente não entendo. Conheço as minhas iniquidades todas. Sei os males que cometi e tudo que deixei de fazer por negligência. Pus toda a minha devoção nos livros não religiosos,

toda a minha devoção nas imagens não religiosas, em sinais e exercícios exteriores não religiosos. Nunca te trouxe à boca, nem no coração. Ah! se pudesse suspirar pelos bens eternos! Se pudesse não ouvir das coisas da terra e, pela repugnância, não satisfazer as exigências da natureza, Ah! se pudesse ouvir o Espírito da Verdade!

5.^a

Também eu te bendigo por não teres te esquecido de mim, pobre criatura que sou. Dou-te graças, não sei bem o porquê, mas dou. Sim, pela minha vida eu te dou. Não pela minha maneira de ser. Minha maneira de ser depende apenas de mim? Não sei, Senhor. Não sei. Não és tudo para mim, como podes ser? Não é consolo o que quero, nem conforto — quero ser eu mesmo diante de ti, Senhor. Com paixões, afetos desordenados, impuro, mas capaz de amar, fraco para sofrer e inconstante na perseverança. Que o amor é grande! Como negar? Quero sim, quero a perfeição anterior à queda, ou a perfeição após a redenção. Quero o amor, delatar-me no amor (mas que amor?). Quero elevar-me acima de mim, mas comigo, procurar-me a mim mesmo, sem perder o amor. Oh! se pudesse também ser chamado de amante, ao fazer a vontade do Amado? Não quero nada duro, amargo.

6.^a

Não, não sou forte nem prudente no amor. Por nada deixo o começado. Mas consolo eu não procuro. As tentações me dominam. Sou envolvido pelas astuciosas sugestões do inimigo. Não sei amar senão escandalosamente. Considero tudo: a dádiva de quem ama, o amor de quem dá. Atendo a tudo, mesmo ao amor do pecado. Sim, perturbam-me estranhas imaginações, oriundas de matéria qualquer.

Caminho talvez sem propósito, mas caminho. Desespero e verdade sucedem-se em perdição e esperança. Será o inimigo ou eu próprio (qual a parte do inimigo, qual a minha parte?) que me leva a afastar-me dos santos, dos exercícios devotos, da presença de minha paixão (por ele em caminho na noite), de terrível opressão do pecado e da necessidade da graça. Os maus pensamentos vêm dele ou vêm de mim mesmo? Mas como não dar crédito a ele (na parte que lhe toca), ou como não dar crédito a mim (na parte que me toca)? Não, não posso mandá-lo simplesmente às favas por mais estúpido que seja. Sem ele, também eu não existiria. Nada existiria sem ele, mas eu seria — sim, eu seria antes da queda original, a redenção não teria acontecido. Cristo não teria morrido por mim. Soldado... se pudesse ser um soldado, se tivesse a bravura e a humildade de um soldado de Deus!

7.^a

Prometo, sinceramente prometo, dá-me a graça e eu a esconderei de todos, todos, até de mim mesmo. Ora, sei que não sou digno da graça. Se a graça fosse presente em mim, eu seria tudo, como sentir-me miserável se a graça morasse em mim? Não, não suporto a ausência da graça, miserável sou (mas sou, pelo menos, eu mesmo com a minha maneira de ser) sem a graça. Não posso fazer nada de boa vontade, a não ser escrever: é a verdade. Escrevendo, jamais me descuido de mim. Quero em meu poder o meu caminho. Mas não é na noite que caminho? Por que Deus se recusa a me dar graça? Por quê? Não quero mais do que posso. Sei que sou fraco, mas não pondero a minha fraqueza. Estarei presumindo alguma coisa de mim? É possível. Alguma coisa maior do que Deus determinou para mim. Posso perder a graça sem tê-la recebido sequer. Não quero pôr meu caminho no céu, mas quero

voar com as minhas próprias asas, na terra, a um metro da terra. Não sou de aconselhar-me com ninguém como também não dou conselhos a ninguém. A liberdade é uma dádiva de Deus e não uma conquista dos homens. Mas não sou um sábio. Pelo contrário, sou apenas um homem, sem mais nada, a não ser esta noite e esta treva. Sou ousado na paz e covarde na guerra (sem músicas marciais), governo sem conceitos ridículos, orgulhoso da experiência. Não posso deixar de fazer caso de mim, nem quero ser desprezado e humilhado por ninguém.

8.^a

Quero falar ao Senhor, eu como eu mesmo, não como pó e cinza, se puder! Sei que não te erguerás contra mim mesmo enquanto eu for eu mesmo, mas te erguerás terrível se eu quiser não ser mais do que pó e cinza. Que não sou, não poderei ser — a não ser desprezando-te. Pecador sou eu mesmo em pecado. Liberta-me de mim, de meu pecado, para que possa ser eu mesmo sem pecado. Só assim me será propícia a tua graça e o que não for eu mesmo (os meus pecados contra mim mesmo) perder-se-á no abismo do nada (mas não sou nada, como não sou tudo) e perecerá para sempre. Oh! faz com que conheça verdadeiramente o que sou, o que fui, onde me encontro (é na noite que me encontro) porque sei que não sou nada. Oh! recebe-me como sou, sempre pendendo para a terra. Esta é tua obra, mesmo que me queira desordenadamente, para distanciar-me cada vez mais do nada, que não sou. Ouso esperar, pedir e esperar, mesmo sem o merecer.

9.^a

Sim, deves ser meu supremo e último fim. Mas como ser feliz se fores meu supremo e último fim? Nem com esse

propósito (se caminho e quero continuar caminhando) voltarei a ser puro. Não posso deixar de apegar-me a mim mesmo e a certas criaturas (as demais meramente não existem para mim). Não desfaleço na busca de mim mesmo. Só nesta noite posso referir tudo a ti como o outro polo, sem o qual já não teria caminho. Não quero graça sobre graça. Eu não resistiria. Seria excessivo para mim. Uma graça é suficiente. Desta graça única nasceriam todas as demais graças. É uma necessidade andar angustiado, perturbado. A crise me fez (e me faz e me fará) caminhar — ao não ter caminho. Não posso dizer que só Deus é bom. Há os que são bons. É preciso outro termo para Deus.

10.^a

Não quero temê-lo, Senhor. Temer não é amar. Temer é uma coisa horrível. Que valor pode ter qualquer gesto nascido do medo? Dá-me a força de não temer, de ser eu mesmo, com minha maneira de ser diante de ti. Jamais me esquecerei de que te lembraste de mim em tua redenção, mesmo eu sendo um homem como qualquer outro. Nenhum mérito, assim, que te sirva, ou que venha a te servir. Inútil e descabido pretender comparar com um mais ou com um menos, o serviço que me prestas e o serviço que poderia te prestar, se sou apenas homem e tu és Deus. Nessa diferença reside todo o impossível da imitação. Mas há uma escola. Esta escola é a noite em que caminho. Não, não serás a minha recompensa. Nego-me a receber recompensas. És o meu norte e serás o meu fim, quando primeiro a tua luz romper a tua noite (a minha noite na tua noite) e, depois, quando luz e trevas tiverem desaparecido e tua face surgir aos olhos do meu espírito. E eu te puder ver, Senhor. Não, nenhum homem será terrível a nenhum demônio, se não o for a si próprio.

11.^a

Há tantas coisas que não sei. Mas não é aprender o que quero. O que quero mesmo é ter fé em ti. Isso me basta: só a fé e mais nada. Como posso deixar de ser amante de mim mesmo se foi essa a condição que me levou a procurar-te? Só posso cumprir a tua vontade sendo como sou e, sendo como sou, entregar-me inteiramente a ti. Interesses propriamente não me impelem a coisa alguma, pelo menos os interesses estranhos à minha maneira de ser. Desejos também não me impelem a coisa alguma desde que sem localização na maneira de ser que sou. Meus sentidos não são exigentes ao ponto de me cegarem por completo. Meus sentidos trabalham para mim, para meus pecados, enquanto eu não for sem pecado. Não há como proceder de outro modo. Devo submeter a carne ao espírito. Foi o que sempre fiz, por outros motivos que não religiosos. Foi preciso que libertasse a carne para que, verdadeiramente, pudesse descobrir o espírito.

12.^a

Sim, tenho demasiada paciência, mas nem sempre. Sou impaciente comigo mesmo, exijo demais de mim e nunca sou capaz de esperar. Não sou capaz de sofrer muitas contrariedades vindas dos outros, mas mesmo assim concedo-lhes muita paciência. Sei que sou grande, conheço claramente o valor de minha experiência, mas sei também que, em tudo o que diz respeito às coisas deste mundo, não sou diferente dos outros, embora tenha minha maneira singular de ser. Recuso-me a ser um irracional; não obstante, não dê à razão um valor superior a mim mesmo. Sempre desconfiei e continuo desconfiando da vontade que me artificializa tudo, inclusive a própria experiência. Mas não posso deleitar-me no Senhor. Nem é isso o que posso querer, sabendo quem

sou. Distancio-me do prazer, sem procurar consolo em ti. Minha carne poderá revoltar-se, poderá impor suas exigências. Ela é um fator de crise e a crise sempre me leva a dar um passo à frente.

13.^a

Obedecer... Como se fosse obedecer ao que procuro. Não, não é isso. Sinceramente, não sei se sou um rebelde, ou um resignado. Não acredito que precise obedecer (como posso saber o que Deus verdadeiramente quer de mim?) para alcançar a graça. A carne é uma coisa inteiramente diferente. Sujeitar-se ao superior e ser submisso da carne são coisas de planos inteiramente distintos. Um é o plano de Deus (deve ser). Outro, do homem. Mas sem carne o homem não seria para Deus, ou a morada da cruz, como disse alguém (Sorte Peer). Senhor, que te sujeitaste ao homem, que te fizeste o mais humilde e último de todos, por amor a mim, eu sei! Sei, mas não entendo. Aceito, mas não examino. É teu o paradoxo, não meu. Não posso me indignar contra mim. Por ser como sou é que me deste a redenção. Os outros, mais nobres e melhores do que eu, podem me pisar, podem me calcar aos pés, não os outros. Só eles podem me desprezar.

14.^a

Sou de temer, sou de tremer — não quero. Posso temer e tremer, mas não quero. Não ouço trovejarem sobre mim os teus juízos. Estou certo de que não me julgas, pelo menos ainda não me julgas. Hás de julgar, quando eu chegar a ti, quando me entregar a ti. O resto é exagero de homens que te querem a ti demagogicamente. Sim, a sorte é vária, mas a sorte nos limites deste mundo. Aceitar esta incerteza e indecisão é próprio do homem que chegou à sua maneira de ser

porque os resultados são meros acréscimos sem significação. Não quero ser santo sem ti, Senhor. Há santos sem Deus, eu sei. Mas quero ser um santo com Deus, ou um santo que descobriu o sentido de sua santidade. Nenhum ato é gratuito, nenhum pode ser. Tua verdade permanece para sempre. Dizem. Para mim, ela permanecerá enquanto eu viver. Depois, não sei o que será. Tudo o mais, além disso, ou não me diz respeito, ou são meras consequências.

15.^a

Como posso saber o que é do teu agrado? O que é por tua honra? O que é proveitoso para mim? Tudo isso são termos por demais exteriores, além de estultícia. Pedir-te que me ajudes sempre, que me tires os desejos, que restará para mim? Nada. Serei um morto, não um homem em vida. Não alguém que luta, que sofre, mas alguém sem o menor poder de conduzir e conduzir-se, uma criança mimada, incapaz ao fim de distinguir o bem do mal — tudo solucionado por todos. Também não quero a paz. Conheço a paz antropológica. Esta nada constrói. É um termo, uma meta — anterior ao ponto de partida. Ao partir, só as crises me levarão para frente. Oh! as crises sagradas, preciso delas como o peixe precisa de água, o pássaro, do ar, e o homem, da terra.

16.^a

Não, jamais direi como os outros, que quero consolo, alegria e não sei o que mais em Deus. Acredito que já é bastante que me salve. Por que falar de Deus e do futuro em Deus, como se também nele estas coisas do cotidiano (consolo, alegria, felicidade etc.) devessem perdurar, ou se esses estados tivessem algum sentido (sem seu conceito), no tocante ao futuro, ou à minha vida em Deus. Uso as coisas temporais

porque não tenho outra solução. Não há como fugir a elas. Mas, procurar os bens eternos como se fossem apenas melhores do que os bens terrenos, não passa de uma loucura. Só me é permitido querer salvar-me em Deus, por Deus e para Deus. A salvação é a graça. O resto situa-se nos limites do homem e de tudo o que vem da terra. Se há termo que me repugna é antegozo. Todo antegozar é uma ilusão calcada no gozo terreno e levada aos arcanos celestes, como se fosse possível. Não creio na ira de Deus, nego-me a crer. É atribuir a Deus uma horrível limitação humana. Há antropomorfismo demais em toda imagem de Deus. Se não vier a se libertar primeiro de sua imagem, o homem não conseguirá jamais libertar-se de uma imagem de Deus. Cristo me deu o exemplo necessário à salvação. Procedeu em tudo como se também ele devesse salvar-se em, por e para Deus. O resto são histórias nos limites de uma condição meramente humana.

17.^a

Senhor, sei que respeitas a minha liberdade. A liberdade que me concedeste. Toda a liberdade, mesmo a liberdade para pecar. Sei que penso como homem e que tudo o que eu penso não alcança tua face amargurada. Sei de todo o teu sacrifício, como tua morte, de todo o teu cuidado por mim. Não, nem sofrimento, nem gozo, nem pobreza, nem indigência, nem riqueza, nem abundância, nada disso pode ser referido a ti. Isso depende apenas de mim e de outros fatores, todos humanos. Sou pecador porque pequei como o primeiro homem. Posso deixar de ser pecador porque me redimiste. Mas a condição de pecador é minha própria maneira de ser.

E, aqui, abruptamente, terminam as notas de seu caderno marrom. Será que *ele* sabia aonde iria chegar? Acredito que não. Caso contrário, não teria dado o título que deu a essas notas. *Escola do Impossível* é o ponto exato aonde chegou. Quando redigiu suas notas de *Imitação Impossível*, talvez acreditasse na possibilidade da imitação, mas achava que suas limitações (dentro de sua maneira de ser) é que deveriam ser acentuadas. Com a *Escola do Impossível* pretendeu, com toda certeza, dar um passo à frente e verdadeiramente deu, mas não como pretendia dar. Queria aprender na escola do impossível, isto é, na *Imitação*. Porém, à medida que foi redigindo as notas, apercebeu-se que não era essa a escola que *ele* queria, que precisava, como aquela escola que melhor correspondia à sua maneira de ser. E sua maneira de ser mostrou-se como inteiramente diversa da maneira de ser de Deus. De tudo, resultou uma lição: o sacrifício de Cristo, exemplo único a ser imitado. Assim, mesmo ao não aceitar as diferenças apenas de quantidade (nunca de qualidade) entre o que é do céu e o que é da terra, aprendeu que deve imitar — imitar à sua maneira, é claro, e não à maneira do autor da *Imitação*. Por esta maneira não é difícil concluir de que homem se tratava (o autor da *Imitação*) e isso lhe mostrou a distância entre eles dois. Não, imitar sim, mas à maneira *dele* e não de outro... E, agora? Sim, foi esta pergunta que eu fiz a mim mesmo. E, agora?

Colônia Faria (Colombo), 9 de setembro de 1969.
van der Lubbe

3.º LIVRO

“De outra parte, quem pode, por si mesmo, aproximar-se tanto do absoluto? Não, a gente não pode e, além disso, ninguém ousaria, pois esta pressão, esta insolação, é como o pior perigo de morte. É algo diante do qual todo homem deveria recuar de horror como uma coisa ainda mais terrível do que a morte.”

(Kierkegaard) — Diário X5 A 17

O desventurado

POR
SORTE PEER

Após a experiência terrível daquele baile, caiu numa enorme prostração. Sim, descobrira a cruz dentro de si mesmo, mas não sabia o que fazer com ela. De início, pensara que poderia dedicar-se aos melhores, àqueles que tinham algo dentro de si, àqueles quem valeria a pena salvar. Aos poucos, porém, compreendeu que só pensara nos outros porque não sabia, sinceramente não sabia como proceder para salvar-se. Talvez, sim, se tivesse procurado aqueles que eram como ele, aqueles que traziam uma cruz como ele. Era nesses que deveria pensar, juntar-se a eles, viver com eles. Talvez tivessem encontrado a solução que não encontrava. Pensou em ir até a cidade, onde a primeira moça morava com seu pai, mas... Medo de uma decepção, é possível. Precisaria verdadeiramente dela para qualquer coisa que fosse? Ela não fizera tudo o que uma mulher pode fazer por um homem? Não o levava a descobrir a cruz? Que mais poderia querer dela? Nada, nada, seria insensato, se pretendesse mais. Decidiu: iria procurá-la, fosse insensato, fosse o quê, pouco lhe importava. Tomou um ônibus e, ao cair da tarde, encontrava-se na cidade onde ela morava. Procurou um hotel (só havia um) jantou e saiu. Quem lhe abriu a porta foi uma criada da casa. Não, ela não estava. Tinha se casado e saíra em viagem de núpcias. Sentiu-se mais só e abandonado do que nunca. Foi a um bar e começou a beber. E passou da sua medida. Quando o bar fechou, sentou-se num banco da praça, diante de um monumento e começou a dialogar:

— ...

— Mas eu vim, sabe? Não podia deixar de vir. Pode estar parecendo a você que isto é um absurdo. Não faz mal. Eu vim. Preciso conversar com você.

— ...

— Só quero conversar. Eu sei, como você, que o passado

não poderá ser repetido. O passado não volta mais. Você me levou a descobrir a cruz. Era tudo o que poderia fazer. Mas, agora, perdi o leme. Meu barco navega ao léu, perdido, ao sabor das ondas. Oh! esta depressão horrível que me destrói!

— ...

— Eu sei que você se casou. A criada, foi a criada... Uma mulher como você, do seu valor, tem facilidade em dedicar-se a alguém. Não, não quero perturbá-la com as coisas que ficaram no passado, não. Com toda certeza, você vai ter muitos filhos. E dará rumo certo a cada um deles, como me deu a mim. Só que perdi o rumo.

— ...

— Não sou um tipo estranho, coisa nenhuma. Sou, apenas, um homem como os outros, com as mesmas mazelas. Mas você me levou a descobrir a cruz. Não sei, sinceramente, não sei o que fazer com esta descoberta. A princípio, pensei que devia me dedicar aos outros, pessoas de vida espiritual intensa, mas de rumo incerto. Tive uma experiência infeliz. Fracassei. O resultado foi exatamente o contrário daquilo que eu esperava.

— ...

— Foi assim. Ela é uma moça de extraordinário valor, pode crer. É uma poetisa, sabe? Ao começo, sua poesia era uma resultante da vida dela. Depois... Quando pensei que ela iria entrar numa crise, exaurida sua vida na poesia, mergulhou mais longe. E constrói, agora, a sua vida com base em sua poesia. E a sua poesia levou-a a uma comunhão. A uma comunhão impossível com Deus. Com isso, eu, que pensara encontrar um rumo, um destino para a minha cruz, extraviei-me ainda mais. Por isso, eu vim.

— ...

— Sei que o erro foi apenas meu. Um pouco de autos-

suficiência, talvez. Sei, também, que isso acontece. Nada disso, porém, é importante neste momento.

— ...

— O importante é descobrir o que devo fazer.

— ...

— Se tivesse, ao menos, uma direção para tomar. Mas não tenho. E se me dedicar aos marginais, àqueles que não têm lar, que não têm o que comer, que não têm nada?

— ...

Levantou-se do banco e dirigiu-se (mal podia andar) à igreja. Subiu as escadas de pedra. Virou a maçaneta da porta. Não, a porta não se abria. Inútil o seu esforço. Sentou-se nos degraus de pedra e recomeçou o diálogo:

— Você sabia que a porta estava fechada. Por que não disse? Queria ver se me submeteria? Pois me submeti. Não me levantarei enquanto o padre não vier abrir a porta da igreja. Quero ver a cara dele quando me encontrar aqui, esperando.

— ...

— Não, não vou curar esse porre na cama. Vou curá-lo aqui mesmo, sentado, esperando. Deus sabe porque bebi. Tenho certeza que sabe.

— ...

— Não sou uma criança caprichosa. Ponha-se no meu lugar e veja se você saberia o que fazer. Não acredito que soubesse. Se soubesse era porque você não tinha se colocado exatamente no meu lugar.

— ...

— Nós somos diferentes, quem não sabe? Por isso, é que disse que você não conseguirá colocar-se exatamente no meu lugar.

— ...

— Não dá, não é? Pois, eu sei que não dá. Não vou

chorar por isso. O que queria era conversar com você. Você me levou a descobrir a cruz. Agora me diga o que devo fazer com ela.

Estendeu a perna esquerda. Apoiou-se nos cotovelos. Afrouxou o colarinho. E encetou um monólogo:

“Sou um desventurado. Quem não é? Não, ninguém é. Só eu sou. Um grande desventurado. Os outros podem ser desventurados. Desventurados de bobagem. Um porque não tem dinheiro e precisa de dinheiro. Outro porque brigou com a mulher, ou a mulher brigou com ele, e ele é um homem de paz e não de guerra. Um terceiro porque sonha com coisas e pessoas que não pode possuir. Desventurados de bobagem, como vocês se sentiriam felizes se conhecessem a minha desventura! Sou um homem, fora e além de tudo isso porque tenho tudo, tenho a cruz dentro de mim. Mas não sei o que fazer com ela.”

Logo em seguida, recomeçou o diálogo:

— ...

— Você não acha que sou um desventurado? Ah! não acha? Só porque você não é, acha que não sou! Magnífico!

— ...

— Eu também começo a desconfiar. Não nasci para encontrar a cruz. É uma graça grande demais para mim. Quem sou eu — não é? — para viver o sentido dessa descoberta, quem sou? É possível que tenha nascido para andar em caminhos largos: fácil de andar por caminhos largos! Nunca para andar em caminhos estreitos, sinuosos, esburacados. Caminhos que sobem, íngremes, difíceis. É tudo bobagem. Não há caminho fora do homem. Só há o caminho da cruz, o homem andando dentro de si mesmo, se puder andar. Se não puder, é porque não descobriu o rumo que o conduz dele a si mesmo, onde se encontra a cruz.

— ...

— Não tenho outro jeito. Ou tudo ou nada. Na guerra, é preciso guerrear. Repúdio a retaguarda, da mesma forma que meu estômago repele a água morna. Vou a ferro e fogo. Melhor seria se soubesse como ir.

— ...

— Recolher-me a um mosteiro e ficar contemplando. Se fosse um contemplativo, sim. Não sou, não quero ser. Não tenho bossa para isso. Quero viver a minha cruz ao nível do mar. Não sei como, mas quero.

— ...

— Pode ser. Sim, pode ser. Você era uma marginal. Vivi com você. Conheci a vida dos marginais (apesar de tudo, você era uma verdadeira marginal). É verdade, talvez não possa esquecer. Preciso esquecer, esquecer.

— ...

— Nunca me senti preso ao passado. O que estará acontecendo comigo? Minha vida era um presente sem maior cuidado. A descoberta da cruz deu-me um futuro, mas não sei como realizar esse futuro. Oh! esta pressão do passado, passado recente, é de ver! Quem me libertará do passado, quem?

— ...

— Ninguém, só eu. Só eu poderei me libertar do passado. daquelas noites — oh! aquelas noites do passado! — em que tive você plenamente, sem qualquer restrição ou resistências, como eu, na verdade, queria. Eu não queria a cruz, mas encontrei a cruz e, agora, que fazer com ela, ou que fazer de mim?

— ...

— Tenho de esperar que o dia amanheça. Só ao clarear do dia é que se abrirá a porta da igreja e poderei rezar, pedir a Deus que me dê um rumo, um destino.

— ...

— É curioso, sim. Por que será que nunca me lembrei de rezar, de pedir? É preciso pedir, pedir. Agora, sei. Nunca pedi pelo pudor de pedir. Ou porque sabia o que os outros pediam. E o que os outros pediam me repugnava: bens, só bens terrenos. Nada, além disso. Assim, como pedir sem cair no ridículo dos outros?

— ...

— Devo pedir, insistir, voltar a insistir, insistir sempre. Mas como é que você quer que eu peça, se não sei pedir? Vou pedir, quando a porta já não for um obstáculo, vou pedir. Também não sei rezar. Talvez saiba, mas à minha maneira.

— ...

— Talvez eu rezasse assim: “Deus, eu quero. Quero com todo o meu querer. Quero que me dê um rumo, um destino para a cruz que descobri dentro de mim. Quero!” Preciso falar na primeira pessoa, usando o pronome: eu, eu quero. Ele deve saber que sou eu que quero. E não um outro qualquer. Não, não sou diferente dos outros. Talvez seja diferente porque possuo aquilo que falta a muitos outros, e outras coisas não quero ter. É claro. Preciso dizer eu, apenas para que saiba que sou eu, e não outro. Não porque seja diferente. “Deus, eu, eu quero um rumo, um destino para a minha cruz ou para mim mesmo. Não ouviste? Eu, eu quero. Estás ouvindo? EU, eu quero. Desculpa... Melhor, perdoa, porque estou bêbado. Bebi, não sei por quê, mas bebi. Ela — ainda a quero. É verdade, em segredo te digo: ainda a quero. Eu a quero, mas não devo mais, não posso mais querê-la. Agora, só quero a minha cruz. Dê um rumo, um sentido, por favor — eu, eu te peço, para a cruz dentro de mim.”

— ...

— Você acredita que desta maneira eu estaria salvo? Ele

me ouviria? Ótimo. E me responderia? Ele me mandaria um sinal? Ótimo. Mas como reconhecer esse sinal? Você sabe?

— ...

— Para você não existe a menor dificuldade. Você é um espírito valeroso, não eu. Extravio-me em coisas de não se dizer. Sempre me extraviei. Houve alguém que viu. E é verdade. Faltava o nome. Alguém o encontrou: extravio, esse o meu reino. Quem terá sido grande como eu no mundo do extravio? Chega de extravio. Quero uma direção, um rumo, um sentido único.

Ergueu a perna esquerda, sentou-se. Virou o corpo e se estendeu ao longo de um degrau da escada, as mãos debaixo da cabeça. E encetou um segundo monólogo:

“Se fosse humilde de espírito, meu seria o reino dos céus, e eu não seria um desventurado. Se pudesse chorar, eu receberia consolo, e não seria um desventurado. Se fosse manso, eu herdaria a terra, e não seria um desventurado. Se tivesse fome e sede de justiça, eu conheceria a saciedade, e não seria um desventurado. Se pudesse ser misericordioso, eu alcançaria a misericórdia, e não seria um desventurado. Se pudesse ser limpo de coração, eu veria a Deus, e não seria um desventurado. Se fosse um pacificador, chamar-me-iam de filho de Deus, e eu não seria um desventurado. Se fosse perseguido por causa da justiça, meu seria o reino dos céus, e eu não seria um desventurado. Se fosse injuriado, perseguido e caluniado por causa de Deus, eu não seria um desventurado. Não, não posso nem me regozijar, me exultar porque não tenho galar-dão algum nos céus, nem me lembro dos profetas perseguidos antes de mim, porque nunca fui perseguido.”

Em seguida, retomou o diálogo:

— ...

— Decorei o Sermão da Montanha há muito tempo.

Não, não me toca profundamente como poderia parecer. Nem sei por que o decorei. Ah! sim, foi um castigo que me deram no colégio: copiar cem vezes o Sermão da Montanha. Isso mesmo. Há um conteúdo material demais nesse sermão. Para a vida prática, soa bem. Não para mim, que descobri a cruz.

— ...

— Mero exercício cerebral. Sou um grande desventurado. Não, como os outros. Para estes, vale exatamente o que eu disse.

— ...

— É claro que sou igual aos outros em muitas coisas. Noutras não, porque não tenho os mesmos problemas. Se tivesse, é certo que o sermão seria válido também para mim. Só que não posso recuar, voltar atrás para ter os problemas que os outros têm. Seria pura perda de tempo. Você sabe tanto quanto eu, não é?

— ...

— Está bem. Você tem razão. Esta cruz é minha. O caminho que procuro deve ser meu, com uma pequena diferença: minha salvação só pode interessar a mim mesmo e a mais ninguém.

— ...

— Porque preciso conversar com você. Honestamente, agora só quero conversar. Não conheço o seu marido, nem quero conhecer. Ele não diria nada? Bem, como é que poderia dizer, não é? Respeita o seu passado? Ótimo. Que mais posso dizer? O que preciso que você me diga é a maneira pela qual eu poderia me salvar.

— ...

— Não sabe? Pois eu também não sei. Só que há uma coisa a mais: tenho medo de nunca saber. Ou de saber só quando não tiver possibilidade de descobrir o caminho en-

tre mim e a cruz dentro de mim. Oh! o dia (ou a noite) em que puder erguer a minha cruz como um troféu e oferecê-la a Deus. Só neste momento, estarei salvo.

De repente, dormiu. Dormiu como só os santos e os bêbados podem dormir.

Seu nome: Frederico Cristiano. Na mão direita, uma mala. Na mão esquerda, nada. Sua atividade: vendedor ambulante. A mala continha bíblias. Estas não pesavam nada. Frederico Cristiano caminhava pela rua de uma cidade do interior. A certa altura, parou. À sua direita, uma casa. Resolveu chegar. Aproximou-se, abriu o portão de ripas de madeira, subiu três degraus de uma escada de cimento e bateu à porta da casa. Um homem — mas que olhar o olhar daquele homem! — abriu a porta.

— O senhor entre, por favor.

Frederico Cristiano compreendeu que não deveria entrar. Um temor que nasceu em seus pés, tomou conta de seu corpo, acabando por situar-se numa região de si mesmo que desconhecia inteiramente. O homem repetiu, sem qualquer hostilidade:

— O senhor entre, por favor.

Frederico Cristiano achou melhor contornar o problema que ele mesmo havia criado.

— Talvez eu possa mostrar-lhe as bíblias aqui mesmo. Talvez o senhor nem queira comprar.

Mas o homem repetiu:

— O senhor entre, por favor.

Frederico Cristiano não teve outra alternativa senão entrar. Mas não queria entrar. Se pudesse, ou se não fosse o escândalo, fugiria correndo daquela casa e daquele homem. Mas, era tarde. Deu alguns passos e viu-se num lugar que condizia em tudo com o homem que o habitava. A peça —

mas não era uma peça — tinha o frescor de uma caverna construída na rocha. Frederico Cristiano, que vinha com o corpo molhado de suor, não gostou do ar do ambiente. Mas tudo não passou de um mal-estar de poucos segundos. Frederico Cristiano não sabia onde estava, nem queria saber. Teve o pressentimento de que não havia paredes naquela sala — mas seria mesmo uma sala? Também não viu nada em que pudesse sentar-se. Não viu nada daquilo que estava habituado a ver: poltronas, cadeiras, uma pequena mesa de centro, um rádio, cinzeiros. De quadros e retratos, nem falar. Frederico Cristiano não tinha coragem de erguer a cabeça para certificar-se.

O homem voltou a falar. Que voz era aquela e de onde vinha? Seria uma voz humana? Viria mesmo daquele homem?

— O senhor sente-se, por favor.

Frederico Cristiano quis falar. Dizer que não via nem cadeira, nem poltrona, nem nada e que assim não poderia sentar-se. Sem querer, porém, ele se voltou. E viu atrás dele uma cadeira de espaldar alto. O homem perguntou:

— O senhor é vendedor ambulante?

Frederico Cristiano achou que era melhor liquidar aquele assunto de uma vez, para mais rapidamente libertar-se daquele homem:

— Vendo bíblias. O senhor quer comprar?

O homem pareceu não fazer caso da pressa do vendedor ambulante.

— O senhor está chegando ou já se encontra há tempos na cidade?

Frederico Cristiano respondeu o mais depressa possível:

— Cheguei hoje à tarde.

E continuou:

— O senhor quer comprar?

A pressa de Frederico Cristiano e a tranquilidade daquele homem formavam um estranho e curioso ritual. E o possível comprador de bíblias não parecia ter muito interesse em comprá-las. Como neste momento, o vendedor não parecia muito interessado em vendê-las, mas apenas em deixar aquela casa o mais rapidamente que pudesse. Conhecendo — e muito bem — a situação em que se encontrava Frederico Cristiano, aquele homem divertia-se fazendo-lhe perguntas tolas.

— O senhor, de onde é que veio?

Sem qualquer demora, Frederico Cristiano respondeu:

— Da capital. O senhor quer?...O senhor compreende, preciso procurar outras pessoas.

— Quantas bíblias o senhor vende, em média, por dia? Conheci um vendedor ambulante que chegava a vender até cem por dia.

— Não sou tão bom vendedor ambulante assim. Vendendo, no máximo, umas vinte ou trinta. O senhor quer?...

O homem parecia não querer desistir tão depressa de suas brincadeiras.

— Há muito tempo que o senhor trabalha vendendo bíblias?

Frederico Cristiano teve vontade de reagir, de desfazer o pesadelo que o perturbava, mas faltou-lhe coragem. E limitou-se a responder:

— Há um mês, mais ou menos. Não me lembro bem.

— Mas devia lembrar-se. Esse é um trabalho bastante sério para que a gente possa esquecer-se tão facilmente da data em que o iniciou.

— Infelizmente esqueci-me do dia exato. Não sei

bem. O senhor não quer ver as bíblias? Tenho-as de diversos formatos.

— Isso é mesmo muito importante. Há pessoas que não podem ler os tipos miúdos demais. Para estas sempre é bom ter bíblias com tipo maior. Não é isso?

Uma impaciência nervosa começou a tomar conta de Frederico Cristiano.

— O senhor desculpe, mas eu tenho pressa.

— Ora, meu amigo, um vendedor ambulante não pode ser assim tão apressado. O senhor não acha preferível falar a uma pessoa até fazê-la comprar do que falar com vinte, mas tão apressado, que nenhuma delas compre uma bíblia?

— É possível. É possível. O senhor vai comprar ou não?

— O senhor precisa me dar tempo para resolver. Nós aqui do interior não somos tão apressados como vocês lá da capital. Aqui ainda sabemos usufruir do tempo. Gostamos de ver o tempo passando. As nossas decisões, por menores que sejam, são tomadas com toda a tranquilidade possível. Por que precipitar as coisas, não é? E, mesmo, não adianta ter pressa. Quantas pessoas não morrem por dia, lá na capital, em acidentes de automóvel? São dezenas, se os jornais não mentem. O senhor pode verificar: nesses casos sempre a pressa é a única culpada. Não fosse a pressa...

— O senhor deve compreender.

— É claro que posso compreender. Só que leva um certo tempo para compreender. Desconfio muito das pessoas que dizem compreender tudo à primeira vista. Elas estão aí na mala?

Frederico Cristiano pareceu perturbar-se um pouco:

— Elas, quem?

— Ora, as bíblias. Decidi vê-las. Isso se sua pressa me deixar vê-las.

— Ah! sim. Estão. O senhor quer vê-las? Talvez nem queira.

— Como não? Já lhe disse que decidi vê-las. Alguma dificuldade?

— Não.

— Então por que não me mostra as bíblias? É o senhor que está com pressa, não eu. Tenho todo o tempo para isso.

Mesmo não acreditando naquele estranho comprador, Frederico Cristiano abaixou-se para abrir a mala. Surpreendeu-se, porém, ao ver que esta já estava aberta. Procurando esconder de si mesmo a surpresa que o dominara, pegou um exemplar. Contudo, ao estendê-la ao desconhecido, viu que este já tinha um volume nas mãos. E sorria. O desconhecido sorria. Frederico Cristiano teve dificuldade para dizer:

— O senhor desculpe, eu pensei que...

Sorrindo ainda, o homem procurou explicar o que era evidente por si:

— Fui eu que peguei uma bíblia de sua mala. Não me leve a mal, sim?

— Oh! não se preocupe.

Frederico Cristiano começou a sentir cada vez mais acentuado o temor que se localizara naquela região ignorada de si mesmo. O desconhecido falou novamente:

— Realmente, parece muito bem impressa. Mas não terá algum tipo de erro tipográfico?

O vendedor ambulante titubeou um pouco. Nunca ninguém lhe tinha feito uma pergunta como essa. Mesmo assim, respondeu:

— Não, acho que não. Aliás, não sei ao certo.

— Mas, pelo menos uma coisa o senhor devia saber: um erro tipográfico, num livro como este, é uma coisa muito

séria. Imagine só o senhor, o livro dos livros com erros como livros comuns!

— Oh! eu não tinha pensado nisso.

O homem guardou silêncio por alguns segundos que pareceram uma eternidade a Frederico Cristiano. Enquanto isso, ia folheando a Bíblia lentamente, como se examinasse. Finalmente, respondeu quase com violência:

— Pois comece a pensar.

Frederico Cristiano tentou uma reação.

— Mas...

— Não tem “mas” algum, meu amigo. O senhor não passa de um vendedor ambulante como os outros. Isso não pode ser. Não seria melhor examinar toda a Bíblia, antes de vendê-la? Pode se encontrar uma palavra trocada, uma letra errada, uma vírgula fora do lugar. E isso pode ter graves consequências para a fé dos leitores. Qual seria a sua situação se alguém viesse a perder a fé por causa de um erro tipográfico, ou mesmo alguém deixar de alcançar a fé pelo mesmo motivo?

— Sinceramente, não acredito que possa ter acontecido uma coisa dessas. É uma edição autorizada.

— Isso não quer dizer nada. Erros tipográficos podem ter escapado. Qual o linotipista que não é falível? Acho que isso não existe.

— Mas existem os revisores.

— Vale para os revisores o que disse dos linotipistas. Não compreendo como o senhor pode confiar tanto assim nessa gente. Infalível mesmo só existe um gráfico: o demônio. Isso porque o erro é seu elemento, não é isso?

— Não sei.

— Não insistirei mais. O senhor deve compreender. A sua responsabilidade é enorme.

Frederico Cristiano sentiu-se dominado por uma terrível desventura. O desconhecido parecia ter razão. Mas como é que nunca pensara numa coisa dessas? A Bíblia era a palavra de Deus. Não podia ter erros de espécie alguma. E, agora, que fazer senão revisar toda a Bíblia? Sim, era o que precisava fazer com a máxima urgência.

Estendido ao longo de um degrau da escada, as mãos debaixo da cabeça, Frederico Cristiano teve um sonho. Como uma sombra, seguia um homem. Este, por tudo, parecia um maltrapilho. Os olhos grandes de alucinado. O homem abriu lentamente e, com todo o cuidado, a porta de um barraco à margem do rio. Com toda a certeza, andava à procura de alguém. Descalço, os pés daquele homem não faziam o menor ruído. Ele chamou baixinho: “Ana”...e repetiu: “Ana, onde você está?” Nenhuma resposta, nada respondeu à pergunta daquele homem. O ruído de um rato que roía qualquer coisa fez com que ele se voltasse. E repetiu a pergunta: “Ana, onde é que você se meteu?”

O homem deixou o barraco e, enquanto andava, falava de si para si mesmo. “Não adianta se esconder. Eu encontro você. Garanto que recebeu uma bolada. É por isso que está se escondendo de mim, eu sei. Ora, por que não ia saber? Você pensa que sou um idiota? Garanto que descubro onde você se meteu. Paciência, só um pouco de paciência. Agora, vou ver se não está debaixo da ponte. Em algum lugar você deve estar. Já encontro você, calma. Calma, meu bem. Não se aflija. Estou indo a seu encontro. Que bolada que deve ter recebido! Ora, eu sei de tudo. O que é que a gente não fica sabendo numa cidade como esta, em que todo mundo sabe o que todo mundo faz, diz, ou pensa. Sei o que você está pensando. Garanto que sei. Quer que eu repita? Pois vou repetir: ‘Miro vai querer me tomar todo o dinheiro. Preciso me esconder senão

fico sem nada. Mas, ele vai me achar. E o que é que eu vou fazer?’ Você não vai fazer nada, Ana. Garanto que não vai. Se não me der o dinheiro, pior para você. Mas, eu sei mais. Você foi lá no escritório dele. Chegou e disse: ‘Quero bastante dinheiro se não eu digo que ela é minha filha. Aí, todo mundo vai ficar sabendo.’ Ora, Ana, não seja tola. Todo mundo sabe que ela é sua filha. Todo mundo finge não saber porque ele é rico. Ela não sabe. É a única que não sabe. Nunca ninguém disse a ela, nem eu. Mas eu podia ter dito. Você me pediu para eu dizer, mas não disse. Você sabe que eu não disse. E nunca vou dizer. Não quero estragar a vida dela. Você nem assistiu ao casamento. Eu assisti. Vi tudo. Você não viu nada. Estava podre de bêbada. Ôte casamento bonito! Se você soubesse... Olhe, Ana, não adianta se esconder. Tenha paciência, só mais um pouco, eu acho você.”

O maltrapilho parou de falar. Estava cada vez mais perto da ponte. Deixou a ponte de lado e meteu-se por um caminho que desce a barranca do rio. O caminho era estreito e sinuoso, mas ele conhecia muito bem o terreno em que pisava. Parecia, a todo momento, que ia cair. Mas seu andar é que era assim, balanceado. Agora, já tinha sobre ele, como um teto, o chão da ponte. Voltou a subir a barranca. Metida lá, entre a cabeceira da ponte e a parte mais alta da barranca, ela devia estar. Miro aproximou-se, com todo o cuidado. Não queria que ela fugisse. Não queria que ela gritasse. Alguém devia estar dormindo. Seria ela? Bem que podia ser. Mas, e se não fosse? Outros, como eles, também dormiam, às vezes, debaixo da ponte. Antes de chamá-la, precisava certificar-se direito. Como saber quem estaria dormindo ali? Miro debruçou-se sobre aquele vulto. Não era Ana. Era um homem. Continuou a andar e saiu pelo outro lado da ponte. E retomou o seu monólogo: “Então, debaixo da ponte você não

está. Isso não faz mal. Em algum lugar deve estar. Você gosta muito — eu sei — de brincar de se esconder. Eu sempre acho você. Sempre achei, por que não hei de achar agora? Vai ver que você está deitada no meio dos arbustos lá da praça. Daqui até lá é um pulo, Ana. Não se afobe, que estou indo. Não vou depressa. Pode tranquilizar-se. Não tenho pressa alguma. Esta rua dá direto na praça. Olhe, Ana, já posso ver as luzes da praça. Acho até engraçado você se esconder na praça. Será que tem tão pouca imaginação assim? Você é burra mesmo. Vou contar os passos daqui até a praça: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove... Não vou contar, não. É muito chato contar passos. Será que está com aquele vestido amarelo? Garanto que está. Foi o último que deram a você, não foi? Não vê que esta cor é horrível? Não lhe assenta. Quem foi que disse que ficava bem? Gente de barraco não entende nada de cores. Gente rica, sim. Esta entende e muito. Pensa que não vai me dar o dinheiro. Isso não se faz: esconder o dinheiro de mim. Não fosse eu, eu não sei o que seria de você. Estaria na vala comum há tanto tempo. Seus ossos misturados com outros ossos. Os pobres todos quando morrem continuam misturados como viveram. Na ressurreição vai ser uma graça a briga dos pobres por causa dos ossos. Quem for mais esperto, chegará a montar o seu esqueleto. Os outros, não. Não se incomode, Ana, que vou ajudá-la a montar seu esqueleto antes que os outros se apoderem de seus ossos. Você depende de mim. Sem mim, não existiria, nem na hora da ressurreição. E ainda quer esconder o dinheiro? Que coisa feia! Como se o dinheiro não fosse para você mesma. Estou chegando à praça. Estou chegando. Estou me aproximando do lugar onde você está, eu sei. Não... Ué, que será aquilo? Não é a Ana ali na escadaria da Igreja? Mas, há um homem deitado. Que diabo é aquilo? Não posso deixar assim. Não posso”...

Com extremo cuidado, para não ser visto, Miro aproximou-se lentamente da escadaria da igreja.

Frederico Cristiano caminhava pela rua de uma cidade do interior. Em sua mão direita, uma mala. Na mão esquerda, nada. Sua atividade: vendedor ambulante. A mala continha bíblias. Estas pesavam um pouco, só um pouco. A certa altura, parou. À sua direita, uma casa. Resolveu chegar. Aproximou-se, abriu um portão de ripas de madeira, subiu três degraus de uma escada de cimento e bateu à porta. Um homem — mas que olhar o olhar daquele homem! — abriu a porta.

— Oh! eu estava esperando pelo senhor!

Frederico Cristiano achou que estava havendo um engano. Por isso, perguntou:

— Por mim?

O homem respondeu:

— Sim, pelo senhor.

Sem dúvida que está havendo uma incrível confusão. Não conhecia o homem. Que história era aquela?

— Não pode ser. Como é que o senhor sabia?

— O senhor estava aqui, não faz muito.

Era demais. Frederico Cristiano ficava cada vez mais perturbado.

— Eu?

— Exatamente o senhor. Não se lembra do tempo que passou aqui revisando a Bíblia?

— Como é que posso me lembrar, se não estive aqui nunca.

O homem achou que era melhor mudar de conversa. Partindo desse ponto, jamais chegariam a se entender.

— Bem, isso não importa. E, depois, posso mesmo estar enganado. Essas coisas acontecem, o senhor sabe.

Frederico Cristiano pareceu dar-se por satisfeito. A

verdade é que um certo medo metera-se dentro dele, coisa que não pudera evitar, enquanto seu interlocutor insistia.

— O senhor sente-se. A cadeira é a mesma da outra vez.

Frederico Cristiano quis resmungar qualquer coisa, mas achou melhor não dizer nada. E sentou-se. O homem continuou:

— Ótimo. Então não há nenhum erro de revisão na Bíblia que o senhor está vendendo. Imagine só se houvesse...

Frederico Cristiano não entendeu nada, mas mesmo assim não deixou de dizer:

— Mas o senhor sabe, os revisores... A tradução também é muito boa. O senhor deve estar vendo na Bíblia que tem nas mãos.

O homem não se deu por achado.

— A tradução é uma coisa muito grave. Nem sempre as palavras de uma língua podem ser traduzidas com precisão. E, depois, os tradutores podem se enganar. É uma coisa bastante comum.

Frederico Cristiano metera-se por um caminho desconhecido. Mas, agora, não podia recuar.

— É claro que os tradutores podem se enganar. Mas não os que traduzem a Bíblia. Esses não se enganam nunca.

— Mas e se a tradução não for correta, quanta coisa grave pode se suceder, não é? Os que têm fé, podem perdê-la e os que não têm, podem deixar de alcançá-la. Não é isso?

— Não, não tinha chegado a pensar nos problemas da tradução. Contudo, estou seguro de que não deve ter havido engano algum.

— Se eu fosse o senhor, não estaria tão confiante assim. Sua responsabilidade é enorme. Se o senhor não fosse vendedor ambulante, não seria nada. Isto é, não teria responsabilidade alguma.

— O senhor acha que não devo continuar vendendo...

— Pelo menos em seu lugar eu não as venderia. O senhor conhece hebraico, grego?

— Sei mal e mal a minha língua. Não sou um homem erudito, como é que poderia conhecer línguas que ninguém mais estuda, nem nos colégios?

— Garanto-lhe que é uma pena.

— O senhor está querendo me impressionar. Não pode ser outra coisa. A Bíblia com erros de tradução, isso é impossível.

— Está bem. Já que não concorda comigo, nada posso fazer. Mas pense em sua responsabilidade.

— Mas o que quer que eu faça?

— Estude hebraico e grego. Isso é suficiente. Se o senhor tivesse uma alta noção de responsabilidade, estudaria aramaico também.

Pela primeira vez, em todo aquele diálogo, Frederico Cristiano sorriu:

— É evidente que o senhor está brincando comigo.

O homem respondeu sério:

— Não estou, não. Mas também não quereria estar em seu lugar, se alguém viesse a perder a fé por causa de uma tradução mal feita. Isso é horrível.

Frederico Cristiano pareceu entregar-se:

— Mas quem me garantiria que os dicionários são corretos, quem? O senhor? Teríamos de revisar primeiro os dicionários. Já pensou que trabalho estafante seria esse?

— É a única solução. Já lhe disse. Não existe outra.

— É... não há outra!

Ao dizer essas palavras, Frederico Cristiano sentiu-se dominado por uma enorme desventura. Para ele, o desconhecido tinha razão. Mas como é que nunca havia pensado numa

coisa dessas. E, agora, que fazer senão estudar a Bíblia no original? Sim, era o que precisava fazer com a máxima urgência.

Próximo à escadaria da igreja, Miro fazia sinais a Ana, mas esta fingia não vê-lo. Miro aproximou-se ainda mais. Certificou-se de que o homem estava dormindo a sono solto e criou coragem. Falou alto:

— Se escondendo de mim, bonito, não é? Já lhe disse que não adianta.

Ana respondeu:

— Fale baixo. Você vai acordar o moço. Não está vendo, então?

— Estou, sim. Ele lhe interessa, é?

— Não seja bobo, Miro. Quando cheguei aqui, ele já estava dormindo.

— Você não foi para o barraco. Querendo fugir de mim?

— Eu ia indo quando vi ele aqui. Você é um bobo. É isso o que é. Eu fugindo de um traste como você? Tem graça.

— Já viu se o padre deixou algum dinheiro para mim?

— Não vi. Não quero ver. Isso eu não faço.

— Mas ele deixa. Você sabe.

— Deixa porque da primeira vez você roubou a caixa de esmolas. Para você não pecar outra vez, é que deixa o dinheiro fora da caixa.

— Mas ele anda muito sovina ultimamente. Qualquer noite, roubo a caixa de novo.

— Se fizer isso, eu conto para a polícia. Aí eu quero ver a sua cara.

Miro dirigiu-se a uma porta lateral da igreja. Entrou e logo em seguida voltou sacudindo algumas moedas nas mãos.

— Não disse que este padre está ficando sovina?

— Quanto é que deixou?

— Sei lá.

— Me deixe ver.

Miro abriu a mão direita e Ana contou o dinheiro.

— São mil cruzeiros, seu bobo. E você acha pouco?

— Mil, dos velhos.

Ana fez um gesto de desgosto. Miro voltou a perguntar:

— Quanto é que o “papai” lhe deu hoje? Não adianta mentir. Eu sei de tudo.

— Se sabe, por que perguntaria?

— Quero que você mesma diga.

— Dez mil.

— Me dê o dinheiro.

— Não dou.

— Está bem. Não faz mal. Você não presta, sabe? Mas não me importa. Nada mais me importa. Vou embora. Amanhã de manhã eu pego o primeiro ônibus e vou embora. Uma ingrata é que você é.

— Não, Miro. Não faça isso.

— Faço, sim.

Frederico Cristiano caminhava pela rua de uma cidade do interior. Em sua mão direita, uma mala. Em sua mão esquerda, nada. Sua atividade: vendedor ambulante. A mala continha bíblias. Estas pesavam bastante. A certa altura, parou. À sua direita, uma casa. Resolveu chegar. Aproximou-se, abriu o portão de ripas de madeira, subiu três degraus de uma escada de cimento e bateu à porta. Um homem — mas que olhar o olhar daquele homem! — abriu a porta.

— Oh! Foi muito bom o senhor ter voltado.

Frederico Cristiano pareceu não entender:

— Voltado? Mas não estive aqui antes.

— Ora, se esteve. Como não?

— Eu?

— Exatamente o senhor.

— Perdão, mas deve haver um engano.

— Não. Não me engano tão facilmente. O senhor não se lembra de que passou aqui algum tempo, primeiro revendo a Bíblia e, depois, estudando grego e hebraico para rever a tradução?

— Perdão, mas...

— Ora, não se preocupe. São coisas que acontecem.

Que coisas eram essas que acontecem? O engano daquele homem, confundindo-o talvez com outra pessoa, ou o fato de não se lembrar de que estivera ali? Em todo caso, Frederico Cristiano tinha um começo de conversa e por ela se meteu.

— O senhor disse que foi bom eu ter voltado?

— Foi exatamente o que disse.

— O senhor está precisando de uma Bíblia? Posso vendê-la pelo preço antigo. O preço subiu, não sei se está a par dessa alta.

— Já possuo duas Bíblias que o senhor mesmo deixou aqui nas vezes anteriores.

— Oh! eu pensava...

— Não, não quero comprar nenhuma Bíblia. Já tenho duas, por que comprar mais uma?

— Perdão, eu não sabia.

O homem ficou em silêncio durante alguns segundos, talvez pensando sobre o que queria dizer e, por fim, falou:

— Meu problema é outro. Depois que Deus criou quase tudo diretamente, compreendeu que precisava do homem para lavar o solo e da chuva para que as plantas do campo pudessem brotar. Não lhe parece estranho esse fato? E as consequências, já pensou nelas?

— Não entendi muito bem o que quis dizer. Poderia repetir?

— O que eu quis dizer foi que houve uma mudança na atitude de Deus. Como se explica essa mudança?

— Por certo Deus achou que era melhor assim.

— Melhor, por quê?

— Não sei. Talvez quisesse fazer uma concessão aos fenômenos naturais. É bem possível.

— E também ao trabalho do homem?

— Certamente.

— Então o “ganharás o pão com o suor do teu rosto” não tem o sentido que muita gente lhe atribui?

— Não sei. O senhor sabe que não entendo dessas coisas.

— Bem... ao fazer aquela concessão, Deus, de certa maneira, teria começado a se ausentar do mundo, não acha?

— Acho isso um absurdo.

— Mas e se o homem não lavrar a terra?

— Foi uma concessão. Só pode ter sido e o senhor concordou com isso. Esse fato não diminui a dependência de Deus em que o homem se encontra.

— Mas faz, pelo menos, com que o homem se esqueça de Deus. Quando não chove, o homem se dirige às estações meteorológicas para saber se vai chover ou não. Jamais pensa em Deus como aquele que faz chover. Deus é o único culpado de tudo e não o homem. É claro que me refiro ao Deus do Gênesis. Acho que está compreendendo.

— Não, não estou compreendendo coisa alguma. Para mim, é Deus quem faz chover.

— E o trabalho do homem é ou não é um castigo de Deus?

— Trata-se de uma consequência da queda original.

— Talvez. No entanto, o trabalho estava previsto desde antes da queda do homem.

— Por que é que o senhor está me falando nessas coisas?

— Você é vendedor ambulante, não é?

— Sou. E daí?

— Então, o senhor não liga as coisas. O texto a que me referi pode dar motivo a dúvidas. E isso seria terrível.

— Só duvida quem não tem fé.

— Uma pessoa que tem fé e lê este texto pode começar a duvidar e isso é terrível, não acha? Por fim, essa pessoa acaba perdendo a fé. E quem será o responsável? O senhor, que lhe vendeu uma bíblia.

— Não. Isso é absurdo.

— Talvez.

Frederico Cristiano acordou com a impressão de que alguém tocara em seu corpo. Ao acordar, sentou-se na escada. Pareceu-lhe ver um homem em disparada na direção da praça. Contudo, sua surpresa foi maior ao ver ao lado dele uma mulher... Ele não pôde deixar de sorrir:

— Desculpe, eu estava dormindo.

— Como se eu não soubesse? E já fazia tempo. Este lugar não é muito bom para se curtir um porre. Em todo caso...

— Foi mesmo. Só não sei como é que vim parar aqui. Lembro-me de que comecei a beber num bar.

— Já sei. A gente sempre se esquece. Comigo também é assim.

— Tive a impressão de ver um homem correndo.

— E viu mesmo. Foi o Miro. Eu disse que não mexesse em seus bolsos. Não adiantou. Sabe o que faz com o dinheiro?

— Como é que eu posso saber?

— Entrega todo o dinheiro para o alemão.

— Quem é o alemão?

— É um alemão, ora gente.

— Não sabe o nome dele? Todas as pessoas têm nome. Ele não tem?

— Tem, mas eu não sei. O Miro sabe. Deixe eu ir buscar esse traste. Ele se escondeu lá atrás do monumento, como se eu não soubesse.

— E o alemão, que faz com o dinheiro?

— Deposita na Caixa Econômica.

— Assim é melhor.

— Miro diz que é para quando nós ficarmos doentes, que a gente precisa de dinheiro para remédio. O senhor quer me fazer um favor?

— Se puder.

— Vai lá perguntar para o alemão quanto é que tem de dinheiro.

— Não, isso não posso fazer. Não conheço esse homem. Não sei como é o nome dele. E a esta hora...

— Vou chamar o Miro. Ele também não sabe. E tem vergonha de perguntar. O senhor poderia...

A mulher foi até a praça e voltou trazendo o seu companheiro.

— Ana me disse que o senhor quer saber o nome do alemão.

— Francamente, isso não me interessa.

— O nome dele é Henrique, sabe? O senhor vai lá, não vai?

— Não vou, não. Todo mundo está dormindo a esta hora.

— Ele não dorme.

— Ele passa a noite toda lendo. O senhor quer ver? A gente pode olhar pelo lado de fora da janela.

Sem nada para fazer e ainda meio tonto, Frederico Cristiano deixou as escadarias da igreja, ladeado por aqueles dois maltrapilhos. Eram as únicas pessoas a andar pelas ruas da cidade naquela madrugada.

Quase ao fim de uma rua, pararam diante de uma casa de madeira. Miro passou o portão de ripas e deu uma volta na casa. De lá, começou a fazer sinais chamando Ana e Frederico Cristiano. Estes entraram. Quando deram a volta na casa, Frederico Cristiano viu uma luz numa janela. Miro bateu de leve na vidraça. Uma voz sem sotaque estrangeiro se fez ouvir:

— Pode entrar, Miro.

Andaram uns trinta passos — a casa era enorme — e entraram direto na cozinha. Miro, na frente, ia dizendo:

— É por aqui, por aqui... Henrique vai gostar, muito.

Deixaram a cozinha para trás, meteram-se por um corredor escuro, alcançaram uma sala, possivelmente de jantar, dobraram à direita e entraram numa biblioteca. De costas para eles, o homem lia um jornal, ou coisa parecida. Miro fez ruído para que o homem percebesse que tinham chegado. Henrique voltou-se.

— Ora, temos visita. Quem é este senhor, Miro?

— Não sei. Estava dormindo na escada da igreja.

Frederico Cristiano adiantou-se:

— Meu nome é Frederico Cristiano. Estou na cidade apenas de passagem. Espero que não se incomode de termos vindo a esta hora.

— Meu nome você já sabe, não é? Já lhe disseram, não? Eu me chamo Henrique Stirner. Sente-se, faça o favor.

A cadeira que Henrique ofereceu a Frederico Cristiano era uma cadeira de espaldar alto. Bem, Frederico Cristiano não se lembrava de nada. Miro e Ana sentaram-se no chão.

— Desculpe, mas estou aqui a pedido deles dois.

— Oh! não diga.

— Pois é. Eu me sinto ridículo, mas não posso deixar de atender ao pedido deles.

Gracejando, Henrique perguntou:

— Deve ser uma coisa muito importante, então?

— Para eles, deve ser. Querem saber quanto é que tem depositado na Caixa Econômica.

Dirigindo-se ao Miro, Henrique disse:

— Ora, Miro, você foi incomodar este homem só por isso?

— Sempre quero perguntar, mas tenho vergonha.

— Mas não tem vergonha de trazer o dinheiro.

Henrique abriu uma gaveta de sua mesa, tirou uma carteira de depósitos, abriu numa certa página e disse:

— Sete mil e duzentos e vinte e dois cruzeiros e trinta centavos.

Neste momento, Miro, lembrando-se do dinheiro que trazia, levantou-se e falou:

— Seu Henrique, aqui tem mais.

— Está bem. No fim de semana, depósito para vocês. Agora, podem ir que quero conversar com Frederico Cristiano. Se quiserem, pode comer alguma coisa na cozinha.

Miro e Ana saíram com o mesmo cuidado com que haviam entrado. Henrique comentou:

— Nunca vi uma amizade tão grande como a desses dois. E, no entanto, vivem brigando como gato e cachorro. Sabe de uma coisa?

— Não.

— Você esteve aqui ainda há pouco.

— Eu?

— Foi uma brincadeira. Gosto de andar à noite pela cidade. Vi quando deixava o bar e sentava-se num banco da

praça. Confesso que simpatizei, de cara, com você. Depois, sentado aqui nesta cadeira, fiz com que viesse até aqui oferecer-me bíblias. Isto é, meti-lhe na condição de vendedor ambulante. Foi apenas uma brincadeira. Não repare.

— E como é que saí disso tudo?

— Você reagiu bastante. Eu não esperava outra coisa.

— Reagi a quê?

Henrique reproduziu os diálogos que tinham tido. Frederico Cristiano ficou bastante pensativo. Não se contentando, perguntou:

— Você é alemão mesmo?

— Sobra de guerra, compreende?

— Compreendo.

— Um pouco antes de ser convocado, eu tinha renunciado minha condição de pastor. Não pude conciliá-la com as dúvidas e problemas que me assoberbavam e que ainda me assoberbam, não obstante ter alcançado uma certa clareza a respeito de alguns pontos essenciais. Bem, na frente ocidental tive uma perna estraçalhada por uma granada. A perna foi recomposta. Posso andar, mas não mais do que isso. Como passei a receber uma pensão do governo da República Federal, retirei-me para cá. E aqui vivo com os meus problemas, inteiramente só, com um casal de empregados que vem todos os dias e Miro e Ana, que às vezes também batem aqui.

— Os problemas foram reproduzidos no diálogo do qual participei como personagem?

— Só os problemas iniciais. No decorrer do tempo, a coisa se complicou bastante. Você deve estar muito cansado, não?

— É verdade. Acho que foi a bebida ou o fato de eu ter dormido um pouco na escadaria da igreja.

— Tenho um quarto sempre arrumado, para o caso de alguém precisar dormir aqui. Vou lhe mostrar o quarto.

— Minha mala está lá no hotel. Seria melhor...

— Não se incomode. Mandarei buscar sua mala logo que amanheça.

— Não sei se devo.

— Ora, não se preocupe.

Logo que despertou, Frederico Cristiano sorriu a uma ideia que lhe surgiu na cabeça. Não podia compreender porque é que há gente que combate a bebida. Com toda certeza, só os tímidos e os incapazes não bebem. Quando a gente se embriaga, nunca sabe aonde vai dar com os costados, quais as consequências, que descobertas são possíveis, como a descoberta daquele homem em cuja casa tinha dormido, depois de me jogar na cama com roupa e tudo, tão cansado estava. Ao olhar para os lados, Frederico Cristiano viu uma pequena mesa e sobre ela a sua mala. Numa cadeira havia toalhas. Foi uma sugestão imediata para um banho. Só que não sabia onde ficava o banheiro. Levantou-se, arrumou os cabelos, abriu a porta do quarto e, quando alcançava o corredor, um homem já idoso, possivelmente de origem alemã, depois de cumprimentá-lo, perguntou:

— O senhor procura o banheiro, não é?

— Sim, senhor.

— Faça o favor de me acompanhar, que lhe mostro onde fica.

O banheiro ficava numa dependência, ligada a casa por um estreito corredor fechado com paredes de madeira. Ao deixar Frederico Cristiano, o velho informou:

— Seu Henrique espera o senhor para o café.

— Muito obrigado. Irei logo após o banho.

— Ele toma o café na própria sala de estudos. É lá que espera o senhor.

— Muito obrigado.

Pouco mais tarde, Frederico Cristiano e Henrique to-

mavam café na sala de estudos e conversavam. O primeiro contou ao segundo a ideia que tinha lhe ocorrido quando ainda estava deitado. Henrique comentou:

— Muito curioso. Geralmente se diz o contrário, que os tímidos é que bebem. Em todo o caso...

— É claro que essa ideia não significa nada.

— Eu diria que todas as ideias que nos ocorrem significam alguma coisa porque geralmente são nossas, nascem de nós, de nossa maneira de ser. Segundo Dostoiévski, que você deve conhecer, todos os homens são parricidas em potencial. Isso assusta um pouco. No entanto, se os homens fossem inteiramente sinceros não sei o que aconteceria. Mas, esta experiência — é apenas um ponto de vista — deveria ser tentada. Não sei como, nem por quem, nem quando, mas acho que deveria. Pelo menos neste momento o homem chegaria a conhecer o homem de uma maneira integral. Seria fácil assim encontrar os remédios certos para os males certos.

— Isso me assusta. Será que sou mesmo um bêbado em potencial?

— Não, acho que não. É o desespero que o leva a beber, ou a importância para encontrar a solução que procura. Aliás, pode ser isso. Estou supondo, apenas.

— De fato, é.

E Frederico Cristiano contou a Henrique toda sua história desde a subida do morro da cruz. O último fez um semblante bastante grave, mas não disse senão:

— Logo mais eu conversarei com você sobre este problema.

— Talvez eu não devesse preocupá-lo...

— Ora, não foi por isso que sugeri deixarmos para depois a análise de seu problema. É que isso tem certas implicações. Bem, depois falaremos sobre o assunto.

— Ontem à noite você me disse que foi pastor?

— Certo. Dúvidas e problemas me fizeram renunciar a essa condição. Procurei, com esse gesto, ao menos ser sincero comigo mesmo e com a minha comunidade. Como é que poderia dizer aos meus fiéis, por exemplo, que o Deus do Antigo Testamento não passa de uma imagem de Deus, projetada pelo povo judeu? Eles me entenderiam? Não, nunca. Pior ainda se lhes dissesse que Deus não é o Deus do Antigo Testamento. Quereriam forçosamente outra imagem em substituição à primeira, não é?

— Bastaria talvez que lhes dissesse que Cristo é a única imagem do Deus invisível.

— Se dissesse isso, eu daria de cara com um problema muito mais complexo, que são a relação entre dois Testamentos. Ao contrário dos católicos, não sei se você sabe, os protestantes leem a Bíblia. Isso dá lugar a complicações terríveis para os pastores. Não é fácil, como se poderia pensar.

— Posso lhe fazer uma pergunta?

— Claro.

— Esse problema da imagem, como é que você o coloca?

— Nenhuma dificuldade...

Henrique pegou uma bíblia que tinha em cima de sua mesa de estudos, abriu-a e continuou a falar:

— Ouça esta passagem: “...então se arrependeu o Senhor de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração.” Afinal de contas, trata-se aqui de Deus ou de um homem como qualquer outro? Parece que se trata mesmo de um homem. Só o homem pode se arrepender e tornar-se melancólico.

— Você se esquece de que eram homens falando de Deus.

— Pois aqui é que está o nó górdio do problema. Nenhum homem pode falar de Deus.

— E o que disse Heidegger? que eu li não me lembro onde...

— Você se refere à interpretação daquele texto de Hölderlin?

— Isso mesmo.

— “Os deuses somente podem ser nomeados quando eles mesmos dialogam conosco e a nós dirigem suas reivindicações.” É esse o trecho?

— Perfeito.

— Como é que o homem pode ter a certeza de que é Deus mesmo que está se dirigindo a ele? Nesse terreno as possibilidades de engano são infinitas, como são infinitas as imagens de Deus. Vamos ficar, por enquanto, no problema da imagem. Depois, iremos adiante. Não acha melhor assim?

— Já que você quer.

— Logo após o dilúvio, à medida que a crônica do povo hebreu se desdobra em gerações, a imagem de Deus particulariza-se cada vez mais, o que não acontecera de Adão ao tempo do dilúvio quando Deus não estava a serviço de ninguém. Essa particularização chega a um nível espantoso com a circuncisão, uma nova forma de aliança com Deus. Você, por certo, lembra-se de que houve uma aliança anterior. E Deus começa a resolver todos os problemas. É um Deus a serviço de um povo. Dá um filho a Abraão. Aconselha Isaac a não descer ao Egito. Promete terras a Jacó. Luta com este, corpo a corpo etc. Acho que não é preciso mais do que isso. Você, pelo menos de certa maneira, deve conhecer a Bíblia.

— Conheço melhor o Novo Testamento.

— Neste ponto, os católicos são mais felizes do que nós, os protestantes. Você sabe que os judeus sofreram muito com o nazismo.

— Sei.

— Pois a imagem que os nazistas tinham de Deus não era diferente da imagem do Deus dos hebreus. Parece curioso, não é? Eu me lembro de que os nazistas diziam que Deus era nazista. Para mim, os judeus foram vítimas de uma “ironia teológica”, se assim se pode dizer. Isso não implica uma falta de respeito pelo sofrimento de ninguém, não pense assim. Mas que houve uma “ironia teológica” nesse fato, houve.

— O que me parece é que está influenciado até a medula pelas novas correntes da teologia.

— Nisso você está redondamente enganado. Sabe o que eu quis dizer, exatamente o que eu quis dizer?

— Não. Mesmo porque é a primeira vez que eu entro em contato com alguém que pensa como você.

— Que é inteiramente noite no caminho do homem para Deus. Observe você: primeiro houve o politeísmo. Depois, um só Deus, mas inúmeras imagens de Deus. Depois, o cristianismo, isto é, Cristo como a imagem de Deus. E, finalmente a destruição da imagem de Deus porque Cristo quis significar com a imagem que era o próprio Deus. Só dessa maneira se poderá alcançar a fé absoluta.

— O que você devia fazer era escrever um livro sobre o assunto.

— De jeito nenhum.

— Por quê?

— A confusão já é grande demais nesse campo. Seria apenas um livro a mais nessa mixórdia que está aí. Não, jamais eu viria a escrever sobre os meus problemas. Meus problemas, eu os vivo. Eles serão a minha justificação diante de Deus, não os meus livros. Agora, vamos dar uma volta à beira do rio, antes da chuva. Felizmente, não há sol hoje. O verão aqui é de torrar a gente. Não sei se você percebeu, durante o verão chove todas as tardes. Vamos?

— Ótima ideia. Acho que preciso esticar um pouco as pernas. Não gosto de ficar muito tempo sem andar.

Quando já estavam na rua, Frederico Cristiano percebeu que Henrique puxava um pouco da perna esquerda. Contudo, afora isso, nenhuma dificuldade para andar. Eram raras as casas naquele extremo da cidade. Aos poucos, andando ao lado de cercas, de terrenos abertos cheios de macegas, a rua terminando em caminho, chegaram à barranca do rio. Rio largo, grande, bonito... Henrique não se conteve:

— Esse rio me lembra muito o meu velho Neckar, a fonte do romantismo do meu país. Pode o romantismo ter sido uma distorção, como muita gente diz, mas a verdade é que não é fácil libertar-se dele. Também todo mundo, aos vinte anos, é mais ou menos romântico. Sabe de quem é aquela indústria que aparece lá embaixo?

A um aceno negativo de cabeça de Frederico Cristiano, Henrique continuou:

— É do pai de Silônia. Certamente é o homem mais rico daqui. Por isso é que pôde se dar ao luxo de passar alguns anos numa experiência estranhíssima, naquele morro. Aliás, para mim, ele é um homem muito estranho. Esperteza e fanatismo parecem ter se unido na natureza dele. Mas é muito difícil chegar a conhecê-lo. Ele se protege muito. Agora, resolveu escolher um advogado para genro. E foi o que ele quis. Não pense, porém, que a filha se submete muito facilmente. Aliás, você a conhece muito bem. Uma coisa, porém, ele consegue: fazer com que a filha faça o que ele quer, pensando que é ela que quer.

— E a vida dela lá no morro da cruz? Não é possível que ele tenha querido uma coisa dessas.

— Sinceramente, isso eu também não consigo entender. De qualquer maneira, vou pensar numa possível explicação. De uma coisa, porém, estou certo. Fará tudo para não

deixar que a filha se aproxime das pessoas que conheceu lá no morro, agora que ela está casada com alguém que deve substituí-lo na direção da empresa. Seria conveniente que você evitasse um possível encontro com Silônia.

— Faz tempo que ela se casou?

— Umas duas semanas, mais ou menos. Também recebi um convite. Achei que não devia ir, mas, mesmo assim, mandei umas flores. Simpatizo muito com Silônia, mas nem tanto com seu marido.

— E a mãe dela?

— Já esperava por essa pergunta. Você conhece a mãe dela. É a Ana.

— Não!?

— Parece incrível, não é?

— Puxa, é difícil de acreditar.

— Ana, quando moça, era professora e foi seduzida por ele. Esperava que se casasse com ela. Não sei com que artimanhas, tirou-lhe a filha. Ela acabou nisso que você viu. Ele ofereceu-lhe dinheiro. Durante muito tempo, ela resistiu. Depois, Miro fez com que ela visse que iria precisar de dinheiro quando ficasse velha e doente. Essa é a história.

— O que custava ele ter se casado com Ana?

— Dizem que não se casou porque fez uma promessa ao pai, de que nunca se casaria. Parece que o pai dele foi o infeliz no casamento. É o que todos contam aqui. Engraçado é que todo mundo sabe que Ana é a mãe de Silônia, mas ninguém fala nisso. Todos têm medo dele. A única que não sabe é Silônia. E é preferível mesmo que nunca venha a saber. Ana não lhe pediu que falasse com Silônia a respeito disso?

— Não, ela não sabe por que vim.

— É melhor mesmo que não saiba. Não sei o que poderia acontecer.

— Você conhece a história de toda gente aqui?

— Mais ou menos. Até onde se pode conhecer a vida dos outros. Uma coisa garanto a você: um romance sobre a vida da gente desta cidade daria algo assim como os romances de Dostoiévski.

— Não.

— Exato. Exclua o elemento social dos romances de Dostoiévski, todo o trágico desaparece.

— É um ponto de vista exclusivamente pessoal.

— Nem pretendo compartilhar esse ponto de vista com ninguém. É uma coisa mesmo que talvez eu não tivesse a coragem de escrever. Mas é o que penso.

— Como é lindo isso aqui!

— Lindo mesmo!

Andaram algum tempo em silêncio, cada um se deleitando com a paisagem, à sua maneira. Frederico Cristiano sentiu que todo o seu mundo interior se transformava num turbilhão. Sem querer, metera-se de cabeça num segredo, talvez num drama, que por certo seria melhor nunca ter conhecido. Prevendo talvez o que se sucederia com ele, é que Henrique o trouxera à placidez das margens do rio. Aqui não seria tão perigoso contar-lhe tudo o que sabia a respeito de Silônia, a sua amada lá do morro da cruz.

Quando já voltavam sobre os próprios passos, por sugestão de Henrique, este perguntou a Frederico Cristiano:

— Você sabe como seria o seu diálogo com o padre se este tivesse encontrado você hoje pela manhã à porta da igreja?

— Não, mas...

— Conheço muito bem o padre e você o suficiente para reproduzir aqui um diálogo entre vocês dois. Gosto muito de fazer esse tipo de exercício. Peça-lhe que não repare. Mas o diálogo seria este:

— Perdão, dormi sem querer. A porta estava fechada, o senhor sabe...Não pude entrar.

— Ora, que pena. Há uma porta lateral que sempre deixo aberta para esses casos.

— Que casos?

— De alguma pessoa procurar o Senhor à noite. Isso acontece. As pessoas geralmente se constrangem de me procurar para pedir que venha abrir a porta da igreja. Todos aqui sabem que deixo aberta a porta do lado. Mas você não é daqui?

— Não.

— Não quer entrar agora?

— Não sei.

— Você deve estar muito cansado. Talvez seja melhor ir tomar um banho e descansar um pouco.

É de surpresa o olhar que você dirige ao padre. Este percebe:

— Ora, não se surpreenda. Como é que poderia concentrar-se em Deus, cansado como deve estar e com os ressaibos desta noite aí na escada a incomodá-lo, não é?

— O senhor tem razão. Só não esperava...

— Não se preocupe. É preciso, quando se pode, cuidar também do corpo. Muitas vezes, nosso corpo não nos deixa rezar. Isso acontece muito mais do que a gente pensa.

Sempre tivera dificuldade em ajoelhar-se. Quando se ajoelhava, noutro tempo muito recuado, doíam-lhe os joelhos. Não se sentia bem. Mas tinha receio de não fazer o que os outros faziam. Por ele, ficaria sentado ou de pé. Mas, que fazer?

— Padre, você tem razão. Só que não sei, ao certo, se voltarei aqui ou não.

— Também não se preocupe com isso. Você tem ouvidos de ouvir a voz de Deus e isso basta.

— Você acredita mesmo no que está dizendo?
— Ora, meu filho. Se não acreditasse, não diria. Só o fato de encontrá-lo aqui...

— Mas eu estava bêbado.

— Mais uma prova a seu favor.

— Verdade?

— Você me parece alguém perturbado por pequenas tolices. E essas tolices prejudicam o que é essencial em você. Não é isso?

— Pode ser.

O padre sorri. Verdadeiramente aquele moço (você) é um caso bastante curioso. É todo de Deus e resiste de maneira insensata. Seriedade excessiva, talvez. O melhor será fazer com que dê uma gargalhada. Uma gargalhada para desintoxicar.

— Em casos como o seu, o ótimo seria uma boa surra, sem dó nem piedade.

Você olha sério para o padre. Este chega a se arrepender do que disse. Depois, porém, você começa a sorrir. E o sorriso, finalmente, abre-se numa gargalhada. O padre respira tranquilizado.

— Muito boa, seu padre, muito boa. Acho que é isso mesmo de que estou precisando. De uma boa surra. Ótimo!

— Vá a seu banho. E volte aqui para almoçar comigo. Tenho uma cerveja na geladeira. Se não fizesse tanto calor, nós tomaríamos vinho. Mas não faltará oportunidade. Até logo!

— Até logo, padre.

Você se dirige ao hotel. Toma um banho. Nunca um banho lhe fez tanto bem em sua vida. Estendido na cama, você começa a refletir:

‘Que diabo de padre é aquele?’ Com poucas palavras,

consequira desembaraçar o seu problema de todo envoltório dramático. Talvez pudesse, daqui pra frente, ver as coisas com maior clareza. Você se lembra: quando vinha para o hotel, viu um homem num carro. Este homem tinha de ser o pai dela. Será que ele também o reconheceria? Talvez não. Fora num relance, apenas. Não mais do que isso. Aos poucos, porém, a lembrança dela e do pai começa a se refugiar num passado quase inacessível. É tudo tão recente e, no entanto, tão distante. Nesse estado, você adormece. Acorda, mais tarde, com as batidas de alguém na porta do quarto. É o padre:

— Como estava demorando, eu vim buscá-lo. Minha cozinheira dá uma bronca danada quando chego tarde para o almoço sem avisar.

— Você me desculpe. É só um momento para me vestir.

— Espero-o lá embaixo.

Quando você desce, o padre conversa com o hoteleiro. Corta a conversa e se despede. Voltando-se para você, o padre pergunta, como se não soubesse:

— Pronto?

— Garanto que se não me acordasse, eu dormiria o dia todo. Estava pregado.

— Também pudera! Uma escada de pedra não é exatamente um colchão de molas.

— Isso eu aprendi. Sinto dores — leves, é claro — em todo o corpo.

— É ali a canônica.

Após o almoço, sentam-se numa varanda da casa e ficam à vontade.

— Sabe, padre, devo-lhe uma explicação:

A reação do padre é de surpresa:

— Não pense assim. Não o convidei para almoçar com um propósito secreto. Absolutamente. Apenas simpatizei com você.

— Nem estou pensando nisso. É que me aconteceu uma coisa muito curiosa. Permite que eu conte?

— Só se achar que deve contar.

— É preciso. Talvez você possa me ajudar a compreender melhor o que me sucedeu.

Lentamente, com o maior cuidado, para não esquecer coisa alguma, você narra toda a sua história. Quando chega ao fim, pergunta:

— E, agora, padre, que vou fazer desta cruz?

O padre responde de pronto:

— Nada.

— Nada? Mas não é possível.

— Nada, meu filho. Não se espante. É essa mesma a minha resposta: nada.

— Mas...

— Posso tentar uma explicação?

— Claro que pode. É isso mesmo o que eu quero.

— Você está forçando um desespero que não está em você, que não é da sua natureza. Sabe que tipo de cruz é esta que você descobriu?

— Não.

— Uma cruz — como é que eu poderia dizer? — uma cruz estética. Bom tema para um romance, nada mais.

— Será possível?

— Mas, é lógico. Esta cruz, no fundo, não passa de inconformismo diante do afastamento dela. Por isso, também, é que você veio aqui. Mas não se iluda. Você é um tipo religioso, por excelência.

— Nunca tive fé.

— Não quis dizer que você tem fé. A fé é uma graça de Deus. É preciso merecê-la. O que eu disse é que é um tipo religioso e não poderá fugir a isso. Contudo, o desespero não o levará a Deus. Poderia levá-lo à loucura, sei lá!

— Já disseram que só o desespero pode levar a Deus. Como chegar a Deus, sem ser desesperado?

— Bem, há um desespero que se confunde com a aceitação de nossa condição de pecadores. O homem sabendo-se pecador e desesperando-se por isso. Esse desespero pode levar a Deus. Acho, porém, que este não será o seu caminho.

— Por quê? Não compreendo.

— Você ainda não percebeu que é profundamente místico?

— Não quero ser místico.

— Não quer? Quanto misticismo no seu problema da cruz! É a sua maneira, apesar do seu conhecimento do pecado. A não ser que prefira desesperar-se, o que não está na sua natureza. E, depois, veja só, é extremamente difícil distinguir-se o verdadeiro desespero religioso, de outras formas de desespero. Muita gente confunde tudo. O melhor mesmo é seguir o seu próprio caminho. Você se conhece, não?

— De certa maneira, sim.

— E se recusa a aceitar-se como é?

— Talvez.

— Pois bem, essa é uma forma de desespero, só que nada tem de religioso. Para não se embaralhar as coisas, dever-se-ia dar o nome certo aos bois. Isso não é desespero. É um pouco menos do que desespero. Só não sei dizer exatamente o que é.

— Eu quero ser como sou. Você me perdoe por ter dito aquele ‘talvez’.

— Não faz mal. Mais cedo ou mais tarde, terá de escolher seu caminho: ou segue sua maneira de ser, mística, ou aprende a se desesperar, sem caprichos ou esteticismos. Você gosta de ler?

— Bastante.

— E escreve?

— Ultimamente, não.

— Pois quando escrever, nunca se esqueça de que tudo que escrever situa-se no campo do possível e que só você, sua vida, é real. Não misture esses planos.

— E se eu escrever sobre mim, sobre a minha experiência.

— Deixará de ser real para ser uma imagem. Você quer?

— Quero viver minha vida real.

— Há uma coisa, porém, que deve saber. Se achar que a transmissão de sua imagem pode ter qualquer sentido, mesmo estético, escreva. Mas escreva sabendo que o que está comunicando é uma imagem. Seus problemas é você quem deve resolver e não seus personagens. Fui claro?

— Bastante claro. Só não entendo como posso ser místico sem lidar com imagens.

— Já ouviu falar na noite dos místicos?

— Já.

— Pois bem. Essa noite significa o afastamento de toda e qualquer imagem, de si mesmo, dos santos, ou de Deus.

— Padre, posso lhe pedir uma coisa?

— Pode, por que não?

— Não fale mais nada. Chega. Você disse tudo que eu precisava ouvir.

— Compreendo. Que tal, agora, uma partida de pingue-pongue?

— Ótima ideia. Vale o quê?

— Uma cerveja bem geladinha do bar da esquina. Topa?

— Topo.”

Henrique esperou um pouco, talvez para estudar a reação de Frederico Cristiano, depois perguntou:

— Que tal?

Frederico Cristiano sorriu e respondeu:

— Uma beleza de desfecho. Seria maravilhoso se pudesse ser assim. Acho, porém, que você exagerou um pouco. O que fez foi uma caricatura do padre e de mim. Como caricatura o diálogo está perfeito.

— Não se incomode que eu também tenho uma cerveja bem geladinha para o nosso almoço.

Quando entraram em casa, Frederico Cristiano sentia aumentada a sua curiosidade em conhecer aquele padre retratado por Henrique. Seria exatamente assim? É evidente que não. Fora um exagero de Henrique.

Após o almoço, Frederico Cristiano retirou-se para o quarto e deitou-se. O sono logo o dominou e ele dormiu. Acordou um pouco sobressaltado, pensando que tivesse dormido mais do que queria, quando bateram à porta. Frederico Cristiano abriu a porta. Era o velho empregado de Henrique:

— O padre está aí. Ele quer falar com o senhor.

— Diga-lhe para que espere um momento.

— Pois não.

Frederico Cristiano foi ao banheiro e passou água fria no rosto. Queria estar bem acordado ao falar com o padre, depois daquele diálogo imaginado por Henrique. Quando voltou ao quarto, o velho criado o esperava. Depois o conduziu a uma sala de visitas, na frente da casa, mas do lado oposto ao da sala de estudos. Quando Frederico Cristiano entrou na sala, o padre se levantou da cadeira e se apresentou:

— Sou o vigário da paróquia: padre Antão. Muito prazer em conhecê-lo.

— O prazer é meu, padre. O senhor já sabe o meu nome.

— Sei.

— Estou às suas ordens.

— O assunto que me traz aqui não é lá dos mais agradáveis. O senhor permite?

— Pois não. À vontade.

— É o seguinte...

Durante a pausa que padre Antão fez, Frederico Cristiano não pôde deixar de sorrir ao lembrar-se do diálogo forjado por Henrique. Não, era evidente que aquele padre e o Henrique eram pessoas bem diferentes. O padre continuou:

— ...não sei se o senhor conhece — não, acho que conhece — o senhor Teódulo, o pai de Silônia.

— Claro que conheço. Ele sabe que estou aqui?

— Deve saber.

— Mas como, se não nos encontramos?

— O senhor não esteve na casa dele?

— Ah! é verdade. Mas, mesmo assim...

— Por certo a empregada deve ter descrito o seu tipo. O senhor é facilmente reconhecível, fisicamente pelo menos. Pois bem... Quando eu estava almoçando, ele foi à canônica para me pedir que viesse falar com o senhor.

— O senhor já está aqui. Pode falar sem constrangimento.

— Ele quer que o senhor deixe a cidade.

— Eu? Por quê, afinal? A cidade é dele? Que coisa!

— Sabe que veio procurar Silônia. Foi, pelo menos, o que a empregada disse. Ela se casou, não sei se o senhor sabe.

— Soube pela empregada.

— Portanto...

Frederico Cristiano tornou-se duro, talvez não querendo compreender a posição difícil do padre naquelas circunstâncias.

— Portanto, o quê?

— Não pode haver mais nada entre vocês.

— Quem diz que não pode?

O padre resolveu mudar de tom. A conversa não lhe pareceu ter bom desfecho prosseguindo daquela maneira.

— Sabe, meu filho, o que houve entre vocês acabou.

— Foi o seu Teódulo que lhe disse o que houve entre nós?

— Peça-lhe que não dificulte ainda mais uma missão difícil para mim, pode crer que é difícil.

— Não, padre. Não tenho que dar satisfações dos meus atos a ninguém. Nem ao senhor Teódulo, nem ao senhor. Desculpe, mas é a minha resposta.

— Mas o senhor não pode procurar Silônia.

— Quando é que ela volta? O senhor sabe?

— Volta hoje à noite. O senhor pode pegar o ônibus da tarde. Assim evitaríamos qualquer fato menos agradável. Pode ser difícil para o senhor, mas tem que ser.

— Já lhe disse, padre. Desculpe a minha rudeza: a minha resposta é não.

— Meu filho, eu lhe peço, pelo seu bem, pelo bem de Silônia, vá embora desta cidade antes que ela chegue.

— Padre, o senhor não me conhece, senão não teria vindo me pedir uma coisa dessas. Agora mesmo é que não vou. Sou birrento, padre. O senhor me desculpe. Nasci birrento. Não vou deixar a cidade simplesmente porque alguém quer que eu deixe a cidade. Isso não.

— O senhor me promete uma coisa?

— Depende...

— Promete que não procurará Silônia em hipótese alguma?

— Este é um assunto que não posso resolver agora. Talvez mais tarde.

— Quando?

— Não sei.

— Meu filho, o senhor não está entendendo direito a gravidade da situação. Seu Teódulo — vou lhe ser franco — é um homem que nunca foi desobedecido aqui.

— E, no entanto, vivia lá no Morro da Cruz como um marginal. Francamente, não dá para entender.

— Por aí o senhor pode ver que é um tipo estranho. Seria melhor que fosse embora da cidade.

— Essa hipótese é inteiramente inviável. Quanto à outra, não sei. Preciso pensar.

— Por favor, meu filho!

— Está bem, padre. Já que insiste, vou lhe prometer apenas uma coisa: não a procurarei. Mas, se ela quiser falar comigo, pode estar certo de que irei ao encontro dela. Esta é minha resposta definitiva. Pelo menos o senhor não volta com as mãos inteiramente vazias.

— Agradeço-lhe muito. Pode estar certo. Em todo o caso, se quiser pegar o ônibus, este parte às seis horas da tarde. Em três horas, o senhor estará na capital e aqui ficaremos todos em paz. Até logo.

— Até logo, padre. Peço-lhe que me perdoe a brutalidade da resposta.

— Deus compreenderá.

Frederico Cristiano voltou para o quarto e ficou remoendo o pedido do padre. Neste momento, compreendeu a situação difícil em que o padre se colocara. E viera só pensando em evitar o pior. Mas... Frederico Cristiano dissera a verdade. Ele era um tipo extremamente birrento. Bem, o melhor mesmo era não pensar em coisa alguma. Inútil estar a fazer planos. Por enquanto, era preciso descansar. Descansar ao máximo e dormir o mais que pudesse. Não sabia o que seria feito dele mais tarde. De repente, porém, mudou de ideia. Seria melhor saber qual a opinião de Henrique a respeito de tudo aquilo. Com esta disposição, dirigiu-se à sala de estudos. Com uma fisionomia bastante séria, Henrique estava sentado numa poltrona com um livro nas mãos, mas não lia. Ao vê-lo

entrar, Henrique ergue os olhos como a perguntar: “E, agora?” No entanto, foi Frederico Cristiano quem primeiro falou:

— Você soube?

— Não só soube como ouvi tudo. Em casa de madeira tudo se ouve.

— E o que é que acha?

— Acho que faria o que o padre fez, não poderia deixar de fazer. A contragosto, mas faria.

— Mas é uma ameaça.

— O padre sabe que é uma ameaça. Daí a insistência dele.

— Isso é demais. Afinal de contas, Teódulo não é o dono da cidade.

— É possível que você não conheça o seu país como eu conheço. Em toda a cidade há um dono, como em qualquer vila, lugarejo.

— Pode ser, mas não suporto uma coisa dessas.

— Você pretende ficar?

— Pretendo.

— Agora sou eu que quero lhe fazer um pedido. Posso?

— Pode, claro.

— Fique comigo enquanto estiver aqui. Não volte para o hotel, em hipótese alguma.

— Por quê?

— Porque o hotel é de propriedade dele.

— Está bem, ficarei aqui. Só uns dois ou três dias, não mais do que isso.

— Fique o quanto quiser. O prazer será todo meu. Mas, que achou do padre?

— Muito diferente do que você imaginou naquele diálogo.

— Pode ser diferente, mas não muito. Em sua maneir-

ra natural de ser, o padre é como imaginei, ou, pelo menos, parecido como...

— De minha parte, eu faria uma imagem inteiramente diversa.

— De verdade?

— Claro.

— Agora você só imagine o que acontece quando os homens procuram fazer uma imagem de Deus. Chega a ser engraçado, não acha?

— É... Eu não tinha pensado nisso. Vou dar uma olhada lá fora no jardim.

— Eu disse a você que aqui chove todas as tardes. Pois hoje parece que não vai chover, só para eu passar por mentiroso. Fique à vontade. Irei procurá-lo à hora do jantar.

— Obrigado.

Depois de andar aqui e ali vendo as flores do jardim daquela casa, um pedaço do país de origem de seu proprietário, Frederico Cristiano sentou-se num banco e deixou que seus pensamentos se voltassem para as suas noites lá no Morro da Cruz. Seria melhor dizer que Frederico Cristiano se entregou ao passado. Fora preciso uma ameaça, ou um desafio, quem sabe lá (?), para proceder como estava procedendo. Numa situação normal, não procederia daquela forma.

Distante não mais do que três horas de viagem dali, Solônia, por uma discussão que tivera com o marido, fez o mesmo. Na capital, vendo o morro em que passara tanto tempo de sua vida, revendo principalmente suas noites com Frederico Cristiano, ela se entregou ao passado. E chegou mais longe. Sugeriu ao marido que ficassem por aquela noite no hotel, onde sabia que Frederico Cristiano se hospedava. O marido com pressa de chegar a casa, voltou a discutir com ela. Assim, amuados um com o outro, encetaram a última etapa de sua viagem de volta.

O desespero por ter perdido Silônia logo começou a transformar-se em revolta diante da ameaça, que havia sido lançada contra a sua vida. Pouco lhe importava o que o pai de Silônia pensava em fazer contra ele. Não tomaria iniciativa de procurá-la. Prometera ao padre. Mas, se ela lhe mandasse um recado, se realmente quisesse conversar com ele, então, ninguém que se atravessasse em seu caminho. Iria, acontecesse o que acontecesse. Quando já começara a brigar com os fantasmas de sua imaginação, Henrique chegou:

— Pelo que percebo, você deve estar brigando com alguém.

— Estava mesmo. A ameaça de seu Teódulo não me sai da garganta.

— Quantos matou?

— Por enquanto, nenhum. Aliás, não sei.

— Que arma você usava?

— Deixe-me ver: uma faca. Sim, eu tinha uma faca de lâmina comprida nas mãos. Talvez um facão de mato. Era isso mesmo: um facão de mato.

— Isso me faz lembrar de uma coisa. Quando era menino, vi um filme no qual o mocinho usava uma adaga. E manejava-a maravilhosamente. Certo dia, peguei lá em casa a faca que minha mãe usava para cortar carne. E comecei a lutar com um inimigo invisível. Vai daqui vai dali e num golpe mais violento cravei a faca em minha coxa. É no que dá brigar com inimigos invisíveis. São mais rápidos e mais certos do que nós. Deste momento em diante, acho que nunca mais participei dessas brigas. A lição pode servir para você.

— Com a diferença de que logo mais terei de enfrentar um inimigo de carne e osso.

— Depende só de você.

— Como, só de mim? E se ela quiser falar comigo? Posso não ir?

— Bem, nesse caso... Vamos jantar. Uma cerveja geladinha vai bem agora, não vai?

— Mas, claro que vai.

Na casa canônica, seu Teódulo conversava com o vigário. Este acabara de narrar a conversa que tivera com Frederico Cristiano. Teódulo exaltou-se:

— Então, será a ferro e fogo.

— O que é isso, seu Teódulo? O senhor não pode fazer uma coisa dessas. No fundo, o rapaz tem razão. Ninguém pode impedi-lo de ficar aqui na cidade. É um direito dele, que o senhor não pode contrariar.

— Como não posso?

— O fato de ser um homem muito rico não significa que possa fazer tudo o que quiser.

— Isso foi tudo o que ele disse?

— Foi. E, pensando bem, seu Teódulo, se eu estivesse no lugar dele, talvez lhe respondesse da mesma forma.

— O que está é querendo proteger o rapaz. Mas isso não vai dar certo, de maneira alguma.

— Por que não entrega a solução do caso às mãos de Deus?

— Não sou de ficar esperando o pior.

— Como é que o senhor sabe que é o pior que vai acontecer? Deus pode querer o melhor. Os desígnios do Senhor são impenetráveis. O senhor sabe disso como eu.

— Garanto que ele está fiado no parentesco que tem com o chefe de polícia.

— São parentes?

— Primos. Mas ele está muito enganado. Só porque me viu como marginal lá no Morro da Cruz, pensa que sou mesmo um marginal. Mal sabe que fiquei lá para pagar uma promessa. Vou tomar as providências.

— Que está pensando fazer, seu Teódulo?
— Vou mandar dar um susto no rapaz.
— E se não se assustar? Pelo que observei, não é daqueles que se assustam facilmente.
— Pior para ele.
— Como, pior?
— Por enquanto, não sei. Em todo caso, obrigado pela ajuda.

Ana segurava uma varinha e riscava o chão de terra de seu barraco. Deitado num catre, Miro não tirava os olhos dela. Alguma coisa estava acontecendo com Ana. Era preferível saber tudo de uma vez.

— Que você está matutando, Ana?
— Nada... Me deixe em paz.
— Nalguma coisa você está pensando e eu não gosto disso. Por que não diz, ao invés de ficar fazendo risquinhos no chão? Vamos, diga logo.
— E se não quiser dizer?
— Então, não diga. Você é mesmo uma ingrata, não é, Ana? Tenho uma coisa muito importante para contar. Ia contar. E você nem diz o que está pensando.
— Promete que conta?
— Claro que conto. Não sou como você, que esconde tudo de mim e depois diz que sou eu que escondo. Mulher é um bicho complicado mesmo. Também, feita de rabo de cachorro.
— Você é burro. O padre já disse que não foi.
— Ele ficou com pena de você. Mas é mesmo. Quando a gente pensa que o rabo vai para a esquerda, vai para a direita, quando a gente pensa que vai para a direita, vai para a esquerda. É sempre assim. Só o diabo pode entender as mulheres.

— O diabo são os homens. Não há um homem que preste, sabe?

— Sabe o que eu queria contar a você, Ana?

— Não, não sei. Conte, vá.

— Fui lá falar com a Maria. A coisa está preta.

— Preta, o quê?

— Você é uma burra mesmo. Nunca sabe de nada.

— Como é que posso saber se não falei com ninguém durante todo o dia?

— Sabe aquele moço que ficou na casa de seu Henrique?

— Sei, por quê?

— Sabe o que veio fazer aqui?

— Não sei, não.

— Veio procurar Silônia.

— Verdade?

— Verdade mesmo.

— Mas ela está casada, como é quê?

— O velho deu uma bronca danada. Vi quando foi na casa do padre e quando o padre foi na casa de seu Henrique. Garanto que querem que o moço vá embora.

— E ele vai?

— Garanto que não vai.

— Como é que você sabe?

— Escutei a conversa dos dois.

— Você não presta mesmo.

— Mas foi melhor eu ter escutado, não foi?

— Foi mesmo. E, agora, Miro?

— Agora vamos ter de trabalhar. Começamos de noite.

— Que bom! Já estava ficando cansada desta vida inútil.

— Garanto que não vai ser fácil.

— Tanto melhor.

Encostada à porta direita, enquanto seu marido dirigia o carro, Silônia estava arrependida de não ter ficado na capital. Por que se submetera à vontade do marido? Isso não ia dar certo. Mas como eram diferentes aqueles dois homens: Frederico Cristiano e seu marido! E este, ainda por cima, gozava dela:

— Daqui a pouco você vai acabar saindo pela porta.

— E você tem alguma coisa com isso?

— É que pode se machucar e eu...

— Cuide de você, que é melhor. E me deixe em paz, ouviu?

— Está bem.

Ela lamentou só ter visto o ônibus numa curva da estrada. Se tivesse visto antes, teria feito o seu marido parar o carro e pegaria o ônibus de volta para a capital. Casara há tão pouco tempo e já estava cansada daquela vida. Como é que um homem podia ser tão mesquinho assim? Só pensava em dinheiro. Não, não podia dar certo. Seu pai não conhecia o genro que fizera questão de conseguir. Começou a desconfiar que seu casamento fora um negócio entre seu pai e seu marido. Falaria com seu pai assim que chegassem. Isso não podia continuar.

Sentados no chão, Miro e Ana combinavam as últimas providências.

— Sabe, Ana, você vai ficar bombeando a casa de seu Henrique e eu fico lá por perto da casa de seu Teódulo. Se o rapaz sair você sai atrás dele. Não deixe que veja você. Só se for preciso.

— E onde é que nos encontramos?

— No monumento

— Não, no monumento é muito claro. O melhor é atrás da igreja mesmo.

— Por que não dentro da igreja? Lá nunca tem ninguém depois das nove horas.

— O melhor é dentro da igreja. Concorde.

Deixaram o barraco e cada um se dirigiu a seu posto de observação.

Foi por isso que Miro viu quando o carro que trazia o casal chegou e também que Silônia entrou quase correndo em casa. Bem, agora era chegado o momento de ir sentar-se lá na escada da porta dos fundos da casa de Teódulo. Maria não era daquelas empregadas que implicam com todo mundo. Pelo contrário, era compreensiva. Sempre o deixara ficar ali. E foi o que Miro acabou fazendo. Maria saía da cozinha para ir buscar lenha no galpão quando viu Miro sentado na escada.

— Oh! que bom que você está aí. Vá até o galpão e me traga umas lenhas. Depressa, viu. O caszinho chegou e o jantar ainda não está bem pronto.

— Eu vou, mas quero alguma sobrinha de comida. Você me dá?

— Claro que dou. Vá depressa.

Miro apanhou a lenha e levou-a até a cozinha. Em seguida, voltou ao seu lugar na escada.

Assim que abraçou e beijou seu pai, Silônia lhe disse:

— Pai, preciso conversar com o senhor. É assunto muito sério.

— Não pode ficar para depois do jantar?

— Tem de ser agora mesmo.

— Me deixe primeiro cumprimentar seu marido. Vá para o seu quarto. Irei procurar você daqui a pouco.

Os dois, sogro e genro, encontraram-se na porta da frente da casa. Cumprimentaram-se. Teódulo chamou Maria e mandou-a retirar as malas do carro. O genro falou:

— Preciso de um bom banho. Onde é que Silônia se meteu?

— Parece que ela está meio indisposta. Mas isso passa já. São coisas de mulher.

— É que andamos brigando na viagem de volta, o senhor sabe como são essas coisas.

— Ora, se sei. Isso passa, não repare.

Quando seu pai entrou no quarto, Silônia estava estendida de comprido na cama.

— Que há, minha filha?

— Não vai dar certo. Somos muito diferentes um do outro.

— É aquele rapaz, não é?

— Não sei, pode ser.

— Eu quero lhe dar um conselho. Não se meta com ele.

— Ele está aqui?

Já agora Teódulo não podia encobrir um fato que, por tudo deste mundo, preferia não ter revelado.

— Ele veio procurar você.

— Quando?

— Foi ontem.

— Oh! preciso saber se ainda está na cidade. Está papai? O senhor sabe?

— Está, sim. Mas mandei avisá-lo de que não quero que se encontre com você.

— Por que fez isso?

— Porque agora você é uma mulher casada.

— Mas não suporto o meu marido e não vou ficar a vida toda com ele. Isso não, de maneira alguma.

— Você vai jantar conosco?

— Claro que vou.

— Ainda bem. E não se esqueça do que lhe disse. Não se meta com aquele rapaz. Eu não quero, ouviu?

— Ora, papai. Deixe isso por minha conta. Meus assuntos sou eu quem resolve.

— Não seja teimosa.

— Sinto muito, mas...

Teódulo deixou o quarto da filha com uma ideia. Precisava falar com Célio, o mais rapidamente possível. Mas não tinha ninguém para mandar chamá-lo. Lembrou-se de mandar Maria. Foi à cozinha.

— Maria, você não quer chamar o Célio para mim?

— Seu Teódulo logo agora que preciso acabar o jantar? O Miro está aí sentado na escada. Por que não manda ele?

— Diga para ele ir chamar o Célio, que eu mandei.

— Sim, senhor.

Miro apressou o passo. Queria ir ao encontro de Ana, antes de procurar o Célio. As coisas, no seu entender, começavam a se encaixar perfeitamente. Célio era uma espécie de pistoleiro sob encomenda. Depois de fazer muitos serviços no sertão, tinha vindo para a cidade, aposentado, como dizia. De qualquer modo, prestava-se ainda a pequenos serviços. Neste momento, Miro teve mais certeza de que nunca de que a vida de Frederico Cristiano corria perigo. Ana devia ser avisada de que a coisa ia engrossar. De seu posto de observação, ela viu quando Miro se aproximou:

— Houve alguma coisa?

— Coisa séria. Seu Teódulo me mandou chamar o Célio. Acho que a coisa vai ficar preta.

— E por que você vai? Pode não ir.

— Se não for, seu Teódulo manda outro. O jeito é diferente do que está pensando.

— Como?

— O jeito é meter cachaça até ele cair bêbado.

— Dinheiro para a cachaça, você tem?

— Não.

— Espere aí que vou lá dentro pedir cinco mil para o seu Henrique. Já volto.

Frederico Cristiano e Henrique ainda estavam à mesa quando Ana entrou. De bom humor, depois de alguns copos de cerveja, o último perguntou:

— Veio jantar conosco, Ana.

— Não, senhor. É que preciso de um dinheirinho. É para o Miro, onde...

— Não, por quê?

— Ele precisa comprar um remédio.

— Verdade, mesmo, Ana?

— Verdade, sim senhor.

— Está bem. Quanto é que quer?

— Só cinco mil.

Henrique meteu a mão no bolso direito. Separou uma nota de cinco e estendeu-a a Ana.

— Nada de cachaça, hein Ana!

— Não, senhor. Não se preocupe. Hoje, não.

— Está bem. Se quiserem vir comer aqui depois, não façam cerimônia.

— Obrigada, seu Henrique.

Quando Ana lhe deu o dinheiro, Miro lhe disse:

— Sabe, Ana... Acho que não vai ser preciso você ficar aqui, pelo menos agora. Como vou ter que dar um porre no Célio, o melhor é você ficar rondando a casa da Silônia depois que eu sair de lá com o Célio. Certo?

— É, aqui está ficando chato demais. Não acontece nada. Depois que sair de lá, eu encosto na casa.

— Combinado.

Já Teódulo, Silônia e seu marido estavam à mesa,

quando Miro e Célio chegaram. Miro chamou Maria e disse-lhe:

— Informe seu Teódulo que o Célio está aqui.

— Está bem.

Logo em seguida, Teódulo chegou. Passou as mãos pelos ombros de Célio e se dirigiram ao galpão. Miro esgueirou-se pela casa, passou rente ao fundo do galpão e meteu-se nas cocheiras, que já não eram utilizadas. Apenas uma parede de tábuas de muitas frestas o separavam de Teódulo e Célio. O diálogo entre os dois foi ouvido por Miro.

— Eu quero que você me faça um serviço.

— Completo?

— Não. Só para dar um susto.

— Quem é ele?

— Não é daqui. Ruivo, alto e magro. Usa óculos. Andar lento e espaçado.

— Onde é que está?

— Isso não importa. O caso é que se aparecer lá pela praça, ou mesmo por aqui, pode descer a madeira. Só um pouco, você compreende. Só para assustá-lo.

— Preferia que fosse completo

— Por enquanto, não. Se for como lhe disse, você terá dois mil. Mas só depois. Antes não, senão você bebe tudo em cachaça e me deixa não mão.

— Acertado, seu Teódulo. Pode ser à noite.

— No momento em que aparecer. Não vá procurá-lo em casa, ouviu? Fique esperando. Arrume um pretexto na hora, um pisão no pé, qualquer coisa.

— Isso é comigo. Volto amanhã para pegar o dinheiro.

— Muito bem.

Quando Célio passou o portão para a rua, Miro o esperava. Célio parecia ter crescido. Pisava duro e firme. Miro piscou-lhe um olho e disse:

- Um servicinho, hein?
- Porcaria de serviço. Isso não é serviço de homem.
- Vou lá para a praça.
- Depois encontro você.
- Não preciso de companhia, está ouvindo?
- Levo uma coisa para nós.

Célio olhou Miro de alto a baixo e, pisando firme e duro, encaminhou-se para a praça. Miro não perdeu tempo. Foi ao bar, comprou uma garrafa de conhaque e, depois, tomou a direção da praça. Célio já estava sentado num banco e esperava a sua vítima. De longe, Miro mostrou-lhe a garrafa. Célio fez um sinal de que não queria.

— Mas, veja aqui, é conhaque do legítimo. Não é ca-chaça, não. Um homem como você só deve tomar conhaque. Vamos abrir?

— É conhaque mesmo? Onde arranjou?

— Achei uma nota de cinco. Quer abrir?

— Me dá aqui.

Célio abriu a garrafa.

— Vou só experimentar. Tenho que fazer um serviço, uma porcaria de serviço, mas foi seu Teódulo que pediu.

Experimentou a bebida e disse:

— É do bom mesmo.

E assim, de gole em gole, meia hora mais tarde Célio estava completamente embriagado. Miro o estendeu no banco e saiu à procura de Ana.

Naquele mesmo momento, Henrique procurava convencer Frederico Cristiano de que não devia sair.

— Mais tarde um pouco vou dar a minha volta. Podemos ir juntos.

— Ora, o que é isso, Henrique? Terei de proceder como um homem medroso e ficar sem qualquer ação, fechado em

casa, esperando que algo aconteça? Não, isso não. Vou espichar as pernas, só espichar as pernas. Não se preocupe.

— Você deve se lembrar, muito bem, do que o vigário lhe disse. Ele não diria nada além do que Teódulo lhe pediu para dizer. Conheço bem o padre Antão. É um homem sério, pode acreditar.

— Mesmo assim, não deixarei de ir.

— Está bem. Faça o que quiser. Sempre respeitei o máximo a liberdade dos outros. Em todo caso, procure evitar encenças, brigas, ou sei lá o quê. Se alguém esbarrar em você é porque está procurando um motivo. Não se esqueça disso. É assim que fazem aqui.

— Pode ficar tranquilo.

Logo que se encontraram, Ana perguntou a Miro:

— Como é, deu certo?

— Deu. O bicho está num porre daqueles. Vai passar a noite curtindo o porre naquele banco. Alguma novidade por aqui?

— Aqui nada. Tudo naquela santa paz... E agora?

— Maria me prometeu comida. Vou lá pegar um prato e vamos comer juntos aqui. Nesse meio de tempo, posso saber o que está acontecendo. Certo?

— Certo. E Célio, você vai deixá-lo sozinho?

— Parece que nunca tomou um porre em sua vida.

— Por falar nisso, onde é que você meteu a garrafa.

— Escondida atrás do banco. Mas não sobrou quase nada.

— Vai lá, então. Eu espero você aqui.

Chegando à praça, Frederico Cristiano sentou-se num banco diante daquele em que Célio curtia o porre. Estranhou ao ver aquele homem deitado, mas não fez caso. Pensou logo que se tratava de alguém que não tinha onde dormir. E dormir na praça com uma noite quente como aquela era até um prazer. Logo após, Ana veio sentar-se ao lado dele.

— Você, Ana?

— Eu, claro, não me conhece mais?

— Claro que conheço, ora!

— Que porre o daquele ali!

— Não diga?

— Sabe quem deu o porre nele?

— Não. Mas por quê?

— Coisas do Miro. Ele é um homem muito complicado, sabe...

— Agora, eu percebo. Aquele dinheiro...

— Que dinheiro?

— Não se faça de tola, Ana. Você foi pedir aquele dinheiro para o Miro, não foi?

— Não foi, não.

— Onde é que está o dinheiro? Me mostre.

— Deixei em casa.

— Você está mentindo?

— Eu?... Vou ver se sobrou um pouco de conhaque.

— Como é que sabe onde está a garrafa?

— Miro me contou. Espere aí um pouco.

Foi ao banco dianteiro, deu a volta e regressou olhando o líquido na garrafa.

— Não sobrou quase nada. Dá só para um aperitivo. Quer me acompanhar?

— Não, obrigado. Agora não.

Ana tomou todo o conhaque que restava — era pouco mesmo — e disse:

— Bem, agora vou andando. Vou jantar com o Miro. Vai ser um jantar todo especial.

— Onde?

— Por aí, em qualquer lugar.

Frederico Cristiano sorriu e acrescentou:

— Está bem. Bom apetite, Ana.

— Obrigado.

Enquanto Ana se retirava para ir ao encontro de Miro, Frederico Cristiano ficou pensando em quanto é estranha a vida. Aquela mulher era a mãe de Silônia. E, no entanto, que horrível a vida que levava! São coisas que escapam à compreensão da gente. Coisas que não dariam mais do que uma novela. Mas, mesmo assim, como compreender?

Como Miro estivesse demorando com a comida, Ana resolveu dar uma espiada. Escondeu-se atrás de uma árvore no outro lado da rua e olhou. Olhou e viu quando Miro falava com uma moça. Era Silônia. Estaria dizendo que Frederico Cristiano estava na cidade? Será? E ela que tinha de esperar, conter a sua impaciência. Impaciência sofrida, de anos e anos a fio, sem poder dizer àquela moça que ela era sua filha. Não demorou muito e Miro saiu com um prato de comida. Encontraram-se no lugar combinado. Miro reclamou:

— Você foi espiar?

— Eu não.

— Foi, sim. Pensa que eu não vi? Você andou bebendo?

— Só um pouquinho.

— Ah! já sei. Foi pegar o resto de conhaque, não foi?

— E não era um pouquinho só, decerto?

— Ana, você come primeiro que só trouxe uma colher.

Depois eu como. Não tomei aperitivo. Posso esperar.

Enquanto comia, Ana perguntou:

— Você disse para a Silônia?

— Puxa, você quer saber tudo.

— Estamos trabalhando juntos ou não? Se estamos, quero saber. Se não estamos, vou embora agora mesmo.

— Está bem. Eu disse que sei onde Frederico Cristiano está parando e ela mandou um recado para ele.

- Como é o recado?
- Que é para ele vir até os fundos da casa dela às onze horas. Que vai esperar ele no galpão.
- Você não acha isso perigoso?
- Eu, não.
- E como é bonito, não é, Ana? Como é bonito gostar um do outro assim, não é?
- Quando é que você vai dizer? Ele está sentado ali na praça.
- E Célio?
- Ora, como se você não soubesse?!
- Levei um susto sem querer.
- Coma você, agora. Para mim, chega. Não estou com apetite.
- Coma mais, Ana.
- Não, não quero. O conhaque me estragou o apetite.
- Está bem.

Quando terminaram de comer e depois que Miro entregou o prato para Maria, ele e Ana encaminharam-se à praça. Frederico Cristiano continuava sentado no mesmo banco, pensando quem sabe lá em quê. Antes de se sentar, Miro foi dar uma espiada em Célio. Ao ver a sua obra, Miro exultou ao máximo:

- Isto é que é trabalho bem feito.

Estranhando a frase de Miro, Frederico Cristiano perguntou:

- É trabalho embebedar os outros?
- Depende, não é?
- Depende de quê?

— Depende da intenção, é claro. Ele estava querendo brigar com todo mundo lá no bar. É um homem perigoso, sabe? É bom a gente não se meter com ele. Briga por qualquer coisa. Era pistoleiro no sertão.

— Você é valente, hein Miro? E se descobrir que fez isso de propósito?

— Nem vai se lembrar. Os bêbados se esquecem muito depressa. A propósito, quase que me esquecia, tenho um recado para o senhor.

— Recado?

— É.

— Recado de quem?

— De Silônia.

Frederico Cristiano agitou-se como num sobressalto. Ana achou bom dizer qualquer coisa:

— Miro é muito metido. Não sei por que fez isso.

— Fez o quê?

— Disse para ela que o senhor estava aqui.

— E ela o que disse?

Miro retomou a palavra:

— Disse que espera o senhor às onze horas lá no galpão dos fundos da casa dela.

— Verdade mesmo?

— Palavra de honra.

— Como vocês são maravilhosos!

Essas palavras de Frederico Cristiano foram como que um choque na alma de Ana e esta começou a chorar. Miro compreendeu-a:

— Não chore, sua boba.

Frederico Cristiano achou que devia fazer qualquer coisa:

— Por quê, hein Miro?

— É que ela é a mãe de Silônia. Não sei se o senhor sabe.

— Henrique me disse.

— Estas palavras devem ter lembrado o passado dela.

Ela era muito bonita, sabe? Era uma moça maravilhosa, como a filha.

Voltando-se para Ana, Frederico Cristiano insistiu:

— Não chore, Ana. Por favor! Só quis dizer que sou muito reconhecido a vocês dois.

— Oh! eu sei. Não vou chorar mais, não. Eu sou uma boba. O Miro é que tem razão.

Neste momento, Célio quis se erguer do banco e acabou estatelado no chão. Miro levantou-se e desapareceu. Pouco mais tarde voltou trazendo outra garrafa de conhaque. Fez com que Célio ficasse sentado e começou a meter-lhe conhaque goela abaixo. Lá do seu banco, Frederico Cristiano reclamou:

— Não faça isso, Miro.

— O senhor não repare, mas preciso evitar um mal maior.

Frederico Cristiano começou a desconfiar da história que Miro tinha inventado. Neste momento, Henrique chegou à praça, mais cedo do que habitualmente. Viu Miro dando de beber a Célio e se aproximou do banco.

Falando baixo para que Frederico Cristiano não pudesse ouvir, perguntou:

— Por quê, hein Miro? Alguma coisa?

— Depois eu lhe conto. Ele... sabe?

— Ah! sim. Compreendo.

Henrique aproximou-se de Frederico Cristiano e falou:

— Como é, vamos andar?

— Ótimo.

Henrique dirigiu-se a Ana:

— E vocês, ficam aqui?

— Ficamos, sim, seu Henrique. Precisamos cuidar do Célio.

— Perfeito. Depois que levarem o Célio para casa, não deixem de falar comigo.

— Está bem.

Andando a passos lentos com Frederico Cristiano, Henrique começou a levá-lo para os lados de sua casa. Em caminho, falou:

— Sabe por quem tudo aquilo?

— Não.

— Por você.

— Bem que eu estava desconfiado.

— Miro deve saber que o homem foi contratado para assustá-lo, ou coisa que o valha. Por isso Ana foi buscar o dinheiro. Compreende, agora?

— Mas como é que pode?...

— Não é a primeira vez que fazem uma coisa dessas.

— Francamente. Eu me sinto pequeno demais perto deles.

— Eu, também. Toda a nossa cultura, toda a nossa erudição, nossos problemas, nada vale nada perto de gestos como esse.

— Será que precisei viver tanto para ver uma coisa dessas?

— E se felicite por isso. Nem tudo está perdido, meu amigo.

— Sabe o que eu vou fazer?

— Posso antecipar?

— Pode.

— Vai contar para a Silônia quem é a mãe dela.

— Exatamente isso. Mas como é que você adivinhou?

— Enquanto vinha andando para cá, era nisso que eu pensava. Engraçado é que, até há pouco, achava que seria melhor nunca se contar nada a Silônia. Agora, penso de maneira diferente. Entre os dois, é preferível que ela fique com a mãe. O dinheiro do pai nada significa diante da nobreza da mãe. E você, que teve a coragem de ir lá em casa perguntar o que Miro não tinha a coragem de perguntar, num gesto bastante

quixotesco, é capaz mesmo de uma coisa dessas. Algum segredo nisso tudo?

— Realmente, era fácil de adivinhar.

— Mas como é que dirá a ela?

— Temos um encontro marcado para as onze horas.

— Foi Miro?

— Foi.

— Não sei em que vai dar isso tudo. Em todo caso...

Outro pistoleiro aqui não existe. E este está desmoralizado. Por enquanto, por enquanto...

— Agora, o que vai fazer?

— Vou descansar um pouco.

— A porta dos fundos sempre fica aberta. Pode entrar e sair, à vontade.

— Obrigado.

Um pouco antes das onze horas, ao passar ao lado da praça, Frederico Cristiano viu que Ana e Miro ainda estavam sentados no mesmo banco. Também o viram, mas fizeram de conta como se nada tivessem visto. Uma espécie de angústia tomara conta de Frederico Cristiano. Não pelo fato de caminhar ao encontro de Silônia, mas pela revelação que iria fazer-lhe. Ao entrar no galpão, seus olhos ainda não habituados ao escuro, viu-se abraçado por alguém. Era Silônia. Depois, sim — muito depois — Frederico Cristiano disse a Silônia:

— Vem comigo, agora, que quero apresentar uma pessoa a você.

— Mas, quem?

— É segredo. Logo você saberá. Ela está ali na praça.

— Está bem, vamos.

— Mas vamos com cuidado, para surpreendê-los.

— Mais do que uma pessoa?

— Mas uma delas é que...

Segurando a mão de Silônia, ele a foi levando. Deram uma volta. Passaram próximos da igreja e, pelo canteiro, colocaram-se atrás do banco onde os dois pareciam dormir. Frederico Cristiano falou:

— Ana, aqui está sua filha.

Ana ficou de pé e começou a tremer toda. Não só tremia como chorava. Silônia só a custo conseguia articular algumas palavras:

— Mas, você sabia? Como é isso? Eu não entendo. Minha mãe!

Frederico Cristiano fez com que elas se sentassem e contou toda a história da maneira a mais sintética possível. Só neste momento é que Silônia pareceu compreender o alcance daquilo. Frederico Cristiano e Miro saíram para andar um pouco, deixando as duas sozinhas no banco.

Mais tarde um pouco, elas se levantaram e vieram atrás deles. Foi Silônia quem falou:

— Vamos lá para o barraco. Querem ir conosco?

Miro não se conteve e quase gritou:

— Precisamos comemorar, comemorar! Vocês vão para o barraco, eu vou na frente.

E saiu numa louca disparada.

Quando Frederico Cristiano, Silônia e Ana chegaram ao barraco, lá encontraram Henrique e Miro. Aquele, depois de cumprimentar Silônia, sugeriu:

— Gostaria que ficassem lá em casa. Há lugar para todos. Surpresa, Silônia perguntou à sua mãe:

— Foi aqui que a senhora passou todos esses anos?

Miro adiantou-se para responder:

— Foi, mas o barraco não era tão ruim assim. O tempo, a senhora sabe...

Henrique repetiu:

— O que acham da minha sugestão?

Frederico Cristiano achou bom reforçar:

— Vamos Silônia. Tem lugar para todos. Eu e Henrique faremos as honras da casa. Não é, Henrique?

— Perfeitamente.

Ao chegarem à casa de Henrique, este levou seus convidados para a sala de jantar e, depois, apanhou duas garrafas de champanhe da geladeira. Enquanto isso, Frederico Cristiano trazia as taças que descobrira numa cristaleira. Abertos os champanhes, as taças servidas até a metade, Silônia faz a saudação:

— À mamãe!

Os demais saudaram:

— À mãe e à filha, pelo encontro. Viva!

Logo em seguida, Silônia chamou Miro e disse:

— Você quer me fazer um favor?

— Ora, se quero...

— Não é fácil.

— Não tem importância.

— Então, ouça bem. Você vai lá em casa. Sabe onde é o meu quarto, sabe?

— Sei, sim. Aquele onde a senhora sempre fica na janela?

— Esse mesmo. Deixei a luz de cabeceira acesa. A porta da cozinha está aberta. Você entra lá em casa, vai ao quarto. Abre o guarda-roupa e traz o que puder. Sim?

— Com muito prazer!

— Só cuidado para não acordar ninguém.

— Não tenha cuidado.

Miro saiu correndo da sala. Em poucos minutos, já estava entrando na casa de Silônia. Abriu, com todo o cuidado, a porta de um quarto. Não, não era aquele. Alguém es-

tava roncando e não havia luz acesa alguma. Experimentou outra porta. Era aquela. Agora, sim. Pegou um lençol, abriu-o e começou a por toda a roupa que ia pegando com cabides e tudo. Amarrou o lençol pelas pontas. Colocou-o no chão e, depois, abriu uma colcha em cima da cama. Sobre a colcha colocou tudo o que foi encontrando nas gavetas. E fez outra trouxa. Com vidros de perfume, pentes, caixas de pó de arroz, encheu os bolsos. Pegou as trouxas. Não, elas não passavam na porta. Com cuidado, conseguiu passar uma delas e levou-a até os fundos. Fez o mesmo com a segunda. E saiu a correr pela rua. De repente, lembrou-se de Célio e foi até a praça. Célio dormia ainda. Só que dormia encostado no banco. Pegou a última garrafa de conhaque e meteu-a debaixo do braço. Miro vivia a maior noite da sua vida. Por nada do mundo perderia aquele resto de conhaque. Ao chegar à casa de Henrique, Miro foi saudado como um herói, tantas e tão variadas coisas conseguira trazer. Silônia levou sua mãe e as roupas todas para um quarto que Henrique lhes destinou. Já começava a clarear o dia quando Silônia, sua mãe e Frederico Cristiano foram dormir. Este se deitou num sofá da sala de visitas. Henrique e Miro não tinham sono. Preferiram ir para a cozinha e fazer um café. Depois que tomou o café, Miro disse a Henrique:

— Acho melhor eu ficar lá fora cuidando para avisar quem chega. Esta casa hoje vai ser um deus nos acuda.

Henrique não pode deixar de sorrir.

— Vai mesmo, Miro. Não deixe ninguém bater na porta de entrada para que os que estão dormindo não acordem. Avise-me quando vier alguém para que eu vá receber lá fora.

— Conheço as pessoas de longe. É só desconfiar, aviso.

— Assim é melhor.

Miro foi para o seu posto de observação e Henrique sentou-se numa poltrona da sala de estudos. Sua cabeça pa-

recia girar numa confusão bastante estranha. No espaço entre duas madrugadas, quanta coisa tinha acontecido! Tudo, menos o que poderia ter esperado. Conhecera Frederico Cristiano. Mas que poder terrível, demoníaco ou divino, tinha Frederico Cristiano? Precipitara todas as coisas ou as coisas haviam se precipitado por si mesmas? Como saber? A verdade é que Frederico Cristiano polarizava, naquele momento, uma história cujo desfecho era impossível prever. E ele, Henrique, um homem que até aquele momento tivera uma vida sem acidentes, calma, tranquila, pelo menos enquanto morava naquela cidade, via-se agora responsável pelo destino de tanta gente. Compreendeu que a ele é que caberia o papel principal nos acontecimentos das próximas horas. Ele e o padre eram as únicas pessoas capazes de refletir naquele conflito de situações. Sim, o padre devia ser a primeira pessoa a aparecer naquela manhã. Ele e o padre é que deveriam encontrar as soluções. Bem, pelo menos não estaria tão só. Em dois, seria mais fácil trabalhar por um desfecho sem dramas, sem morte, pelo menos. Quem sabe lá o que faria Teódulo? Quanto ao marido de Silônia, sabia-o covarde e interesseiro. Só se casara com ela pelo dinheiro do pai. E todos lhe pareciam vítimas: Frederico Cristiano, um místico talvez, recusando-se a tornar-se místico, mas preso pelo misticismo da carne de Silônia. Esta, uma vítima do pai, precisando amar e ser amada, mas sem medir os gestos que a levavam a isso. E Ana, vítima também de Teódulo, vítima em suas estranhas, a vida desfeita pela loucura de dois homens. E Miro, vítima de sua própria dedicação, primeiro à mãe, depois aos irmãos e, agora, a Ana. E, no entanto, todos eles eram capazes de grandes gestos de coragem. E Cristo, que diria de tudo aquilo? Perdoaria. Sim, não deixaria de perdoar. Perdoaria até o marido de Silônia. E o tempo foi passando e ninguém

vinha. O que estaria acontecendo enquanto três personagens daquele drama absurdo dormiam em sua casa. Já o casal de empregados chegara e entregara-se a seus afazeres.

Naquele mesmo momento, uma discussão começava entre Teódulo e seu genro:

— O senhor sabe por que me casei com sua filha. Foi o senhor que me procurou e não eu.

— Sei disso.

— E, agora, que pretende fazer?

— Fui vencido pelas circunstâncias.

— Sabe onde está sua filha?

— Não, mas posso imaginar. Voltou ao rapaz que ela conheceu lá no Morro da Cruz.

— Essa é demais. Se era para isso, por que me levou a me casar com ela?

— Não esperava que acontecesse uma coisa dessas.

— Ah! não esperava. E, agora, sabe que aconteceu?

— Não sei. Apenas imagino.

— Para mim, chega. Não nasci para bancar o trouxa. É melhor que pense numa solução.

— Já pensei.

— E qual é?

— Quanto é que você quer para ir embora daqui?

— Vinte milhões.

— Você não é nada modesto. Está bem. Dou-lhe vinte milhões, mas desapareça daqui agora mesmo. Mandarei uma ordem de pagamento pelo Banco do Estado. Pode procurar hoje à tarde mesmo, lá na capital.

— E o carro? O senhor disse que era meu.

— Pode levar o carro também. E nunca mais volte aqui.

— Não é preciso me dizer. Só uma coisa ainda: quem tomará a iniciativa do desquite?

— Ela mesma.

O marido de Silônia saiu por uma porta e Teódulo por outra. O genro, porém, logo voltou. Esquecera-se de sua mala.

O tempo ia passando. Já Frederico Cristiano acordara. Logo Silônia e sua mãe estariam de pé e nada acontecia. Não vinha ninguém. Tudo estava mergulhado numa calma impressionante. Henrique temeu que essa calma fosse um prenúncio da tempestade. Era melhor chamar o Miro e mandá-lo saber o que estava acontecendo.

Apontamentos sobre os personagens, à luz dos estádios kierkegaardianos

POR
HENRIQUE STIRNER

Teódulo

Teódulo, esteta de quê? É com esta pergunta que quero começar. Para respondê-la, procurei reunir e analisar algumas informações que chegaram ao meu conhecimento. Quando vim morar nesta cidade, Teódulo teria provavelmente vinte e cinco anos. Isto é, exatamente a minha idade. Contudo, o fato de ter-me tornado pastor e, logo em seguida, ter renunciado a essa condição (não me refiro à guerra que foi uma experiência bastante amarga), deu-me uma seriedade, uma gravidade, que as pequenas coisas da vida jamais conseguiram perturbar (pelo menos até agora). Conheci “seu” Teódulo como um moço aventureiro e atrevido, mas com uma espécie de sombra caída sobre seus olhos. Hoje posso dizer, sem medo de errar, que essa sombra era uma segunda natureza que lhe tinha sido imposta, mais do que um segredo de seu pai, que devesse resguardar. Mas, que tipo era o pai de Teódulo para proceder como procedeu? Só porque não teve êxito no casamento, abandonado pela mulher, que fugiu com um criado da casa, passou a formar um juízo sobre as mulheres em geral, segundo o modelo de sua mulher. Não sei como, neste momento, não se lembrou de sua mãe (deve ter tido uma mãe), de suas irmãs (se é que teve irmãs) e de uma ou outra tia, pelo lado materno ou paterno (coisa inteiramente plausível). Mas, foi mais longe. Não só formou um juízo definitivo, irrecorrível, sobre as mulheres em geral, como fez com que seu filho se submetesse a uma deformação da realidade. E este, possivelmente educado dentro da lembrança amarga deixada pela mãe, acabou se submetendo (não tenho notícias de que chegou a lutar contra essa deformação). E Teódulo encontrou-se com Ana. Admito, e não posso mesmo deixar de admitir, que a tenha amado. Amou-a e foi correspondido. Daí as conse-

quências. A hipótese de um caso puro e simples de sedução deve ser rejeitada de imediato. Tudo indica, porém, que quando Ana procurou levá-lo a dar concretude a esse amor, pela via do casamento, veio a saber da promessa que Teódulo fizera a seu pai. Caso contrário, teria reagido de outra forma, conforme veremos ao tratar de Ana, no capítulo que lhe é dedicado. Ao levar a filha para casa, Teódulo não percebeu que era o seu próprio problema que passara a abrigar sob o seu teto. Se todas as mulheres não “prestavam” (expressão do pai de Teódulo), sua filha também não poderia prestar. Aconteceu, porém, que com o decorrer do tempo a convicção que herdou do pai foi submetida a duras provas. Durante alguns anos é fora de qualquer dúvida que pode ter respondido a si mesmo: “Ela ainda é uma criança. Mas, quando ela crescer, não vai ser diferente das outras.” Esta deve ter sido a única maneira que encontrou para justificar a diferença entre o comportamento de sua filha durante a infância e primeiros anos da adolescência e a opinião herdada do pai. Silônia já era uma moça (moçinha) quando resolveu ir ao Morro da Cruz para pagar uma promessa. Nunca ninguém chegou a saber que promessa foi essa. Lá no Morro da Cruz, Teódulo viu confirmar-se a teoria de seu pai, de que as mulheres não “prestam” (embora contrariado, uso a expressão dele). Evidentemente por isso, não reagiu, não disse nada, fez mesmo de conta que não viu coisa alguma do que se passava ao redor dele. É esta a única explicação razoável — se é que se pode ficar nos limites do razoável num assunto delicado como esse — para o fato de “seu” Teódulo não fazer caso algum da perda da filha. Ao regressar à cidade, deve ter concluído que o melhor seria arranjar um marido para Silônia. Mas, como não acreditava nas mulheres e sabendo do amor de Frederico Cristiano por Silônia não foi a este que se dirigiu. Quis poupar com isso uma

decepção futura àquele que amava a sua filha. Um advogado que há três meses morava na cidade, homem sem escrúpulos e que não media “sacrifícios” para elevar-se na escala social (degraus feitos de dinheiro), pareceu-lhe a solução ideal. Não foi nada difícil atraí-lo, mostrar-lhe as conveniências do casamento com Silônia. Se Teódulo soubesse a que ponto esse homem era destituído de escrúpulos, não teria chegado a oferecer as vantagens que ofereceu. Restava convencer Silônia. Esta, preocupada com seu próprio comportamento lá no Morro da Cruz e tendo perdido a esperança de realizar plenamente o seu amor com Frederico Cristiano, acabou cedendo aos pedidos do pai. O período do namoro e do noivado foi vencido em pouco mais de trinta dias. Num caso desses, de marido arranjado, essas etapas preparatórias do casamento nada significam. A contrapartida que Teódulo deu ao futuro genro consistiu em ações de sua empresa, mais um cargo de diretor. É possível, porém, que após o casamento de Silônia, seu pai tivesse começado a refletir (e talvez a arrepender-se da sua iniciativa infeliz). No entanto, nada de voltar atrás. Faria mesmo o que fosse preciso para manter a situação. Seu diálogo com Silônia, logo que esta regressou de sua lua de mel, foi duro, mas era preciso ser duro porque já se convencera do erro cometido. O fato de pretender afastar Frederico Cristiano da cidade, só importa como uma manobra para ganhar tempo, a fim de que pudesse refletir sem atropelos. Contudo, a atitude decidida de sua filha, levou-o a enfrentar a situação da única maneira que lhe era possível. Comprara um marido para Silônia. Agora, precisava comprar a liberdade dela. E foi o que fez. Na verdade, Teódulo só acreditava no poder do dinheiro. Era um esteta do dinheiro. Aqui é possível vislumbrar a causa de sua submissão à vontade de seu pai: o poder do dinheiro. Só este conferia importância. Só este diferenciava

um homem do outro. E era por ele, só por ele (se era o único filho) que seu pai trabalhava dia e noite. Seu pai queria-o rico e poderoso porque rico. Tudo o que prometeu ao pai, só o fez em retribuição pela dedicação de seu pai a ele. Seu pai lhe deixara uma verdadeira fortuna, que custava prometer uma coisa fácil de ser cumprida? Fácil? Não, difícil, muito difícil!

Ana

Talvez eu pudesse dizer que Ana é uma esteta do sacrifício impossível, talvez. Moça muito bonita, assim como Silônia. É o que todos asseveram. Agora, que está merecendo cuidados e atenções especiais, que se refez parcialmente da destruição que a si mesma se impôs, pode-se reconhecer a semelhança de traços entre ela e a filha. São os mesmos olhos, nariz e fronte idênticos. É o mesmo andar, embora seja mais baixa do que Silônia, que nisso puxou ao pai, e seu corpo tenha perdido a forma e a rigidez de outro tempo. Ao conhecer Teódulo, ela lecionava na única escola existente na cidade. Teódulo era considerado o melhor partido da época. As moças dependuravam-se nas mangas de seu paletó. Era ousado, atrevido. Namorava uma moça aqui, outra ali, ou três delas ao mesmo tempo. Mas, eram namoros de horas, no máximo, de uma semana. Elas ficavam desapontadas, mas não desistiam. Ele acabaria fígado. Ninguém se rende impunemente aos encantos de uma moça bonita e saudável. Até mesmo os pássaros, que tem o azul imenso do céu para voar, acabam caindo presas de um modesto alcapão. Sua frase habitual, para desfazer seus namoros, era esta: “Nunca me casarei. Sou contra o casamento.” Quando lhe perguntavam o porquê dessa atitude, desbordava o assunto dizendo: “Não tenho vocação para papagaio de corrente.” Com isso, tornava-se ainda mais

interessante e espicaçava o interesse daquelas cabecinhas de vento. Mulheres mais velhas e experientes procuravam, às vezes, relacionar o comportamento de Teódulo com o que acontecera com seu pai. Mas não tinham êxito. Nenhuma moça dava crédito a essa relação, se bem que não deixassem de ficar pensativas, pelo menos por um momento. Ana não era diferente das outras. Tendo vindo da capital para um estágio no interior, morava na casa da zeladora da escola. Foi num baile que travou conhecimento com Teódulo. Este fez questão de levá-la para casa. Quando convidou Ana para uma rancheira, já tinha dançado com quase todas as moças presentes. O fato de não ter largado mais de Ana até o fim do baile dividiu as outras moças em três grupos: as que felicitavam Ana pelo sucesso e suas prováveis consequências, as que se sentiam desapontadas e as que achavam que o entusiasmo de Teódulo não duraria mais do que uma semana, como sempre. Aconteceu, porém, um fato que ocupou a conversa das moças durante muito tempo. Teódulo desapareceu subitamente de todos os lugares de reunião, bailes, festas. Mas não foi só ele a desaparecer. Fato idêntico deu-se com Ana. Falava-se à boca pequena que tinham se tornado amantes, o quê, na verdade, era correto. Ana amava Teódulo. E este a amava. Quando ficou grávida, ela lutou como uma leoa. Compreendeu muito bem que, se não se casassem, sua vida seria destroçada. Não suspeitando, um momento sequer, que ele estava preso a uma promessa, insistia. E sua insistência aumentava na medida em que passou a ser motivo de desprezo por parte das colegas, e de escárnio na rua, onde só muito raramente era vista. Cansada de lutar, silenciou. Ao ver o sofrimento de Ana, Teódulo explicou-lhe o motivo que o impedia de se casar. Despedida do emprego por comportamento irregular, Ana mergulhou num profundo desespero. Teódulo, em segredo, pagava

a zeladora para manter a Ana em sua casa. E assim o tempo foi passando, Silônia nasceu e, quando tinha seis meses, Teódulo a levou. Não encontrando razões para tudo o que lhe acontecera, Ana passou a beber. A zeladora sempre lhe fornecia algum dinheiro, cuja procedência Ana ignorava. Poucos anos após, sem notícias de sua filha, nem de Teódulo, Ana vivia em estado de constante embriaguez. Numa discussão que teve com a zeladora e ouvindo desta tudo o que não suportava ouvir, Ana saiu de casa quando já estava inteiramente embriagada. Era noite e ela caiu na rua. Quando voltou a si, no dia seguinte, estava deitada no catre de um barraco, tendo Miro a seu lado. Percebeu que podia confiar naquele homem e narrou-lhe toda a sua história. Miro insistia para que fosse procurar Teódulo, pois achava que este era obrigado a mantê-la. Ana relutou — e muito — até que Miro, ele mesmo, foi ao escritório de Teódulo e voltou trazendo algum dinheiro. No mês seguinte, a pedido de Miro, ela mesma foi. Já não tinha nada a perder, pois perdera tudo. Miro conseguiu convencê-la de que precisariam de dinheiro quando ficassem doentes ou velhos — só mesmo diante disso é que ela foi. Este, contudo, precisava poupá-la de certos sacrifícios. Foi assim que, procurando evitar que assistisse ao casamento de Silônia (realizado no clube da cidade) fez com que ela ficasse inteiramente embriagada. Contudo, apesar de todos os sacrifícios, Ana não chegou a se brutalizar por completo. Sua recuperação processa-se a olhos vistos. É uma dama, não obstante certos descuidos que comete, principalmente quando conversa, ou quando abusa de bebidas alcoólicas. Sempre que pode, em qualquer lugar e a qualquer momento, dá vazão a seu amor por Silônia, como se procurasse recuperar o tempo perdido, em que seu amor ficou travado pelas circunstâncias. Pela sua maneira de comportar-se diante de Teódulo, posso admitir, sem medo de

errar, que compreendeu a necessidade de seu sacrifício, mesmo um sacrifício com base numa insensatez como a promessa de Teódulo. E, também, o que me parece bastante significativo: não permitiu que Miro ficasse longe dela. Levou Teódulo, a pedido de Silônia, a tratá-lo como um membro da família.

Padre Antão

Quando simulei aquele diálogo entre Frederico Cristiano e padre Antão, eu não estava exagerando. Padre Antão é assim mesmo. Sempre, aos domingos, ou almoça em minha casa ou eu, na canônica (desde que ele não tenha um compromisso qualquer). Padre Antão me faz bem. Minha formação luterana, liberta de todo e qualquer princípio de autoridade (a Igreja Católica, bem ou mal, fundamenta-se na autoridade do Papa, que é quem tem a última palavra) me leva às vezes a mergulhar num verdadeiro extravio. Por outro lado, o meu desespero religioso encontra um “certo” apaziguamento (quero dizer: um apaziguamento de superfície) ao conversar com ele sobre assuntos religiosos. Não que seja um homem muito versado no tocante à teologia. Se algum dia a corrente teológica do Deus Morto viesse a dominar na Igreja Católica, como já acontece em certos meios protestantes, garanto que não deixaria de fazer como aqueles americanos, que colocaram à entrada da cidade uma tabuleta com estes dizeres: “Nosso Deus não está morto”. Padre Antão é um psicólogo como poucos. Sabe compreender as situações e o que se passa com as pessoas a um olhar apenas. Muitas vezes, ao me ver agoniado depois de noites e noites passadas em claro, procura tranquilizar-me com um convite para uma partida de pingue-pongue, ou com pequenas futilidades, às quais não deixo de me entregar inteiramente, pelo menos para não decepcioná-lo.

Ele soube das relações entre Ana e Teódulo. Muitas e muitas vezes, teve discussões sérias com este último, procurando levá-lo a reparar o mal que havia cometido. Deixava dinheiro onde Miro pudesse encontrá-lo, pois estava convencido de que este só arrombara a caixa de esmolas porque ele e Ana deviam estar precisando. Padre Antão e Miro sempre se entenderam muito bem. O padre preferia esse tipo de gente, mesmo lamentando a sua sorte, do que muitos que frequentavam regularmente a igreja, mas incapazes de qualquer sacrifício, por menor que fosse. Certa ocasião, ao tomar conhecimento que Teódulo cumpria, vivendo como um marginal qualquer, uma promessa lá no Morro da Cruz, fora até lá, para dissuadi-lo daquilo que, para ele, não passava de um fanatismo desnorteante. Por fim, recusou-se a celebrar o casamento de Silônia, por achar que um casamento como aquele não poderia ser bem-visto aos olhos de Deus. Teódulo tudo fez para demover o padre de sua atitude, mas nada deu resultado. Foi padre Antão que obrigou Silônia e Frederico Cristiano a viverem com separação de corpos até que pudessem casar-se regularmente. Para isso, exigiu que o casamento civil fosse anulado e não que houvesse apenas um desquite. E motivos para a anulação havia de sobra. Insistiu, bateu o pé, e conseguiu que sua exigência fosse compreendida e aceita. Mas padre Antão ainda tem uma missão difícil a realizar: o casamento de Teódulo e Ana. E que vai conseguir o seu objetivo, não tem a menor dúvida. Já conseguiu minar pela base a promessa que Teódulo fez a seu pai e, agora, procura convencê-lo a aceitar uma responsabilidade que é exclusivamente dele. É chegado, porém, o momento de colocar a minha pergunta: padre Antão será mesmo um esteta? À primeira vista, padre Antão é um tipo religioso, lidando com tipos estéticos de toda a ordem. É realmente o que pode parecer a qualquer um. Eu mesmo, muitas

vezes, não deixei de ver a coisa sob esse aspecto. Se em tantos casos, procede religiosamente, noutros tantos procede esteticamente. Como é possível uma confusão dessa espécie? Sim, como é possível? É possível porque padre Antão não consegue penetrar nos verdadeiros conflitos religiosos, nesses conflitos que não podem ser adormecidos, amaciados, em hipótese alguma, sob pena de se perder o essencial, que é a fé. Se por um lado exige muito e impõe condições duras para uma vida sem pecado, por outro, parece “fingir” a inexistência de outros tipos de pecado, dos pecados que escapam a uma manifestação visível. O fato de não se olhar as areias movediças, nas quais a gente coloca os pés, não prova que essas areias não existam. Padre Antão, por seu realismo, detesta toda e qualquer “fantasia” religiosa. Seu erro, porém, consiste em atribuir o rótulo de fantasia a tudo o que não pode resolver com uma providência de ordem prática. Chego até a acreditar que age dessa maneira porque desconfia de suas qualidades de psicólogo, como algo estranho ao seu ministério pastoral. Que essas qualidades podem perturbar o exercício desse ministério e até mesmo gerar confusões no campo religioso. Daí porque o desespero e a angústia, para ele, podem ser curados com uma partida de pingue-pongue. É muito claro que, em certo sentido, ele tem razão. Muita coisa do que se diz desespero e angústia pode mesmo ser curada dessa maneira, mas não o verdadeiro desespero, nem a verdadeira angústia.

Frederico Cristiano

De todos os tipos que conheço, nenhum é tão marcadamente estético quanto Frederico Cristiano. Mesmo que não tivesse me contado a sua história, mesmo que tivesse conversado com ele apenas uma vez, não deixaria de reconhe-

cer o que na verdade é: um tipo acentuadamente estético. A mistura que fez entre a cruz e seu amor humano (um amor à primeira vista) não me faz rir, não. Pelo contrário, me inspira horror. A que se deve essa mistura? Confesso que refleti muito sobre isso. É possível que ainda não tenha chegado a atinar com a coisa em toda a sua riqueza de detalhes, mas, de qualquer maneira, cheguei a uma explicação provisória. Ao saber que Silônia viva no Morro da Cruz e ao resolver subir o morro atrás dela, deve ter procurado uma espécie de justificção para o seu gesto. Curiosa essa necessidade de justificção! Sem dúvida que é curiosa! Temores religiosos que lhe ficaram da infância? É o que me parece mais plausível. Tipo de uma sensibilidade extremada, se bem que nos limites da normalidade (não, não chega a ser patológica a sensibilidade de Frederico Cristiano), deve ter sentido horror de si mesmo ao saber que subia o Morro da Cruz em busca de uma pecadora. Lá estava a cruz, como um símbolo, muitíssimo mais alta do que a cidade a lembrar os homens do sacrifício do “Deus-Homem”, e ele ia à cruz em busca de Silônia. Esse temor de ser castigado por Deus levou-o, sem dúvida, a aceitar como verdadeira e real a colocação que fez de sua necessidade da cruz. Em momento algum, Frederico Cristiano chegou a duvidar de que, apesar de tudo, essa necessidade não fosse real, verdadeira. Quando esse temor começou a desaparecer, pelo hábito de pecar todas as noites, passou a não se preocupar com a cruz, mas com a conveniência de uma estabilidade (fruto natural do hábito) da vida em que mergulhara. Incendiada a cruz do morro, e Silônia devendo regressar à sua cidade, foi incapaz de se decidir. Nesse instante, retomou a colocação da cruz. Mas como sofria pelo afastamento de Silônia, a nova cruz só poderia ser uma cruz interior, nascida dele mesmo. É claro que não poderia nunca saber que destino dar a essa cruz, uma

cruz pura e simplesmente estética. O baile a que compareceu foi mais, conforme a minha maneira de entender, uma tentativa de reencontrar a sua vida no ponto anterior ao encontro com Silônia. Não se pode acusá-lo de insinceridade, isso não, quando lutava em nome da cruz, porque acreditava nessa cruz, como uma qualidade que tivesse surgido nele. O fato de não ter capacidade para discernir sobre o verdadeiro sentido, origem e causa dessa cruz, alicerça ainda mais a minha convicção de que procedia em tudo com a maior sinceridade. Tivesse sido bem sucedido no baile, teria talvez reencontrado a sua vida anterior e descoberto, então, o sentido, a origem e a causa de tudo, isto é, da cruz. Sua vida teria retomado seu curso normal, não obstante pudesse sofrer por muito tempo ainda pelo seu amor por Silônia. Tendo sido infeliz naquele baile, não lhe restou outra alternativa senão procurar aquela que o levava a descobrir a cruz, no esforço para encontrar um sentido para essa cruz, ou para a sua destruição através do reencontro com Silônia. Padre Antão, pela sua maneira prática de ver as coisas, teria descoberto de cara o problema de Frederico Cristiano. No entanto, só quando recebeu a ameaça velada de Teódulo é que pareceu ter colocado as coisas no seu devido lugar. Daí porque, mesmo temendo pelo que pudesse acontecer — e achando mesmo que padre Antão não exagerava — julguei preferível que Frederico Cristiano lutasse por Silônia, pois só essa luta o levaria a compreender a colocação distorcida de seu problema da cruz. O fato de não ter precisado lutar (como ele mesmo passou a querer), dado o desfecho paradoxal daquela trama toda, poderia ter tido consequências desastrosas para Frederico Cristiano, não tivesse havido antes aquele diálogo simulado com padre Antão. Acredito mesmo que, a partir desse momento, já Frederico Cristiano começou a ver a sua cruz com outros olhos, ou, pelo menos, com olhos

um pouco mais perspicazes. Hoje, encontrou em padre Antônio um diretor espiritual exatamente como estava precisando: um homem prático, que não se deixa cegar por fantasias pseudamente religiosas. A verdade é que, ao lado de Silônia, Frederico Cristiano já não encontra motivos para se perder no terreno da fantasia. Queria Silônia e tem Silônia. Já não precisa de um pretexto, isto é, já não precisa debater-se com um falso problema.

Silônia

Junto da mãe, nos primeiros seis meses. Depois, até sete anos, com seu pai, mas cuidada mesmo por Maria, a criada. Dos sete aos quinze, num colégio de freiras, na capital. Dos quinze aos dezoito no Morro da Cruz. Esta a vida de Silônia até o momento em que Frederico Cristiano apareceu. Muito estranhas as relações de Silônia com seu pai! Nos primeiros anos, este foi o seu companheiro de brinquedos. Maria gostava muito de Silônia, cuidava dela, mas não tinha jeito para brincar. Teódulo compreendia a necessidade que tem uma criança, de outras crianças. Assim, três ou quatro vezes por semana, levava-a a um sítio distante. Aí Silônia podia divertir-se à vontade com os filhos do caseiro. Nunca, pelo menos que ela se lembre, Silônia brincou com crianças da cidade. Ela só se dava conta da existência de outras crianças nas vizinhanças de sua casa, quando saía com seu pai para ir ao sítio, onde, muitas vezes, seu pai a deixava ficar por uma ou duas semanas. Esses períodos deveriam coincidir com as viagens de negócios de Teódulo. Durante os anos que passou internada no colégio, não gozava suas férias em casa. Seu pai ia buscá-la e se dirigiam a cidades de veraneio, a praias e também ao sítio, onde normalmente a deixava só. Ela respeitava

o pai como se respeita um irmão mais velho, com o qual se pode brincar. Seu pai jamais lhe fazia perguntas. Tudo parecia dispor-se bastante bem. Suas exigências nunca foram de maneira a fazê-la reagir em sentido contrário. Tinha mesmo a impressão de que, no fundo, seu pai simplesmente a tolerava, mas que jamais deixaria de tolerá-la. De qualquer modo, isso lhe concedia uma liberdade total (fora dos limites da cidade, é claro). Apenas uma ou duas vezes Silônia perguntou por sua mãe. “Morreu numa viagem à Europa.” Esta foi a resposta que ouviu. Certa ocasião, deu-se conta de que, na casa de seu pai, não havia um só retrato de mulher. O único retrato existente era o de seu avô. Mas não fez perguntas. Quando, há pouco tempo, eu quis saber dela por que não perguntou, ela me disse que seu pai começava a distanciar-se cada vez mais, recolhido num mundo apenas dele. Isto se deu pouco tempo antes de se transferirem para o Morro da Cruz. Ao saber que iriam viver durante algum tempo lá no morro, aceitou a coisa como uma aventura. Ela sempre vira o morro com a cruz lá de longe do colégio e sempre tivera vontade de conhecê-lo de perto. Nesse momento, também, tomou a primeira decisão de sua vida. Iria para o Morro da Cruz, mas lá viveria a sua vida, mesmo que tivesse de lutar com seu pai. Nem mesmo uma certa mudança no comportamento dele, tornando-o mais carinhoso, fez com que Silônia mudasse sua atitude. Respeitava o pai, mantinha uma certa reserva, mas quando Frederico Cristiano chegou, já não teve mais reservas de espécie alguma. Passou sua vida lá no morro bastante desocupada, feliz, como ela mesma me disse. E pôs fogo na cruz apenas para ver como reagiriam seu pai e Frederico Cristiano. Em nenhum momento, Silônia se arrependeu do seu gesto. É que certa vez, uma freira lhe dissera que uma cruz é apenas um símbolo e que um símbolo só tem significado para

quem, na verdade, sabe o que ele simboliza. Não se sentia sequer culpada pelo fato de ter incendiado a cruz. Não lamentou as consequências. Também não foi capaz de saber se importaria para ela o afastamento de Frederico Cristiano, pois estava verdadeiramente ansiosa por participar da vida de sua cidade, por descobrir todo aquele mundo de mistério que envolvia seu pai. Teódulo, contudo, compreendendo o que sua volta significaria, procurou logo arranjar-lhe um marido, conseguindo mantê-la afastada de tudo até o dia do casamento. Ao dizer-lhe que não compreendia o seu casamento tão avesso à sua maneira de ser, Silônia me respondeu que foi o único jeito que encontrou para dar um passo decisivo no sentido de sua libertação definitiva do pai. Não gostava do noivo, mas julgava-o necessário a seus planos. Libertar-se do futuro marido parecia-lhe bastante mais fácil. A presença de Frederico Cristiano levou-a a precipitar ainda mais seu gesto extremo de libertação. Não ignorando a simpatia de seu pai por Frederico Cristiano, jogou a cartada decisiva. E ganhou. Com isso, ganhou também a mãe, que não tinha. Agora, ela e Frederico Cristiano formam na corrente de padre Antão a fim de que Teódulo resolva casar-se com Ana para que tudo, afinal, encontre o seu equilíbrio. Silônia, uma esteta de quê? Não sei. Talvez do mistério, talvez da natureza, talvez da liberdade. Ou tudo isso simultaneamente.

Miro

Miro, um esteta de dedicação infinita. Sim, nunca em toda a minha vida encontrei dedicação igual. A infância de Miro foi uma infância feliz (será que Miro foi infeliz algum dia?). Seu pai era um homem rico, empobrecido da noite para o dia, numa enchente do rio. Tudo o que havia dentro de seu

armazém, lá na margem do rio (um porto de barcas), tudo as águas levaram. Mesmo assim, não deixou de pagar suas dívidas. Para isso, vendeu todas as suas propriedades. Poucas semanas após saldar o último compromisso, ele morreu. Miro, o mais velho de três irmãos, foi morar com a mãe num barraco que construíram para ela num terreno da Prefeitura. O desastre, contudo, tinha destruído a vontade de viver da pobre viúva. Miro passou a cuidar de tudo. Era ele que trabalhava o dia todo, às vezes em coisas que exigiam muito mais do que poderia dar, para que sua família não morresse à míngua. Quando sua mãe faleceu, Miro passou a dedicar-se a seus irmãos exclusivamente. Com o passar dos anos, estes abandonaram a cidade indo tentar a sorte na capital. Ele ficou só. O esforço que fizera nos primeiros anos de sua adolescência consumiram suas poucas energias, só não lhe destruindo a inteligência aberta a tudo e sua infinita capacidade de dedicação. Naquela noite, quando encontrou Ana caída na rua, compreendeu de imediato tudo o que sucedera. Conhecia a história de Ana, como conhecia a história de cada um dos moradores da cidade. Ana era uma mulher bonita, bem feita de corpo. E ele, Miro, mesmo sendo um homem gasto, era um homem. A partir dessa noite, Miro travaria conhecimento com os desejos da carne. Sim, ele cuidava de Ana, fazia tudo o que ela necessitava, mas, mesmo assim, não se julgava no direito de torná-la sua mulher. Ana, que já perdera tudo, mergulhada num negro desespero, dificultou ainda mais as coisas. Quis entregar-se a ele, atitude facilitada pela vida em comum no barraco. Sim, naquela ocasião não lhe restou outra alternativa senão fugir de Ana, ou fugir dele mesmo, o que era a mesma coisa. Fugir de Ana, fugir dele mesmo, até que Ana viesse a compreender que, se ele já não a respeitasse mais, tudo, mas tudo mesmo estaria perdido. Que seria o

fim. Pois enquanto a respeitasse ainda havia uma esperança. Certa noite, quando Ana andava embriagada pela cidade, um homem quis possuí-la. E, quando ela já começava a ceder ao desconhecido, Miro aproximou-se dela e procurou levá-la para o barraco. O desconhecido reagiu e Miro teve que lutar com ele. Ficou batido pelo outro. Ana, que se escondera, esperou que o homem se fosse embora e voltou para socorrer seu companheiro. Quando Miro se refez um pouco dos golpes. Ana auxiliou-o a refugiar-se no barraco. Noutra noite, Ana ficou doente. Miro foi bater à porta de Teódulo, mas este estava fora, de viagem. Foi aí que se lembrou da caixa de esmolas. Foi à igreja, entrou pela porta lateral e roubou a caixa. Padre Antão soube que foi ele, mas nunca lhe disse nada. Com o dinheiro roubado, Miro pôde comprar remédios que o próprio farmacêutico indicou. Miro jamais falava de Silônia, embora pudesse vê-la quando esta se encontrava em casa. Ao saber na rua, que Silônia ia se casar, Ana resolveu mudar sua atitude de total discrição que mantivera até essa data. Resolveu assistir ao casamento. E dizer, diante de toda a gente, que aquela moça era sua filha. Miro procurou convencê-la a não fazer uma coisa dessas. Contudo, o que Ana estava querendo mesmo era confundir o seu companheiro. Daí o fato de ter se deixado embriagar tão fácil. A vida de Miro só aparentemente se desenrolava à margem da vida da cidade. Ele participava (e ainda participa) mais do que muita gente situada numa escala social bem superior e também levava Ana a participar, principalmente quando se tratava de fazer alguma coisa por alguém. Era nesses momentos que os dois se sentiam úteis, que encontravam uma finalidade para suas vidas de certa maneira destroçadas. Suas relações comigo nasceram quando uma criada, a primeira que tive, roubou um velho relógio da parede (que pertencera a meu bisavô) e foi vendê-lo dizendo que

o fazia a meu pedido. Foi Miro que descobriu tudo, obtendo de volta o relógio, mas não se esquecendo também de salvar a criada. Este é Miro, um esteta de dedicação infinita.

Célio

Célio, esteta de quê? Um esteta da gabolice, da bazófia. Só por gabolice é que se meteu sertão adentro a soldo de grileiros de terras. Matou gente, queimou ranchos de humildes caboclos, mas se pudesse, se sua gabolice lhe permitisse, sinceramente preferiria não ter feito o que fez. Na verdade, Célio foi uma vítima desesperada de sua própria bazófia. Ao conversar com Célio, bastante recentemente, este me contou que só se dispôs a dar aquela surra em Frederico Cristiano porque precisava manter sua fama, muito apagada nos últimos tempos. Mas que, tão logo se sentou naquele banco de praça, já estava arrependido do “negócio”. Quando Miro chegou com a garrafa de conhaque, deixou-se embriagar porque esta lhe pareceu a melhor solução. Agora, se alguém o chamar outra vez, estou certo de que não irá, a não ser que este consiga acariciar — e muito — a sua gabolice, a sua bazófia.

Jogos da solução de continuidade (5.º jogo)

POR
VAN NEUTGEN

Meu caro van der Lubbe,

Este é o quinto e último jogo de minhas soluções de continuidade. Termino no ponto onde comecei. Você talvez quisesse saber qual a participação dele nessas vidas de todo o tempo. Não, não direi coisa alguma. Não acho mesmo que esse conhecimento tenha qualquer utilidade nesta altura da experiência *dele*, agora que também eu começo a seguir-lhe as pegadas. Minha missão, no entanto, continua a mesma. No fundo, continuo rebelado pelo fato de você e Sorte Peer estarem procurando levá-lo ao extremo limite do desespero. Não encontro repouso desde que essa desconfiança surgiu em meu espírito. O fato de eu ter começado a andar não significa que o problema referente à integração, a que me referi em páginas anteriores, tenha sido resolvido. Não, não foi resolvido. Talvez Sorte Peer tenha procurado me oferecer uma solução quando coloca a passagem do estádio estético de Frederico Cristiano para o estádio ético. Contudo, a experiência que Sorte Peer trouxe ao nosso conhecimento é extremamente limitada, mesmo que procure tornar manifesto o espírito místico dessa sua personagem. Acredito mesmo que a colocação de Sorte Peer mostra claramente o que pode suceder quando o espírito místico cai vencido pelo amor humano, como é o caso de Frederico Cristiano. Ou quando o homem não chega a discernir claramente as coisas. De qualquer maneira, na história de Sorte Peer, a prática religiosa vem de regras exteriores, indicando que a mística foi inteiramente afastada, pelo menos no estágio atual de Frederico Cristiano. Mas, mesmo assim, haveria uma certa integração entre o passado dele e o presente, através da ética, de referências cristãs. Na hipótese de se aceitar (e tirar todas as consequências de suas colocações, coisa que Sorte Peer habitualmente não faz), restaria ainda o

problema da maneira de ser *dele*, que deve ser resguardada ao máximo possível, pois não me parece que, de outra forma, ele consiga chegar até Deus. Todo o meu receio concentra-se no fato de que o desespero pode vir a destruir a sua maneira de ser, ou de que coisa diferente dessa pode chegar a acontecer, coisa que não posso sequer imaginar (ou que não quero, que me recuso mesmo a imaginar). Não sei até aonde iremos, da maneira que vamos. Não sei se com isso vocês não estão comprometendo inclusive a nossa presença ao lado *dele*. Não, não sei nada, nada. Por enquanto, receba o quinto e último jogo de minhas soluções de continuidade.

1.º tempo

Durante o resto da viagem, começou a prestar uma atenção cuidadosa ao grito de socorro de sua prima. Por que terminara a carta chamando-o de salvador, de único salvador? Por tudo o que trazia do passado, principalmente de sua infância, pelo pouco de religião que ouviria em seu desleixo pelas coisas religiosas, sentiu o grito quase como uma blasfêmia. Ele só conhecia um salvador — Cristo. E, se bem que estivesse pouco preocupado com Cristo, só ouvira o termo no tocante a Cristo. Nunca ouvira dizer, em momento algum, que um homem qualquer pudesse ser o salvador de outro. O trem correndo e ele tendo dificuldade — uma dificuldade insuperável — para colocar-se no papel de salvador de sua prima. Parecia-lhe, também, que ela exagerara na colocação do seu problema. Talvez as coisas não fossem tão graves como lhe pareceram, a princípio. Talvez ela estivesse sofrendo as consequências de toda uma onde enlouquecida de sexo, a dominar a tudo e a todos. Daí o exagero do seu grito. Mas se limitara aos fatos e estes pareciam verdadeiramente graves. Com toda a certeza limitara-se aos fatos para

que ele pudesse ver melhor a gravidade da situação. E como não ver? Mesmo assim, sentia como que um certo tom de exagero em tudo o que lera. Era possível também que essa maneira de ver dele estivesse distorcida desde sua origem pela impressão de blasfêmia trazida pelo termo: “salvador”. Na verdade, era muito difícil sem falar com ela, sem examinarem juntos o problema, formar um juízo correto, preciso, a respeito de tudo. Restava-lhe ainda algumas horas de viagem. Por que — não é? — ocupar-se de outras coisas quando era esse o objeto único, exclusivo, de sua viagem? Algo bastante grave, sem dúvida alguma, estava acontecendo. Se ela exagerara é porque não se sentia bem, porque perdera, talvez, todo o seu equilíbrio anterior. O importante era saber até que ponto realmente queria se entregar. Só conversando com ela é que chegaria a ver com clareza a sua real necessidade de entrega, de repouso num homem. Durante todo o resto da viagem, pensou e repensou o problema. Já quase chegando, pareceu-lhe descobrir uma luz, remotíssima, embora. Será que não estaria exagerando para que ele resolvesse, como homem, o problema que a exacerbava? Será que não estava pensando em casar-se com ele? E todo o seu exagero não fora o método que encontrara para melhor alcançar o seu objetivo? É possível que não tivera a coragem de falar diretamente com ele sobre isso. Ou que, descobrindo a necessidade que sentia dele, como mulher, não tivera senão esse meio, sugerido que lhe fora pelo ambiente, pelas condições do momento? Quando desceu do trem, era neste ponto que se fixara. Só não sabia ainda como colocá-lo na conversa que deveriam ter. Seria melhor deixar tudo aos azares da sorte. E, depois, era bem possível que, tendo mais tempo para refletir, ela mesma viesse a enfrentar com lucidez toda a sua situação.

Ao chegar à pensão, estranhou que ela não estivesse no quarto:

— Ela saiu, o senhor sabe.

— Saiu?

— Sim. Disse que se o senhor chegasse era para dizer-lhe que estava no cabeleireiro. Fazia duas semanas já que ela não saía. Seu telegrama só foi entregue ontem.

— Onde é o cabeleireiro?

— Ela deixou dito que era para o senhor esperá-la aqui. Pode deixar sua mala no quarto dela. Fique à vontade.

— Está bem.

Um pouco cansado, estendeu-se de viés na cama e adormeceu. O crepúsculo desceu sobre todas as coisas que a gente pode ver no quarto de uma moça. Só que, desta vez, desceu também sobre um homem estendido de viés na cama. Aos poucos, ferrou no sono.

Ao chegar do cabeleireiro, ela soube da presença dele em seu quarto. Estranhou que a luz estivesse apagada. E percebeu que ele estava dormindo. Sentou-se na banquetta da penteadeira e esperou. A respiração lenta e espaçada de seu primo começou a atuar sobre ela. Era o mundo de paz que perdera e que, agora, começava a recuperar depois de tanto tempo de luta desesperada consigo mesma. Sabia que estava mais magra, que seus traços tinham se tornado mais nítidos. Pena é que não podia acender a luz para conferir. Pouco mais tarde, a dona da pensão abriu a porta:

— Ele ainda está dormindo?

— E como dorme!

— Vou guardar comida para vocês.

— Não. Por certo, ele vai querer jantar fora. Não se preocupe.

— Estava caindo de sono quando chegou. Se quiserem jantar aqui é só avisar.

— Não precisa se incomodar, obrigada.

Apoiou os cotovelos no colo e o rosto nas palmas da mão. Fechou os olhos. A paz em que mergulhou, depois de tudo, depois daqueles tempos de louco desespero era tão grande que nenhum pensamento, nenhuma ideia, nenhum problema, nada conseguiria perturbá-la, pelo menos enquanto ele continuasse ao lado dela. Passava das nove quando ele despertou. Pela fresta de luz das cortinas, viu que também ela se levantava.

— Oh! que barbaridade! Perdão, eu...

— Eu também começava a cochilar.

— Por que não me chamou?

— A viagem que você fez é terrível, eu sei. Posso acender a luz?

— Claro que pode. Mas, como vai você?

— Agora, maravilhosamente bem.

Ele não pôde deixar de sorrir. E de perguntar:

— Antes, não?

— Claro que não. Agora, estou bem. Maravilhosamente bem.

Ele assumiu um ar enfático e declamou:

— Diluíram-se no ar, como fumaça, todos os problemas porque o salvador chegou.

— Oh! sim. Estou salva. Você não quer tomar um banho?

— Quero.

— O banheiro é aqui ao lado. Deixe-me ajudá-lo a ver suas roupas.

— Só se você não reparar na arrumação, melhor, desarrumação de minha mala. É algo que ainda não aprendi: arrumar mala.

— Ora...

Pouco mais tarde, deixavam o quarto. Na porta de saí-

da da pensão, encontraram o casal de funcionários aposentados que voltava do cinema. Ela fez as apresentações. Foi uma verdadeira festa o encontro. Após uns quinze minutos, seguiram. Enquanto andavam de mãos dadas como bons namorados, ele falou:

— Onde é que vamos jantar? Você conhece melhor a cidade.

— Eu sei de um restaurante. Só que a esta hora... Não, deve estar aberto.

— Ótimo. E aquela carta? Você não exagerou um pouco?

— Exagerei, sim. Agora estou vendo que exagerei.

— Por que só agora?

— Porque você está comigo. Agora você está, não é?

— Não é dessa maneira que quero saber se você exagerou. Os fatos que você contou realmente aconteceram?

— Claro.

— Todos?

— Todos, sem exceção.

— Você não acha que foi um pouco culpada?

— Acho, sim. A certo momento, tive a impressão de que ou me entregava ou enlouquecia.

— E não se entregou e não enlouqueceu.

— Porque tenho você.

— Você não procurou fazer com que eu a olhasse com olhos de ver mulher, não?

— Talvez.

— Talvez, não. Quero uma resposta clara: sim ou não?

— Não sei. Seria mais correto dizer que sim.

— Eu também cheguei à mesma conclusão.

— Sabe de uma coisa?

— Diga.

— Estive refletindo durante noites e noites fechada em

meu quarto e cheguei a uma única conclusão. Todos os caminhos chegavam sempre ao mesmo ponto.

— Já sei: casar-se comigo.

— Isso mesmo. Foi nesse sentido que escrevi que você é meu único salvador. Você nunca pensou em se casar?

— Não, nunca. Isso de se tornar responsável pelo destino de outras pessoas me parece uma coisa muito séria.

— Você acha que é assim?

— Acho. O destino da mulher fica dependendo das decisões do homem, bem como o dos filhos. É claro que tudo até um certo limite. Mas já é suficiente para se preocupar.

— Você não quer decidir o meu destino?

— Sinceramente, preferiria que você mesma tomasse suas decisões.

— Pois, já tomei: quero me casar com você.

— Essa é maravilhosa. Então, quem não decide do meu destino sou eu mesmo. Invertamos os papéis. Por que não chegamos a um acordo? Não seria melhor?

— Mas nós vamos chegar, eu sei.

Quando alcançaram o restaurante, era de outras coisas que conversavam. Contudo, o assunto principal voltou a ser tratado tão logo se sentaram à mesa.

— O casamento é algo bastante complexo, você não acha?

— Mas, é. É claro que não teríamos os pequenos problemas que os casais transformam em verdadeiros dramas porque nunca consideram os problemas essenciais do casamento.

— Sabe como é que eu vejo o casamento?

— Não.

— Como a conquista da paz, da tranquilidade... que se alcança e não se perde mais.

— É muito bonito. Mas não basta. Você, de certa maneira, conseguiu se libertar do passado como uma presença opressiva. Você pode ver o futuro, projetar-se no futuro. Eu, não. Vivo, como você já percebeu, só do passado. E quem se casa é porque quer ter um futuro, assim como tem um passado e vive um presente.

— Você não deixa de viver o seu presente, não é verdade?

— É, de certa maneira.

— Pois o futuro virá por si, naturalmente. Não é preciso precipitar-se.

— Isso não me parece tão fácil assim.

— Você tem um passado, tem um presente...

— Um presente visto só à luz do passado.

— Não deixa de ser um presente. Logo, há uma continuidade em sua vida, quer você queira, quer não. O futuro também está na linha dessa continuidade.

— Digamos, para não ficarmos presos a um único problema, que você está certo, que é assim mesmo. Mas, e o resto?

— Que resto?

— E o compromisso que vou assumir? Você já pensou nisso? Não trabalho para viver. Sou um homem só. O que tenho me basta. E, depois? Verdadeiramente, não nasci para trabalhar.

— Há de ter alguma coisa que você goste de fazer, não tem?

— Claro que tem.

— Você fará isso de que gosta.

— Mas o que gosto mesmo é de não fazer nada. Absolutamente nada. De ficar cismando, como muita gente diz.

— E se você puser as suas cismas no papel, como há tempos andou fazendo? Não poderia tornar-se um escritor?

— Mas isso leva muito tempo. E quem me pagaria por isso?

— Os escritores vivem, não vivem?

— Para falar ao certo, não sei. Nunca me preocupei com essas coisas. Minha impressão é de que não é nada fácil.

— Não seria bom tentar?

— Não sei. Eu precisaria inclusive dar nova orientação à minha vida. Pelo menos isso não será fácil. Mas há outra condição.

— Qual é?

— Estamos falando como se fôssemos celebrar um casamento de razão, não é?

— De minha parte, não.

— Mesmo?

— Claro. Eu amo você. Não quis traí-lo, em hipótese alguma. Daí aquela carta.

— Pois eu também amo você desde a primeira noite em que a encontrei.

— Não é o amor a condição fundamental?

— Certo que é. Mas, eu gostaria...

— Sei. Você não quer agir com leviandade, não é isso?

— É. Por outra parte, não sou um tipo ético. Nunca fui. Como passar a ser, nesta altura da vida?

— Não posso crer que isso seja tão difícil.

— Mas, é. Acredite. Você precisa me dar tempo para pensar. Mesmo amando você como amo, não quero precipitar nada. Também não quero possuí-la apenas porque a amo. Nunca quis corromper o nosso amor. Não foi fácil, acredite.

— Eu sei. Para mim também não foi. Muitas noites não dormi, pensando em tê-lo nos meus braços.

— Agora, menina, ao jantar!

— Isso mesmo, ao jantar!

Andando de mãos dadas, lentamente, pelas ruas, o diálogo recomeçou:

— Você não pode, agora, abandonar os seus estudos.

— Posso, por que não? Não quero ser mais do que sua mulher.

— Você sacrificaria o seu futuro.

— Pelo contrário. Encaixaria minha vida num futuro definitivo. Seria sua mulher.

— Talvez você esteja exagerando, outra vez.

— Não, não há exagero algum no que eu disse. Meus estudos não me importam mais.

— Não sei. Você pode vir a se arrepender mais tarde.

— Ah! isso não. Mesmo que não me case com você, eu largarei os estudos. Chega de estudar.

— Você trocaria tudo: sua vida na cidade, suas possibilidades futuras, tudo pela vida comigo?

— Será que você ainda não entendeu?

— Perdão. Eu entendi, sim. Só acho que não tenho o direito...

— Você quer se casar comigo?

— Perguntei, há pouco, se você me dava um tempo para pensar. Até amanhã à noite. Dá?

— Combinado. Espero a resposta até amanhã à noite. Se for negativa, você retornará ao sítio e eu à minha escola no interior. Certo?

— Certo. Agora vou deixar você na pensão e procurar um quarto num hotel.

— Há lugar para você lá na pensão...

— Prefiro ficar num hotel.

No dia seguinte, ao cruzar uma rua, ela foi atropelada por um automóvel. Saíra apenas para trancar a matrícula na Faculdade e recuperar seus papéis. Avisado pela dona

da pensão, ele correu ao Pronto Socorro. Encontrou-a ainda com vida. A voz dela era quase inaudível. A primeira coisa que perguntou foi:

— Já decidiu?

— Sim, desde que a encontrei pela primeira vez.

— Oh! que bom! Mas tem que ser já.

Ele chamou uma enfermeira e pediu-lhe que fosse atrás do capelão. Quando este chegou, poucos segundos após, ela falou:

— Nós queremos nos casar. O senhor poderia?...

— Perfeitamente.

Tendo uma enfermeira e um servente como testemunhas, eles se casaram.

Enquanto a vida parecia querer deixá-la a qualquer momento, ele a beijou nos lábios.

— Ouça aqui: vou morrer em seguida, eu sei. Você, agora, terá um futuro diante de você. Eu realizei neste momento todo o meu futuro. Sou o que queria ser: sua mulher. No extremo limite do futuro, nós nos encontraremos outra vez. Pedra e cal?

— Sim, pedra e cal.

De repente, ela fez um gesto como se fosse se entregar. Ele passara a ser um homem lacerado, sangrando.

2.º tempo

Pela última vez... Sim, pela última vez, resolveu voltar àquela cidade e percorrer o mesmo caminho que, naquele tempo, percorrera. Ainda gostava de andar, de andar habitualmente só. Desta vez, porém, tinha um destino. Voltar aos trilhos do trem, voltar ao lugar onde a tinha encontrado naquela noite. Não, não pôde repetir o que havia dito outrora:

“Eu tinha certeza que estavas esperando por mim.” Sabia que ela o esperava. Sim, só não sabia onde é que ficava o extremo limite do futuro. Mas, ele veio. Veio para ver se encontraria ao menos uma imagem dela mesma, modelada embora pelas sombras da noite ao longo dos trilhos do trem. Como deixar de viver a imagem dela que escondia no mais profundo do seu coração? Sem essa imagem dela, o que seria dele, o que seria daquele extremo limite do futuro, no qual deveria projetar-se um dia para voltar a encontrá-la em todo o seu conteúdo de realidade? Não, ele não seguiu a passo lento pelas ruas, velhas conhecidas. Não procurou humanizar coisa alguma, nem casas, nem postes de luz elétrica, nada. Sentou-se na ponta de um dormente, com as pernas caídas no baranco. Mergulhou o rosto nas mãos, os cotovelos apoiados nas coxas. Queria apenas viver dentro de si mesmo, pois era dentro dele a morada da imagem de sua prima, se não era nas sombras da noite.

As frestas

POR
VAN DER LUBBE

Extraí de seu caderno azul estas notas, às quais resolvi dar o título de *As frestas*, num reconhecimento tácito da presença de van Neutgen. Não seria um exagero se dissesse que foi a proximidade de van Neutgen que o levou a redigi-las, senão todas, ao menos grande parte delas. É que *ele* precisa de van Neutgen como, de resto, precisa de Sorte Peer e de mim. O que eu mais temia, por certo, não mais virá a suceder. A permanência de van Neutgen lá ao pé do canteiro triangular não me deixava tranquilo, pois quem poderia assegurar, de uma maneira inequívoca, que *ele* não seria tentado, em momento algum, a voltar sobre os próprios passos? Cheguei mesmo a dizer que essa volta não teria lugar, mas... A verdade, porém, é que somente me tranquilizei inteiramente depois de ler essas notas e de perceber (coisa que não percebera até então) a presença de van Neutgen precisamente atrás *dele*. Esta atitude de van Neutgen não constitui nenhum paradoxo ou, se quiserem, nenhum mistério. Parece-me mesmo uma atitude bastante coerente. Minha explicação (coisa que van Neutgen deve ter achado desnecessária, daí o silêncio *dele*) é a seguinte: 1.º — todo o transcorrido, desde o momento da decisão *dele* até agora, já constitui um passado, e a missão de van Neutgen é exatamente a de iluminar o passado *dele*; 2.º — há sinais inequívocos de que *ele* (ver as notas) integrou *nele* mesmo todo o seu passado (não sei por que van Neutgen não nos deu a explicação desse fato); 3.º — o compromisso do personagem de van Neutgen de se encontrar com a esposa morta, no extremo limite do futuro, indica um tipo ético de vida, que muito bem pode se situar nos limites do religioso; 4.º — *ele* procurou uma decisão ética, o que ficou demonstrado quando disse no *Tratado* que não podia decidir porque não tinha nem passado, nem futuro, embora só o encontro do presente lhe tenha dado condições para uma decisão de caráter exclusivamente

religioso; 5.º — *ele* ainda não alcançou a fé (é o que, pelo menos, tudo indica) e não tendo alcançado a fé, a noite em que caminha não é uma noite inteiramente fechada, nem uma luz maravilhosa; 6.º — não sendo uma noite inteiramente fechada, há frestas e de uma fresta a outra fresta decorre um certo lapso de tempo; 7.º — esse tempo constitui, assim, o passado *dele* em sua noite do Absoluto.

Contudo, existe algo que começa a me inquietar. Talvez a mesma coisa que inquieta a van Neutgen, apenas por outros caminhos. De desespero em desespero, acabará alcançando um supremo gesto de desespero. Neste momento *ele* se libertará de todas as cadeias, todas as amarras, libertar-se-á até de si mesmo (pela renúncia), passando a ter, assim, a suprema condição para o salto da fé. Parece-me (e isso é terrível) que será de uma forma quase suicida que Sorte Peer e eu (Sorte Peer, com toda a certeza ainda não percebeu coisa alguma) deveremos iluminar pela última vez o caminho *dele*. Será que não pode haver outra solução, será? As notas de seu caderno azul me parecem denunciar, pela presença de van Neutgen, um último acerto de contas com a sua maneira de ser. Será exatamente isso, meu Deus?

1.^a

O que me horroriza mais: a noite dentro de mim, a noite ao redor de mim, ou a noite do Absoluto? Quase que poderia dizer que é a noite dentro de mim. Olho e não enxergo. Busco a esperança e só encontro o desespero, o mais áspero dos desesperos. Sim, sinto saudades de outras noites, das noites mornas do litoral — oh! faz tanto tempo! — como não sentir? Como renegar o passado, todo o meu passado, como o próprio passado de minha decisão de partir? Sei que van Neutgen compreendeu e vem seguindo os meus passos.

Ninguém pode avaliar como sou grato a van Neutgen por iluminar, escassamente embora, todo o meu passado, inclusive o meu passado quando eu procurava na *Imitação* um caminho que não era o meu, que era de outro, tão estranho a mim esse outro. E o horror do Absoluto? Deus — não posso vê-lo. Não posso ouvi-lo. Não posso reduzi-lo a preceitos. Não posso senão imitá-lo, mas imitá-lo de que maneira, como? Devo imitá-lo como homem porque foi homem? Como homem com a minha maneira de ser singular? Ele infinitamente diferente de mim e eu dele? Oh! Deus, afasta de mim o horror, o meu e o teu horror para que eu possa me encontrar nesta noite, que é tua noite!

2.^a

Oh! Deus, quero sentir horror e não sinto. Nem horror de mim mesmo, da minha noite, nem horror da tua noite. Não sinto. Quero sentir e não sinto. Não terei merecido a graça de sentir? Não sou um dos teus eleitos? Por quê, Senhor? Serei pior do que os outros? Por que já não sinto a angústia anterior, a que me trouxe até à minha maneira de ser? É claro, não sinto essa angústia exatamente porque cheguei à minha maneira de ser. Mas por que não me desespero? Ah! se pudesse me desesperar porque não encontro repouso em ti! Que fazer, meu Deus? Não, não quero um desespero fabricado, uma angústia forjada, não quero. Quero, através do desespero, mergulhar em ti como o poder que me criou. Cheguei à transparência, mas por que não cheguei a ti, por quê? Ou cheguei de outra maneira e não sei, não conheço essa outra maneira? Só haverá uma maneira de chegar a ti? A maneira dos angustiados, dos desesperados, dos agônicos? Meu pai não teria chegado? Minha maneira de ser não será a maneira de ser de meu pai?

3.^a

Sim, é noite de dentro de mim. Noite porque não sei se o que sou (como mais eu mesmo) é aquilo que verdadeiramente queres de mim — e quem poderá sabê-lo? Fiz um longo caminho em estado de graça. Estava certo, embora não o dissesse, que era a tua graça, eu merecedor de tua graça. E eu apontava, e apontava e tudo parecia ordenar-se segundo a tua vontade, embora eu não o dissesse. Não queria repartir com ninguém, nem mesmo contigo, as minhas descobertas dentro de mim mesmo, dentro do mundo que era o meu. Por que repartir, por que dividir a glória, se eras dono de toda a glória e eu contente e feliz apenas com uma migalha de glória (humaníssima e pequenina glória)? Não, por que iria dividi-la? Mas, quando decidi partir, quando mergulhei nesta noite, fiquei sem nada. Tudo o que fizera não passava de uma busca desesperada de mim mesmo. E quando me encontrei não tinha nada, só a minha maneira de ser. É minha esta maneira de ser, exclusivamente minha, descoberta minha, ou a recebi de ti, como um dom, que deveria consagrar à tua glória? Foi quando a minha noite penetrou o meu mundo. E eu — oh! não me extraviei, ainda não na noite, que é tua noite. Caminho, sei que caminho. Quero caminhar, insisto, volto a insistir, continuo insistindo. Oh! o horror da noite! Recuar? Não quero recuar, não. Só penso em prosseguir porque decidi, custe tantas coisas, custe a minha humana e pequenina glória.

4.^a

Por que dizer que é noite dentro de mim? Estou sendo sincero? Inteiramente sincero? Dentro de mim há paz, uma imensa paz, a paz do crepúsculo — em todo caso, a paz. Não quero essa paz se me distancia de Deus. Não sei se me distancia ou não. Não sei nada. E se Deus quiser que eu seja

verdadeiramente assim? Que foi para esta verdade que me criou? Para essa verdade que alcancei, ao alcançar a minha maneira de ser? Deus não quer que cada homem seja ele mesmo? Deve querer. Sim, deve querer, pois fez cada homem um si mesmo, mesmo depois da Queda. Cada homem é sua própria verdade. Não será esta a divisa do Criador? Não alcançar essa verdade, ou distorcê-la — só isso pode levar ao desespero. Não será este, exatamente este, o pecado original? Não terei nascido para ser exatamente assim como sou? Nesse caso, meu pecado em tempo maduro, o meu primeiro pecado, não terá sido o meu pecado original? Sim, há uma angústia em não saber, em não saber nunca!

5.^a

Houve um tempo em que não pensava em Deus e dizia: “Quem sou eu para pensar em Deus?” Contudo, sentia uma certeza de Deus, uma certeza cada vez mais próxima, enquanto caminhava no sentido do absoluto de minha maneira de ser. Colocado o meu absoluto e nenhum *plus* sendo digno de minha vida (como nenhum *plus* é digno da vida de nenhum homem), eu só poderia caminhar, se caminhasse para o grande Absoluto. Foi assim que mergulhei na noite, nesta noite que é a minha noite, que é a noite lá fora e que é a noite do Absoluto, que é a noite de Deus.

6.^a

Se a imagem (a imagem de mim mesmo) deixou de ser — sim, se a imagem de mim mesmo deixou de ser, como poderia aceitar uma imagem de Deus? Uma? Não, milhares ou milhões (sei lá!) de imagens de Deus, cada homem procurando passar sua imagem de Deus a outro homem, mesmo o homem que escreveu a *Imitação*. Tornar-se-ia ridículo, in-

consequente, se fizesse de Deus uma imagem quando a imagem de mim mesmo já não existe. Nenhuma imagem pode ser criada nesta noite, nesta noite que me enche de horror, se caminho ao encontro de Cristo. Cristo será uma imagem (que o apóstolo me perdoe a pergunta)?

7.^a

Há vísceras demais no desespero dos homens que dizem sentir o desespero. O desespero de vísceras não é o verdadeiro desespero. Mas como distinguir o desespero de vísceras do desespero espiritual, do único desespero que pode levar a Deus? É preciso aprender a desesperar-se. Mas, como, quando não se quer confundir um desespero (que não é desespero) com outro (o verdadeiro desespero)? O desespero ou é religioso ou não é nada. Nada além de um mal-estar, que pode ser corrigido com drogas.

8.^a

Se eu sinto necessidade de Deus é porque Deus existe. Sou um ser inacabado, teleologicamente falando. Se o homem “está-aí”, “está-aí” para alguma coisa. Cheguei à minha maneira de ser e fiquei sem caminho. Só Deus, enquanto termo de minha caminhada, poderá justificar-me em meu caminho. O homem não “está-aí” meramente para ser alguma coisa (romancista, político, professor) nos limites do social. Todo homem que chega à sua maneira de ser e procura acrescentar um *plus*, ao invés de caminhar para o grande Absoluto, peca. Este é o pecado mortal por excelência. Um pecado sem remissão porque não é um pecado contra Deus, mas contra si mesmo.

9.^a

Não, não é na Igreja que está a verdade, mas no

homem que descobriu a sua maneira de ser e que caminha para a grande Verdade. A Igreja não prova nada, não serve para nada, simplesmente para justificar a distorção dos homens em sua vida. É tudo tão fácil: aceitar um *plus*, consumir sua vida nele e com ele e, de semana em semana, ir uma vez à Igreja, onde um padre ou um pastor, também de semana em semana, lembra aos homens que Deus existe e que é preciso dar-lhe um pouco daquilo que se conseguiu com esse *plus*. E agradecer dessa maneira a Deus as “graças” recebidas. Oh! como tudo isso é ridículo, absurdo! É a grande comédia que traz a chancela da Igreja. E, dentro da Igreja, todos brigam entre si: uns porque exigem que se dê um pouco mais, outros porque acham que já se dá o suficiente. E brigam também porque uns querem se casar e outros não querem. Como casar-se ou deixar de se casar significasse alguma coisa para o homem que encontrou a sua maneira de ser. Não, isso não é religião. É pura e simplesmente uma grande comédia.

10.^a

Há uma fresta de luz. Que luz será esta? Será que Deus se mostra através da sua noite, ou será o sempre reiterado “estado de graça”? Como saber, como? Será que era um homem de fé sem o saber? Não, é impossível. Impossível porque nunca me voltei verdadeiramente para Deus. Porque nunca ouvi a voz de Deus. Porque nunca vi sua face. E as coisas que aconteciam comigo? E esta intuição terrível, a que sempre precisei me submeter, para que seguisse o meu próprio caminho, que voz era esta? Não era a voz de Deus? Bastava-me não atendê-la para que tudo se esborrachasse de encontro aos rochedos da vida. É claro que nunca vi sua face. Contudo, havia uma presença horrível que me eriçava os pelos. Esta presença deve supor a outra, a presença de Deus. Oh! como

tudo isso é complexo, meu Deus! Esta fresta de luz... o que será esta fresta de luz? Quando será inteiramente noite para mim, quando?

11.^a

Oh! que saudade do tempo, aquele em que eu podia permanecer na noite lá fora! Era todo olhos de ver a noite. Estranho, sim, mas eu via melhor a noite do que o dia. Era todo ouvidos de ouvir a noite. Meu pobre e tosco ouvido apurava-se, alcançava a plenitude do ouvido dos Bach. A noite adquiria um sentido pleno, absoluto. Era meu próprio destino que encontrava nas sombras mais escuras, no espaço sombrio entre uma sombra e outra sombra, nos gritos abafados pela distância. Esta noite lá fora não era o prenúncio de outra noite? Não era o presságio desta noite do Absoluto? Dei um salto de uma noite para outra noite, mas a primeira permanece (como é estranho tudo isso!) como permanecem as noites do menino brincando, como horror da noite. E que era esse horror da noite senão o prenúncio de outra noite e de outro horror?

12.^a

Quando será, quando? Meu coração não suporta. Estou cansado, muito cansado. Cansado de andar. Se ao menos tivesse certeza de que estou andando! De fresta em fresta, será isso andar? Mas eu queria saber se na noite também ando. Sei que van der Lubbe e Sorte Peer, preocupados com o que possa me acontecer na noite, acompanham-me com suas lanternas de pouca luz (ou quase sem luz), uma luz que mal percebo (ou que não percebo). Oh! se van Neutgen soubesse que eu estava a ponto de recuar, de me precipitar de volta ao passado e que ele — e só ele — me salvou! Restituiu-me o passado, e não só isso, deixou-me sem as possibilidades de uma retira-

da. Como foi decisiva a presença de van Neutgen! Ele mesmo nunca chegará a saber como seu gesto, decidindo seguir-me, foi decisivo para mim. Nunca!

13.^a

Era uma vez um menino (mas por que será que van Neutgen não contou esta história?). Ao ir à Igreja com os outros meninos, ficava inteiramente absorto nas músicas e cantos sacros. O céu, para ele, consistia em pairar naquelas vozes, em sair com elas, em misturar-se às folhas largas dos plátanos da praça dianteira, em balançar-se nas pontas dos bambus, alcançar assim o chão e saltar (as pontas dos bambus como um trampolim) para as nuvens lá no alto. Certo dia, espalhou-se a boa nova que precisavam de vozes para o coro. Os pretendentes foram organizados em fila. Um a um iam sendo testados pela escala dedilhada no órgão. Chegou a vez dele. Não, não tinha voz. Foi rejeitado. Não podia passar ao grupo dos eleitos. Era inútil. Tinha certeza de que sua escala é que era a correta. Não, a escala dos outros. Ninguém sentia o céu como ele sentia, nem a música, nem os cantos sacros. Fora traído pelo organista. Nem este sentia o céu como ele sentia. E foi assim que nunca mais voltou à Igreja.

E nem se lançou resoluto nos braços de Deus e nem retrocedeu. Se não fosse eu estar andando com *ele*, minha lanterna (bem como a de Sorte Peer), evitando que tropece quer dentro *dele* quer nos calhaus do caminho, eu diria mesmo que retrocedeu. Ninguém precisa me retrucar. Eu sei — e muito bem — que não retrocedeu. A presença de van Neutgen atrás *dele* impede-o definitivamente de retroceder. No entanto, há qualquer coisa, não sei se uma certa necessidade poética, ou a

nostalgia do caminho percorrido, desde o momento da partida, que o leva a extraviar-se quando é maior e mais profundo o seu fervor, melhor diria, a sua paixão.

A verdade, porém, é que se trata de algo que não podemos evitar. Sei que Sorte Peer e eu somos os únicos responsáveis. E que não podemos recriminá-lo por isso. Já ao partir, deveríamos ter compreendido que viria a acontecer o que aconteceu. *Ele* é homem e, como todo homem, tem horror às trevas. Foi só nisso que pensamos no momento de partir. Não poderíamos prever que se em certo sentido o salvamos, noutro o perdemos. Fosse um homem sem paixão, poderíamos deixá-lo entregue ao horror da noite em que caminha, pois o horror talvez lhe desse a vida que *ele* não teria. Não é o caso. Sucede, porém, que a luz mortíça de nossas lanternas, ao criar mundos fantasmagóricos, distrai o horror da noite e desorienta sua paixão. Sim, esse fato pode retardar o seu mergulho em Deus, mas evitará — e isso é absolutamente necessário — que, ao invés de mergulhar em Deus, *ele* se entregue à loucura.

Oh! meu Deus, e se aquela nostalgia, aquela necessidade poética não for mais do que uma despedida, um verdadeiro canto de cisne de sua maneira de ser para mais facilmente poder renunciar a si mesmo?

Colônia Faria (Colombo), 6 de março de 1970.

van der Lubbe

A denúncia da palavra

“...que cada qual faça o que lhe é necessário para sua própria salvação.”

(L.A. von Arnim)

Sorte Peer entendeu o gesto da lanterna de van der Lubbe e parou. Van Neutgen deu ainda alguns passos e também parou. Van der Lubbe e Sorte Peer voltaram-se, o primeiro para a esquerda e o segundo para a direita. Formavam novamente um triângulo. Num gesto simultâneo, como se tivesse sido previamente combinado, depositaram suas lanternas ao centro do triângulo. As lanternas simbolizavam agora aquele que se afastava deles, talvez para sempre.

Sem conter a sua surpresa, van Neutgen perguntou:

— A quem coube a iniciativa deste encontro?

Foi Sorte Peer quem respondeu:

— Coube a van der Lubbe. E ele que está com a palavra.

Enquanto van der Lubbe continuava mergulhado em profunda reflexão, insetos noturnos vinham bater e queimar-se nas chamas das lanternas. Por fim, van der Lubbe falou:

— A van Neutgen coube a iniciativa do primeiro encontro para que *ele* pudesse partir. A mim coube a iniciativa deste para que possa continuar.

Sorte Peer não esperou que van der Lubbe prosseguisse e perguntou estupefato:

— Continuar sem nós?

Os traços de van der Lubbe dentro daquele jogo de luz mortíça e de sombras profundas pareciam muito mais pronunciados quando respondeu:

— Sim, sem nós. Mas a nossa retirada é também ela um gesto para a frente e não para trás.

Sorte Peer voltou a interromper a exposição de van der Lubbe:

— Mas eu não entendo. Nossa missão não era exatamente a de iluminar o caminho *dele* em sua noite do Absoluto?

Sem se deixar dominar por qualquer impaciência, van der Lubbe respondeu:

— É exatamente isso o que estamos fazendo. Só que a decisão última será *dele*. Nossa decisão é meramente condicional.

Ao perceber que Sorte Peer não parecia disposto a permitir que van der Lubbe chegasse ao âmago do problema sem interrompê-lo, van Neutgen achou necessário intervir:

— Não acha Sorte Peer que seria melhor que van der Lubbe nos dissesse quais os motivos que o levaram a tomar esta atitude, insólita para mim como o é para Sorte Peer?

Sorte Peer recebeu a pergunta como uma censura. Diante disso, resolveu inclinar a cabeça à guisa de concordância. Van der Lubbe voltou a falar:

— Como Sorte Peer resolveu me deixar prosseguir, prosseguirei. O que tenho para dizer-lhes é bastante complexo, mas ao mesmo tempo extremamente simples. A verdade é que compreendi — foi tudo tão de repente — que, a partir de um certo momento, ao invés de auxiliá-lo, estávamos simplesmente dificultando a sua caminhada. Passamos a nos comportar, em relação a *ele*, como insetos noturnos, que vem chocar-se em nossas lanternas.

Também um morcego chegou trazido das profundezas da noite nas asas de seu voo imprevisível. Isso foi uma sugestão para van der Lubbe, que acrescentou:

— E como morcegos.

Sorte Peer irritou-se e, em sua irritação, não se conteve:

— Primeiro, não concordo com a comparação. Não posso me sentir na condição de inseto noturno.

Van Neutgen acabou achando graça da irritação de Sorte Peer e indagou:

— E como morcegos.

Um tanto brusco, Sorte Peer respondeu:

— Bem...não, nem na condição de morcego. Segundo, não fui eu, mas o próprio van der Lubbe que disse estas palavras: “Fosse um homem sem paixão poderíamos deixá-lo entregue ao horror da noite em que caminha, pois o horror talvez lhe desse a vida que *ele* não teria.” Logo, por que abandoná-lo neste momento?

Van der Lubbe não se perturbou. Talvez esperasse mesmo por essa objeção de Sorte Peer:

— Por que Sorte Peer não repetiu as palavras seguintes: “Suced, porém, que a luz mortíça de nossas lanternas, ao criar mundos fantasmagóricos, distrai o horror da noite e desorienta a sua paixão. Sim, esse fato pode retardar o meu mergulho em Deus” etc.? Neste momento, já não temos o direito...

Sorte Peer voltou a interromper:

— Não temos o direito de quê?

Van der Lubber continuava paciente como sempre. Mas havia agora um rito doloroso em suas palavras:

— Não temos o direito nem de dificultar o seu mergulho em Deus e nem de evitar que mergulhe na loucura, se esta deve ser o desfecho de sua caminhada. Não podemos transformar num passeio aquilo que deve ser uma luta de vida e de morte. Enquanto van Neutgen permanecia lá, à margem do canteiro triangular, eu tinha receio de que *ele* voltasse sobre os próprios passos. Depois, quando vi van Neutgen seguindo-lhe as pegadas, tranquilizei-me. Ora, isso é reduzir-lhe o campo de luta, é tratar um candidato a cavaleiro de fé como uma prima-dona, é suavizar um problema que ninguém tem o direito de suavizar.

Desta vez foi van Neutgen que se sentiu obrigado a dizer alguma coisa:

— Mas eu vim exatamente porque compreendi que já havia um certo passado nesta caminhada *dele*. Não podia deixar de vir.

Van der Lubbe sentiu-se obrigado a explicar:

— Não o recrimino por ter vindo. Você veio porque a noite *dele* não é uma noite inteiramente fechada. Há frestas e entre uma fresta e outra decorre um certo lapso de tempo. E, depois, as nossas lanternas...

Sorte Peer voltou a retrucar:

— Mas *ele* é homem e tem horror às trevas. Não fui eu a descobri-lo. Insisto.

Van der Lubbe concordou:

— Perfeito. Só que à luz de nossas lanternas, *ele* continuaria sendo um poeta do religioso talvez, mas jamais chegaria a ser cristão.

Van Neutgen fez um gesto como se quisesse impor uma certa ordem nas coisas e disse:

— Acho que van der Lubbe ainda não alcançou o essencial do problema. Gostaria que Sorte Peer o deixasse fazer a exposição que a mim me parece de excepcional gravidade neste momento.

Sorte Peer concentrou-se todo em si mesmo e falou:

— Está bem. Que van der Lubbe faça a sua exposição. Prometo não interromper uma vez sequer. Verei se consigo conter a minha agitação interior.

Van der Lubbe fez um gesto como a dizer que compreendia e prosseguiu:

— Não sei, mas talvez se possa voltar um pouco e começar pelo problema da imagem. É possível que encontremos aqui um ponto de partida, pois é de um ponto de partida que verdadeiramente precisamos. Acho bastante curioso que nenhum de nós três tenha compreendido que a imagem cons-

tituía o seu mundo de objetividade. Esta seria a sua grande objetividade. Mas havia uma outra, à qual *ele* se refere em seu *Tratado*. Se não me engano, diz mais ou menos o seguinte: “... há duas ordens de lembranças. Uma constituída pelo romântico em mim (isto é, pela imagem) e outra, pelo ordinário, ou pelo que é comum a todos os homens.” Esta segunda objetividade é que seria, em minha maneira de entender, a pequena objetividade. E expressa simplesmente a vida cotidiana, suas relações com o mundo. Mas *ele* sempre repeliu esse tipo de objetividade. De muitas maneiras, sem dúvida, mas repeliu. Por mais que essa sua colocação da imagem sugira uma atitude e pareça distanciar-se da objetividade de toda e qualquer imagem, não é uma atitude a não ser enquanto consequência. Nela mesma, originalmente nela, não pode ser considerada como uma atitude, mas como imagem e, assim, a colocação que fez me parece correta, sem fissura alguma que permita qualquer dúvida. Julgo muito estranho que certos pensadores da existência (ou tidos como tais), com toda a sua penetração, não tivessem sido capazes de “projetar” uma experiência como a dele. Isso prova, mais uma vez, aquilo que *ele* mesmo disse, ao escrever que os filósofos da existência partiram de modelos, a priori e nunca de sua experiência individual. Mas também pode ser que estivessem todos reduzidos a um tipo de experiência meramente intelectual. Se o homem pode fazer uma imagem do mundo, também pode — e muito mais facilmente — fazer uma imagem de si mesmo, com base numa ou noutra tonalidade afetiva (quando não se trata, é evidente, de uma imagem meramente intelectual) ou, o que é pior, de uma imagem projetada com base num ou outro interesse qualquer. Este último caso é que tem permitido as classificações dos tipos de humanos que encontramos por aí. Bem, não preciso repetir que projetou uma imagem a partir de sua to-

nalidade afetiva dominante. E que o refluxo dessa tonalidade levou à destruição da imagem, ou autodestruição da imagem, o que seria mais correto dizer. A aparente subjetividade da imagem talvez pudesse ser explicada da seguinte maneira. O que deu origem à imagem foi um certo estado, no qual — já disse, mas volto a repetir —, no qual uma tonalidade afetiva tinha o predomínio absoluto. A imagem surgiu, assim, com todas as características do estado. Mas o fato de nem sempre viver dentro da imagem não significa que as raízes da imagem chegassem a abandoná-lo por inteiro. A imagem mantinha suas raízes dentro *dele*. A força que a impulsionava era a força do próprio estado. Compreendeu maravilhosamente o processo todo quanto titulou sua experiência de *Experiência de personagem*. Daí dizer também — e legitimamente — que tudo o que expressou deverá um dia ser reconhecido como uma obra perfeita, acabada. Só que essa obra foi realizada de maneira inversa. A imagem nasceu perfeita, acabada. Não era uma imagem para ser realizada. Seu movimento foi o inverso do movimento normal das obras de arte. Assim, por mais que pareça subjetiva, essa imagem era a sua objetividade. Apenas o fato dessa objetividade ser constituída de elementos subjetivos é que pode confundir os menos avisados, principalmente os críticos, que são os homens menos avisados que conheço. De acordo com Kierkegaard, só a decisão caracteriza a subjetividade, quando somos o objeto de nosso próprio conhecimento. E, como *ele* não decidiu, a não ser no fim, sua imagem era objetiva. No momento em que decidiu ser *ele* mesmo, com sua maneira de ser peculiar (em sua singularidade), decidiu pela sua subjetividade. Isso pode parecer simples demais a qualquer um, mas a verdade é que lhe custou quarenta anos de vida (dos oito aos quarenta e sete). Tudo a que me referi não significa mais do que um momento. Mas também daí

porque pôde partir. Para que tudo fique suficientemente claro, gostaria de acrescentar ainda que seu caminho na noite não traz qualquer traço de objetividade. Seu absoluto é feito apenas de subjetividade, a subjetividade de sua maneira de ser.

Sorte Peer, agora, parecia bastante curioso e intrigado quando falou:

— Eu, por mim, não concordo com esse ponto de vista. Ou, melhor, não concordo com esse ponto de partida. Para mim, esta imagem *dele* mesmo (que não era para ser realizada, como van der Lubbe mesmo viu) era inteiramente subjetiva. *Ele* teria alcançado uma certa objetividade (apenas), quando alcançou a sua maneira de ser. Insisto que, para mim, uma imagem sempre é subjetiva. A imagem pode ter recebido traços objetivos, mas isso não a descaracteriza como subjetiva, de maneira alguma. Essa é a minha resposta.

Van Neutgen ergueu um pouco a cabeça. A luz mortífera das lanternas deixava ver em seu rosto uma estranha paz crepuscular. Dir-se-ia que, nele, ao pasmo seguira-se a resignação. Uma grande resignação. Foi assim que van Neutgen falou:

— Não sei exatamente por que, mas concordo tanto com van der Lubbe quanto com Sorte Peer. Parece-me que o problema se localiza na expressão. No momento em que expressou essa imagem *dele* mesmo, tornou-a objetiva. Mesmo que não tivesse racionalizado a imagem, e parece-me que não a racionalizou, ao usar a palavra para expressá-la, tornou-a um tanto (não inteiramente) objetiva. Assim, por que não se fazer uma denúncia da palavra?

Sorte Peer não esperou que van der Lubbe respondesse e acrescentou:

— Ao aceitarmos o ponto de vista de van Neutgen, toparemos com problemas verdadeiramente insolúveis. *Ele* es-

creveu que a vida *dele* foi um grande, um enorme silêncio. E que falou apenas da imagem. Teria sido realmente assim? Quem pode sabê-lo, não é? Em toda sinceridade, a colocação de van Neutgen me assusta. Preferiria mesmo que não tivesse sido feita.

Van Neutgen não pôde deixar de esclarecer:

— Acho que van der Lubbe não teria tomado uma decisão como tomou para desbordar o essencial da problemática *dele* neste momento. É o essencial e só este que deve ser considerado. Daí talvez a longa exposição de van der Lubbe, feita sem dúvida para que pudéssemos tomar ciência da importância que confere ao problema.

Sorte Peer, achando que não fora bem compreendido, explicou:

— Que o problema é de uma importância extraordinária também eu sei. Sei mais que nossa permanência ou não ao lado *dele* dependerá da colocação de van der Lubbe, que está longe de ter dito o mais significativo.

Van der Lubbe, vendo que a discussão se metia por um caminho não de todo pretendido por ele, resolveu prosseguir:

— Talvez vocês tenham se esquecido de que, enquanto não encontrava a sua maneira de ser, quase que *ele* mergulhou no objetivo. Esse objetivo, no entanto, era de ordem rigorosamente secundária. O objetivo da imagem, a que me referi, é duas vezes objetivo. Uma pelos motivos que aponte e outra pelo motivo que van Neutgen apontou. Mesmo que Sorte Peer não aceite a colocação, esta se mostra exatamente desse modo. Ao alcançar a sua maneira de ser, como já disse, alcançou a sua subjetividade. Mas se trata aqui de uma subjetividade assentada ontologicamente. Daí inclusive a expressão: “maneira de ser”. Assim, parece-me que só agora a vida *dele* poderá encontrar um silêncio verdadeiro. Explico melhor: a

imagem era objetiva, mas tinha um ser. A maneira de ser é subjetiva, mas tem um ser. Se racionalizasse esse “ser”, viria a conhecer a noite do extravio e não a noite do Absoluto.

Sorte Peer resolveu complicar um pouco mais as coisas:

— E a denúncia da palavra, a que se referiu van Neutgen? Se não me engano, van Neutgen concordou comigo em que a imagem era subjetiva. E com você, quando disse que só a palavra tornou-a objetiva. Como se explica essa colocação de van Neutgen diante do que você acabou de dizer?

Van der Lubbe tinha pronta a resposta:

— É que a palavra, de acordo com o ponto de vista de van Neutgen, não deixa de racionalizar as coisas que enuncia, mesmo tratando-se de uma imagem. Como *ele* não pretende — coisa que me parece clara — racionalizar a fé, não poderá chegar à fé através da palavra. Permitam, porém, que coloque o problema de outra maneira. Parece-me correto afirmar-se que maneira de ser e renúncia de si mesmo são expressões que se repelem. Só a renúncia a si mesmo poderá levá-lo a Deus. Mas, o que procurou fazer até agora foi acentuar ao máximo esta sua maneira de ser. Ouçam estas palavras, das quais vocês talvez já não se lembrem: “Destrói em minha maneira de ser aquilo que não é apenas eu mesmo, para que possa louvar-te em tua glória e esplendor.”

Van Neutgen como que explodiu na noite:

— Isso não é renúncia, claro!

Van der Lubbe ouviu a exclamação de van Neutgen, curvou a cabeça e prosseguiu:

— Foi o que eu disse, mas *ele* deve renunciar a si mesmo. Este será o segundo momento de sua caminhada. À descoberta e afirmação de si mesmo, deve seguir-se agora a renúncia a si mesmo para mergulhar no poder que o criou. Aqui

adquirem pleno sentido as palavras de Kierkegaard que, hoje, van Neutgen conhece tão bem quanto eu. Este será também o seu último, o seu supremo gesto de desespero.

Mais tranquilo, van Neutgen ponderou:

— Não acredito que seja necessária essa renúncia a si mesmo. O que deve fazer é aprofundar-se em sua maneira de ser até encontrar uma nova maneira de ser. E assim sempre, não até o infinito porque é impossível... Sim, até o infinito. Neste, a sua maneira de ser será a maneira de ser de Deus — *ele* mergulhado no poder que o criou. Não acredito que seja a sua maneira de ser que lhe esteja tolhendo o salto decisivo para a fé. Não, não acredito.

Sorte Peer pareceu não ouvir o que diziam van Neutgen e van der Lubbe. Para ele, restava ainda um problema.

— Gostaria e muito que van Neutgen me esclarecesse de uma vez o que entende por denúncia da palavra. A racionalização a que se referiu van der Lubbe não me convenceu inteiramente.

Van Neutgen como que se curvou para dentro de si mesmo e disse:

— Talvez eu possa explicar contando-lhe um sonho que tive, não há muito tempo. Nem sei ao certo se chegou mesmo a ser um sonho. Era como se tivesse ido dormir muito tarde, lá pela madrugada. Era como se custasse muito a dormir, mas acabasse dormindo. Ao dormir — mas eu não sabia ao certo se dormia — vi um livro aberto diante de meus olhos. O livro permanecia estático. Suas folhas não eram viradas por ninguém. O livro surgiu aberto numa página e nesta página ficou. Contudo, eu percebi (sim, percebi) que era no meu corpo que estava o conteúdo do livro. Estava nas minhas pernas, nos meus braços, no meu sexo, no meu coração. E meu sangue levava meus olhos a lerem o conteúdo do livro. Ao acor-

dar, na tarde seguinte, quis reconstituir o conteúdo do livro. Foi impossível.

Sorte Peer pareceu compreender o que significava o sonho de van Neutgen:

— Pelo que compreendi, se levarmos às últimas consequências o sonho de van Neutgen, a mensagem cristã não é possível, pois é uma mensagem feita de palavras. Ou, também, o que van Neutgen pretende é alcançar um momento anterior à Criação.

Van der Lubbe julgou conveniente intervir:

— Compreendo de outra maneira o problema colocado por van Neutgen. A palavra é um momento, um momento necessário, mas não passa de um momento. Na mensagem cristã, a palavra existe apenas para nos dar a conhecer o exemplo de Cristo. Só isso. Conhecido o exemplo, já as palavras são inúteis. O resto do caminho é feito inteiramente na noite.

Van Neutgen, em sua resignação infinita, não deixou de dizer:

— Não, não concordo com van der Lubbe. Para mim, a renúncia à sua maneira de ser implica destruição de seu absoluto. A destruição de seu absoluto implica destruição do grande Absoluto.

Van der Lubbe, desta vez, não esperou que van Neutgen concluísse o que pretendia dizer:

— E a destruição do grande Absoluto implica vitória de Deus. Deus não se exaure nem no extremo limite de um conceito. Daí porque a metafísica nada significa, nem para o homem, nem para Deus. Daí porque, embora van Neutgen não concorde comigo, eu concordo com ele: a palavra deve ser denunciada.

Sorte Peer pareceu despertar em sobressalto:

— Mas a renúncia à sua maneira de ser não implica também nossa destruição?

Van der Lubbe respondeu à pergunta de Sorte Peer com enorme precisão:

— Enquanto permanecemos junto *dele*, não poderá renunciar a si mesmo. *Ele* precisou de nós, é certo. Fomos nós que o salvamos. *Ele* sabe disso tanto quanto nós, ou mais do que nós. Precisamos, agora, restituir-lhe toda a liberdade. Nosso gesto é um gesto na frente *dele*, uma decisão condicional para que possa decidir de uma vez para sempre.

Sorte Peer, bastante inquieto, voltou a perguntar:

— E van Neutgen?

Van Neutgen, com a voz embargada e lágrimas nos olhos, lágrimas que ninguém poderia ver, falou:

— Não concordo com a destruição de sua maneira de ser. Jamais concordarei. Mas não posso, não quero. Não posso querer que não decida por minha causa. Não me recuso a aceitar a coerência da colocação de van der Lubbe. Assim, não me resta senão precipitar as coisas e regressar às minhas origens, lá para o sul de onde eu vim.

Sem mais palavras, van Neutgen voltou-se e começou a refazer o seu caminho de volta.

Sorte Peer continuava ainda, resistindo talvez, ou perscrutando o futuro *dele*, como se pudesse ou tivesse condições para isso.

Van der Lubbe, por sua vez, ergueu os olhos lá para a direção do norte, como se quisesse penetrar a noite, ou se procurasse alguém e, em silêncio, começou a rezar: “Oh! Deus — tem piedade deste homem. Não o afastes do teu caminho. Permite que *ele* chegue a ti, que possa mergulhar em ti, é a ti que procura. Só por ti *ele* caminha. Não sei o que será *dele* se não chegar a ti. Talvez enlouqueça, meu Deus. Talvez regres-

se para nunca mais recomeçar. Talvez suspenda seus passos à beira do caminho. Não, *ele* quer, desesperadamente, chegar a ti. Permite. Sim, permite. Não o abandones agora que deverá enfrentar a suprema prova, praticar o supremo gesto, agora que deverá despir-se de sua maneira de ser, agora que deverá renunciar a si mesmo, agora que deverá vencer o desespero num último gesto de desespero. Tem piedade *dele*, Senhor! Dá-lhe forças para vencer-se a si mesmo. Muita força, Senhor. Uma força gigantesca, pois só uma força gigantesca será capaz de levá-lo a destruir a sua maneira de ser, também gigantesca. *Ele* está jogando tudo nesta última cartada. Jogando a sua vida, a sua circunstância (para a qual já não tem olhos de ver). Compreende, Senhor! Recebe-o em tua noite, inteiramente noite. *Ele* sabe, Senhor... sabe que somente quando for inteiramente noite, uma noite sem frestas, sem lanternas, dentro *dele* como fora *dele*, somente então poderá alcançar-te e o seu dia há de começar. A intensidade da luz resultará da grandiosidade da noite. Permite, oh! Deus, que encontre o extremo limite da noite. Permite, oh! Deus que encontre o extremo limite da noite para que possa encontrar o extremo limite da luz. A luz que és tu, oh! Deus. Tem piedade *dele*, Senhor. Anima-o, ampara-o... Sem ti não sei o que será *dele*. Sem a tua graça, *ele* não poderá continuar. Entende isso, por favor, eu te peço. Em nome de tua glória, da glória do Filho e do Espírito Santo, amém.”

Nem bem van der Lubbe encetou o seu caminho de regresso, Sorte Peer rompeu numa frase:

— Mas, *ele* reencontrará a sua maneira de ser. Sim, depois de chegar a Deus. E nós estaremos salvos, para sempre.

Já o sol surgia no horizonte quando Sorte Peer deu meia volta e iniciou o seu regresso para o extremo limite do leste, de onde tinha vindo.

As lanternas — e só elas — permaneceram como um testemunho da caminhada daquele homem em sua noite do Absoluto.

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO EM TIPO MILLER E IMPRESSO EM
NOVEMBRO DE 2018 PARA A BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ.



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ



GOVERNO DO ESTADO

978-85-66382-32-7

